

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THIAGO ERNESTO POSSIEDE DA SILVA

ENTRE SAPATOS & LIVROS: A TRAJETÓRIA DE UM SAPATEIRO NA  
MILITÂNCIA COMUNISTA EM PARANAGUÁ/PR - 1935 A 1964

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

THIAGO ERNESTO POSSIEDE DA SILVA

ENTRE SAPATOS & LIVROS: A TRAJETÓRIA DE UM SAPATEIRO NA  
MILITÂNCIA COMUNISTA EM PARANAGUÁ/PR – 1935 A 1964

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Marion Brepohl Magalhães.

CURITIBA

2014

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Silva, Thiago Ernesto Possiede da  
Entre sapatos & livros : a trajetória de um sapateiro na militância comunista em Paranaguá/PR – 1935 a 1964 / Thiago Ernesto Possiede da Silva – Curitiba, 2014.  
299 f.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marion Brepohl de Magalhães  
Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Paranaguá - História. 2. Paranaguá – História – Levante comunista, 1935. 3. Comunismo - Paraná. 4. Sapateiros – Atividades políticas. I.Título.

CDD 981.8162



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**  
**SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,  
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.  
**E-mail:** epghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br

#### PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PPGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **Thiago Ernesto Possiede da Silva**, intitulada: **Entre sapatos e livros: A trajetória de um sapateiro na militância comunista em Paranaguá/PR, 1935 a 1964**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua... *aprovação* completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, vinte e nove de agosto de dois mil e quatorze.

  
Prof. Dra. Marionilde Brepohl Magalhães (Orientadora)  
Presidente da Banca Examinadora

  
Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)  
1º Examinador

  
Prof. Dr. Marcos Gonçalves (UFPR)  
2º Examinador

*À minha mãe, Euryly.  
Em memória de meu irmão, Fabrício e de meu pai, Ernesto.*

*É, caracteristicamente, um sapateiro remendão idoso, e o sábio de sua vila industrial: Ele tem uma biblioteca da qual se orgulha. É uma coleção estranha... Há aí a “Pérola de Alto Preço” e “Asneiras a Dois Penies de Cobbett”, o “Progresso do Peregrino” ... e “O Jornal Avante”. “Os Males do Trabalho” e “Os Direitos do Homem”. “A História da Revolução Francesa” e a “Guerra Santa” de Bunyan... “A Idade da Razão” e uma velhíssima Bíblia. Ele é, “evidentemente, um grande admirador de Bonaparte”. “Seu coração se aquece como um caneco de cerveja, ao ouvir sobre os êxitos de uma revolução – um trono derrubado, reis voando e príncipes espalhados por aí afora. Ele julga que os sonhos de sua juventude estão prestes a se realizar”. Ele se delicia com metáforas grandiloquentes sobre o “sol da liberdade” que surge sobre a “atmosfera do horizonte”, e professa o conhecimento dos assuntos russos.*

*E. P. Thompson - A formação da classe operária inglesa.*

## AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta pesquisa deve muito às orientações da professora Marion Brepohl. Agradeço imensamente por ter aceitado me orientar, quando ingressei no Programa de Pós-graduação em História da UFPR, no início do mestrado, onde, além de conhecê-la, pude entrar em contato com leituras e linhas de pesquisa que nunca havia ouvido falar, pude ouvir suas sugestões, comentários e impressões de leituras extremamente significativas para minha formação, tanto como pesquisador, como pessoa.

Aos professores das disciplinas de Seminário em Tese e Dissertação, em 2012, respectivamente, a professora Ana Paula Vosne Martins e Karina Kosicki Belloti. A participação nestas disciplinas foi de muita importância para mim, no sentido do amadurecimento dos caminhos que consistem em pensar a pesquisa que busquei desenvolver, bem como a aproximação com as pesquisas dos colegas que compuseram as turmas dos Seminários I e II.

Aos colegas que conheci durante o curso, que também estão desenvolvendo suas pesquisas e que já concluíram. Muitos tornaram-se meus amigos e amigas, acredito que esses vínculos permanecerão para toda a vida. Agradeço especialmente: Jhonatan Uewerton de Souza, Noemi Santos, Pamela Beltramin Fabris, Vanessa Nicoceli Bull, Thiago de Paula, Carlos Eduardo Zlatic, Francisco Atanásio, Everton de Oliveira, Ernesto Marczal, Reginaldo Cerqueira, Cláudia Monteiro, Daniel Trevisan, Matheus Vieira, Flora Morena e Sabrina Demozzi.

Ao “Grupo de estudos E. P. Thompson e História Social”. Reuniões realizadas por mim e pelos amigos que se formaram no processo que nos uniu, com interesses em comum: Jhonatan Uewerton de Souza, Noemi Santos, Pamela Beltramin Fabris, Vanessa Nicoceli Bull e Thiago de Paula.

À Maria Cristina Parzowski, secretária dos cursos de Pós-graduação em História da UFPR, pelos avisos de fins de prazos, divulgando palestras, defesas e resolvendo burocracias institucionais que são características.

À CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado que facilitou a minha vida de pesquisa na cidade de Curitiba.

Aos amigos da graduação em História, que estudaram junto comigo na mesma turma, em Paranaguá. João Pedro Dolinski e Igor David dos Santos também seguem na pós-

graduação, desenvolvendo suas pesquisas. Não nos encontramos mais com tanta frequência, mas sei que o entusiasmo pela pesquisa histórica permanece entre nós.

À família de Antônio Araújo Rocha, principalmente à sua sobrinha, a senhora Vilma e seu marido, o senhor Carlos (falecido em 2013), que me receberam em sua casa, fornecendo o acesso ao acervo de livros do sapateiro Antônio, dando início à pesquisa que apresento aqui. Se não tivessem liberado o acesso, não estaria aqui hoje. Agradeço muito por isso.

Ao senhor Luiz Carlos Alves, que há muitos anos trabalha no setor de manutenção do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR em Paranaguá. Mantivemos muitas conversas, acerca de muitos assuntos e livros, foi a partir de uma dessas conversas que a ideia desta pesquisa surgiu. Agradeço pelas entusiasmadas prosas que tivemos e, sobretudo, pelas primeiras informações a respeito do sapateiro Antônio Araújo Rocha e da militância comunista em Paranaguá.

À banca examinadora na defesa, constituída pelos arguidores os professores Benito Bisso Schmidt e Marcos Gonçalves, onde contribuíram atentamente com sugestões e críticas.

Ao professor Marcos Gonçalves. Ainda na “feitura” do projeto em 2011, me emprestou livros e sua disposição em realizar sugestões para eu pensar o até então incipiente projeto de pesquisa.

À professora Silvia Araújo, uma das fundadoras do finado Centro de Memória Sindical do Paraná, criado na década de 1980, por ter cedido para o meu trabalho o depoimento de Antônio Araújo Rocha sobre as atividades dos militantes e trabalhadores de Paranaguá, e de sua própria militância, colhido pela equipe do Centro de Memória Sindical, em 1988.

À minha mãe, Eurlly, que me apoiou desde o começo da escrita do projeto, no início de 2011. Expressar a gratidão que tenho pela sua ajuda, apoio, amor e força é tarefa que não cabe nestas linhas. Durante o processo de estudo em Curitiba, meu pai e meu irmão vieram a falecer, por isso, não pude estar com ela o tempo que gostaria de verdade, nesses momentos difíceis, onde palavras muitas vezes não confortam, restando o silêncio em espaços que antes eram ocupados.

Por fim, um agradecimento especial à Adriana Romanowski. Nos conhecemos por acaso, hoje vem mostrando para mim a beleza e a leveza do amor, e que nem tudo “desmancha no ar”.



## RESUMO

A pesquisa trata da militância comunista em Paranaguá, estado do Paraná, no período entre 1935 e 1964. Analisamos as mobilizações dos trabalhadores da cidade relacionadas à militância comunista, bem como suas organizações, conflitos internos e externos e seu processo de formação durante o recorte temporal que adotamos. Como fio condutor, o sapateiro Antônio Araújo Rocha é destacado nesta pesquisa como principal motor para o desenvolvimento do estudo, ora apresentado com maior destaque, ora aparecendo como coadjuvante nas experiências e práticas políticas dos trabalhadores de Paranaguá, assim, buscamos compreender sua formação intelectual, a partir de sua biblioteca pessoal e de suas atividades como militante comunista.

## **ABSTRACT**

This research explores the communist militancy in Paranaguá's City, State of Paraná, during the period between of 1935 and 1964. We analyzed mobilizations of workers in the city related to the communist militancy, as well as their organizations, internal and external conflicts and the formation process during the time frame that we adopt. As a guideline, the shoemaker Antonio Rocha Araújo is highlighted in this research as the main engine for the development of the study, presented here with more emphasis, sometimes appearing as supporting the experiences and practices of political workers of Paranaguá. So, we seek to understand his intellectual formation, from your personal library and his activities as a communist activist.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>A TRADIÇÃO DOS SAPATEIROS COMO RADICAIS POLÍTICOS .....</b>	<b>24</b>
1.1 - Entre sapatos & livros: Agitadores, ideólogos, intelectuais, políticos de aldeias. ....	24
1.2– Paixões políticas, militância, política e ação.....	41
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>“ACAUTELEM-SE OS PODERES CONSTITUÍDOS”: COMUNISTAS EM UMA CIDADE PORTUÁRIA .....</b>	<b>55</b>
2.1 – O comunismo ameaça Paranaguá: O circuito de atuação dos comunistas.....	55
2.2 – “Isto é o cúmulo do desaforo!”: Quem são os companheiros de Antônio Araújo Rocha? .....	77
2.3 - As militâncias dos comunistas em Paranaguá: Entre organização e conflitos.....	88
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>UM SAPATEIRO E SUA BIBLIOTECA: NOS RASTROS DAS LEITURAS DE UM COMUNISTA .....</b>	<b>111</b>
3.1 – Das ilhas para a sapataria: Um artífice em formação ou “a leitura é uma necessidade na vida” .....	111
3.2 – “Os homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”: O ingresso no PCB e as leituras marxistas .....	123
3.3 – As leituras proibidas de um comunista .....	133

<b>Considerações finais.....</b>	<b>142</b>
ANEXO I .....	145
ANEXO II.....	148
ANEXO III.....	151
ANEXO IV.....	180
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>294</b>
FONTES.....	294
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>296</b>

## INTRODUÇÃO

Militante comunista, secretário de divulgação do PCB, secretário político de célula comunista, preso por exercer atividades comunistas, detido por subversão a ordem, líder dos comunistas de Paranaguá, candidato a deputado estadual pelo PCB, tesoureiro da União Sindical dos Trabalhadores do Paraná, distribuidor de jornais comunistas e publicou textos em jornais comunistas<sup>1</sup>. O mais exaltado dos oradores, denominou o senhor Getúlio Vargas de “bandido”, “sacana”, “imundo”, que deveria ser enforcado pelo povo. Elogiou Prestes e referiu-se ardorosamente ao Comunismo da Rússia<sup>2</sup>. Profissão: sapateiro.

Nascido em 1908 e tendo falecido em 1990<sup>3</sup>, Antônio Araújo Rocha se tornou conhecido em Paranaguá como Antoninho Sapateiro. Propomos uma análise da militância política, partindo do sapateiro comunista, visando analisar a sua trajetória, ao mesmo tempo em que há a incidência da atividade militante na cidade, procurando compreender como se formou esse corpo de militantes, em um período delimitado entre 1935 a 1964. O recorte temporal justifica-se, por dois motivos.

No ano de 1935, para além de ter ocorrido os eventos insurrecionais de tomada do poder pelos comunistas, no mês de novembro, ficando o episódio conhecido como *Intentona Comunista*, é o momento em que há os primeiros indícios de pessoas manifestando-se na identidade de comunistas, ligados à *Aliança Nacional Libertadora*, na cidade de Paranaguá. Neste sentido, aquele ano caracteriza-se como nosso ponto de partida. Por outro lado, o ponto de chegada escolhido é o início da ditadura militar no Brasil, após o Golpe Militar de 1964. Escolhemos essa data por ser o ano que o sapateiro Antônio Araújo Rocha é preso pela ditadura, “incurso na Lei de Segurança Nacional”<sup>4</sup>, no entanto, após a prisão, Antônio Rocha não deixa de atuar como militante.

Por que não dirigir a atenção para um militante, suas atividades e suas possíveis relações em um espaço amplo da esfera pública?

---

<sup>1</sup> DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34.883.

<sup>2</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº 584C. Topografia: 65. p. 63.

<sup>3</sup> CEMITÉRIO Municipal de Paranaguá, número de sepultamento 40368, data de falecimento: 30/07/1990 às 17:00. Nome/Idade: Antônio Araújo Rocha, 82 anos. Localização: 2ºZ/E – E, 12 – túmulo simples de duas gavetas sem revestimento e sem legenda. Sepultado na segunda gaveta, de baixo para cima.

<sup>4</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214A. Topografia: 242. p. 88A.

O referencial teórico-metodológico para a pesquisa possui duas facetas fundamentais e estruturantes. A noção de processo, discutida pelo historiador britânico Edward Thompson, oferece-nos a possibilidade de analisar a formação da militância comunista em Paranaguá, a partir de suas atuações que, numa leitura superficial, podem parecer pequenos fragmentos, dispersos no tempo e no espaço, com pouca, ou nenhuma relevância, mas, se relacionados e compreendidos em suas regularidades, a militância surge reivindicando direitos, melhores salários para os trabalhadores, propondo projetos políticos, organizando-se e organizando mobilizações e greves. Entretanto, a militância política não está desconectada de sua realidade, não é algo à parte que flutua sobre as cabeças das pessoas que se tornam militantes.

Antes de militantes, são trabalhadores, aderem à causa de um partido político e de um conjunto de ideias e símbolos políticos por inúmeras razões, sejam movidos à utopia revolucionária ou para conseguir o sustento de si e para a família. Como Thompson pensou a respeito da classe operária, afirmando incisivamente que, “não surgiu tal como o sol numa hora determinada. Ela estava presente em seu próprio fazer-se”<sup>5</sup>, em uma relação, onde “a classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou compartilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”<sup>6</sup>.

A partir desta noção, de pensar a militância como algo que acontece em relação ao outro, a segunda faceta fundamental são os estudos de Pierre Ansart<sup>7</sup> a respeito das paixões políticas, presentes na vida política, pois, são as paixões que irão mobilizar, também, as pessoas na constituição de suas identidades como militantes, os ódios e ressentimentos que produzem, sentem e as afetividades que correm no interior de um partido, estabelecendo o elo entre seus membros que fará com que manifestem as suas ações, em um determinado tempo, a favor ou contra algo. Buscaremos pensar a partir de Ansart, quando as fontes oferecerem as condições de possibilidades para refletir acerca dos sentimentos na política.

Em seguida, optamos por buscar entender o que significa o termo militância política, sugerindo considerações conceituais para elucidar nosso objeto de pesquisa, apontando como se dá a ação política e onde isso se realiza. Uma vez que o militante age, como é o seu agir?

---

<sup>5</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade*. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9.

<sup>6</sup> Idem. p. 10.

<sup>7</sup> ANSART, Pierre. *La Gestion des Passions Politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L'Age d'Homme, 1983.

Assim, nos preocupamos em pensar a partir do que Hannah Arendt entende por ação e política, pois, a filósofa também pensa partindo do estabelecimento de relações, precisamente, a política sendo feita entre os homens, entre diferentes<sup>8</sup>.

Muitas das fontes foram consultadas no Arquivo Público do Paraná, no acervo voltado para a documentação da extinta Delegacia de Ordem Política e Social, onde pudemos encontrar dossiês de militantes comunistas, fichas individuais, pastas a respeito das atividades dos alvos da repressão política em Paranaguá e outras cidades do litoral, recortes de jornais, relatórios e cartas de agentes, relatórios e cartas de delegados, relatórios sobre o porto de Paranaguá e denúncias contra comunistas.

Para além dos documentos produzidos com os objetivos de levantar informações, acerca das potenciais ameaças a Segurança Nacional, a Polícia Política recolheu muitos documentos do próprio Partido Comunista do Brasil, como fichas cadastrais de colaboração financeira, atas de reuniões de células, cartas trocadas entre membros, programas políticos, orientações de organização, textos escritos por militantes, listas de células, listas de livros e gastos com materiais de propaganda. Todas essas informações serviam para a repressão conhecer de perto o que identificavam como inimigos do Estado.

O outro eixo temático de fontes são as entrevistas que o sapateiro Antônio Araújo Rocha concedeu, num intervalo de dez anos entre as duas, a primeira em 1978 e a segunda em 1988, além de seu caderno de contas de sua sapataria, que possui dados sobre seus gastos, lucros e o quanto gastava comprando livros, revistas e jornais, bem como anotações diversas, que nos servem para poder desenvolver a pesquisa.

Além do já mencionado, catalogamos a sua biblioteca particular com 1860 livros e revistas. Este acervo se localiza em Paranaguá, em posse de sua família. Com o levantamento de sua biblioteca, um problema operacional e metodológico se revelou durante a pesquisa. Como abordar essa imensidão de livros, sem reduzi-los a descrições superficiais e rasas na formação de Antônio Araújo Rocha como leitor e militante? Como não cair nessa armadilha? Como desviar desse caminho?

Buscamos problematizar essas questões a partir de seu depoimento, fornecido ao *Centro de Memória Sindical do Paraná*, em 1988. Pensando o depoimento como uma referência de partida, buscamos os indícios que ligavam a sua trajetória à sua biblioteca, ao

---

<sup>8</sup> ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

mesmo passo, tendo como pano de fundo, as informações presentes em sua ficha individual produzida pela Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS. Assim, desdobramos esses indícios que acabaram por nos levar para uma rede mais ampla, extrapolando os limites de Paranaguá, fazendo-nos refletir sobre a história do marxismo no Brasil, chegando à URSS e sua política cultural do realismo socialista, fundada em 1934, mas que possui referências em um texto de Lênin de 1903.

Nesse sentido, conseguimos analisar que Antônio Rocha estava em contato com essa ampla rede de difusão de cultura política, tendo acesso a revistas, programas teóricos, obras literárias, obras teóricas, etc. Porém, destacamos que nossa pesquisa não é uma biografia, e sim uma análise de trajetória, onde lançamos olhares biográficos. Compreendemos o termo trajetória partindo do significado que Giovanni Levi emprega em seu livro *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*<sup>9</sup>. Precisamente, tentaremos estudar os fragmentos que estão presentes na documentação, a respeito da militância comunista em Paranaguá, utilizando reconstruções biográficas de alguns militantes, situando-as no ambiente de lutas travadas por muitos trabalhadores do porto da cidade.

Compreender a trajetória do sapateiro Antônio Rocha ajuda-nos a entender as particularidades da militância comunista em pequenas regiões, seus diálogos com os grandes centros e os problemas, incertezas e escolhas que estes sujeitos de outrora fizeram. Interessamos, portanto, a vida política de uma cidade aparentemente comum. Desta forma, tal como Levi pensou o seu personagem Giovan Battista Chiesa, buscamos pensar Antônio Rocha não apenas como o objeto da pesquisa, mas como o pretexto para interpretar o ambiente social, político e cultural da cidade, inserido num período de instabilidade política, entre autoritarismos e ensaios democráticos até o ano de 1964, data que define o golpe de estado no Brasil, inaugurando a ditadura militar.

Assim, os conflitos que são apresentados entre trabalhadores-dirigentes portuários-repressão policial, bem como entre membros do PCB, buscam trazer à tona o contexto de formação da militância comunista em seu próprio processo histórico, marcado por reivindicações, repressão do Estado e da sociedade contrária aos seus objetivos políticos. Desta forma, a importância de Antônio Rocha como fio condutor da análise é fundamental, pois foi um trabalhador comum, ao mesmo tempo, sua excepcionalidade como leitor e

---

<sup>9</sup> LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Trad. Cynthia Marques de Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.



militante o tornam particular, em uma conjuntura caracterizada por níveis elevados de baixa escolaridade entre trabalhadores braçais, por exemplo.

No entanto, buscamos empreender tal pesquisa tendo em vista que uma trajetória não é uma série única e sucessiva de acontecimentos, sem vínculos para além do sujeito que é objeto da análise. Logo, os acontecimentos biográficos que veremos definem-se, de acordo com Pierre Bourdieu, como colocações e deslocamentos no espaço social. Ademais, não podemos compreender uma trajetória sem estarmos cientes da necessidade de construir os estados que se sucedem no campo ao qual ela se desenvolveu diante do processo histórico, ou seja, saber que o sujeito manteve relações com outros agentes envolvidos<sup>10</sup>.

Poderíamos ter escolhido pela via metodológica dos estudos voltados para a História da Leitura, dos impressos e do livro, precisamente aos estudos desenvolvidos por Roger Chartier. Sabemos da pertinência de tais estudos e de sua relevância para problematizar as pesquisas históricas que apresentam possibilidades de abordagem por estes caminhos, porém, nossa opção teórica e metodológica voltou-se para outras questões.

Antes de dar continuidade, um breve intervalo se faz necessário e diz respeito às produções acadêmicas que passam, diretamente ou indiretamente, em torno da cidade de Paranaguá e suas diferentes temporalidades e conjunturas. É conhecida em Paranaguá, uma certa tradição memorialística, que possui sua base genealógica na obra de Antônio Vieira dos Santos, intitulada *Memória Histórica de Paranaguá*, tendo sua primeira edição ainda no século XIX, publicada em 1850. Como obra memorialística, os escritos de Vieira dos Santos registram, em geral, contar uma história da fundação de Paranaguá, partindo desde o início do século XVI, quando da chegada dos portugueses nas novas terras ainda desconhecidas, até chegar em seu momento contemporâneo.

Essa “tradição memorialística”, que reivindica Vieira dos Santos como pai fundador da escrita da história de Paranaguá, se reproduz e tem sua continuidade a partir dos fins do século XX em dois autores, sendo antigos professores do ensino básico de Paranaguá. O primeiro chama-se Manoel Viana – inclusive foi professor do sapateiro Antônio Rocha, em seu curto período na escola - e o segundo chama-se Waldomiro Ferreira de Freitas. Respectivamente, o livro do primeiro possui o título de *Paranaguá na História e na Tradição*, de 1976, e o segundo com dois livros, o primeiro de 1974 intitulado como *Aspectos*

---

<sup>10</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

*Históricos de Paranaguá*, e outro como *História de Paranaguá das origens à atualidade*, de 1999.

Aparentemente, esses livros seriam “inofensivos”, como algo memorialístico, apresentam os grandes feitos das personalidades mais conhecidas e reproduzidas, durante o tempo, na cidade. Sabemos que esse é um determinado *ethos* das obras memorialistas, porém, elas reafirmam os silêncios que reproduzem, estão lá, ao exporem suas leituras da história da cidade, deixam passar em branco, ou por debaixo do tapete, outros aspectos que fazem parte de um passado e que não emergem para o presente, como se fosse uma barreira. Contudo, isso é apenas aparentemente, pois nos últimos anos há uma produção acadêmica que direciona o olhar, ou ao menos passa rapidamente, pela cidade de Paranaguá, observando outras manifestações de um passado muito diferente daquilo que está escrito nos memorialistas.

Há uma significativa produção, que passa pelos campos da antropologia, sociologia, geografia e história. Para tornar o acesso mais prático, apresentamos rapidamente a produção acadêmica em história – e nisso, incluímos a nossa pesquisa – como referências fundamentais, para se conhecer esses outros espaços de leitura acerca do passado, que vem se formando e que busca inserir Paranaguá em configurações mais amplas do conhecimento histórico, analisando em toda a sua complexidade e singularidade, nos mais variados temas.

Assim, o estudo de João Pedro Dolinski apresenta como a saúde pública foi pensada e administrada em Paranaguá, partindo das epidemias de febre amarela entre 1852 a 1878, objetivando entender como se formou a saúde pública no Paraná. A pesquisa de Bruna Scheifer busca compreender Paranaguá a partir das memórias forjadas sobre a cidade, partindo de suas próprias elites, problematizando o que seria a cidade sonhada e a cidade real, analisando tradições que se reproduzem em nostalgias, na documentação analisada. Outros estudos, como as teses de Rafael Athaides sobre o integralismo no Paraná e Claudia Monteiro, acerca da militância dos comunistas neste estado, possibilitam entender como a vida política do estado do Paraná teve suas disputas, conflitos e personagens que passavam pela cidade, em busca de seus objetivos<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Ver: DOLINSKI, João Pedro. *Espaços de cura, práticas médicas e epidemias: Febre amarela e saúde pública na cidade de Paranaguá (1852-1878)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2013; SCHEIFER, Bruna. *Paranaguá, cidade portuária: Entre a cidade “sonhada e a cidade real”*. Dissertação (Mestrado em História) – Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2008; ATHAIDES, Rafael. *As paixões pelo sigma: Afetividades políticas e fascismos*. Tese (Doutorado em História) – Curitiba: UFPR, 2012; MONTEIRO, Claudia. *Política entre razão e sentimento: A militância dos comunistas no Paraná (1945-1947)*. Tese (Doutorado em História) – Curitiba: UFPR, 2013.

Entretanto, nosso objetivo também é contribuir para o campo da História Social do Trabalho e da História Política. Para além de buscar romper com os silenciamentos que foram produzidos ao longo tempo na cidade de Paranaguá pela escrita local, inserimos esta pesquisa à imensidão de outros estudos a respeito da militância política, como uma contribuição à história do Partido Comunista do Brasil e seus desdobramentos em pequenas cidades, fora do eixo Rio-São Paulo. Os trabalhos realizados pelos historiadores Jorge Ferreira, Fernando Teixeira da Silva, Alexandre Fortes, Benito Bisso Schmidt, Edilene Toledo, entre outros, são inspiradores para esta pesquisa.

Desse modo, penso que é interessante comentar sobre como cheguei ao sapateiro. Estava eu, em fins de 2010, recém-graduado em História, pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Paranaguá. Como não poderia deixar de ser, ou de pretender, interessava-me por leituras que passaram muito rápidas durante o curso, juntamente com aquelas que ainda não havia entrado em contato.

Planejara ler muitos livros na ocasião, quando estagiei como bolsista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná, em Paranaguá – antigo Colégio dos Jesuítas fundado no final do século XVIII – pensei em ocupar meu tempo naquele local, sendo um lugar agradável e tranquilo, para manter longas leituras, seria proveitoso. Optei por começar por um livro que me chamou muita a atenção durante a graduação, mas que não foi discutido por nenhum professor, em nenhuma disciplina, apenas comentado rapidamente. Logo terminado o curso e com tempo livre, adquiri aquele desejado livro, ainda em 2010, no mês de dezembro. Comecei a leitura de *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição* do historiador italiano Carlo Ginzburg, com bastante entusiasmo.

Como estava sempre pelo Museu, lendo sentado nas famosas “conversadeiras” ao lado das janelas, iniciei uma conversa com um senhor que trabalha na manutenção do Museu há muitos anos, sobre Menocchio e seu mundo de leitura e dos longos interrogatórios que os Padres Inquisidores travavam com o moleiro italiano, da região do Friuli, acusado de ser um heresiarca (pai da heresia) por questionar as interpretações que se faziam até então da Bíblia e apresentar a sua compreensão de mundo a quem aparecesse na sua frente.

Ao passo que a conversa foi se desenrolando, o senhor, chamado Luis Carlos, filho de um velho militante comunista de Paranaguá, interrompeu-me interessado no conteúdo do livro de Carlo Ginzburg (mantém o hábito de leitura, com vigor) e começou a me contar que, em

Paranaguá, havia uma pessoa muito parecida com o moleiro que eu acabara de lhe contar. Segundo ele, essa pessoa era amiga de seu pai e também foi militante comunista.

Tratava-se de um sapateiro, um sapateiro comunista, que lia muito, que possuía muitos livros e falava sobre tudo, criticando os governos, o imperialismo norte-americano e a classe dominante, principalmente, mantendo sua sapataria ali perto do Museu, na Rua General Carneiro, um lugar pequeno e que era muito frequentado, de frente para o mar. Retornei para minha casa, pensando naquele sapateiro e em que tipo de livros possuiu e leu. No dia seguinte, voltei ao Museu e perguntei para o “seu” Luis se ele saberia me dizer por onde começar a procurar pela família do sapateiro, de acordo com ele, muito conhecido como Antoninho Sapateiro no passado da cidade, respondeu que sim.

Informou-me o local que poderia ser, mais ou menos, a casa da sobrinha do Antoninho Sapateiro. Não tinha muita certeza, pois há quase quinze anos ele não encontrava com a mencionada sobrinha do sapateiro, mesmo assim, fui até o local indicado. Bati palmas em algumas casas, perguntei se alguém conhecia uma senhora, sobrinha de um sapateiro que possuiu muitos livros e que, poderia morar pelas redondezas, ao que me foi respondido: “Um que era comunista? Ela mora ali, naquele portão”.

Entrando em contato com a sobrinha do sapateiro, expliquei que gostaria de saber sobre ele e se ainda os seus livros estavam presentes. Abrindo o portão, a senhora, com os seus quase oitenta anos, me ofereceu entrar em sua casa e iniciou sua fala a respeito do tio, confirmando muitas das coisas que o senhor Luis Carlos me contou no Museu. Perguntei dos livros, e ela levou-me gentilmente a um pequeno quarto, onde se localizavam duas estantes abarrotadas de livros e revistas, “aquela estante maior, ele mandou fazer, tem muitos anos”, comentou. Dentro de sua casa estava mais uma estante, também toda completa em livros.

Não demorou muito, indaguei se eu poderia iniciar um processo de catalogação daqueles livros, o que me foi concedido de bom grado e afirmou que nunca apareceu alguém querendo fazer isso.

Mais tarde, no começo de 2012, quando eu acabara de catalogar todos os livros, a senhora comentou que, entre os anos de 2007 e 2009, teve que vender parte da biblioteca, o que ela estimou perto de mil livros. Assim, chegamos ao tema, estudar a militância comunista na cidade de Paranaguá. Quem é o sapateiro? Como é a sua relação com a leitura e com o Partido Comunista? O sapateiro Antônio Rocha desempenha um papel fundamental na militância política na cidade? Se, realiza este papel, até que ponto isso é observável?

Os objetivos desta pesquisa concentram-se em: Analisar a militância comunista em Paranaguá e seu processo de formação, atravessando três décadas, dados os indícios presentes no recorte temporal delimitado. Levantar o circuito de atuação dos comunistas e de Antônio Rocha, situando-o neste ambiente, principalmente nas atividades que os sindicatos desempenharam e, por fim, compreender a militância do sapateiro Antônio Rocha e as interpretações e apropriações das leituras que realizou, oferecendo-lhe ferramentas para desenvolver suas práticas de ação política.

Feitas as primeiras considerações, nossa pesquisa divide-se em três capítulos. O primeiro capítulo é onde se apresenta certa tradição dos sapateiros, desde fins do Século XVIII, na Europa, como sujeitos que se destacavam em assuntos ligados a mobilizações populares ou como líderes das multidões, muitas vezes, aparecendo como porta-vozes de muitas pessoas, durante todo o século XIX, avançando até as primeiras décadas do século XX. Da Europa, partimos para a América Latina, observando os sapateiros grevistas em Curitiba, no início do século XX; passando pelo caso dos sapateiros comunistas da Costa Rica, entre a década de 1930 e 1940; voltamos para o Brasil, apontando outros casos de sapateiros comunistas, na região nordeste, já na metade do século passado.

Com isso, não é nossa intenção estabelecer uma continuidade genealógica com os sapateiros ingleses, do final do século XVIII, mas, entender que há uma regularidade comportamental na história deste ofício, uma regularidade que os conecta a experiências comuns, a de autodidatas, líderes, pessoas de conhecimento, esclarecidos e de referências políticas em suas pequenas cidades, vilas e aldeias.

O segundo capítulo se inicia observando a inserção de comunistas em uma greve no porto de Paranaguá, no ano de 1946 e os debates em torno do acontecimento, entre trabalhadores e autoridades portuárias. Partimos da greve, analisando seus conflitos e as ações de alguns militantes, como o alfaiate Angelo Maria Pattituci, que foi acusado de ser agente da repressão do Governo Vargas, infiltrando-se nos redutos comunistas de Paranaguá, no final dos anos trinta. Por meio de cartas e relatórios de um agente da polícia política e do delegado da Delegacia Regional de Polícia, naquela ocasião, conseguimos nos aproximar dessas tensões. Após verificar os acontecimentos da greve, procuramos entender e contextualizar a incidência de comunistas, na vida política no Estado do Paraná, para além da cidade de Paranaguá, localizando outros estudos que tiveram como parte de seus objetos, o mesmo Estado.

Em seguida, oferecemos uma visão geral das militâncias comunistas e da atuação do Partido Comunista do Brasil no país, bem como aspectos do imaginário anticomunista, num esforço de refletir a respeito de outros contextos. Seguindo a discussão a respeito do “todo”, com o objetivo de apresentar *alguns aspectos* nacionais do Partido Comunista, dado o recorte feito, voltamos para a cidade de Paranaguá, dessa vez, “descendo” ao ano de 1954, no dia 1º de agosto, quando é realizado um comício no centro da cidade, por pessoas que são identificadas como membros da *Liga da Emancipação Nacional*. Este breve parêntese busca situar o sapateiro Antônio Araújo Rocha, no recorte delimitado.

Localizamos, na documentação, algumas pessoas que foram oradoras no referido comício e que, aliás, causa revolta em particularmente uma pessoa que estava ouvindo, sendo nosso ponto de referência, a denúncia escrita por um anônimo, encaminhada ao Secretário de Segurança Pública do Estado. Com a localização dessas pessoas, adentramos em suas trajetórias políticas, onde foram vigiadas pela Polícia Política. Isso nos possibilita entender as militâncias de cada pessoa que possuía ligações com o PCB, pois, desdobramos suas informações, fazendo ver conflitos internos, como é o caso de um militante em específico, sendo acusado de “agente da reação” pelo jornal comunista *Tribuna do Povo*. Esses desdobramentos nos levam até os primeiros indícios de comunistas em Paranaguá, entre 1934/1935.

No terceiro capítulo, buscamos compreender a trajetória política e pessoal do sapateiro Antônio Araújo Rocha. Tentaremos realizar tal empreendimento, por meio de três caminhos: O primeiro é seguir os rastros de suas leituras, definindo um recorte em sua biblioteca, à qual catalogamos com 1860 livros e revistas. Dessa forma, estabelecemos nos aproximar das leituras que o sapateiro fazia, através de suas assinaturas com datas, escritas nas folhas de rosto, capas e contracapas, bem como anotações nas margens, sublinhados e rascunhos em folhas a parte. Fazendo isso, podemos chegar perto do que Antônio Rocha estava lendo ou, se não chegou a ler, entrou em contato e que, imaginamos, ao menos sabia do que se tratavam os conteúdos das publicações.

Durante os anos trinta, Antônio Rocha possui livros voltados para o assunto do autodidatismo, temas dedicados à oratória, gramática e cálculo. Outros tipos de livros são os dedicados à literatura – europeia e brasileira -, tanto do século XIX como do XX. A partir da metade dos anos quarenta em diante, começam a aparecer livros e revistas com temas dedicados à teoria política e ao marxismo, especialmente.

A segunda direção para compreender suas leituras, pensamentos e sentimentos são duas entrevistas que concedeu. A primeira foi no ano de 1978, para uma revista de Curitiba, chamada *Outras Palavras*. Nesta entrevista, o sapateiro comenta sobre suas leituras e um pouco de sua vida. Esta revista iniciou suas atividades neste mesmo ano, propondo uma intervenção no debate público como uma publicação de “jornalismo cultural”, de acordo com o seu editorial. A outra entrevista foi concedida em 1988, como mencionado, ao já finado *Centro de Memória Sindical do Paraná*, fundado em Curitiba, durante a década de oitenta. Aqui, Antônio Rocha esclarece mais sobre a sua trajetória, desde quando começou a trabalhar como sapateiro, na década de vinte, suas relações com a leitura, atuação política e suas prisões pela repressão<sup>12</sup>. Este “centro de memória” foi fundado com o objetivo de reunir relatos de trabalhadores que atuaram em sindicatos e em partidos políticos durante o século XX no Paraná, precisamente, nas organizações voltadas para a orientação política de esquerda.

Por fim, a terceira via para nos aproximar e analisar o universo de leituras e de militância política do sapateiro comunista, volta-se para observar as leituras que eram proibidas de serem feitas, pelos comunistas, pelo próprio partido. Diante disso, analisaremos suas trajetórias de leituras e de militância política, atravessando as décadas de trinta, quarenta e cinquenta, adentrando ao início dos anos sessenta e chegando à sua prisão pela ditadura militar, em 1964.

O que nos chama a atenção é que, segundo a família de Antônio Araújo Rocha e pessoas que o conheceram, não chegou a concluir seus estudos de maneira formal, estudou até o antigo primário, abandonando os estudos. Isso é confirmado nas entrevistas de 1978, para a revista curitibana, esclarecendo que não seguiu com os estudos<sup>13</sup> e na entrevista de 1988, para o já mencionado Centro de Memória Sindical do Paraná. Apesar disso, acreditamos ser possível compreender, seguindo os indícios que se apresentam, ao menos minimamente, como se formou a militância comunista em Paranaguá.

---

<sup>12</sup>Biblioteca Particular de Antonio Araújo Rocha. Certificado assinado por Antônio Araújo Rocha, esclarecendo que “contribuiu para a preservação da memória do trabalhador paranaense, com depoimento histórico prestado em 25 de abril de 1988”.

<sup>13</sup> Biblioteca Particular de Antonio Araújo Rocha. Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinoldo Atem.

## CAPÍTULO 1

### A TRADIÇÃO DOS SAPATEIROS COMO RADICAIS POLÍTICOS

#### *1.1 - Entre sapatos & livros: Agitadores, ideólogos, intelectuais, políticos de aldeias.*

É dia de voltar ao ofício, um velho sapateiro levanta de sua cama para mais uma jornada, uma acomodação modesta. O quarto, que fica no andar acima de sua sapataria, mede aproximadamente dois metros de largura e três ou quatro de comprimento. Não sabe ao certo o quanto irá lucrar, mas, ganhará o suficiente para se alimentar. Abre a sua sapataria logo cedo (um espaço pequeno e escuro), à espera dos primeiros fregueses. Suas ferramentas já estão todas limpas e prontas para serem utilizadas, o cheiro do couro que acabou de chegar ao seu estoque, corre pela oficina. Enquanto nenhuma pessoa chega, senta em sua cadeira, acaricia seu cachorro, olha para fora da porta de entrada e observa o horizonte, perguntando-se a respeito de mais um livro que acabara de ler, durante a noite anterior.

Nutrindo uma profunda revolta em seu espírito, ao ver as dificuldades que seguem, dia-a-dia, em sua pequena cidade, o velho sapateiro sente-se inconformado e seus olhos brilham ao iniciar uma conversa com outra pessoa, que também se apresenta insatisfeita com as taxações tributárias, que os governantes insistem em aumentar constantemente, dificultando a sobrevivência dos trabalhadores.

Entre pares de sapatos consertados, pedidos de confecção, um remendo aqui, solas novas prontas, outro remendo feito, o velho sapateiro intercala o tempo que tem para se manter informado com o restante dos trabalhadores que o procuram. Alfaiates, chapeleiros, tipógrafos, jornaleiros, ferroviários, mascates, portuários, barbeiros, carroceiros, amoladores, pescadores, pedreiros. Muitos frequentam a sua sapataria em busca dos seus serviços e, alguns, de suas ideias.



Provavelmente, esta foi uma cena comum em fins do século XVIII, ao longo do XIX e, certamente, durante o século XX, precisamente no período e objeto delimitado por esta pesquisa. O interesse deste capítulo é apresentar a característica dos sapateiros como radicais políticos. Afinal, o que faz desses trabalhadores, pessoas envolvidas com a coletividade, com protestos, revoltas, motins e seu destaque na vida pública? Os historiadores Eric Hobsbawm e Joan Scott se perguntaram a respeito desta questão e a escolhemos como ponto de partida do presente capítulo. Porém, antes de adentrar nas reflexões de Hobsbawm e Scott, outro historiador também realizou estudos abordando os sapateiros, alguns anos antes dos autores mencionados acima.

Edward Thompson inicia o clássico *A formação da classe operária inglesa*, descrevendo a ação do sapateiro Thomas Hardy, um dos fundadores da Sociedade Londrina de Correspondência, em fins do século XVIII. Preso sob a acusação de alta traição (partindo do princípio de uma reivindicação para uma Reforma Parlamentar), as autoridades da época, além de o levarem preso de sua casa, apreenderam cartas, panfletos, livros e manuscritos<sup>14</sup>.

Nascido em 1752, Thomas Hardy forjou-se artesão, tendo sido aprendiz de sapateiro e trabalhado por um tempo como pedreiro, indo jovem para Londres. Trabalhou em vários ofícios, onde o artesão se visualiza em uma posição independente, tornando-se mestre. Thompson sugere pensar a SLC (Sociedade Londrina de Correspondência), como uma sociedade de aspecto *radical popular* do que *operária*, argumentando em contraposição a tendência de muitos historiadores em apresentar esta sociedade como uma primeira organização política de perfil operário<sup>15</sup>.

A SLC aparece como um ponto de junção, possuindo um amplo alcance entre os trabalhadores, precisamente em reunir várias agitações num movimento único, adquirindo maior sofisticação organizativa, principalmente pela propaganda ideológica do radicalismo londrino ter maior audiência em Londres, do que ao norte. Dessa forma, Thompson argumenta que, por aproximadamente duzentos anos, Londres foi uma cidade heterogênea e fluida em seu perfil social e profissional, pois os que ali se encontravam estavam mais sujeitos a motivações ideais e intelectuais. “Teorias novas e novos argumentos em geral se uniam

---

<sup>14</sup> THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa: A árvore da liberdade* – vol. 1. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 16.

<sup>15</sup> *Idem*, p. 18.

antes ao movimento popular em Londres, e então de lá se difundiam para os centros provinciais”<sup>16</sup>.

No emaranhado desse movimento, o historiador inglês destaca que há traços, desde os primeiros encontros da SLC, que indicam um novo tipo de organização, precisamente entre 1790-1850. Assim, o trabalhador aparece como secretário, reivindicando a baixa subscrição semanal, a atenção para a discussão de temas políticos e econômicos (“a dureza dos tempos” e a Reforma Parlamentar). O surgimento da prática da reunião, vista como atividade política e social, ressalta ainda uma particularidade fundamental, a intenção e determinação de disseminar opiniões, com o objetivo de organizar os adeptos, sob o signo da diretriz “que o número de nossos membros seja ilimitado”<sup>17</sup>.

Partindo desse conjunto de ações, Thompson identifica tal processo como significado do término da noção de exclusividade no debate político, no sentido da política como “reserva de uma elite hereditária ou de um grupo proprietário”. Logo, a SLC abriu as portas à propaganda e à agitação, propondo que os membros fossem ilimitados, o que implicou uma nova noção de democracia, deixando de lado as antigas amarras e inibições, confiando em processos de “auto-ativação e auto-organização da gente simples”<sup>18</sup>.

Virando as costas à identificação secular entre direitos políticos e direitos de propriedade, o desafio revolucionário de organizar os trabalhadores destinava-se a ser acusado de alta traição, uma vez que atemorizava as autoridades. Os acontecimentos ocorridos na Inglaterra, na década de 1790, logo após a queda da Bastilha tendem a ser interpretados como um reflexo do que hoje se compreende como a Revolução Francesa, porém, nem tudo está perfeitamente enfileirado em uma cadeia de eventos, como se cada revolta ou organização dos trabalhadores fosse o fruto da revolta anterior, e assim, sucessivamente. A sugestão é analisar o caso inglês de maneira mais cuidadosa, percebendo suas peculiaridades, como se forma no processo histórico<sup>19</sup>.

O significado das agitações da última década do século XVIII, na Inglaterra, principalmente as tradições dissidentes e libertárias que emergiam e datam de um período anterior ao período revolucionário francês, embora com um prazo curto (cinco anos, 1792-6), foram intensas e com um grande alcance, “alterou as atitudes subpolíticas do povo, afetou os

---

<sup>16</sup> *Idem*, p. 19.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 20.

<sup>18</sup> *Idem, ibid*

<sup>19</sup> *Idem*, p. 22/23.

alinhamentos de classe e iniciou tradições que se prolongam até o século atual”, de maneira que, “não foi uma agitação sobre os acontecimentos franceses, embora eles a tenham inspirado e também prejudicado. Foi uma agitação inglesa, de dimensões impressionantes, por uma democracia inglesa”<sup>20</sup>. Dentro desse processo, há uma heterogeneidade de artífices que se articulam, em busca de melhores condições de vida, lendo muito, principalmente o livro de Thomas Paine – *Direitos do homem*.

No ano de 1792, na cidade de Sheffield, o ministro da Guerra achou que as ideias de Paine e o povo enfurecido que, segundo ele, estaria disposto a perturbar a paz do país, ampliaram-se de uma maneira exorbitante, para além de sua imaginação, pois, 2.500 do que chamou “dos mais baixos artífices”, faziam parte da principal associação reformista, a Sociedade Constitucional<sup>21</sup>. O ambiente de leitura pode ser descrito da seguinte forma: “Aqui eles leem as publicações mais violentas, e as comentam, e discutem sua correspondência não só com as Sociedades subordinadas nas cidades e aldeias da vizinhança, mas com aquelas ... em outras partes do reino...”<sup>22</sup>.

Saiu, então, no mês de maio daquele ano, uma Proclamação Real contra publicações de caráter sedicioso, direcionada principalmente contra Thomas Paine; em dezembro, o mesmo foi proscrito e os seus *Direitos do Homem* foi condenado como libelo sedicioso<sup>23</sup>. O que nos interessa aqui é a circulação desses escritos, na formação do caráter contestatório nas pessoas que os liam, ouviam, debatiam e que, de alguma maneira, apropriaram-se da agitação, tornando os escritos como um princípio e organizador, para a compreensão de suas realidades.

A circulação e o êxito da segunda parte dos *Direitos do Homem* alcançou a cifra de 200.000 exemplares vendidos no ano de 1793 (a primeira parte vendeu 50.000 exemplares, em 1791), financiada pelas sociedades locais de artesãos, sendo distribuídos nas minas e poços de carvão, bem como nas cabanas e estradas. Na cidade de Newcastle, Thompson verifica, segundo suas fontes, que os exemplares estavam nas mãos de quase todas as pessoas, chegando a regiões da Escócia e Irlanda<sup>24</sup>.

O sapateiro Thomas Hardy, para promover a Sociedade Londrina de Correspondência, com a ajuda de outros membros, iniciou um processo de divulgação do

---

<sup>20</sup> *Idem*, p. 111.

<sup>21</sup> *Idem*, p. 112.

<sup>22</sup> ASPINALL, apud THOMPSON, *Op. cit.* p. 112.

<sup>23</sup> THOMPSON, *Op. cit.* p. 116.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 117/118.

livro de Paine, entrando em contato com sociedades provinciais inglesas e com o Clube Jacobino, de Paris. Publicaram-se impressos, panfletos e edições baratas. Em um relato de um jovem comerciante, chamado Thomas Cooper, Thompson apresenta rapidamente o tipo de recepção que o livro tivera, naquele momento, na vida de Cooper: “Me tornou politicamente mais louco do que jamais fui. É plena de impacto e repleta de bom senso... reforçada também por uma profusão de assuntos provocativos. Vejo-a como uma verdadeira jóia de livro [...]”<sup>25</sup>.

Livreiros eram presos pela venda do livro, espões eram enviados para as sociedades populares e as tabernas recusavam o uso de seus ambientes para qualquer clube ou sociedade que estivesse com a intenção de discutir os escritos de Paine<sup>26</sup>. No meio dessa agitação no comportamento de uma grande maioria dos ingleses, uma das principais funções da SLC era a educação política dos trabalhadores.

Essa educação se dava por meio do trabalho das seções da SLC. Thompson argumenta que há muitos relatos sobre essas reuniões, um deles, sugere que se reuniam os membros para atividades educativas, geralmente em uma casa particular, lá, selecionavam os livros a serem lidos. Seguiam-se as leituras, conversas e debates, nas tardes de domingo.

O modo habitual de procedimento nessas reuniões semanais era o seguinte. O presidente (cada homem era presidente por rodízio) lia algum livro... e as pessoas presentes eram convidadas a fazer observações sobre o lido, todas as que quisessem, mas sem se levantar. Então lia-se mais um outro trecho e havia uma segunda rodada. Então lia-se o restante e fazia-se um terceiro convite, quando se esperava que os que não tinham falado antes dissessem algo. Então havia uma discussão geral<sup>27</sup>.

A partir dessas reuniões, “os efeitos morais da Sociedade eram realmente muito grandes. Induzia os homens a lerem livros, ao invés de gastarem seu tempo nas tabernas. Ensinava-os a pensar, a se respeitarem e a desejar educar seus filhos. Elevava-os em suas próprias opiniões.”<sup>28</sup> Essas primeiras características do que Thompson chama de *autoeducação política* de uma classe, são parcialmente verdadeiras, uma vez que os relatórios dos espões que se infiltravam dizem outra versão, um contraponto a esta harmonia aparente dos encontros.

---

<sup>25</sup> KNIGHT, apud THOMPSON, *Op. cit.* p. 121.

<sup>26</sup> THOMPSON, *Op. Cit.* p. 124.

<sup>27</sup> *Idem.* p. 170.

<sup>28</sup> BIRLEY, apud THOMPSON, *Op. cit.* p. 170.

Enquanto um relato anuncia certa ordem e hierarquia, a versão dos espíões aponta para uma baderna generalizada, com as pessoas ficando violentas, necessitando que o presidente se levante para tentar acalmar os ânimos. As seções nem sempre se encontravam aos domingos, e nem sempre se davam em casas particulares. Nos bairros mais pobres, eram expulsas de taberna para taberna, pois, regradas à bebida e à agitação do momento, entoavam-se canções onde o clero era um alvo constante de insultos e mesas com muitos exemplares de livros a serem vendidos<sup>29</sup>.

Quanto à sua composição, ou seja, o perfil social dessa sociedade, deparamos-nos, como Thompson afirma, com uma sociedade de artesãos, onde aparecem: tecelãos, relojoeiros, sapateiros, marceneiros, carpinteiros, alfaiates, curtidores de couro, tintureiros, peruqueiros, comerciantes, açougueiros, negociantes de meias e malhas, entalhadores, pedreiros, cortadores de armações em madeira, calceiros, montadores de estrados, porcelaneiros, papelheiros, chapeleiros, padeiros, estofadores, serralheiros, músicos, cirurgiões, fundidores, vidraceiros, estanhadores, laqueadores, livreiros, gravadores, negociantes de tecidos, encarregados de armazéns e camponeses<sup>30</sup>.

Há uma particularidade com relação aos sapateiros, sempre são predominantes, mas, até que ponto? Thompson argumenta que esses artesãos “levavam as doutrinas de Paine ao seu limite: democracia absoluta, oposição total e radical à monarquia e aristocracia, ao Estado e aos impostos.”<sup>31</sup> Em momentos onde as paixões ficavam mais evidentes, onde o entusiasmo atingia um nível elevado, os sapateiros formavam uma espécie de núcleo central de um movimento que desenvolvia uma atração do apoio de milhares de pequenos lojistas, bem como impressores e livreiros, médicos, mestres-escolas, gravadores, pequenos mestres e o clero dissidente, por um lado. Por outro, atraíam carregadores, carvoeiros, diaristas, soldados e marinheiros<sup>32</sup>.

Muitas tradições se originaram a partir do fim da década de 1790, tradições dos unitaristas, do deísmo e do livre pensamento, a tradição com orientação constitucionalista dos comerciantes e artesãos. Thompson defende que “essas tradições estão encarnadas não só em

---

<sup>29</sup> THOMPSON, *Op. cit.* p. 170-171.

<sup>30</sup> *Idem.* p. 171.

<sup>31</sup> *Idem.* p. 172.

<sup>32</sup> *Idem.* p. 173.

ideias, mas em pessoas”, influenciando uma geração radical mais jovem, tendo continuidade em muitos centros provinciais, durante o século XIX<sup>33</sup>.

Como mencionado mais acima, houve uma alteração de caráter radical nas atitudes subpolíticas do povo e, em 1811, vai surgindo simultaneamente um novo radicalismo popular e um sindicalismo recém-militante. Dessa forma, o período da agitação reformadora, entre os anos de 1792 e 1796 foi uma história de características simultâneas, onde aparece a derrota dos reformadores da classe média e uma rápida orientação *para a esquerda*, dos radicais plebeus. “A experiência marcou a consciência popular por cinquenta anos, e durante todo esse tempo a dinâmica do radicalismo proveio, não da classe média, mas dos artesãos e diaristas”<sup>34</sup>. E há os indícios de aspectos importantes da tradição jacobina inglesa, como a tradição do autodidatismo e da crítica racional às instituições políticas e religiosas, a tradição do republicanismo consciente e, principalmente, a tradição do internacionalismo. Thompson destaca que, ao longo desses anos,

Houve Thomas Hardys em todas as cidades e em muitas aldeias pela Inglaterra, com um cofre ou uma estante cheia de livros radicais, soltando uma palavra aqui e ali, na taberna, na capela, na oficina do ferreiro ou na loja do sapateiro, à espera de que revivesse o movimento. E o movimento pelo qual esperavam não pertencia aos fidalgos, industriais ou contribuintes com renda; pertencia a eles mesmos<sup>35</sup>.

Por que os sapateiros? O que há nesse ofício que faz com que esses artesãos se inclinem para uma vida de leituras e de questionamento? Segundo Eric Hobsbawm e Joan Scott, em seu texto intitulado *Sapateiros Politizados*, referindo-se ao radicalismo político dos sapateiros durante o século XIX na Europa, particularmente, e em alguns outros países, os sapateiros possuem características específicas, enquanto ativistas políticos.

Apesar da simplicidade de suas preferências, os que fazem ou consertam sapatos novos e velhos sempre se distinguem pelo espírito irrequieto, por vezes agressivo, e por uma enorme tendência à loquacidade. Ocorre uma revolta? Surge da multidão um orador? É sem dúvida um sapateiro que veio proferir um discurso ao povo<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> *Idem.* p.198/199.

<sup>34</sup> *Idem.* p. 200/201.

<sup>35</sup> *Idem.* p. 202.

<sup>36</sup> HOBBSAWM, Eric; SCOTT, Joan. Sapateiros Politizados. In: HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 149.

Hobsbawm e Scott realizam, nessa reflexão, um levantamento histórico das atividades dos sapateiros com respeito a fins políticos. Os sapateiros possuem uma reputação ligada ao radicalismo que pode ter um, ou mais de um, dentro de três significados. Assim, há a reputação em direção à ação militante em movimentos de protesto social, condizente ou não ao ofício; uma reputação ligada aos movimentos políticos de esquerda (neste caso, sendo por simpatia, associação ou participação ativa); e outra reputação, designada como *ideólogos do povo*<sup>37</sup>. Esses significados podem facilmente ser associados, mas não são iguais. Contudo, os sapateiros detinham, no século XIX, uma reputação de radicalismo nos três sentidos, eram militantes em assuntos que diziam respeito a seu ofício, bem como em movimentos de protesto social, em uma esfera maior.

Os sapateiros constituíram um grupo organizado, em escala nacional, atravessando países como França e Suíça. Na Argentina, juntamente com os carpinteiros, se tornaram os primeiros integrantes da *Federação de Trabalhadores da Região Argentina*, sendo a primeira tentativa da organização de um sindicato nacional, em 1890. Entravam em greve ocasionalmente e sobressaíam-se nas multidões de cunho revolucionário. Na França, na cidade de Paris, entre os detidos por se oporem ao *coup d'état*, os sapateiros constituíam o contingente mais numeroso, durante a Comuna de Paris de 1871, os trabalhadores que se envolveram e que foram atingidos com o maior número de deportações foram, “naturalmente, como sempre, os sapateiros”<sup>38</sup>.

Em Constança, na Alemanha, em abril de 1848, estourou uma rebelião e os sapateiros constituíam o maior grupo homogêneo de rebeldes. No estado do Rio Grande do Sul, foi registrado um sapateiro italiano anarquista em 1897 e, em Curitiba, um sindicato de inspiração anarquista, que participou do primeiro Congresso dos Trabalhadores de Curitiba, foi a Associação dos Sapateiros<sup>39</sup>.

É importante destacar que os sapateiros não constituem, de acordo com os autores, o único grupo de artífices dedicados à militância e ao ativismo de esquerda. Houveram outros grupos, como: marceneiros, carpinteiros e alfaiates. No entanto, há períodos em que os sapateiros se destacam mais na vida política. Hobsbawm e Scott dedicam sua análise a esta característica que sobressai aos outros grupos, afirmando que o papel como ativistas políticos

---

<sup>37</sup> *Idem*. p. 150.

<sup>38</sup> ROUGERIE apud HOBSBAWM, Eric; SCOTT, Joan. p. 151.

<sup>39</sup> HOBSBAWM, Eric; SCOTT, Joan. p. 152.

pode ser documentado de uma maneira ampla. Porém, essas ações coletivas, reunindo um grande número de sapateiros, não explica o radicalismo político.

Segundo os autores, a conexão entre a política e a eloquência se faz presente nesses artesãos, contudo, haviam sapateiros militantes que não desenvolviam o hábito da leitura profunda, não se tornando grandes leitores, pois, mesmo havendo uma porcentagem considerável desses trabalhadores alfabetizados, para além da média, haviam os que claramente não despontavam para uma vida de leituras densas.

Os sapateiros, com frequência, eram conhecidos como jornalistas e versejadores, pregadores e conferencistas, escritores e editores, ou ainda, como poetas-trabalhadores. Nessa mesma linha, a maioria entre os sapateiros ativistas eram artesãos intelectuais e sua numerosa existência, de acordo com Hobsbawm e Scott, não pode ser negada, pelo fato de existirem provérbios que, talvez, indiquem esse caráter aguçado para os assuntos políticos<sup>40</sup>. Por exemplo: “Sapateiro, não se meta onde não for chamado [...] Que o sapateiro cuide do seu ofício e que os eruditos escrevam os livros; Sapateiros que pregam sermões fazem maus sapatos”. Citando a autobiografia de um sapateiro inglês, este comenta que,

As pessoas que gozam das vantagens de uma educação intelectual mais refinada dificilmente imaginariam o volume de conhecimento e de cultura livresca que pode ser encontrado entre os membros de meu venerável ofício<sup>41</sup>.

Hobsbawm e Scott fazem uma ampla análise das incidências de sapateiros ativistas e esclarecidos, destacam que a reputação do sapateiro enquanto filósofo e político popular é anterior ao capitalismo industrial, estendendo-se além dos países de economia capitalista, demonstrando características militantes, protestando pelas ruas da Europa. Caracterizado como um *político de aldeia*, os sapateiros se faziam presentes em vários movimentos populares. Possuindo um caráter geralmente propício à violência diante dos que estão acima de sua classe, durante a Revolução Francesa, encabeçaram as multidões para torturar e assassinar o rei<sup>42</sup>.

No entanto, onde se estabelece o ponto que caracteriza o sapateiro como um crítico, um militante? Ele é produto de seu ofício? Os autores fazem essa pergunta, também pensamos

---

<sup>40</sup> *Idem*. p. 153.

<sup>41</sup> BROWN apud HOBBSAWM, Eric; SCOTT, Joan. p. 156.

<sup>42</sup> HOBBSAWM, Eric; SCOTT, Joan. p. 157.



a partir dela. A questão é que, observando a tradição dos sapateiros e seus comportamentos na vida política, fica claro o radicalismo nos assuntos políticos, porém, como isso se constitui?

Pensando ao lado de Hobsbawm e Scott, estes destacam que não há nada nos costumes e tradições dos sapateiros que os leve para o interesse pela leitura, bem como nada que torne possível a ligação ocupacional com os impressos, como acontece com os tipógrafos, que precisam ler o seu material de trabalho, desse modo, a instrução e a preferência dos sapateiros pelos livros e pela leitura torna-se uma questão aberta<sup>43</sup>. Uma, das hipóteses levantadas pelos autores sugere que, a relação entre os livros e os sapateiros não poderia ter sido estabelecida antes da invenção e da popularização da imprensa, de maneira que até esse tempo, os pobres não possuíam o acesso direto à palavra escrita. Assim,

O caráter geral dos costumes dos artífices sapateiros sugere que estes costumes já se encontravam formados nesta época. Naturalmente, pode argumentar-se que, com a disponibilidade de livros, estes obviamente viriam a atrair uma profissão cujos membros se inclinavam à especulação e à discussão<sup>44</sup>.

Sugere-se de que a primitiva divisão do trabalho, na confecção de calçados, tornou os sapateiros a ficarem mais isolados em seu ofício, permitindo ou impelindo-os para trabalhar no isolamento, uma vez que em sua oficina, a figura do sapateiro solitário era recorrente. Uma das possibilidades deste tipo de comportamento seria essa possível solidão proporcionada pelo ofício, tornando uma inclinação para a discussão e especulação com seus clientes, bem como uma ligação com a leitura e aquisição de livros, para substituir a vida solitária. Contudo, “nada nas tradições formais ou informais do ofício parece ligar os sapateiros especificamente ao intelectualismo, ou mesmo ao radicalismo”<sup>45</sup>.

E essas tradições traçam o orgulho pelo ofício, baseado principalmente, do atendimento dos sapateiros com os pequenos burgueses e pobres, jovens e velhos, nesse sentido, pontualmente, os autores nos trazem a informação de que, essa relação diversa, própria dos sapateiros, era tema comum das canções desses trabalhadores, onde era acentuada a independência do artífice, controlando seu próprio tempo de trabalho e lazer. Uma explicação mais plausível seria que o intelectualismo dos sapateiros derive de seu serviço ser

---

<sup>43</sup> Idem. p. 158.

<sup>44</sup> Idem. p. 158.

<sup>45</sup> Idem p.160

de caráter sedentário, exigindo pouca força física, unindo conversas, leituras de jornais e livros. Geralmente as oficinas eram abertas, podendo qualquer pessoa parar e conversar sobre qualquer assunto<sup>46</sup>.

Refletindo sobre a inclinação ao radicalismo, não seria absurdo supor que os sapateiros se inclinassem ao radicalismo por ressentimento, por virem de famílias pobres e lugares humildes, ou por estarem expostos ao contato com os pobres e com os ricos, pois, eram procurados por ambas as classes<sup>47</sup>. Isso o distinguia, uma vez que estava em constante contato com pessoas humildes, percebendo as dificuldades cotidianas de sua comunidade.

Assim, “o sapateiro era, portanto, uma figura-chave na vida rural intelectual e política: instruído, eloquente, relativamente bem-informado, independente do ponto de vista intelectual e, por vezes, do econômico, pelo menos dentro de sua comunidade aldeã,” uma vez que a sapataria poderia ser apreendida como um centro social, aberta para o convívio durante todo o dia, ficando atrás apenas das tabernas, os sapateiros se faziam presentes em locais onde poderia ocorrer mobilização popular<sup>48</sup>.

Em que quantidade de aldeias e pequenas cidades o sapateiro não exerceu o papel de educador! Assim, o *Every-Day Book* de Hone relembra, “um velho honesto que remendava meus sapatos e minha mente, quando eu era menino (...) meu amigo o sapateiro, que, embora não fosse nenhum metafísico, inclinava-se a ruminar sobre a ‘causação’. Ele emprestava ao menino livros ‘que guardava na gaveta de seu banco, junto (...) aos instrumentos de seu ‘Nobre Ofício’”. E ainda na década de 40 um futuro ilustre historiador do movimento operário de formação marxista foi apresentado à política em suas conversas de menino numa oficina de sapateiro de uma pequena cidade em sua Romênia natal<sup>49</sup>.

Esse perfil do sapateiro, segundo Hobsbawm e Scott, enquanto filósofo e intelectual, militante de seu ofício e das multidões, é anterior à Revolução Industrial. O que esse evento proporcionou, foi ampliar a base do radicalismo, aumentando a quantidade de sapateiros através da criação de um grande grupo de trabalhadores. No sentido de que, muitos artífices foram obrigados a abandonar seu ofício solitário e a se agrupar em militâncias sindicais de trabalhadores especializados<sup>50</sup>. Logo, esse mesmo período possibilitou uma expansão das

---

<sup>46</sup> *Idem.* p. 162

<sup>47</sup> *Idem.* p. 163

<sup>48</sup> *Idem.* p. 170

<sup>49</sup> *Idem.* p. 170

<sup>50</sup> *Idem.* p. 176

ferramentas do radicalismo político e do repertório de ideias, reivindicações e programas políticos.

Ideologias de crítica social e política democrático-seculares, jacobinas, republicanas, anticlericais, cooperativistas, socialistas, comunistas e anarquistas, além de proliferarem, complementaram ou substituíram as ideologias da religião heterodoxa que anteriormente tinham sido o principal vocabulário do pensamento popular<sup>51</sup>.

Dentro desse novo repertório político, Hobsbawm e Scott comentam que algumas ideologias eram mais atraentes do que outras, mas aspectos de todas elas diziam respeito às experiências dos sapateiros. Com essa nova configuração, os meios para a agitação e para o debate também se expandiram. Jornais e panfletos abriam espaço para os trabalhadores intelectuais escreverem e divulgar seus textos, poderiam ser lidos e discutidos nas sapatarias<sup>52</sup>. Dado esses fatores, na medida em que o sapateiro filósofo e herético, segundo os autores, se transformava em um sapateiro politicamente radical, a emergência de movimentos de protesto também crescia, isso lhe trazia uma multidão pronta e disposta a ouvi-lo, e talvez segui-lo<sup>53</sup>.

Entretanto, designar os sapateiros que se inclinaram para uma vida de leitura e de militância, como filósofos e intelectuais carece de uma conceituação mais fina, buscando observar as particularidades dessas atividades e do *ser filósofo e intelectual*. Hobsbawm e Scott não explicam o porquê de estarem utilizando tais termos e isso acaba fazendo escapar de suas análises esses sujeitos particulares, uma junção de trabalhador-intelectual-militante.

Compreendendo que a proposta de Hobsbawm e Scott é observar as atividades dos sapateiros enquanto radicais políticos e a sua mobilidade durante, principalmente, o século XIX, sinalizamos a necessidade de observar mais de perto a trajetória e as especificidades de nosso ponto de partida.

Contudo, seguindo os argumentos dos historiadores acima, e insistindo, a atividade dos sapateiros como radicais políticos não deve ser negada, uma vez que desempenharam um papel fundamental nas mobilizações por conquistas de direitos e melhores condições de vida, bem como no esclarecimento e informação de várias pessoas que entraram em contato com

---

<sup>51</sup> *Id.*

<sup>52</sup> *Id.*

<sup>53</sup> *Id.*

esses artífices e que desempenharam uma função muitas vezes e, muito próxima, do educador de sua pequena cidade, emprestando livros, jornais, distribuindo panfletos e estimulando o pensamento progressista.

Após verificarmos a atuação dos sapateiros no debate político na Europa, por meio de conflitos, protestos, mobilizações, conversas no cotidiano, em fins do século XVIII e durante o século XIX, destacamos outros casos historicamente datados. O primeiro, na cidade de Curitiba, na primeira década do século XX, em 1906; o segundo, na Costa Rica, entre 1930 e 1948; na cidade de São João do Cariri, no estado do Rio Grande do Norte, observa-se um sapateiro comunista, como um dos principais líderes do partido e com uma trajetória conhecida na cidade, tendo sua militância se dado entre fins dos anos 1930 até o início da década de 1960, no Partido Comunista; por fim, outro sapateiro militante e também ligado ao Partido Comunista, próximo a Timbaúba, uma pequena cidade do interior do Estado de Pernambuco, entre a década de 1940 e 1970. Em comum, os quatro casos apresentam sapateiros articulados à vida pública, destacando a preocupação com reivindicações e mobilizações populares.

Os sapateiros em Curitiba, no ano de 1906 organizaram-se para uma greve, extrapolando a categoria que a desencadeou, envolvendo o conjunto da sociedade curitibana. Luiz Carlos Ribeiro procura analisar a greve com vistas a discutir a relação patrão-empregado, a relação massa-vanguarda e a relação entre os operários. O objetivo principal a ser conquistado era o aumento de 25% dos salários diários, para isso, elegendo comissões para iniciar a negociação com os proprietários das fábricas e oficinas. Neste momento, reuniram-se mais de 120 operários/artesãos, segundo Ribeiro.

Deram-se conflitos entre os operários que não aderiram à greve, alguns vieram a público, acusando a *Liga dos Sapateiros* de utilizar da violência, em contrapartida, os sapateiros negaram as acusações, afirmando que deveriam se unificar pelo espírito de classe, pois eram operários e não arruaceiros<sup>54</sup>.

Alguns anos mais tarde, na Costa Rica, entre a década de 1930 e a década de 1940, os sapateiros daquele país mostraram uma grande atividade de militância política, tiveram uma posição central nos movimentos sociais e nas lutas políticas, a sua organização – o *Sindicato dos Sapateiros* – constituiu, segundo o historiador Victor Acuña Ortega, “el sector

---

<sup>54</sup> RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890 – 1920)*. Dissertação (Mestrado em História) São Paulo: USP, 1985. p. 152.

más avanzado del movimiento sindical de aquel período y los trabajadores del calzado aportaron numerosos activos e influyentes militantes y dirigentes al Partido Comunista, precisamente en una fase en que este tuvo una gran resonancia en la vida nacional.”<sup>55</sup>

Ortega destaca que, durante os anos de luta do Sindicato dos Sapateiros e da influência que o Partido Comunista desempenhou na vida do país, emitiu-se a Legislação Social Costarricense, assim, o autor propõe que, acerca das reformas sociais dos anos quarenta, se tem escrito uma história de caráter oficial que é compartilhada pela diversidade dos setores políticos do país, incluindo os comunistas. Porém, Ortega argumenta efeitos negativos sobre os sapateiros, que foram direta ou indiretamente sentidos.

Por un lado, en forma directa, afectó el poder del Sindicato, pues elimino la sindicalización obligatoria y estableció la libre afiliación. Por otro lado, indirectamente, favoreció la perdida de cohesión del grupo y de la organización, ya que la parte patronal enfrento la nueva legislación disolviendo los talleres y adoptando la modalidad del trabajo a domicilio. Este cambio en el proceso de trabajo inducido indirectamente por la legislación social tuvo efectos negativos sobre la capacidad de lucha y de organización de los zapateros<sup>56</sup>.

Em 1948, Ortega acrescenta que o movimento operário sindical e político, que no momento era dirigido pelo Partido Comunista, foi derrotado na Guerra Civil e que, após esta data as organizações sindicais perderam suas influências na vida nacional. Por fim, o autor reflete que a interpretação recorrente, quando se pensa a respeito dos sapateiros comunistas naquele país, é o declive do pensamento comunista à derrota e à repressão que sofreu a partir desse ano.

Entretanto, Ortega se debruça em testemunhos orais e observa que esse tipo de material empírico o possibilitou permitir reconsiderar a explicação do declive histórico do comunismo na Costa Rica, propondo o argumento de que, os ocorridos depois de 1948 devem ser atribuídos a mudanças nas políticas estatais, a modificações na estrutura social, processos de mobilidade ocupacional e a novos processos de formação da classe trabalhadora<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> ORTEGA, Victor Acuña. *Fuentes orales e historia obrera*: El caso de los zapateros en Costa Rica. In: Cuadernos Flacso, Costa Rica, n. 5, p. 48, 1985. p. 164. Disponível em: <<http://secuencia.mora.edu.mx/index.php/Secuencia/article/view/4927/3253>> Acesso em: 26/06/2013.

<sup>56</sup> Idem. p. 166.

<sup>57</sup> Idem. p. 167.

No mesmo período, alguns milhares de quilômetros distante da Costa Rica, já no Brasil, na pequena cidade de São João do Cariri (RN), José Pereira dos Santos, nascido em 1917, anos mais adiante se torna conhecido como “sindicalista, comunista, peemedebista, excêntrico, mestre, revolucionário e conservador”<sup>58</sup>. A proposta de Aued foi perceber a trajetória do sapateiro observando a sua complexidade e multiplicidade, seu material de análise é pautado por uma entrevista biográfica (no período de sua pesquisa, o sapateiro estava com 85 anos).

Apresentando-o como um personagem particular, porém, não sendo uma exceção – como será apresentado mais adiante -, Aued destaca a qualidade de autodidata e de militante sindicalista e comunista de José Pereira dos Santos, propondo interpretar um período de mais de 50 anos da vida do sapateiro militante, com a intenção metodológica de analisar o individual e o coletivo da militância política nas relações sociais<sup>59</sup>.

Aued expõe que sua reflexão é dirigida por três ideias centrais, que fornecem saídas para compreender seu objetivo. A primeira se dedica ao percurso ocupacional, a segunda à condição operária e a terceira, que julga ser a mais relevante, dedica-se à militância política. A autora explica que, pelo fato de José Pereira dos Santos não possuir um certificado de aptidão profissional, classifica seu trabalho não como uma profissão, mas como *ocupação*, esclarecendo que a compreensão do sentido de quem é o sapateiro, em termos de trabalho, se apresenta como um dos pontos fundamentais para entender a sua biografia e a relação com a política, partindo do pressuposto de que “as pessoas podem exercer ocupações simples e no entanto, [...] a partir delas podemos analisar a composição e os nexos do tecido social.”<sup>60</sup>

José Pereira dos Santos iniciou-se como aprendiz de sapateiro em 1933, seguindo como sapateiro artesão, sapateiro apalazador, modelador e industriário sapateiro, se aposentando em 1974. Torna-se militante em um contexto político onde as ideias comunistas estão em ascensão, coincidindo com a emergência da condição operária.

Porém, a autora reflete que o sapateiro é um militante comunista diferente de outros, onde suas trajetórias de comunistas são ligadas a operários de grandes fábricas, pois, não é um sapateiro assalariado, nem industriário, no entanto, alinha-se politicamente ao lado dos

---

<sup>58</sup> AUED, Bernardete Wrublewski. *Acerca da identidade coletiva do sapateiro militante*. Cadernos de Pesquisa, Florianópolis, v. 29, p. 01-36, 2001. p. 03.

<sup>59</sup> Idem. p. 05.

<sup>60</sup> Idem. p. 07.

trabalhadores assalariados<sup>61</sup>. Em sua militância, no PCB, opõe-se aos intelectuais do partido, se tornando um líder e destacando-se socialmente pela via política. Aued sugere que isso reflete uma ascensão contraditória, diferindo da condição operária da grande parte dos trabalhadores<sup>62</sup>.

Antes de apresentar, sucintamente, como se deu a militância de José Pereira dos Santos, consideramos fundamental destacar que, no Brasil, há laços entre os sapateiros e os movimentos sociais desde longa data. Em fins do século XVIII, no ano de 1798, surgem sapateiros na Conjuração Baiana e no movimento de alforria dos escravos, em 1888. Na fundação do PCB, em 1922, há sapateiros naquele pequeno grupo que o fundou, em Niterói – RJ, bem como na Insurreição Comunista de 1935, em Natal – RN.

A partir da década de 1930, os sapateiros se articularam na vida política, sendo anarquistas ou comunistas. Contudo, há a incidência de alguns sapateiros militantes importantes nas primeiras décadas do século XX, como: José Saul, imigrante italiano e anarquista, viveu em Pelotas – RS e foi expulso do Brasil por manifestar suas ideias anarquistas; Manoel Moscoso, sapateiro espanhol, foi colaborador de diversos jornais de trabalhadores, publicando em conjunto com Edgar Leuenroth o jornal *Terra Livre*, considerada a mais importante publicação anarquista no país do início do século; Francisco Carrillo, também espanhol, viveu em Espírito Santo do Pinhal – SP, sendo um dos responsáveis pela difusão do anarco-socialismo; Pedro Batista Matera, outro imigrante italiano e anarquista, fundou o jornal *Liberdade* e a *Escola Moderna 1º de maio*; Antonio Dominguez, morto em 1922 na cidade de São Paulo, em decorrência de conflitos entre trabalhadores e as forças policiais; José Salvador, diretor do jornal *A voz do sapateiro*, no ano de 1927, em São Paulo; João Lombello, também organizador do jornal *A voz do sapateiro*, no mesmo ano; por fim, José Praxedes de Andrade, líder da Insurreição Comunista em Natal, de 1935<sup>63</sup>.

A militância política de José Pereira dos Santos se inicia em conjunto com o seu trabalho de sapateiro, dentro de uma sapataria, convivendo com outros militantes. O pano de fundo de sua formação militante é a *Insurreição Comunista* de 1935, uma vez que vários militantes que participaram do levante refugiaram-se em Campina Grande - cidade que serviu

---

<sup>61</sup> Idem. p. 13.

<sup>62</sup> Idem. p. 13-14.

<sup>63</sup> Idem. p. 16.

de sua moradia por muito tempo – e que, por coincidência, moraram no mesmo hotel de sua tia, acabando por conhecer alguns sapateiros militantes. Assim, torna-se, também, um deles. Seu engajamento na política comunista é estabelecido em um ambiente onde as relações de poder, configuradas por meio de uma pessoa, são comuns e rotineiras, no interior da região nordeste do país<sup>64</sup>.

Não muito longe dali, no estado de Pernambuco, próximo à pequena cidade de Timbaúba, nasceu Manoel Marques, no ano de 1919. Sapateiro de ofício, foi um dos líderes do *Movimento Terras de Ninguém*<sup>65</sup>, atraindo-se pelas ideias de sociedade defendidas pelo Partido Comunista, o historiador Antonio Torres Montenegro cita que o sapateiro se interessou por essas ideias desde muito cedo, ainda jovem, buscando defender e garantir os direitos dos trabalhadores.

Sua revolta é explicada por Montenegro, em termos dos trabalhadores que trabalhavam nas fábricas de sapato, não podiam ter acesso àquilo que produziam, pois os sapateiros de Timbaúba não queria que os operários tivessem sapatos. Assim, o sapateiro Manoel Marques dedicou-se ao Partido Comunista nos anos de sua curta legalidade, ainda na década de 1940, encontrando nos discursos dos comunistas um lugar para a luta dos operários<sup>66</sup>.

Suas atividades políticas são apresentadas por Montenegro como ações de resistências, ligadas ao movimento de ocupação de terras, principalmente por meio de reuniões com a população do bairro Casa Amarela, da cidade de Recife. Esses encontros, entretanto, eram marcados pela repressão que percorria as casas que abriam as portas para o movimento, com a justificativa de manter dispersa a gente pobre, uma vez que apresentam perigo para o Estado e para as classes dominantes, quando se encontram para conversar e discutir<sup>67</sup>.

---

<sup>64</sup> Idem. p. 19-20.

<sup>65</sup> Segundo Montenegro, “em 1976, quando a luta pela terra já alcançava um significativo nível de organização, esta foi batizada de ‘Movimento das Terras de Ninguém’. Os moradores apropriaram-se do termo ‘Terras de Ninguém’ após artigo publicado na revista *Veja*, em 1º/6/76, que assim intitulava a matéria sobre a luta dos moradores de Casa Amarela”. MONTENEGRO, Antonio Torres. *Batalhas em Casa Amarela: O repende da história*. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 54. A menção “Casa Amarela” diz respeito a um bairro de trabalhadores da cidade de Recife.

<sup>66</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. Sapateiro de Timbaúba. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992. p. 63.

<sup>67</sup> Idem. p. 64.



## ***1.2– Paixões políticas, militância, política e ação.***

Os sapateiros militantes que apresentam a peculiaridade de ativistas, por vezes demonstrando um radicalismo político, são recorrentes em um processo histórico recente, longe de serem exceções, em um mundo do trabalho que apresenta muitos outros trabalhadores militantes. Porém, partir deste argumento é correr o risco de abraçar a homogeneidade e eliminar as diferenças e pluralidades das militâncias e formações políticas destes mesmos trabalhadores, que dedicaram sua vida, ou parte significativa de seu tempo, a ideais e disciplinas, apreendidos por partidos ou por modelos ideológicos (anarquismo, sindicalismo revolucionário, por exemplo), reelaborando conjuntos de ideias com suas experiências vividas, por uma causa libertária.

Pensando na pluralidade e diferença, em um caso de autodidatismo, que buscamos analisar como se constituiu, em conjunto ao ofício de sapateiro, militância política e ação coletiva, sugere-se que, apresentar tal *tradição* no comportamento dos sapateiros com relação à política se faz necessário para compreender situações de conflitos políticos muito particulares, que surgem como um campo de possibilidades para a ação entre os trabalhadores, sejam elas na redução de horas de trabalho, aumento salarial, melhores condições de execução do trabalho, leis que beneficiem suas vidas, reformas políticas e até mesmo a busca de uma sociedade mais igualitária, via revoluções ou processos que tenham vistas a estes objetivos, que podem ser claros, nebulosos e/ou obscuros.

Procurando elucidar o ambiente de conflitos e do debate político, partimos de que é fundamental conceituar o que são *paixões políticas, militância, política e ação*. Contudo, não procuramos conceitos estáticos e tampouco distanciá-los, como se fossem peças dispostas em uma parede de oficina, esperando selecioná-las, mas, procurar a possibilidade de serem simultaneamente articulados e entendê-los como operacionais, que podem oferecer ferramentas analíticas em um processo de autoformação, isto é, moldando-se ao passo que o material empírico indique.

Uma vez que teoria e prática possuem lógicas diferentes, não as devemos confundir, pois, “se fazemos teoria para demonstrar como as coisas devem ser, não conseguimos mostrar

como de fato são; se dizemos que as coisas devem ser como de fato são, eliminamos a possibilidade de que possam ser outra coisa que não o que são.”<sup>68</sup>

Com esta breve noção em mente, entendemos por paixões políticas o esforço conceitual que Pierre Ansart procurou realizar em seu livro, decisivo para a inauguração dos estudos ligados aos sentimentos na política, intitulado *La gestion des passions politiques* (sem tradução no Brasil). Como nossa pesquisa se dá em torno de um partido político – Partido do Comunista do Brasil – entre fins dos anos 1930 e início dos anos 1960, destacamos como pertinente a reflexão de Ansart a respeito do que denominou como *estrutura interna do partido*, e o mesmo como um *aparelho afetivo*.

À medida que são organizados nas democracias parlamentares, os partidos políticos ilustram a imanência dos sentimentos, das paixões na vida política. São aparelhos destinados teoricamente a reunir os apoios eleitorais, preparando as mudanças dos quadros superiores, bem como produtores de mensagens potencialmente mobilizadoras, com fortes cargas emocionais. Um consenso no interior do partido não é apenas atingido por uma unidade ao objetivo, mas por uma certa identidade das sensibilidades. Dada essa reflexão, o partido político é, no centro da estrutura sócio-afetiva, centro de produção de desconfiança e de ódios políticos.<sup>69</sup>

O autor imediatamente exemplifica essa questão, analisando os partidos comunistas entre as décadas de 1920 e 1970, na Europa Ocidental. Esses partidos permaneceram como uma sociedade distinta, ou, uma *contra-sociedade*, excepcionalmente ativa e produtora de mensagens, de símbolos e de práticas coletivas.

Após a morte de Stalin, esses partidos mantiveram um culto à sua imagem, juntamente com um conjunto de admiração, respeito e simpatia da Revolução e do Regime soviético. Esta paixão, Ansart destaca que é um exemplo para uma análise das paixões políticas, principalmente porque os militantes a abandonaram e denunciaram como uma ilusão que eles mesmos defendiam.

O culto a Stalin, seus discursos, suas formas, suas condições de produção e suas consequências na vida política são um exemplo para uma sociologia ou uma história das

---

<sup>68</sup> NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. 3ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

<sup>69</sup> ANSART, Pierre. Le Parti, Appareil Affectif. In: ANSART, Pierre. *La Gestion des Passions Politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L'Age d'Homme, 1983. p. 109.

paixões políticas.<sup>70</sup> Sobre esta questão, as paixões políticas insufladas pelos partidos e pela constante disputa interna e externa, entre partidos, consubstanciam a

Necessidade de produzir e difundir mensagens afetivamente consistentes à seus objetivos, para motivar seus membros e eleitores, mensagens agitadoras cujos objetos estão no social, concernindo a organização das relações sociais.<sup>71</sup>

Logo, essa estratégia do partido consiste em alcançar efeitos afetivos nos seus membros e eleitores, mobilizando-os para a causa a ser alcançada. Diante disso, para os militantes e os membros, o partido não é um objeto afetivamente indiferente. É um lugar onde as paixões políticas possuem um caráter decisivo, na medida em que as leis do partido não são compreendidas como princípios de ordem e de repressão.

Ser ligado ao partido implica sentir suas ordens como a boa lei, experimentar seus objetivos como desejáveis, julgar seus líderes como os melhores governantes, sendo obediente à vida política, de acordo com os sentimentos partidários.<sup>72</sup> O partido político, além de um lugar que oferece segurança emocional, organiza uma unidade imaginária e simbólica. Pois, instaura uma lógica das identidades em que os membros participem com uma mesma vontade, com um mesmo sistema de pensamento e experimentem uma proximidade uns com os outros, como *membros da mesma carne*.<sup>73</sup>

Se o partido é um lugar social, com uma estrutura sócio-afetiva, em que militantes e demais membros possuem um fio condutor que os une intimamente, ele é também uma instituição com suas divisões, hierarquias e rivalidades próprias. Cada partido constitui uma estrutura complexa, existindo diferenças profundas entre o chefe e seus seguidores.<sup>74</sup>

Pensar sob a figura do chefe do partido pode fornecer mecanismos acerca do comportamento do militante diante da representação máxima da organização partidária. Segundo Ansart, o papel do chefe é ligado a “uma intensa erotização, causando ao mesmo tempo, uma avidez e um apego intensos.”<sup>75</sup>

---

<sup>70</sup> *Idem*. p. 110

<sup>71</sup> *Id.*

<sup>72</sup> *Id.*

<sup>73</sup> *Idem*. p. 116

<sup>74</sup> *Idem*. p. 117

<sup>75</sup> *Id.*

Não basta para o chefe ter o prazer de exercer seu poder e de ser reconhecido pela competência de seu papel. O prazer de encarnar o ideal dos membros que os seguem é fundamental, sentir que é amado por ser o que é, chefe e representante de uma causa, representante de um grupo, o depósito da razão histórica. Ao mesmo tempo, é objeto da confiança dos militantes, incita os membros do partido a legitimá-lo como o líder ideal. Ansart esclarece que esse *dispositivo libidinal* o faz objeto de uma idealização legítima e que ela comunica ao próprio chefe do partido, o intenso gozo da expansão de si e da superioridade diante dos rivais.<sup>76</sup>

Dentro desta hierarquia, o intelectual e o jornalista do partido contribuem, precisamente, como apoios para a estrutura afetiva, reforçando a confiança dos membros e renovando o sistema de reverência ao chefe. Ansart argumenta que, o intelectual do partido possui o papel de um cantor, num sentido de que é atribuído a ele um “prazer estético de se identificar com os sentimentos que atravessam o partido, dando sua melhor expressão.”<sup>77</sup>

Por procurar expressar os sentimentos do partido, o intelectual domina as suas emoções e tende a dominar simbolicamente as emoções de seus ouvintes, isto é, dos outros membros. Dessa maneira, sua tarefa intelectual é combater os adversários e acabar com a apatia de seus companheiros partidários, através da palavra. Ou, como cita Ansart, pela *energia do verbo*.<sup>78</sup> Contudo, considerar que o intelectual expressa literalmente os sentimentos do partido é problemático, desse modo, ao condensar os sentimentos do partido e expressando-os, o intelectual exterioriza sentimentos do partido vinculados com seus próprios sentimentos e sua experiência, enquanto sujeito participador dos eventos políticos que está inserido.

Parece-nos que a proposta de Ansart ao elencar a estrutura interna do partido e o lugar do intelectual é válida até certo ponto, pois, situar o militante como uma ferramenta que apenas atravessa os ideais e os sentimentos de um partido, é deixar de lado a própria subjetividade desse sujeito e a maneira pela qual experimenta seu tempo, suas relações com os outros.

Adiante, destaca que essas atividades intelectuais fazem parte de um outro universo afetivo, diferente daquele em que os militantes atuam, realizando tarefas materiais dentro do

---

<sup>76</sup> *Idem.* p. 118

<sup>77</sup> *Id.*

<sup>78</sup> *Idem.* p. 119

partido, “em contraste aos especialistas do discurso e dos profissionais de fé, eles não são convocados para estes lugares de prestígio, mas para a obscuridade das tarefas cotidianas.”<sup>79</sup> Neste ponto, fica clara a dissociação entre intelectual e militante. Em uma tarefa de buscar a aproximação entre as duas funções, propomos operar com a chave *intelectual orgânico*.

Neste sentido, concordamos com Antonio Gramsci quando reflete que todo grupo social originário do mundo da produção econômica, “cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político”<sup>80</sup>, ou seja, em cada campo específico, surgem intelectuais com suas próprias características, distintos entre um grupo e outro, que se organizam a partir de seus próprios termos, a partir de suas próprias experiências. Partindo desta reflexão, o intelectual orgânico se forma e é formado, em sua ligação com o partido político, onde este elabora seus próprios componentes,

Elementos de um grupo social nascido e desenvolvido como “econômico”, até transformá-los em intelectuais políticos qualificados, dirigentes, organizadores de todas as atividades e funções inerentes ao desenvolvimento orgânico de uma sociedade integral, civil e política<sup>81</sup>.

Mesmo o intelectual possuindo uma formação que se realiza no processo de sua autoformação, em conjunto com as atividades que exerce no partido político, optamos pelo argumento de Gramsci da não distinção entre intelectuais e não-intelectuais, “não há atividade humana da qual se possa excluir toda intervenção intelectual, não se pode separar o *homo faber* do *homo sapiens*.” Assim, segundo o autor italiano, todos os homens desenvolvem atividades intelectuais, sendo “filósofos”, artistas, homens de gosto, participam de uma concepção do mundo, contribuem para manter ou para modificá-la, para provocar e suscitar novas maneiras de pensar, a partir de seus próprios graus de desenvolvimento<sup>82</sup>.

E a partir desses graus, da experiência vivida, não podemos negar, concordando com Ansart que, a prática cotidiana do militante acaba deslocando o entusiasmo ideológico para o

---

<sup>79</sup> *Id.*

<sup>80</sup> GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo. 2ª Ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Vol. 2. p. 15.

<sup>81</sup> *Idem.* p. 24.

<sup>82</sup> *Idem.* p. 53.

compromisso com as pessoas, apoiado pelas cumplicidades sentidas em grupo, seja pela frequência nas reuniões do partido, seja pelo conforto que os hábitos de um membro proporcionam, as ambições de promoção na organização do partido substituem o amor pelo político.

Há nesse ponto, uma formação de outra fidelidade e uma divisão nos sentimentos desses militantes. Ansart define essa questão como: uma fidelidade não mais aos ideais, mas ao aparelho do partido e, o esboço de uma separação mais ou menos profunda, entre as palavras apaixonadas dos militantes e a seriedade das tarefas cotidianas.<sup>83</sup>

Logo, segundo o autor, é uma ilusão pensar que há uma harmonia dos sentimentos, entre a base do partido e a sua liderança. O membro torna-se um funcionário do partido e os grandes ideais tornaram-se indiferentes para ele. Ansart designa esse fator como um divórcio, pelo fato de que, cada célula base e cada célula da liderança possuem suas particularidades.

Os membros da base tendem a não internalizar totalmente as mensagens vindas de cima, no sentido de manter aspectos que condizem a situação que se encontram, à sua própria cultura.<sup>84</sup> Pensando nesses termos, o partido político, ao mesmo tempo em que realiza uma projeção no interior de seu corpo, mobilizando seus membros pelas paixões, através do chefe, não é um corpo homogêneo, objetivo, possui seus conflitos entre membros e seus lugares de disputa interna.

Tratar da militância política ou do ser militante e suas orientações (anarquista, comunista, fascista, etc.), implicam em um primeiro momento, uma reflexão acerca do que são, de maneira conceitual. Dessa forma, Monclar Valverde em seu trabalho intitulado *Militância e Poder: Elementos para uma genealogia da atitude militante*, procura sugerir uma análise crítica dos elementos fundadores da militância. Argumentando,

Será conveniente entender a expressão “militância”, em muitos trechos do presente texto, segundo a acepção mais geral da atitude militante, com referência tanto a uma determinada postura diante da ação política, quanto a certas formas de conduta não necessariamente relacionadas ao que habitualmente se considera a “esfera do político”.<sup>85</sup>

---

<sup>83</sup> *Idem.* p. 119.

<sup>84</sup> *Idem.* p. 120

<sup>85</sup> VALVERDE, Monclar. *Militância e Poder: Elementos para uma Genealogia da atitude militante*. Salvador: EDUFBA, 1998. p. 11.

Em sua proposta, Valverde apresenta que seu propósito seria, de certa forma, estabelecer um lugar, um ponto de partida e uma perspectiva que se adequariam à caracterização do que ele chama de militante, de objetivação do *sujeito político*, a partir de determinadas e específicas relações de força, que incidiriam ou incidem, sobre o comportamento pessoal. Diante desse aspecto, os parágrafos seguintes pretendem exteriorizar, uma primeira visualização do que é a militância, considerando-a como uma prática que circunda ações políticas, relacionada assim, à noção de revolução.<sup>86</sup>

Considerando a militância como uma topologia política da ação, onde há o pressuposto básico da continuidade que vincula militância, revolução e história, Valverde argumenta que, o discurso militante se coloca como uma afirmação da ação, da mudança e do progresso. Nesse sentido, no que designa de topologia histórico-social, estabelecida pelo discurso militante, a Revolução é o lugar da revolução, onde há o ponto em que a realidade supostamente desdobra suas tensões e a história da sociedade se organiza num outro registro, numa outra ordem, em uma outra narrativa de si.<sup>87</sup>

Em outras palavras, a Revolução almeja atravessar o corpo social visando uma outra dimensão, onde a materialidade social e histórica iria se redefinir seguindo sua lógica, haveria a promessa, projeto e organização de uma nova configuração do social. Sendo assim, Valverde aponta que deve haver um lugar da Revolução na sociedade, em específico, um lugar imediato na história, para se legitimar enquanto tal. É na militância que deve caber esse papel e esse lugar.<sup>88</sup>

Como operador da diferença e máquina da transubstanciação, a militância se caracteriza como, simultaneamente, possível de superar o passado e conceber o futuro para o presente, essa característica se cumpre na promessa. Continuando o diálogo com Valverde, a militância precisa surgir como lugar político do movimento histórico, se constitui como posição presente, acionando um critério de verdade que se encontra no futuro.

Diante disso, o autor alerta que, para uma investigação histórica acerca da atitude militante e, consecutivamente, de um projeto revolucionário, a reflexão deve se acautelar diante do que é o pensamento dos agentes revolucionários. “Ela deve ter em vista uma

---

<sup>86</sup> *Idem.* p. 12

<sup>87</sup> *Idem* p. 17

<sup>88</sup> *Ibid.* p. 18

conceptualização que desloque a reflexão para um terreno distinto daquele definido pelas referências revolucionárias [...]”<sup>89</sup>

Isto é, a análise deve perceber a elaboração destas atitudes e projetos como frutos de seus momentos históricos, observando-os de acordo com suas configurações e condições de onde foram forjados. No mesmo sentido, “uma investigação em torno da militância política deve procurar estabelecer as condições para que a análise possa ultrapassar o quadro conceitual e referencial estabelecido pelo discurso militante.”<sup>90</sup>

Percebendo esses termos, a militância é uma ação social organizada que visa o poder e quer ser a radicalização política da ação, Valverde a define como inteligência da raiz política de toda ação e condição de seu pleno florescimento.<sup>91</sup> Se ela visa o poder, a militância gera obediência, dominação e consenso, pois, cria e expande poder, impondo a si mesma, características que a legitimam diante de seus adeptos.

Pierre Ansart em *Les Cliniciens des Passions Politiques*, numa reflexão sobre a paixão revolucionária em Karl Marx, aborda o seguinte problema: compreender de que maneira os sentimentos e as paixões, ligados à vida econômica, serão traduzidos ou transpostos para a vida política, ou, compreender como a classe operária pode ascender para a ação política e para a revolução. Ansart destaca, através de uma análise pormenorizada dos textos de Marx, que existe uma preocupação, de forma secundária, mas presente, da paixão revolucionária nesses escritos, podendo ser interpretados pela via das afetividades políticas, fazendo ver uma possibilidade de leitura que escape das interpretações economicistas posteriores à Marx e do que ele produziu.

Pelo mencionado sofrimento diante da exploração, há um crescente interesse para a ação política, pois, o modo de produção capitalista gera estruturalmente uma classe sofredora, ao mesmo tempo, esta pode se tornar uma classe resistente à opressão e potencialmente revoltosa.<sup>92</sup>

Esse raciocínio se aproxima dos estudos de Edward Thompson sobre a classe operária inglesa do século XVIII, ao propor que o povo não é apenas um dado estatístico, tampouco uma vítima da repressão política e da alienação industrial, mas, sim, um resultado

---

<sup>89</sup> *Id.*

<sup>90</sup> *Ibid.* p. 19

<sup>91</sup> *Id.*

<sup>92</sup> ANSART, Pierre. Karl Marx: La passion Révolutionnaire. In: ANSART, Pierre. *Les Cliniciens des Passions Politiques*. Editions Du Seuil: 1997.



ativo de sua própria formação, em uma constante resistência aos conflitos anteriores do período setecentista.<sup>93</sup> Ainda nesse mesmo sentido, Ansart reflete que, de acordo com sua problemática, duas preocupações vão guiar a análise que ele propõe,

uma conduz para enfatizar a continuidade entre as afetividades políticas e as posições nos sistemas políticos, a outra, não ignora as especificidades passionais da luta política, que estão longe de ser estreitamente reduzíveis para as determinações econômicas.<sup>94</sup>

Retornando a Valverde, para além de uma atitude, destaca a militância um conjunto que pode ser de ações racionais com respeito a fins, bem como um conjunto de ações racionais com respeito a valores, ou ainda, um conjunto de ações afetivas, de acordo com sua experiência cotidiana.<sup>95</sup> Desse modo, a militância política não seria uma ação desordenada, mas uma resposta ao seu contexto, influenciada por paixões e humilhações políticas.

Nesse ponto, parece haver uma tensão entre o que Valverde desenvolve e o que é formulado pelos estudos de Ansart, precisamente acerca das paixões políticas e da não dissociação entre razão e paixão (nesse caso, compreendendo razão = ação racional e paixão = ação afetiva). Valverde define esse quadro conceitual argumentando que a militância seria realizada em um conjunto de ações racionais ou em um conjunto de ações afetivas. Discordamos dessa abordagem e nos aproximamos do que Ansart propõe, apresentando razão e paixão como instâncias que agem simultaneamente nos comportamentos políticos, rompendo a suposta separação entre razão e paixão, bem como o pressuposto de que a primeira predomina diante da segunda.

A partir destes termos, a militância política, se caracteriza como um conjunto de atitudes organizada tanto pela razão como pela paixão, ódio, revolta, ira, furor, amor. Contudo, buscar um quadro conceitual da militância política de acordo com seus agentes, pode ser uma análise que corre o risco de ficar em um campo superficial, horizontal, caindo nos riscos de não compreendê-la de forma verticalizada, em suas especificidades. Para isso, Valverde sinaliza uma compreensão da própria militância, situando os aspectos que são relativos a esse termo, referenciando às regras que a caracterizam como prática. Assim, o autor fala de uma

---

<sup>93</sup> THOMPSON, E. P. *Op. cit.*

<sup>94</sup> ANSART, Pierre. *Op. cit.* p. 155/156.

<sup>95</sup> VALVERDE, Monclar. *Op. cit.* p. 20.

gramática da militância – isto é, um conjunto constituído pelo léxico das ações políticas militantes e pelas regras que as tornam possíveis – através de um procedimento hermenêutico que, instalando-se no campo próprio da genealogia, não desconheça o caráter de força que marca o sentido e as próprias interpretações.<sup>96</sup>

Sobre este léxico e sobre o lugar da militância, Valverde sugere que a militância se enquadra no campo das ações, ou das práticas, que percebem a Revolução como uma referência. É este o campo de atuação da militância política, pois, tanto a Revolução como a atitude militante são objetos novos, embora polissêmicas e múltiplas, em suas práticas e compreensões, são campos historicamente recentes em suas noções e ocorrências.

Dentro disso e tendo como referência a Revolução, o campo em que a militância se constitui, é um terreno de ações instituintes, que geram uma nova matriz do tempo, de instituições e de suas próprias atividades.<sup>97</sup> É com a Revolução Francesa que a militância vai herdar um certo *caráter originário*, tanto em seus procedimentos, como em seus discursos. Investe em uma originalidade de suas atividades, postula uma singularidade de seus mecanismos de luta e promete um novo estado das coisas, com suas utopias revolucionárias, fundando assim, um novo discurso moral. Atualiza a moral utilitária e forja, com seu pragmatismo revolucionário, uma tecnologia de valores que é capaz de constituir seu próprio *Decálogo*<sup>98</sup>.

Da mesma forma que a Revolução submete, ou tenta submeter a historicidade a uma perspectiva cujo horizonte é fornecido pelo *político*, a militância busca reorganizar o campo das ações, *politizando-o*, - em especial, a partir dos anos 60 do século XIX - torna-lo público e situá-lo na esfera do Estado.

Opera-se, por um lado, em linhas gerais, uma redução política do social e, por outro, uma subjetivação que motiva a ação revolucionária com discursos e ações de caráter originário e um rebatimento moral da política. É assim que Valverde define o campo da militância, visando uma reflexão como um quadro conceitual, do lugar da militância política.<sup>99</sup>

---

<sup>96</sup> *Id.*

<sup>97</sup> *Ibid.* p. 21

<sup>98</sup> *Ibid.* p. 22

<sup>99</sup> *Id.*

Um terceiro aspecto se caracteriza como o corpo dessa militância (o partido), para o autor, a ação militante é um mecanismo criador e restaurador, organizador da sociedade e da história, atua como uma máquina de produção de sentidos, uma vez que opera sobre as ações, submetendo então, a regras que as constituam, ou as façam constituir como processos de caráter incisivamente político, sendo ao mesmo tempo, instrumento, percurso e horizonte do investimento revolucionário.<sup>100</sup> Isto constitui a identidade dos próprios agentes, que não são apenas corpos utilizáveis do *movimento histórico*, mas elos necessários do devir. Logo,

do ponto de vista subjetivo, a militância é um ato voluntário, mas que remete a uma vontade capaz de operacionalizar a “inteligência da necessidade” que caracterizaria a liberdade que está em seu horizonte. A adesão pessoal ao seu projeto deve, portanto, dar-se por referência a este fundo de necessidade histórica, reconduzindo os constrangimentos atuais da ação ao campo remoto das determinações estruturais da “dinâmica social”. Neste sentido, ela é subjetiva, mas deve ser impessoal.<sup>101</sup>

O comportamento do militante, é controlado no sentido de que sua revolta deve ser lúcida, isenta de angústia e desespero, deve ser capaz de viver no isolamento sem jamais conhecer a solidão. Deve ser capaz, também, de “opor à opressiva opacidade das estruturas sociais que fundam a exploração e a dominação à cintilante transparência de seu projeto, de suas convicções e de suas atitudes”<sup>102</sup>, o militante é um *corpo de atos*. Ao lado disso, a ação militante procura circunscrever, delimitar, a própria região onde a dinâmica da sociedade se fundamenta, num sentido de querer se apresentar como o movimento da sociedade, assim, aciona todo um aparato, no que o autor chama de *apologia do devir*.

Sua constituição é afirmada e reiterada pela crença do surgimento de uma nova política, desdobrando-se no culto à prática, tendo como pano de fundo, ou melhor, a meta a atingir, o mito da iminência da Revolução.<sup>103</sup>

Entretanto, o que significa, de maneira conceitual, ação e política? Se o militante age, como é o espaço de sua atuação? De que forma se realiza? Pensando nesta questão, debruçamos-nos nas reflexões de Hannah Arendt a respeito dos dois termos. Para Arendt, a política se faz em um espaço, entre os homens, estabelecendo-se como relação, isto é, a política existe e trata da convivência entre diferentes, com base na pluralidade dos mesmos.

---

<sup>100</sup> *Ibid.* p. 23

<sup>101</sup> *Id.*

<sup>102</sup> *Id.*

<sup>103</sup> *Ibid.* p. 24

Organizam-se politicamente para coisas que compreendem que estejam em comum entre si, coisas definidas como essenciais, no que a autora denomina como “essenciais num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças”<sup>104</sup>. Se os homens se organizam em torno deste caos absoluto das diferenças, segundo Wolfgang Heuer, podemos partir da metáfora empregada pela autora para a compreensão do agir - da ação – entendida como o *palco*.

Este abre a dimensão do espaço e os indivíduos presentes tornam-se atores, logo, o palco é o espaço do aparecimento, lugar onde as relações se constroem e, isto só é possível com a prática do agir e do pensar, sem isso, o cenário se esfacela, juntamente com as perspectivas diversas que o espaço potencialmente traz<sup>105</sup>.

A política é uma necessidade para a vida humana, afirma Arendt, tanto para a vida do indivíduo como da sociedade, o homem depende de outros em sua existência e a política possui a tarefa e o objetivo de garantir a vida, em um sentido amplo<sup>106</sup>. A este respeito Celso Lafer comenta que, se a política é um produto da ação entre os homens, qual o significado da ação? Esta exige a vida pública, para que haja a possível coincidência entre a palavra viva e a palavra vivida, através da criatividade. É um constante movimentar-se, a criatividade da ação política se faz assegurada pelo “exercício contínuo da liberdade pública, que faz avançar e viver as instituições.”<sup>107</sup>

Se compreendida desta maneira, a ação política via a linguagem da militância, nos oferece uma chave de análise deveras interessante e potencialmente esclarecedora, pois, segundo Arendt, “é com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original.”<sup>108</sup> E se essa inserção no palco da política se dá pela intersubjetividade, a partir de palavras e atos, “o pensamento político baseia-se, em essência, na capacidade de formação de opinião”<sup>109</sup>.

---

<sup>104</sup> ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 23.

<sup>105</sup> HEUER, Wolfgang. Nem “eu” nem “eles”: Intersubjetividade no pensamento de Hannah Arendt. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion. (orgs.) *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009. p. 170-171.

<sup>106</sup> ARENDT, Hannah. Op. cit. p. 45-46.

<sup>107</sup> LAFER, Celso. Da dignidade da política: Hannah Arendt. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 22.

<sup>108</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11ª Ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 221.

<sup>109</sup> ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 30.

E é isso que nos interessa, a capacidade ou as potencialidades de formação de opinião que a militância política, ligada ao Partido Comunista do Brasil, a partir das ressonâncias das atividades de militantes comunistas que aparecem, ora via documentos da repressão e vigilância da polícia política (Delegacia de Ordem Política e Social/DOPS), ora via escritos, livros e revistas de um militante específico, que por ventura não é uma exceção, mas que se faz presente em sua particularidade. Deste modo, “o fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo.”<sup>110</sup>.

E tomando este ponto, como algo singularmente novo, destacamos a possibilidade de partir dos sentimentos de Antônio Rocha para entender, dada as possibilidades e indícios que surgem nas fontes, como os sentimentos podem ter contribuído para a sua passagem para a militância política e como esses sentimentos estão presentes na maneira como organiza e compreende o seu mundo. Podemos observar, analisando alguns fragmentos de seu depoimento,

[...] É doloroso você ver, né, um pai não poder levar comida pro filho, ver uma criança descalça na rua, comendo comida de lixo, lá perto da sapataria, pra não morrer de fome.

[...] O sofrimento é um processo em desenvolvimento e evolução, né... Por exemplo, quando eu era guri, eu me lembro, né... A gente comprava seis pães por um tostão, dava seis pães, cem gramas, dava cem gramas o pão, cem gramas. Comprava-se três, seis, o pão dormia pra outro dia e comprava seis por um tostão. Quer dizer, quem não podia comprar o pão do mesmo dia, comprava do outro dia e comia pão. Naquele tempo, comprava-se carne, marisco, tudo isso aí era barato, o povo corria pro marisco, corria pra carne seca, corria pro salsicho, hoje não tem mais isso<sup>111</sup>.

Vemos que o sofrimento, tal como designado por Rocha, é um elemento estruturante de sua visão a respeito de si mesmo, um sentimento que o faz refletir consigo, em seu interior, um signo comovente e mobilizador de sua atuação entre os seus pares, pois fará com que busque conhecimentos para criticar a realidade que vive, buscando alternativas para a realidade que experimenta. Como citado anteriormente, Ansart argumenta que o sofrimento

---

<sup>110</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 11ª Ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 223.

<sup>111</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 13 e p. 08.

que se coloca diante da exploração, pode tornar crescente o interesse para a ação política, de maneira que o modo de produção capitalista produz, de forma estrutural, uma classe sofredora, e simultaneamente, dependendo das condições materiais em que se encontra, esta pode se tornar uma classe resistente à opressão e potencialmente revoltosa.

Como não pensar a partir disso, quando entramos em contato com a seguinte argumentação de Antônio Rocha? Mais adiante, expõe um conjunto de argumentos muito interessantes, para refletir o sistema capitalista. Em seus próprios termos de compreensão, elabora o seu entendimento, começando pela pergunta,

quando foi que eles [classe dominante] tiveram sentimento humano? A gente ouviu dizer assim, num dia desses um rapaz tava falando, eu tava escutando e ele tava falando, em um outro dia, que nós estamos vivendo em um capitalismo selvagem hoje. Fiquei pensando, mas, quando foi que o capitalismo foi civilizado? Ele nunca foi civilizado, porque sempre foi capital, exploração do homem por outro homem, pela propriedade<sup>112</sup>.

Neste capítulo, realizamos uma reflexão a respeito da tipologia que a profissão de sapateiro desenvolveu e que ficou marcada como profundamente política, ou seja, um ofício ligado aos assuntos políticos de suas pequenas ou grandes cidades, ao largo de um processo histórico entre fins do século XVIII e início do século XX. Isto fundamenta nossa pesquisa no sentido de fornecer traços significativos que conectam o sapateiro Antônio Rocha aos velhos sapateiros ingleses da Europa pré-industrial, embora este não seja um dos objetivos deste empreendimento. Por um lado, percorremos pelas reflexões a respeito dos sentimentos na política, a qual tem por referência os estudos de Pierre Ansart, por outro lado, as propostas de Hannah Arendt para problematizar a ação política é importante para pensarmos o que é política nas relações intersubjetivas.

No próximo capítulo, analisaremos o contexto em que se formou a militância comunista no seu próprio processo de formação. Quando possível, Antônio Rocha aparecerá, de acordo com a sua experiência nos acontecimentos, como agente histórico, forjado em seu próprio tempo.

---

<sup>112</sup> Idem, p. 08.

## CAPÍTULO 2

### **“ACAUTELEM-SE OS PODERES CONSTITUÍDOS”: COMUNISTAS EM UMA CIDADE PORTUÁRIA**

#### *2.1 – O comunismo ameaça Paranaguá: O circuito de atuação dos comunistas*

Neste capítulo, nosso objetivo se concentra em apresentar as incidências de comunistas na cidade de Paranaguá, a fim de destacar que é neste ambiente que o sapateiro Antônio Araújo Rocha insere-se, igualmente, identifica-se ser o circuito onde os companheiros de militância do sapateiro estão presentes. Observaremos debates entre alguns militantes, evidenciando críticas, acusações e conflitos internos, bem como a movimentação de comunistas junto aos estivadores, uma vez que muitos destes estivadores são identificados pela Polícia Política como membros do PCB. Diante disso, apresentaremos brevemente alguns pontos das trajetórias dos militantes Estanislau Cardoso e Felipe Chede, em relação a Antônio Rocha, concentrando-se em observar como a militância comunista em Paranaguá formava-se de maneira heterogênea e conflituosa.

Unido à movimentação dos trabalhadores de Paranaguá, destacamos a especificidade de Antônio Araújo Rocha nessa conjuntura, apontando que sua militância, em particular, se caracteriza por não ser um estivador em uma cidade predominantemente repleta destes trabalhadores, participava das mobilizações políticas, mas, não era sindicalizado. Podemos verificar isso a partir do seu depoimento, quando é perguntado sobre como era a sua atuação política e se era sindicalizado,

Eu não participei de sindicato porque não sou sindicalizado, mas participava muito dessas [greves], paralelamente. Assim, né... Participava dessas lutas, executando as tarefas na rua, fazendo essas coisas, propaganda na rua, né. Então, quer dizer que eu não falo em nome de sindicato, porque eu não sou sindicalizado. Participo das lutas, tenho o direito. [frase incompreensível], essa é a minha contribuição, de uma pessoa que participou das lutas<sup>113</sup>.

Dessa forma, partimos de um relatório da DOPS, a respeito da infiltração de comunistas em Paranaguá, em especial no porto.

“Acabo de regressar do litoral, onde entrei em contacto directo com os comunistas de Paranaguá e Antonina, assim como com os ferroviários, desde a estação de Banhado até a primeira daquelas”<sup>114</sup>. 25 de novembro de 1946, o agente da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) identificando-se como Louis Antoine, informa seu superior a respeito do que observou na região do litoral do Estado do Paraná, descrevendo sua infiltração entre os trabalhadores, com o objetivo de colher o máximo de informações que apontem indícios da influência das ideias comunistas e, da organização dos operários para a greve em curso. O relatório descreve com maiores detalhes, a situação na cidade de Paranaguá e apresenta alguns apontamentos acerca de Antonina:

#### O MOVIMENTO GREVISTA:

O movimento irrompeu na “Estiva Terrestre”, de acordo com a “Estiva Marítima” e com os ferroviários de Paranaguá, assim como com os estivadores de Antonina. O motivo da greve: aumento de salários, para Cr.\$ 30, 00 e extraordinários em dobro, ou seja á razão de Cr.\$ 8, 00 por hora de trabalho, além das 8 horas. Segundo declaração que ouvi de vários dos grevistas, foi dada uma trégua de 10 dias, que terminará no dia 2 de dezembro. Si dentro desse prazo não forem atendidos nas suas pretensões, irromperá o movimento, nóvamente, com apoio dos estivadores marítimos de Paranaguá e dos seus colegas de Antonina. Tais declarações ouvi de Nortenio de Tal, presidente do Sindicato de Trabalhadores Terrestres, de Armazens, de Trapiches e Café, e de José Bezerra de Vasconcellos, presidente do Sindicato dos Estivadores de Paranaguá<sup>115</sup>.

Em 23 de novembro, o delegado Palmyro de Oliveira, responsável pela Delegacia Regional de Polícia, em carta encaminhada ao Interventor Federal do Estado, Major Fernando

---

<sup>113</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 06.

<sup>114</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 5.

<sup>115</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 5. Durante a leitura da fonte, nota-se que a escrita diferencia-se do português atual. Decidi manter a escrita original, por motivos estéticos, apresentando como a pessoa escreveu seu texto.



Flores, relata que no dia 28 de outubro, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores, chamado Nortenio Nascimento, enviou uma carta ao diretor do Departamento do Cais do Porto – Antonio Artigas – pedindo o aumento dos salários, “em virtude da grande carestia da vida que atravessamos no momento”, a resposta de Artigas foi negativa, destacando que “nada tinha que vê com o Sindicato, e sim, com a Associação dos Trabalhadores Portuários, Associação éssa que, segundo consta, não existe”.

No dia 5 de novembro, Nortenio Nascimento responde Artigas, convidando-o para debater o assunto em uma reunião, o que é também negado pelo referido diretor. Alguns dias depois, em 10 de novembro, Nortenio “oficiou ao Dr. Artigas, dizendo que no dia 22 do mês atual, os trabalhadores dariam a resposta do seu último ofício, o que fiséram ontem, com o seu não comparecimento ao trabalho à noite”<sup>116</sup>.

Observando o primeiro trecho do relatório do agente Antoine, a respeito do *Movimento Grevista*, é possível perceber que há indícios da articulação entre os trabalhadores do litoral, principalmente se for considerado o contato que a linha férrea faz entre as cidades de Paranaguá e Antonina, bem como as relações marítimas, uma vez que as duas regiões são áreas portuárias, onde o fluxo de pessoas é constante, possibilitando a circulação de informações. Um terreno fértil para a organização operária.

Antoine afirma que as declarações dos trabalhadores foram apresentadas por Nortenio Nascimento e José Bezerra de Vasconcellos, o primeiro, como já mencionado, é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Terrestres, dos Armazéns, dos Trapiches e do Café; o segundo, presidente do Sindicato dos Estivadores de Paranaguá.

A única informação a respeito de José Bezerra de Vasconcellos, para além do relatório, aponta que é filiado ao Comitê Estadual do Partido Comunista do Brasil, em Paranaguá, a partir do mês de outubro de 1945<sup>117</sup>. Sobre Nortenio Nascimento, em uma carta provavelmente destinada ao delegado da DOPS em Curitiba, datada de 31 de março de 1948, uma pessoa identificada como “Jorge”, escreve que ele é um “elemento fomentador de queixas, e descontentamentos. Foi candidato a vereador pelo P. C.” e expõe suas impressões acerca de alguns comunistas na cidade e de sua intenção de ficar próximo deles, agindo sob cautela, pois,

---

<sup>116</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 8.

<sup>117</sup> DEAP/DOPS. Ficha Individual de José Bezerra de Vasconcellos. Nº 45. 292.

[...] Atualmente os elementos andam muito precatados. Eu ainda não frequentei nenhuma reunião, mais assim que o fizer, te mandarei contar o assunto ventilado na mesma. Eu tenho procurado chegar muito de manso, porque eles sempre suspeitam de gente que vai de Curitiba para Paranaguá ou Antonina, para passar temporadas.

Tem um navio do Loide, que as vezes traz jornais e correspondência do Rio para o pessoal daqui. Vou procurar saber e informarei, o que se trata.

Eu não tenho demonstrado muito interesse assim de chegada, porque o pessoal é muito esperto, e não quero nem de leve que suspeitem, que estou do outro lado.

Tenho estado em contato com elementos, mas muitos deles, (não sei se é verdade ou não), mostran-se desinteressados das atividades comunistas; outros conservam a mesma animação pelo crédo, mas estão mais desconfiados.

Vou procurar saber certo o navio que traz propaganda, bem como o elemento que aquí a recebe e para onde a manda.

[...] Espero que isto sirva para inicio de meu trabalho, e fazer jus a promessa que fizestes; [...] Tudo pelo nosso querido Brasil, com um abraço do, Jorge<sup>118</sup>.

A partir de 1945, o Partido Comunista do Brasil entra para a legalidade, e que será logo retirada em 1947, no entanto, este curto período proporciona um aumento considerável em seu contingente, levando-nos a pensar que membros do PCB faziam-se presentes em diferentes áreas do trabalho na cidade de Paranaguá<sup>119</sup>. Neste sentido, Louis Antoine inicia seus apontamentos destacando a presença de comunistas na cidade, enfatizando a região portuária e central.

#### MOVIMENTO COMUNISTA:

Em Paranaguá, todo aquê que não fôr da Policia e se disser simpático ao crédo vermelho, terá a impressão de que está numa cidade genuinamente comunista. O primeiro elemento com quem entrei em contacto, ali, foi Oswaldo Silva, funcionário da Alfandega, com exercicio na Comissão do Porto. Disse-me ele que não é fichado no P. C., porque funcionário da Comissão, encarregado de receber e transmitir mensagens e propaganda, si fosse elemento fichado, fatalmente, seria prejudicado. Apresentou-me êle, em seguida, Sebastião Moreira, destacado prócer vermelho e João Sovalski, ambos da célula de Paranaguá. O proprietário da Pensão Central, situado numa esquina, defronte ao Restaurante Cruzeiro, assim como o proprietario do Bar Pinguim, são comunistas. Em ambos os estabelecimentos se reúnem grupos comunistas, conspirando. Rodadas de cerveja ou de cachaça servem de disfarce para as reuniões.

#### NO PORTO:

---

<sup>118</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 105.

<sup>119</sup> Sobre o período de legalidade do Partido Comunista do Brasil e de seu contingente nesse momento, no Estado do Paraná e na cidade de Paranaguá, iremos discutir mais adiante.

Depois de examinada a situação no “Centro”, passei-me para o Porto, acompanhado de Oswaldo. Fui visitar, Machadinho, maquinista da Estrada, velho e conhecido comunista, atualmente licenciado da Rêde, estabelecido no Porto, com um botequim. Não o encontrei. Permaneci, então, no botequim do “seu” Antonio, visinho de Machadinho e seu compadre, também comunista. Alí é que falei com os grevistas e com estivadores marítimos. Nessa casa entravam e saíam, á cada instante, marítimos dos vapores “Caxambú” e “Farrapo”, todos eles comunistas, aos quais o “seu” Antonio e Oswaldo me apresentavam como “camarada”. Sempre que indagavam da missão que me levava ali, respondia: “Ando colhendo dados para um folheto de propaganda que vou escrever sobre o desenvolvimento do comunismo no Paraná.” Horas depois falei com Machadinho. A sua casa é um verdadeiro “arsenal” comunista, de material de propaganda. Machadinho é, de instante em instante, procurado por ferroviários comunistas. Repetiu-me êle as mesmas cousas que me foram ditas pelos presidente dos Sindicatos, sobre a grêve, adiantando-me que não tardará a grêve na Estrada, mesmo que seja uma pequena grêve. “Estamos, assim, nos preparando para a grêve geral e talvez para a revolução”, disse êle. Na casa de Machadinho vi dois cartazes. No primeiro dizia assim: “Vende-se jornais do Partido Comunista Brasileiro. Operario lê os teus jornais”. No outro: “Já não devemos dar apoio a Moysés Lupion e ao P. T. B., porque ambos dêram as mãos ao P. R. P., Partido Integralista”. Ouvei, aliás, de todos os comunistas dali, e de vários estivadores de Antonina, que haviam chegado pelo trem de domingo, a mesma opinião. De Machadinho e de Oswaldo Silva ouvi ainda o seguinte: “Êles não querem que nossas fileiras engrossem, mas êles mesmos estão nos auxiliando. O Delegado Palmiro é um bandido! Tem dado de palmatória e metido a borracha nos operários, que, logo em seguida entram no nosso partido. O pessoal de Limpeza Pública está vindo todo para nós. Ganham pouco, teem os vencimentos atrasados e retiram vales que um funcionário da Prefeitura desconta com 40 %...”.

#### PROVA DE ORGANIZAÇÃO:

Do Porto, já ás 8 horas da noite voltei sózinho, de ônibus. Fui jantar no Bar Pinguim, na Rua 15. Mal tomára assento em uma mesa oculta, apareceu um senhor de bôa aparência que, encostado ao balcão pediu um cópo de vinho. A seguir tomou lugar na minha mesa, sem pedir licença. Apresentou-se como comunista, dizendo-se tio de Flavio Ribeiro, chamar-se Oscar Saldanha e ser enfermeiro militar, reformado. Está passando algum tempo em Paranaguá, foi o que disse. Da palestra que mantive com êle, e, posteriormente, com Oswaldo Silva, conclui que Oscar foi ali como emissário de Flavio e desempenha o papel de orientador daquêla gente. “O Patitucci é o chefe porque é delegado do Centro, mas nós gente de mais valor que orienta os nossos homens”, disse-me Oswaldo. Dos 600 associados do Sindicato dos Marítimos e dos 300 da Estiva Terrestre, mais de 600 são filiados ao comunismo.

#### EM ANTONINA:

Segundo palestra que mantive com Tainhóta presidente do Sindicato da Estiva, pessoa que me fora indicada como a mais credenciada (como) para falar, soube que a célula dalí conta com uns 300 filiados, além de mais uma centena de simpatizantes. Também não darão apoio á Lupion e aos do P. T. B., e são solidários com os grevistas de Paranaguá<sup>120</sup>.

<sup>120</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. pp. 5-6.

O agente Antoine oferece informações que, compreendidas como parte de um processo que se desenvolve no início da década de 1920 (com a fundação do PCB em 1922), apresentam-se passíveis de entendê-las no sentido da formação da militância política e da adesão dos trabalhadores ao debate político, com vistas a garantir condições de vida favoráveis à sobrevivência e, em medidas diversas, observar a inserção da cultura política comunista como signo mobilizador às lutas cotidianas.

Entretanto, é preciso considerar que, diante do relatório apresentado, sabemos de sua parcialidade e escrita tendenciosa, uma vez que o agente é funcionário da Polícia Política, cuja tarefa é combater aquilo que pode ser potencialmente ameaçador para a segurança nacional. Em contrapartida, a riqueza de detalhes que o relatório oferece possibilita compreender sua leitura a respeito da movimentação dos trabalhadores, identificando-os na identidade de comunistas, o que permite perscrutar ecos de um passado de militância e de resistência à repressão do Estado.

A insatisfação dos trabalhadores em relação aos seus salários se traduz em ameaça de continuar com a greve, caso suas reivindicações não sejam atendidas. A partir deste ponto, sinais da violência policial surgem quando é dito que o delegado Palmyro é responsável pela repressão, tendo “metido a borracha nos operários”. E essa mesma violência é apontada como uma ligação dos operários com o PCB e do aumento dos seus membros, podendo ser um elo chave para a resistência, a junção da insatisfação salarial com certo ressentimento e ódio, em relação à violência da polícia, materializada na figura do delegado, aquele “bandido!”.

Do porto ao centro de Paranaguá, o agente Louis Antoine entra em contato com vários militantes, justificando que sua presença, na região, é estritamente informativa, “colhendo dados para um folheto de propaganda que vou escrever sobre o desenvolvimento do comunismo no Paraná”, certamente colheu dados de muito interesse para a Polícia Política, observando a circulação de militantes comunistas pela cidade e, entrando em contato com alguns membros do partido que desempenhavam, possivelmente, funções de divulgação da imprensa comunista, como é destacado o papel da pessoa identificada como Machadinho<sup>121</sup>, que é “de instante em instante, procurado por ferroviários comunistas”, possuindo em sua casa um “verdadeiro ‘arsenal’ comunista, de material de propaganda”.

Chegando ao Bar Pinguim, localizado no centro da cidade, com endereço à Rua XV de novembro, Antoine se aproxima de dois nomes importantes da estrutura interna do partido

---

<sup>121</sup> A respeito de Machadinho, não encontrei informações sobre sua atuação no partido, nem sobre o seu nome.

- o primeiro em nível estadual e o segundo em nível municipal -, via Oscar Saldanha, homem que segundo ele, “diz-se tio de Flavio Ribeiro” e que está na cidade como emissário do mesmo, para desempenhar a função de orientador “daquela gente”, e que o Patitucci “é o Chefe porque é delegado do Centro, mas nós gente de mais valor que orienta nossos homens”.

O ano é de 1946, é provável considerar que a presença de Oscar Saldanha na cidade se deva ao *IV Congresso do Partido Comunista do Brasil*, ao qual irá mobilizar os militantes para o debate em torno da Assembleia Nacional Constituinte, e terá como uma das pontas de lança o pedido de revogação da Carta de 1937, bem como a escolha de candidatos para as eleições daquele ano.

De acordo com o estudo de Márcio Mauri Kieller Gonçalves, Flavio Ribeiro fez parte dos dirigentes do Partido Comunista no Paraná, foi secretário de divulgação e propaganda entre 1945/47 e diretor do *Jornal do Povo* até 1949, atuando fundamentalmente na organização do partido na região norte do Paraná<sup>122</sup>. Segundo um relatório da DOPS, presente em seu dossiê, o qual oferece um histórico de sua trajetória no partido, Flavio Ribeiro fixou-se na cidade de Londrina, realizou “atividades marcantes na instalação do Partido Comunista no Paraná e em todos os seus setores” e ao fim do Estado Novo, com a intenção do partido em entrar na legalidade, “exonerou-se das funções na imprensa e começou a participar de Comitês Democráticos Populares, com a finalidade de preparar o povo em favor da legalidade do partido comunista”.

Nos trechos finais do seu breve histórico, o relatório aponta que “esse elemento que sempre viveu em precária situação econômica, depois que começou a se integrar no movimento partidário, teve sempre desafogo financeiro”, de maneira hipotética, o relatório sugere que a remuneração de Flavio Ribeiro se dava pelo partido e que “trata-se de uma pessoa inteligente e capaz, profundo conhecedor da filosofia marxista e dos métodos mais eficientes de propagação”<sup>123</sup>. A ação política de Flavio Ribeiro se faz presente desde abril de 1936, com sinais de suspeitas de “exercer atividades comunistas” naquele momento, até 1979, quando é anistiado<sup>124</sup>.

---

<sup>122</sup> GONÇALVES, Márcio Mauri Kieller. *Elite Vermelha: Um perfil socioeconômico dos dirigentes estaduais do Partido Comunista Brasileiro no Paraná – 1945 – 1964*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: UFPR, 2004.

<sup>123</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 1216. Topografia: 341. pp. 77-78.

<sup>124</sup> DEAP/DOPS. Ficha Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 34. 480.

Angelo Maria Pattitucci, alfaiate, a partir do breve histórico de militância que a DOPS levantou acerca de sua atuação na cidade de Paranaguá, em março de 1940 é descrito como “comunista fervoroso”. Pattitucci aparece como Secretário de Organização e Finanças do Comitê Municipal do PCB, na data de 19 de setembro de 1945. Ainda no mesmo ano, os dados informam que reuniões do partido foram realizadas dentro de sua casa, e que a estruturação de uma das células comunistas da cidade, chamada *Leocádia Prestes*, “que sobre a orientação do fichado, foi mais um passo andado no caminho da Organização Política de que está o mesmo empenhado”, essas foram as palavras de seus companheiros, na referida reunião”. Também “conhecido como chefe dos elementos comunistas, conforme informação do agente reservado de Paranaguá” em 31 de março de 1948<sup>125</sup>.

Desempenhou outros cargos no interior do partido, um desses cargos foi o de Secretário Político, aparecendo suas atividades através de cartas assinadas sob esta função, na data de 16 de março de 1946, cartas essas endereçadas a Walfrido S. de Oliveira, Secretário Político do Comitê Municipal de Curitiba, tratando de assuntos relacionados ao Comitê de Paranaguá. Alguns meses depois, em 14 de julho, “consta o nome do fichado em um abaixo assinado, junto a Assembleia Constituinte, em sinal de protesto sobre a vinda dos fascistas do exército polonês do General inglês Andrews”<sup>126</sup>.

Há indícios de suas atividades como comunista que remontam à década de 1930, seu nome está presente juntamente com outros, em relatório datado de 27 de maio de 1936, levantado por inspetores que se identificam como “8” e “10” da Delegacia Auxiliar. Neste relatório, Pattituci aparece como membro da *Aliança Nacional Libertadora*, ao lado de outras pessoas que também fazem parte da mesma organização<sup>127</sup>.

Contudo, o curioso das atividades de Pattituci é que “em julho de 1937, com o nome de Angelo Pacheco foi nomeado agente reservado desta D. O. P. S., prestando então interessantes informações de seus antigos companheiros. Até 1939 serviu a esta Delegacia”, mais adiante, no ano de 1945, nos deparamos com outra informação controversa em relação à Angelo Pattituci, onde seu trânsito de um extremo ao outro, ou seja, da Aliança Nacional Libertadora à agente reservado da Polícia Política, é observável quando sua ficha aponta que “assinou uma moção de apoio à União Democrática Nacional, tendo em 27 de julho do

---

<sup>125</sup> DEAP/DOPS. Ficha Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 30. 754.

<sup>126</sup> DEAP/DOPS. Idem.

<sup>127</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 0257. Topografia: . p. 15.

mesmo ano publicado na ‘Gazeta do Povo’ uma declaração na qual se desligava daquele partido ‘por se achar perfeitamente integrado à linha política do Partido Comunista do Brasil, ao qual sempre pertenceu’<sup>128</sup>.

Márcio Mauri Kieller Gonçalves cita Angelo Pattituci como o dirigente do partido em Paranaguá nos anos quarenta, também apontando esta característica de agente infiltrado da repressão do governo Vargas<sup>129</sup>. A respeito da incidência de comunistas, durante os anos trinta, na cidade, e da relação de Pattituci com o partido, discutiremos mais adiante. Por ora, vamos nos ater aos anos quarenta.

Retornando ao Bar Pinguim, podemos imaginar algum tipo de música ecoando, talvez um rádio, sintonizado na estação local, seria Noel Rosa? Jararaca e Ratinho, Bando de Tangarás? Não se sabe. O ambiente um pouco escuro, pessoas trocando palavras ao redor, é novembro, o verão se aproxima e as temperaturas costumam elevar-se nesta época. Nada que uma janela e portas abertas não soprem uma agradável brisa para os clientes.

Entre copos de vinho e conversas, a observação do agente Antoine oferece aqui uma interessante reflexão. Sua “conclusão” a respeito de Oscar Saldanha, o apresentando como emissário, levava-nos a Flavio Ribeiro e sua militância junto ao partido, sugerindo as trocas de informações entre Comitês Municipais. Uma vez que Ribeiro está localizado em Londrina, manter contato com Paranaguá torna-se importante, já que é diretor do *Jornal do Povo* neste momento.

Porém, Saldanha parece subestimar os comunistas de Paranaguá, afirmando que ele e Ribeiro são “gente de mais valor” e que está ali para “orientar nossos homens”, provavelmente, pode ser que haja algum tipo de conflito e disputas de influências entre membros, quando o agente Antoine destaca a fala de Saldanha a respeito de Pattituci, argumentando que ele é o “chefe” na cidade, pelo motivo de ser “delegado do centro”, isto é, da célula do centro, e que são os dirigentes que possuem os mecanismos de orientação mais adequados para os militantes e demais membros<sup>130</sup>, estaria sugerindo que Pattituci não é capaz de organizar o seu pessoal?

Diante da circulação do agente Antoine entre os operários, verificando a presença de comunistas na cidade e sua movimentação na greve para melhores salários, como ele mesmo

---

<sup>128</sup> DEAP/DOPS. Ficha Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 30. 754.

<sup>129</sup> GONÇALVES, Márcio Mauri Kieller. Op. cit. p. 87.

<sup>130</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 6.

afirma que mais de 600 são filiados ao partido, unidos aos operários de Antonina que somam aproximadamente 300 filiados, “além de mais de uma centena de simpatizantes”<sup>131</sup>, o delegado Palmyro de Oliveira comenta no fim da citada carta ao Major Fernando Flores, Interventor Federal do Estado, a partir da conversa que manteve com Nortenio Nascimento que, se até o dia primeiro de dezembro o aumento salarial não fosse concedido aos operários, “os sindicalizados, possivelmente, ficarão em casa e não irão trabalhar”<sup>132</sup>.

Dias depois, em 28 de novembro, o secretário da Administração do Porto de Paranaguá, Ruy F. Itiberê da Cunha, também encaminha uma carta para o Major Fernando Flores, dissertando acerca da greve em movimento e, precisamente, sobre a reivindicação do aumento dos salários que os operários objetivam. Nesta carta, Ruy Cunha propõe “expor as circunstâncias que envolvem o assunto e apresentar os estudos, que sôbre a matéria, foram levados a efeito”<sup>133</sup>. Assim, explica que,

[...] de há muito, vem sendo realizado o serviço de capatazias no Pôrto de Paranaguá, por trabalhadores especializados. Parte, que constitue aproximadamente 50% dos trabalhadores, é sindicalizada. O pessoal sindicalizado, a-fim-de tratar de suas reveendicações, deliberou, em reunião de 7/10/46, pedir um aumento de salários, cujo aumento, incide na tabela de taxas de remuneração á mão de obra dos serviços de capatazias.

Tais serviços, são retribuídos pelas taxas constantes da tarifa, portuária, posta em execução, a 10 de maio do corrente ano, após ter sido aprovada pelo Ministério da Viação e Obras Públicas.

Dessa forma, o departamento do Pôrto de Paranaguá, organizou um mapa comparativo (anexo n. 1) entre as tabelas de taxas pedidas pelo Sindicato dos Trabalhadores e taxas arrecadadas para cobrir os serviços correspondentes, fazendo figurar no mesmo comparativo, os prejuízos ou lucro de cada taxa, desde que venha a ser paga a tabela proposta pela entidade de classe.

Acresce que o referido pessoal, em outras ocasiões, há encaminhado pedidos idênticos ao atual, e, esse Departamento tem atendido, sempre que a taxa de capatazias comporte a despesa que o aumento origina.

Assim, em fevereiro último, o Pôrto, satisfazendo o que pediu o pessoal sindicalizado que trabalha na manipulação de cargas, concedeu um aumento, tanto no salário mínimo que antes dera de Cr.\$20,00 ordinário e Cr.\$26,00 extraordinário, para Cr.\$25,00 e Cr.\$32,50, respectivamente, enquanto que, nas taxas de remuneração a mão de obra de tais serviços, os aumentos atingiram em média 40%.

Ora, o aumento acima aludido, concedido ao referido pessoal, constitue o fruto de sério entendimento havido em assembleia geral, na Sede do Sindicato dos Trabalhadores, a 7 de fevereiro do corrente ano, entre

---

<sup>131</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 6.

<sup>132</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 9.

<sup>133</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 10.



trabalhadores, Capitão dos Portos – representando a Delegacia Trabalho e Diretor do Pôrto de Paranaguá – como empregador.

Como a tendência dos trabalhadores era prosseguir com a greve iniciada a 28 de janeiro próximo passado, propôs, o snr. Capitão dos Portos, a constituição de uma Associação Profissional de Trabalhadores Portuários, baseada nos arts. ns. 512, 558 e 561 do Capítulo I, Título V, da Consolidação das Leis Trabalhistas, proposta esta aceita por unanimidade.

A mesma assembleia geral, elegeu dentre os trabalhadores, a Diretoria que devia dirigir os destinos da móvel entidade, tendo o snr. Presidente do Sindicato dos Trabalhadores, presente à assembleia, gentilmente cedido a sala às reuniões à associação então organizada.

De 7 de fevereiro até 15 de outubro do corrente ano, manteve a Diretoria do Pôrto estreita ligação com a associação organizada para atender seus serviços; todas as reivindicações dos trabalhadores, eram apresentadas pela Diretoria eleita, ao Diretor do Pôrto, que a-fim-de dar vigor à Associação, imprescindível para os trabalhadores portuários, concedeu, a título de gratificação mensal, Cr.\$100,00, a cada membro da Diretoria em exercício.

Isto feito, autorizou, o Exmº. Snr. Ministro da Viação e Obras Públicas, pela Portaria nº. 687, a cobrança de 30% sôbre as antigas taxas da tarifa portuária, para fazer face aos aumentos de salários, convencionados em assembleia geral acima aludida [...]<sup>134</sup>.

O documento continua, apresentando as condições do porto de Paranaguá em relação aos portos de Antonina, São Francisco e Itajaí. Em linhas gerais, Ruy Cunha discorre que esses três portos não se estabeleceram, de igual maneira, tal como o “vultoso capital que exigiu a construção do Porto de Paranaguá” e que, não possuindo esse investimento, facilitam “serviços pelo menor preço que o de Paranaguá; êste regido por leis federais, com tarifas, fiscalização, etc., aqueles sem formalidades algumas, realizando o próprio comércio”, dispõem do não compromisso de ressarcir o investimento que é empregado na construção do porto, por não estarem submetidos a fiscalizações rigorosas.

“Nos portos de instalações rudimentares, os armadores, proprietários de pontes e despachantes, constituem uma só pessoa, elemento que simplifica grandemente as operações”. Já nos portos organizados, “o porto é a primeira pessoa, o armador a segunda e o dono da mercadoria a terceira; as duas últimas visando lucros”. A questão, levantada pelo secretário Ruy Cunha, se caracteriza pelo problema dos portos não organizados subsistirem com taxas menores, “os clientes gosam de taxas menores [...] e algumas vezes preferência na

---

<sup>134</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. pp. 10-12. O anexo número 1 que é citado pelo secretário Ruy Cunha não foi localizado para esta pesquisa.

movimentação de suas mercadorias”<sup>135</sup>, o que tem ocasionado a diminuição dos serviços do porto de Paranaguá.

Infelizmente, as informações que poderiam levar se o sindicato dos trabalhadores, articulado em parte pelos comunistas sindicalizados, conseguiu ou não seus objetivos de aumento de salários, não são possíveis de observar, dada a insuficiência das fontes em fornecer tal empreendimento com precisão, apenas constatamos propostas de negociações, uma vez que as autoridades portuárias não estão interessadas em negociar com o sindicato e sim com a organização proposta pelas próprias autoridades, qual seja a Associação dos Trabalhadores Portuários. Não esqueçamos a carta, já mencionada, do Delegado Palmyro de Oliveira, do dia 23 de novembro, onde consta que a mencionada Associação “não existe”, porém, vemos que ela surge se organizando, descrita pelo secretário Ruy Cunha no dia 28 de novembro.

Todavia, o que não deixa de ser interessante é a capacidade de organização que os operários de Paranaguá desenvolvem nesse período, mesmo não podendo observar a conquista ou o fracasso do aumento dos salários, o sindicato dos trabalhadores pode ter saído fortalecido desses embates, em relação aos dirigentes do porto, que afirmam não estarem dispostos a negociarem com o sindicato. Se pensarmos na sincronia com o contexto mais amplo, isto é, aliado a outras situações, é possível se aproximar do comportamento operário, analisando outro documento, datado três anos após a greve de 1946.

Em carta encaminhada para a DOPS, com data de 1º de agosto de 1949, o Delegado Palmyro de Oliveira relata que os operários da Estiva Marítima aderiram à greve “em solidariedade com as Estivas de todos os Portos Nacionais, em sinal de protesto á Portaria Nº 267 de 25 de julho do corrente ano, expedida pelo Ministério da Aviação, a qual reduziu em 50% na taxa de estiva e desestiva” das cargas que possuem o destino de exportação. O Delegado conclui, comunicando em seu documento que “os elementos componentes da Estiva Marítima grevista dêste Porto, em sua maioria são pertencentes ao ex-Partido Comunista Brasileiro, mas entre tanto adianto á V. S., que tal movimento grevista, parece não ser de cunho comunista”<sup>136</sup>.

Nesse momento, o sapateiro Antônio Rocha expõe a sua percepção desse movimento organizado pelos trabalhadores, “[...] a gente deu apoio, né. Na greve da Estiva, o sindicato

---

<sup>135</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 13.

<sup>136</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65. p. 2.

mais forte era o sindicato da Estiva. Aí a data não to me lembrando bem, 1949, né... A greve do carvão, né... Uma greve muito grande, e essa Estiva era forte [...]”<sup>137</sup>.

Os elementos dos quais o Delegado Palmyro de Oliveira comenta serem membros do PCB que, naquele momento encontra-se na clandestinidade desde 1947, são, na maioria, estivadores. De acordo com um levantamento encaminhado por Oliveira ao Delegado da DOPS do Paraná, em 7 de maio de 1948, segue “uma Relação nominal dos componentes do extinto Partido Comunista Brasileiro, desta cidade, com discriminação das profissões dos mesmos”<sup>138</sup>.

O tipo de profissão, ofício ou ocupação dos trabalhadores é heterogêneo, mesmo a maioria possuindo relações com o porto. Podemos verificar a presença do alfaiate Angelo Maria Pattituci, do sapateiro Antônio Araújo Rocha e outros membros do partido<sup>139</sup>. Como sugerimos anteriormente, membros do PCB faziam-se presentes em diferentes setores na cidade de Paranaguá, principalmente após a entrada do partido na legalidade.

Aparecem comerciantes, padeiros, confeitores, barbeiros, estudantes, operários, motoristas, um operador cinematográfico e seu ajudante, vigias, ferroviários, pintores, lavradores, domésticas, bancários, garçons, mecânicos, um carpinteiro naval, carroceiros, eletricitas, pescadores, pedreiros, um encanador, marceneiros, funcionários públicos, conferentes do porto e um prático<sup>140</sup>. Ao todo, o levantamento do delegado soma 346 pessoas identificadas como comunistas, naquela ocasião.

Faremos um breve intervalo, cuja necessidade justifica-se em inserir o contexto da cidade de Paranaguá em camadas um pouco mais amplas, para além de sua atmosfera. Sendo assim, podemos verificar a incidência de comunistas no litoral paranaense no estudo realizado por Valéria Villa Verde<sup>141</sup>, sobre as atividades sindicais dos trabalhadores de Paranaguá, com o recorte temporal entre a década de 1950 ao golpe militar de 1964, onde busca reconstruir certa memória operária - sindical, por meio de entrevistas com trabalhadores que vivenciaram o período, definindo como parâmetro analítico, os testemunhos das lideranças da unidade sindical, denominada *Fórum Sindical de Debates do Litoral Paranaense*.

---

<sup>137</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 06.

<sup>138</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 106.

<sup>139</sup> Dedicaremos, mais adiante, uma apresentação de outros membros do partido que, oscilam na documentação entre os anos 1930 aos anos 1950, aparecendo, vez ou outra, com maiores detalhes.

<sup>140</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. pp. 107-112.

<sup>141</sup> VERDE, Valéria Villa. *Fórum Sindical em Paranaguá: Tecendo um princípio*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 1988.

Seus objetivos permeiam captar o movimento sindical no contexto das lutas político – sindicais do momento e o que julga em termos essenciais, recuperar uma memória operária de lutas, em nível local. Assim, a autora pretende compreender os processos político – culturais do país, optando teoricamente, para a atenção em momentos específicos e locais que, por sua vez, podem ser capazes de oferecer elementos que contribuam para uma compreensão da história social do país<sup>142</sup>.

A contribuição da autora é, sem dúvida, um importante estudo para o entendimento da história das lutas políticas dos trabalhadores no Estado do Paraná, dedicando-se a analisar o espaço de Paranaguá como campo de lutas. Entretanto, deixa de lado um passado em que a mobilização dos trabalhadores estava sendo gestada pela militância política. Villa Verde deixa escapar as relações dos trabalhadores com a Aliança Nacional Libertadora durante a década de trinta, bem como com o PCB, uma vez que se atém de maneira única aos acontecimentos da década de cinquenta.

Apesar desta lacuna, Villa Verde afirma que se dedica que o movimento sindical de Paranaguá está nos fins dos anos quarenta e a partir dos anos cinquenta, integrado ao chamado sindicalismo político, caracterizado pela crescente articulação dos trabalhadores na organização autônoma e nas discussões das questões nacionais. Essa autonomia sindical alimenta o temor dos setores conservadores da sociedade brasileira, pois ela demonstra suas capacidades de atuação em confrontos com os seus interesses contra os da burguesia industrial<sup>143</sup>.

A autora afirma que, a economia paranaense está voltada em uma estrutura predominantemente agrária, com pequenas empresas dos setores tradicionais da economia daquele contexto. O porto de Paranaguá é o agente do escoamento dessa economia, em transações relacionadas ao café e outras importações.

Em 1953, o governador Bento Munhoz da Rocha, apresenta suas preocupações, comentando que seria necessária uma modernização na administração do porto, pelo crescente desenvolvimento comercial que estava passando. A autora destaca que os trabalhadores portuários de Paranaguá desenvolvem uma atuação sindical eficiente, em conquistas dos

---

<sup>142</sup> *Idem.* p. 4.

<sup>143</sup> *Idem.* p. 35.

direitos trabalhistas, bem como reivindicações políticas-econômicas, experimentando um processo de construção e fortalecimento das organizações sindicais<sup>144</sup>.

Villa Verde também identifica a atividade de comunistas entre os estivadores, “a estiva, em Paranaguá, é a categoria, nesse momento, mais próxima dos comunistas e sua liderança está vinculada ao Partido”, sendo uma entidade que já estava em funcionamento, antes daquelas que se organizariam durante os anos cinquenta.

A partir do depoimento de um comunista, de nome João Teixeira, estivador, que participava de comícios do partido como orador, próximo do Sindicato dos Trabalhadores Terrestres, sendo no ano de 1946, como apresenta a sua ficha na DOPS, “elemento novo no Partido, ao qual é muito dedicado e onde tem atuado de maneira; a demonstrar sua perfeita compreensão da linha do Partido. Sua atuação também tem se destacado nas tarefas de avivamento para o Partido, principalmente no seio de sua classe”<sup>145</sup>, a autora destaca que os estivadores de Paranaguá estabeleciam trocas de experiências - via João Teixeira em seu contato com os portuários da cidade de Santos - solidarizando-se com trabalhadores que se dispunham em se organizar nos sindicatos<sup>146</sup>.

Ainda que longe de nosso recorte temporal, mas, pensando ser necessário para ter uma dimensão das ressonâncias da atuação dos militantes comunistas e da produção de um imaginário anticomunista, elencamos um trecho de um relatório da DOPS, a respeito dos sindicatos em Paranaguá, no ano de 1966.

#### INFLUÊNCIA DO P. C. NA CLASSE DOS TRABALHADORES:

Inegavelmente, dentro do Estado do Paraná, é nesta cidade, que se concentra o maior número de comunistas e simpatizantes. Este fato é devido a circunstância de que a cidade sendo portuária concentra os trabalhadores marítimos, ao mesmo tempo a quase totalidade dos marítimos são analfabetos. Devido essa ignorância não há propriamente comunistas convictos, mas sim, simples simpatizantes. Verificamos, também que não funciona as “escolas” das células comunistas. O “foco” de comunistas convictos é o Fórum Sindical de Debates do Litoral, sediado nessa cidade. Esta entidade que diz congrega 18 sindicatos de trabalhadores de Paranaguá e Antonina. Os elementos de proa do Fórum são funcionários do Banco do Brasil.

#### FORUM SINDICAL DE DEBATES DO LITORAL:

---

<sup>144</sup> *Idem*. p. 37.

<sup>145</sup> DEAP/DOPS. Ficha individual de João Teixeira. Nº 44. 005.

<sup>146</sup> VERDE, Valéria Villa. Op. cit. p. 39.

Entidade esta que congrega diversos sindicatos pertencentes não só a Paranaguá, mas também de Antonina. O atual presidente é o bancário Vitor Horácio de Souza Costa, que trabalha no Banco do Brasil de Paranaguá. Este presidente além desse cargo ocupa o de Presidente do Sindicato dos Bancários de Paranaguá.

O Fórum Sindical, também possuem uma delegacia em Antonina. Foram nestes últimos meses que se evidenciou, pois até poucos meses era uma entidade desconhecida.

Todos os elementos pertencentes a este Fórum são comunistas e simpatizantes. O Fórum não recebe subvenção de nenhuma espécie de entidades estranhas a classe e de nenhuma potência estrangeira, pois os recursos são coletados dos sindicatos que congregam nesse Fórum.

Dos Sindicatos congregados ao Fórum Sindical somente 3 são dirigidos por elementos comunistas, que são os seguintes: Sindicato dos Bancários de Paranaguá, Sindicato dos Carregadores e Ensacadores de Café de Paranaguá, Sindicatos dos Arrumadores de Paranaguá<sup>147</sup>.

O contato de João Teixeira com os portuários de Santos foi fundamental para a formação do Fórum Sindical de Debates do Litoral, pois, dada as condições, é provável que essas trocas de experiências influenciariam a fundação da entidade, inspirada na existente em Santos e em suas experiências sindicais<sup>148</sup>. Segundo Villa Verde, com a organização dos estivadores pelos sindicatos, iniciar-se-iam conflitos entre os próprios trabalhadores. Estes acusaram a gerência da estiva como exploradora de seus trabalhos, realizando uma administração corrupta do Sindicato.

Imaginemos que estamos na estação ferroviária, no centro de Paranaguá, compramos nosso bilhete de passagem com destino ao interior do Paraná, lá, as relações entre comunistas e sindicatos também esteve presente, por vezes, sendo conflituosas. Segundo Osvaldo Heller da Silva, após a ocupação de Porecatú, se iniciou uma disputa em volta da posse das terras que, possibilitaria mais adiante, provocar a implantação do PCB no campo, surgindo as primeiras representações coletivas do campesinato, conhecidas como *ligas camponesas*.

Com a supressão do conflito pela força repressiva da polícia, os comunistas que restaram desse episódio se tornariam o mecanismo para o desenvolvimento que se deu posteriormente a isso, as Uniões Gerais dos Trabalhadores. O autor as entende como

---

<sup>147</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242. pp. 263-264.

<sup>148</sup> SARTI, Ingrid. *Porto Vermelho*: Os estivadores santistas no sindicato e na política. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

“organismos embrionários de representação, com vocação sindical, enquadrando indistintamente grupos sociais rurais e urbanos”<sup>149</sup>.

Nesse sentido, o autor afirma que sob a iniciativa dos militantes comunistas, os sindicatos no meio rural espalharam-se, entrando em tensões com interesses das oligarquias rurais e da Igreja Católica. Com o apoio dessas oligarquias, a Igreja Católica aderiu ao espaço de disputa pela sindicalização das populações rurais, organizando a Frente Agrária Paranaense. Com o golpe militar de 1964, os comunistas do PCB seriam expurgados da região. A partir dessa data, os sindicalistas formados pelas Congregações Marianas iriam ocupar o vazio deixado pelos comunistas, dirigindo a estrutura sindical que se criou pela iniciativa dos primeiros<sup>150</sup>.

Contudo, a evasão dos militantes seria apenas aparente, a repressão não teria desmantelado de uma vez por todas o partido, pois os comunistas retomaram os trabalhos entre as camadas sociais mais baixas, procurando adesões, através da circulação de panfletos, jornais e reuniões nas fazendas. Sem delongas, o retorno das manifestações rurais acionou os ódios políticos, mais uma vez, vindo das elites políticas, imprensa, da Igreja Católica e da polícia.

Segundo Angelo Priori, a intervenção do PCB na região e na organização do movimento armado de Porecatú tornou-se passível de se realizar em decorrência às mudanças na orientação política do partido. Nos manifestos de janeiro de 1948 e agosto de 1950, argumentou-se a necessidade imediata pela utilização da *violência revolucionária*, com vistas a tomada do poder pelos trabalhadores, propondo a organização de uma Frente Democrática de Libertação Nacional a caminho da *revolução agrária e anti-imperialista*, em defesa da entrega das terras dos grandes latifundiários para os camponeses que ali estavam sobrevivendo. Para que isso se concretizasse, o partido necessitava que os camponeses elaborassem sua organização – pequenos proprietários, posseiros, arrendatários, meeiros, parceleiros – junto aos trabalhadores rurais, que eram assalariados.

A atuação dos comunistas na região, segundo Priori, teve uma dupla repercussão. Desse desdobramento, o autor se dedica a explorá-lo, de modo que, os camponeses entraram em conflito porque mantinham interesses que divergiam do partido. O projeto revolucionário

---

<sup>149</sup> SILVA, Osvaldo Heller da. *A Foice e a Cruz: Comunistas e Católicos na história do sindicalismo dos trabalhadores rurais do Paraná*. Curitiba: Rosa de Bassi, 2006. p. 19.

<sup>150</sup> Idem. p. 20.

não se caracterizava como uma urgência para os posseiros, mas, lhe era mais cara a organização para resistir contra a violência praticada pelos latifundiários e jagunços e, a luta pela posse da terra, de maneira legalizada. Isso geraria tensões entre militância local e os dirigentes partidários. Assim, Priori defende que, “foram lutas e conflitos de classe como esses que proporcionaram a emergência política dos camponeses enquanto sujeitos sociais e políticos”<sup>151</sup>.

Do trabalho na terra pelos camponeses e de suas lutas, junto aos comunistas, na região norte do Estado, imaginemos que estamos à espera do próximo trem para verificar outro fragmento da história política do Paraná, qual seja, a militância comunista na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (RVVPC), entre 1934 e 1945, na pesquisa de Cláudia Monteiro. Seu objetivo é compreender a relação entre trabalho e atuação política na ferrovia, analisando experiências de ferroviários e os motivos que os levaram a agir de forma coletiva, mobilizando greves<sup>152</sup>.

Monteiro esclarece que, através de sua pesquisa e da documentação que utilizou, é possível entender ambientes de agitações e de militância política que ainda são pouco conhecidos, como greves, organização de grupos em sindicatos, ligas e associações que foram, em grande medida, clandestinas. Igualmente, sendo observáveis outros tipos de manifestações de trabalhadores, militantes de esquerda ou direita, em comícios, na distribuição de panfletos e campanhas políticas<sup>153</sup>.

Dos ferroviários comunistas, iremos de encontro às elites do partido, estudadas por Márcio Mauri Kieller Gonçalves. O autor busca entender o perfil sócio-econômico dos dirigentes comunistas, analisando a lógica de organização do partido, entre 1945 e 1964, que formaram cinco direções estaduais, com o objetivo de observar quem decidia na estrutura interna do partido e suas características pessoais, bem como as trajetórias políticas dessas pessoas. Por fim, busca analisar seu veículo de informação, que, segundo o autor foi o principal instrumento unificador do partido, intitulado *Jornal do Povo*, posteriormente modificado para *Tribuna do Povo*<sup>154</sup>.

---

<sup>151</sup> PRIORI, Angelo. *A revolta camponesa em Porecatú: A luta pela defesa da terra camponesa e a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo (1942-1952)*. Tese (Doutorado em História). Assis: UNESP, 2000. p. 17.

<sup>152</sup> MONTEIRO, Cláudia. “*Fora dos Trilhos*”: As experiências da militância comunista na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (1934 – 1945). Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 8.

<sup>153</sup> MONTEIRO, Cláudia. *Op. cit.* p. 14.

<sup>154</sup> GONÇALVES, Márcio Mauri Kieller. *Op. cit.* pp. 2-4.



Trata-se de importante contribuição para os estudos dos partidos políticos no Paraná, pois enfoca o funcionamento de um partido, via seus dirigentes; porém, ao fazê-lo, mesmo sabendo que as experiências dos militantes estão ligadas, de alguma maneira, com os dirigentes, ficamos com a sensação de que não haveria conflitos internos no partido, de modo que o autor afirma uma unificação em potencial, através do jornal *Tribuna do Povo*.

Uma vez apresentadas, nesse primeiro momento, as atuações comunistas no Paraná, partindo de Paranaguá, necessitamos apontar alguns aspectos a respeito da história do Partido Comunista do Brasil, pois, sem esse arcabouço, pensamos não ser possível entender como se deu a militância comunista na cidade de Paranaguá.

Segundo Leôncio Rodrigues, o PCB não se formou a partir de dissidências à esquerda da social-democracia, pois no período de sua fundação, não havia no país uma tradição marxista e os partidos socialistas não tinham expressividade visível<sup>155</sup>.

É com o impacto da Revolução Russa, logo após a Primeira Guerra, que se formam diferentes grupos comunistas no Brasil, reunindo em seu bojo, militantes sindicais e intelectuais que estavam entrando em processo de dissidência e rompimento com o anarquismo. Em 1921, mês de novembro, no Rio de Janeiro, foi formado o Grupo Comunista com o objetivo de formar um partido comunista, partindo das 21 condições de adesão à III Internacional Comunista.

O partido seria fundado no próximo ano, em março de 1922. Recém-formado, o partido teria poucos meses de ação, sendo logo caçado, retornando em 1927 na legalidade, por mais um curto período entre janeiro e agosto. Após a isso, o partido só iria conhecer novamente um contexto fora da clandestinidade com a abertura democrática de 1945. Até lá, sua trajetória será marcada por repressão, disputas e problemas internos<sup>156</sup>.

A partir dos anos trinta, o partido adotará a orientação política de proletarização da estrutura partidária, afastando os intelectuais de origem burguesa de suas fileiras, em favor da promoção de militantes vindos das periferias, de origem operária. Isso significou uma radicalização da política do partido, abraçando a organização as possibilidades de práticas insurrecionais para a sua agenda<sup>157</sup>. Contudo, essa política de radicalização e valorização do obreirismo teria curta duração, após a vitória do Partido Nazista na Alemanha, os partidos

---

<sup>155</sup> RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: Os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris. (Dir.). *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930 – 1964)*. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1983. Tomo III. 3º vol. p. 363.

<sup>156</sup> RODRIGUES, Leôncio Martins. *Op. cit.* p. 365.

<sup>157</sup> RODRIGUES, Leôncio Martins. *Op. cit.* p. 369.

comunistas repensaram as suas restrições com os socialistas. A nova orientação foi definida em julho de 1935, no VII Congresso da Internacional.

A criação da Aliança Nacional Libertadora, em março de 1935 foi em favor das liberdades democráticas, da luta contra o fascismo e imperialismo, bem como pelo processo de nacionalização das empresas estrangeiras e da luta objetivando a divisão de terras. Sua existência iniciou como um órgão legal, entretanto, foi logo fechada em julho daquele ano, pelo governo. O motivo para seu fechamento foi justificado pelo manifesto de Prestes, em nome da Aliança, que defendia a consolidação de um governo nacional, popular e revolucionário, através de um levante popular<sup>158</sup>.

Na década de trinta, há um aparato estatal repressivo que entra em funcionamento, para controlar e expurgar todo tipo de material que pudesse colocar a ordem social e política a mercê das esquerdas. Essa radicalização política do governo Vargas editou uma legislação, direcionada para o combate aos “extremismos”, isto é, o combate à esquerda, fundamentalmente, os militantes comunistas. Entre os dispositivos do que ficou conhecido como “Lei Monstro”, se encontra um artigo autorizando o Estado a apreender todo tipo de publicações consideradas ofensivas e potencialmente perigosas para a ordem, em grande medida, livros, jornais, revistas e panfletos.

Logo após os acontecimentos de novembro de 1935, ou seja, da Intentona Comunista, levante armado contra o governo, a legislação voltada para a “caça às bruxas” se intensificou. O levante deu origem à primeira grande onda anticomunista no Brasil, mobilizando setores da sociedade civil (imprensa, igreja, empresários) e o Estado.

É nesse clima que Vargas consegue apoio para vigorar o *Estado de Guerra*, um dispositivo legal, que suspende garantias constitucionais, dando para o governo um poder extraordinário. Segundo Rodrigo Motta, a campanha anticomunista após os eventos de trinta e cinco, deu sustentação para o golpe de Estado de 10 de novembro de 1937, justificando a necessidade de fortalecer a repressão ao comunismo<sup>159</sup>.

Essa onda repressiva se infiltrou pela sociedade, em certa medida, pelo material impresso. Maria Tucci Carneiro destaca que, os impressos considerados subversivos e seus

---

<sup>158</sup> RODRIGUES, Leôncio Martins. *Op. cit.* p. 372.

<sup>159</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O Diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 141.

mentores (comunistas, anarquistas, socialistas, antifascistas) eram ao mesmo tempo, contra atacados pelos impressos que circulavam livremente, como é o caso dos periódicos nazistas, fascistas e integralistas, tendências à maior tolerância e negociação pelas elites<sup>160</sup>.

Nesse contexto, entre as décadas de quarenta e cinquenta, marcadas respectivamente, pela entrada do PCB na legalidade em 1945 e, logo em seguida, em 1947 na ilegalidade, na esfera nacional e, pela crise do comunismo, na esfera internacional, a autora coloca que a Polícia Política submeteu as ideias inimigas da nação dentro de uma hierarquia, situando-as “diariamente a um processo seletivo com o objetivo de ‘higienizar’ a sociedade” dos males sediciosos<sup>161</sup>.

O comunismo foi “materializado”, segundo Maria Carneiro, com base nos impressos apreendidos, demonstrando a ação *redentora e purificadora* praticada pelas autoridades oficiais, muito a favor do clima que pairou com a Guerra Fria, contudo, no período em que esteve legalizado, o PCB chegou a ter aproximadamente duzentos mil inscritos por todo o Brasil<sup>162</sup>.

Nesse período, os comunistas detinham apenas de seus próprios meios de comunicação, sendo estes os que sobreviveram com a extinção do Partido, é aí que entra a função do impresso, o jornal, na construção do trabalho de organização, informação e disseminação da linha política do PCB.

Fernando Teixeira da Silva e Marco Aurélio Santana destacam que, de um ponto de vista específico, o PCB interage com a história de um partido e, simultaneamente, a história da sociedade em que está inserido. Isso porque, logo no pós-guerra, o partido se insere no cenário político nacional e no movimento sindical de forma que ainda não havia feito. Esse destaque se dá na década de 1950, tendo seu ápice no início de 1960.

Entre o período de 1945 a 1964, quando o PCB teve uma forte inserção na organização dos trabalhadores, os autores exteriorizam que a história do comunismo e do movimento operário são distintas, mas possuem uma forte ligação que não se pode deixar de

---

<sup>160</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 161.

<sup>161</sup> Idem. p. 171.

<sup>162</sup> Idem. p. 172.

lado, isto é, estão vinculadas pelas reivindicações que os partidos comunistas fazem em relação ao mundo operário<sup>163</sup>.

Para comprovar suas afirmações, evidenciam o papel do partido na organização de operários, como a participação de trabalhadores eleitos para o Congresso, e suas ofensivas nos sindicatos para se inserir na estrutura sindical, buscando fortalecer seus laços com os trabalhadores e sua posição no sistema político. Os autores destacam, por um lado, o papel do partido na organização de seu corpo de militantes e suas divergências, mostrando que o mesmo partido não possuía homogeneidade.

Muitos trabalhadores não se interessavam em discutir o marxismo, as ideias de Lenin, ou estar de acordo com o estatuto do partido, mas, aderiram pelo anseio de libertação; porém, como discutiremos mais adiante, o sapateiro Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá, demonstrou um grande interesse nas ideias marxistas, elaborando apropriações e estabelecendo uma divisão na sua vida; uma anterior à entrada ao Partido Comunista e uma posterior à adesão, que lhe conferiu uma outra narrativa, oferecendo-lhe organização para compreender a sua própria vida, mesmo assim, produziu críticas à organização do Partido, em fins dos anos quarenta e mais adiante, nos anos sessenta. Assim, Silva e Santana articulam divergências na estrutura do partido, observando que militantes e direção do partido não estavam alinhados, ambos possuíam interesses distintos.

Desse modo, mesmo com tais divergências, a atuação do PCB foi suficiente para aumentar o descontentamento entre as elites. Como uma pedra no sapato dos burgueses, os autores argumentam que, no Congresso, os deputados oriundos dos partidos conservadores ficavam pouco à vontade em aceitar um partido comunista dividindo o mesmo espaço, por estarem com membros da classe trabalhadora<sup>164</sup>.

No Paraná houve uma grande massa de comunistas, particularmente em Paranaguá e Antonina, cidades portuárias, em contato constante com estrangeiros que traziam notícias da União Soviética, e mais, o Partido incentivou o surgimento de organizações sindicais e agrárias no momento pós-1945, tais como o Fórum de debates, fundando em Paranaguá e que apresentava muitos comunistas, na sua organização.

---

<sup>163</sup> SILVA, Fernando Teixeira da; SANTANA, Marco Aurélio. O equilibrista e a política: o “Partido da Classe Operária” (PCB) na democratização (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (orgs). *A formação das tradições: 1889 – 1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. As esquerdas no Brasil. Vol. 2. p. 104.

<sup>164</sup> SILVA, Fernando Teixeira da; SANTANA, Marco Aurélio. Op. cit. 107.

Dentro da esfera dos impressos, a militância comunista no Paraná se fundamentou, em sua maioria, em jornais como *Tribuna do Povo*, *Novos Rumos*, *A Classe Operária*, *Tribuna Operária*, *Hoje*, *Imprensa Popular*, *O Cruzeiro*, etc. Em específico, o jornal *Tribuna do Povo*, segundo Hermógenes Lazier, diretor do jornal a partir de 1950, as edições da *Tribuna* eram aguardadas ansiosamente pelos militantes do Partido em outros municípios, pois se encontravam ali as orientações gerais da política da Direção Estadual do Partido, além de notícias sobre o movimento comunista internacional e nacional,

Eu me lembro lá em Paranaguá esse jornal era esperado! [...] havia uma equipe que saía de casa em casa, na estiva, no porto dizendo: “Olha a *Tribuna do Povo*, olha a *Tribuna do Povo*!” [...] uma coisa de doido, em Paranaguá principalmente<sup>165</sup>.

Entre 1935 e 1964, com base na documentação analisada, localizamos pouco mais de 700 comunistas em Paranaguá – com uma população de 24.915 no ano de 1950<sup>166</sup> -, muitos deles atravessando todo este período delimitado, levando-nos a considerar regularidades em suas atividades políticas ou estarem sob o estigma de serem comunistas, na lógica da vigilância das Polícias Políticas - acusados ou suspeitos - num ambiente muito articulado pelo anticomunismo.

## ***2.2 – “Isto é o cúmulo do desaforo!”: Quem são os companheiros de Antônio Araújo Rocha?***

“Como brasileiro amante da liberdade e defensor do regime do liberalismo em que temos vivido, cumpre-me levar ao vosso conhecimento, uma ocorrência grave que presenciei

---

<sup>165</sup> KIELLER, Márcio; OLIVEIRA, Márcio de. A “*Tribuna do Povo*” e os comunistas paranaenses. In: OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José. (Orgs.). *Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná*. Curitiba: Editora UFPR, 2009. p. 96.

<sup>166</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Comitê popular contra a ditadura. Nº 289. Topografia: 32. p. 32. Informação levantada pelo Departamento Estadual de Estatística – Paraná, em 1950.

no dia 1º do corrente, nesta cidade. Um comício comunista [...]”<sup>167</sup>. Assim tem início uma denúncia encaminhada ao Secretário de Segurança Pública do Estado do Paraná, em 3 de agosto de 1954. A carta continua, informando detalhes, como por exemplo: Quem eram as pessoas participantes e o conteúdo do que foi pronunciado.

O autor da denúncia sugere medidas a serem tomadas pelas autoridades responsáveis pela segurança do Estado, demonstrando preocupação e incômodo diante do que presenciou na Praça Fernando Amaro, localizada ao centro da cidade, um lugar de ampla circulação e de encontro da população de Paranaguá. No centro da praça há um coreto, possivelmente a fala dos comunistas foi estabelecida daquele ponto. Nas palavras do anônimo, o comício foi

[...] levado a efeito pelos candidatos da chamada Liga de Emancipação Nacional. O candidato Felipe Chede, repisou o chavão norte americano e propugnou medidas socialisadoras, mas em um terreno um pouco mais elevado. Os demais oradores, foram ao extremo da tolerância. Estanislau Cardoso, Ubirajara e outros, fizeram profissão de fé comunista, sem reboços. O primeiro desancou o Presidente da República, os ministros de Estado, Governador, Generais, etc. a quem chamou de miseráveis traidores e entreguistas. Concitou os presentes a ingressarem no Partido Comunista do Brasil, que é no seu dizer, o único repositório de dignidade e patriotismo...Terminou fazendo a saudação de punhos fechados e pedindo uma salva de palmas ao camarada Prestes, ao que a claque colocada na tribuna correspondeu ardorosamente.

Isto é o cúmulo do desaforo! Não há polícia neste Estado? Não podemos ficar a mercê desses desclassificados, dessa caterva indecente. A reação deve partir dos poderes públicos. Que não venham dizer que isto é democracia e deve ser livre a propaganda das ideias. Aos que assim pensam, devemos mandar que atravessem a “cortina de ferro” e que façam lá a propaganda. Diz o provérbio popular que quem cala consente. Silenciar num caso deste é um crime. Quem o inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Acautelem-se os poderes constituídos, porque nossa liberdade e o regime correm perigo. Cordialmente o saúda, um eleitor<sup>168</sup>.

É perceptível certo desconforto, por parte da pessoa que escreveu a carta, no que se refere ao que foi levantado pelos oradores, principalmente quando é manifestada a oposição em relação ao governo. As atitudes dos comunistas são recebidas como ofensa aos ouvidos do autor, exteriorizando seu sentimento de revolta e o desejo que possui para que ela se realize. A própria atmosfera de ilegalidade do PCB e, o anticomunismo, dão condições para o autor

<sup>167</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 60.

<sup>168</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 60.

proferir tais argumentações. Diante disso, observam-se dois momentos presentes na carta, o primeiro; com um tom de delação, buscando descrever com detalhes a cena do comício e, o segundo; com um tom autoritário, desaprovando o que foi dito.

De acordo com Pierre Ansart, as paixões políticas e, mais precisamente, as sensibilidades políticas, são um fenômeno decisivo no desenrolar da história, de maneira que, a dimensão afetiva da vida política não está separada em uma zona externa, não há separação entre a razão e as paixões na política, ambas atuam juntas nas ações humanas<sup>169</sup>. Considerando essa argumentação, um sistema passional não é simplesmente um acompanhante da vida política, mas um conjunto dinâmico e regulador da experiência e da vida, pelos agentes sociais.

Cada momento da vida política é marcado pela difusão de múltiplas mensagens, que visam a influenciar os apegos e as repugnâncias, as esperanças e as crenças, em determinados cenários políticos. Ansart argumenta que, toda situação se acompanha, nos diferentes meios sociais, de atitudes afetivas diversas, homogêneas ou conflituais e que são passíveis de observação, tanto em suas evoluções rápidas ou lentas, indo da indiferença para a cólera, bem como do entusiasmo para a decepção<sup>170</sup>.

Pensando a denúncia, podemos analisar que o autor da carta concede um lugar para si e um complementar ao outro, o secretário de segurança pública, no sentido de que este reconheça o lugar de onde o autor está falando. Assim, justifica sua denúncia argumentando que é “amante da liberdade e defensor do regime do liberalismo em que temos vivido”, articulando um reconhecimento afetivo entre os dois, principalmente no uso das palavras “amante” e “defensor”, ao qual deixa exposto um sentido de ameaça eminente, citando a Liga da Emancipação Nacional, possivelmente demonstrando a repugnância por tal organização, nutrida por sentimentos anticomunistas e que será desmantelada com o apoio da Cruzada Brasileira Anticomunista.

Por outro lado, vejamos a possibilidade de captar signos comoventes, sinais de emoções que buscam mobilizar uma reação aos comunistas, por meio das paixões, tal como Ansart pensou, entendendo por paixões um termo envolto de ambiguidades, que pode designar a afetividade vivenciada e intensidades da ação, ambas ao mesmo tempo<sup>171</sup>. Esses

---

<sup>169</sup> ANSART, *La gestion...* Op. cit. p. 7.

<sup>170</sup> Idem. p. 11.

<sup>171</sup> ANSART, Pierre. Em defesa de uma Ciência Social das Paixões Políticas. In: *História: Questões & Debates*, n. 33, p. 153. 2001. Editora da UFPR.

impulsos emocionais que surgem, através de expressões como “isto é o cúmulo do desaforo!”, quando reagrupados, nos mostram que o sentimento de revolta está presente na escrita do anônimo, levando-nos ao sistema afetivo potencialmente dominante, os afetos anticomunistas.

Rodrigo Motta reflete que o liberalismo é uma das matrizes do anticomunismo, principalmente na recusa do comunismo como um atentado à propriedade privada e a liberdade, ameaçando a sociedade com o autoritarismo político. No entanto, o autor da denúncia parece equiparar liberalismo e democracia, afirmando que é “amante da liberdade”. Nisso, Motta argumenta que o anticomunismo liberal brasileiro não circulava de maneira coerente, pois defendia a liberdade e a democracia, mas, estava baseado numa tradição autoritária<sup>172</sup>.

A partir de 1948, finda a política de união nacional e o início de uma virada à esquerda, onde a principal pauta era a luta contra o Governo Dutra. O PCB detinha uma logística organizativa mais coesa se tratando de mobilização dos trabalhadores, pois, “no início dos anos 50, as lutas mais importantes dos trabalhadores se destacaram no chão das fábricas. Esse período reavivou o PCB no meio proletário”<sup>173</sup>.

Segundo Jorge Ferreira, o segundo governo de Getúlio Vargas se caracteriza como um período de crises, herança do governo antecessor de Eurico Dutra, com dificuldades econômicas, principalmente devido à inflação e um desequilíbrio financeiro no setor público.

Dentro desse quadro, as propostas do governo Vargas, seriam, em um primeiro momento, regular essas dificuldades, equilibrando as finanças públicas e projetar o crescimento econômico. Inicialmente houve uma ajuda financeira do governo norte americano, instalando-se a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, com a proposta de investimentos em infraestrutura; Por outro lado, a elevação do preço do café no mercado internacional beneficiou o governo.

Porém, em 1953, Vargas se deparou com novas ondas de dificuldades, começando pela vitória do Partido Republicano nas eleições presidenciais norte-americanas. O presidente eleito, Eisenhower, com uma política de combate ao comunismo e com a alegação de conter

---

<sup>172</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil (1917 – 1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2002. p. 38.

Segundo Motta, as matrizes do anticomunismo no Brasil caracterizam-se pelo Nacionalismo, Catolicismo e Liberalismo.

<sup>173</sup> NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. *Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3. p. 61.



gastos públicos, desarticulou os laços da Comissão Mista, ao mesmo tempo em que o Banco Mundial passou a cobrar dívidas de empréstimos que estavam vencidos<sup>174</sup>.

Voltando à denúncia citada, esta evidencia reflexos daquela conjuntura, estando de acordo com uma postura conservadora, pela maneira que articula suas ideias ao decorrer de sua escrita, representando opiniões opositoras ao comunismo, ao comentar que o primeiro orador - Estanislau Cardoso – referiu-se às autoridades institucionais (Presidente, Ministros, Governador) como “miseráveis e entreguistas”, busca nesse ponto, uma identificação de si com o secretário de segurança pública, revelando pelo modo de se expressar, a reação que busca criar.

Neste sentido, uma pessoa que se coloca em oposição às esquerdas, articula sua linguagem de forma contrária e, considerando a conjuntura daquele momento, sua escrita elabora a imagem de uma pessoa que defende seu país diante do que ela compreende como perigoso. Isto seria um estereótipo que circula em uma cultura determinada<sup>175</sup>.

Pensando de acordo com a diferença que se estabelece entre o autor da carta e os comunistas denunciados, acerca dos ritos de instituição, em especial onde há uma reflexão que separa um grupo do outro, a investidura “consiste em sancionar e em santificar uma diferença - preexistente ou não -, fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social, conhecida e reconhecida pelo agente investido e pelos demais”<sup>176</sup>.

Encontra-se uma divisão, separando os que se encontram enquanto subversivos à lei, ao Estado, ao imaginário social; dos que estão estabelecidos, que fazem parte de uma ordem legitimada, instituída e reconhecida por parte do próprio povo, com o objetivo de manter a ordem.

Mais adiante, o anônimo autor comunica que os oradores mencionaram Luiz Carlos Prestes, pedindo uma salva de palmas, e terminando o comício com uma saudação de punhos fechados. O efeito de sentido que isso causa no autor da carta é violento ao final do comício, e isso é explicitado, articulando um tipo de discurso autoritário.

Podemos imaginar que os oradores terem mencionado Prestes, foi compreendido como um insulto, aos ouvidos conservadores, bem como o restante do que foi dito, ficando

---

<sup>174</sup> FERREIRA, Jorge. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3. p. 305.

<sup>175</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989. p. 47.

<sup>176</sup> *Idem*. p. 99.

caracterizada uma tensão entre ideologias. Segundo Ferreira, Prestes possui um grande carisma entre o povo brasileiro e, principalmente dentro do PCB, devido à sua vida, onde tornou-se nas décadas de 1930, 1940 e 1950, uma das figuras mais importantes da política brasileira, ao lado de Getúlio Vargas, porém, ao contrário deste, que formou sua popularidade exercendo o poder, enquanto que Luiz Carlos Prestes se popularizou por meio de suas lutas.

Entretanto, é problemático pensar que Prestes era cultuado de maneira homogênea entre os militantes do PCB, principalmente. Ao argumentar que Prestes é um símbolo da resistência ao autoritarismo, Ferreira parece silenciar a estrutura partidária em seus conflitos internos que são inerentes ao processo de sua própria formação. A base do partido não adere totalmente e de forma homogênea ao culto aos seus símbolos, por diversos motivos. Podemos problematizar isso partindo da compreensão que Antônio Rocha possui em relação a Prestes. Em seu depoimento, os entrevistadores parecem induzir uma valoração da imagem de Prestes como referência máxima de oposição a Getúlio Vargas.

Perguntado se é um “prestista”, Rocha responde: “Não totalmente um prestista, né, mas sim comunista, eu venho da classe operária, do Partido Comunista, socialista. Até porque ele era um dirigente da classe, Prestes, e comandante, homem de conhecimento de âmbito nacional, fez a revolução de 24, na data da Coluna, né, um homem de prestígio”<sup>177</sup>. Rocha reconhece Prestes como uma pessoa de influência partidária, porém, sua ligação afetiva é mais presente em relação ao partido e ao que ele entende por classe operária. Talvez, por um lado, sua autonomia como militante está em não reconhecer-se como adepto da imagem de Prestes como chefe absoluto do partido e, por outro, em posicionar-se como não sindicalizado em suas tarefas políticas.

Com o fim do Estado Novo, passou a ser exaltado por suas virtudes, respeitado pelo seu saber e pelo seu heroísmo. Assim, após 1945, sua imagem exerce um grande carisma popular, pois, sua exaltação circulava entre seus admiradores, partidários ou simpatizantes, como afirmação de uma identidade social e de resistência.

Os comunistas faziam propaganda das virtudes e do saber de Prestes, com o objetivo de disseminar os ideais do PCB<sup>178</sup>. Logo, quando é proferido o discurso dos oradores, inserindo ao mesmo tempo o nome e a popularidade de Prestes, o efeito de sentido causado é

---

<sup>177</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 28.

<sup>178</sup> FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)*. Niterói; Eduff; Rio de Janeiro; Mauad, 2002.

o esperado, uma resposta de adesão, ao que parece, pela maioria que estava presente no comício. Prestes possui um papel de líder simbólico potencialmente mobilizador, principalmente pelo seu passado de lutas na conhecida Coluna Prestes. Os militantes se voltarem para sua figura representa um apelo de força para a militância política.

Em uma interpretação mais imediata, pela linguagem utilizada, poderíamos supor que, quem escreveu a denúncia foi uma pessoa ciente dos debates políticos e portadora de um conhecimento sobre a ação do PCB, provavelmente uma pessoa que manteve um hábito de leitura e talvez, algum profissional liberal - advogado, jornalista - ou um professor, ou médico, pois, a escrita possui uma coerência que deixa transparecer, ao menos, uma atenção na utilização das palavras, articulando o texto com certos detalhes.

O delator exprime um discurso a respeito do que se encontra fora da maneira que organiza seu mundo. Utilizando da primeira pessoa, forja um *efeito de sentido de subjetividade*. Ademais, também fornece indícios de que, o que está dizendo constitui um *discurso direto* sobre o discurso dos oradores, de maneira a buscar repetir em seu próprio discurso o que esses falaram. Portanto, de acordo com Fiorin, o discurso direto possui a característica de criar um *efeito de sentido de “verdade”*<sup>179</sup>.

A formação ideológica que se manifesta no interior do discurso em questão, é uma visão de mundo de uma classe social, o autor da carta a representa quando escreve “Não podemos ficar a mercê desses desclassificados, dessa caterva indecente”, nesse ponto fornece uma das portas de acesso para compreender qual a sua formação ideológica, que é, por sua vez, materializada pelo imaginário social<sup>180</sup>, todo esse conjunto de temas e de figuras que elaborou a visão de mundo do anônimo<sup>181</sup>.

Assim compreendido, observa-se dois momentos ao mesmo tempo no discurso, de um lado, é o lugar das coerções sociais, das ideologias e, por outro, o texto é o lugar de certa “liberdade” individual do anônimo, onde condensa as coerções e as exterioriza<sup>182</sup>.

O discurso almeja uma autoridade que é reconhecida no Secretário de Segurança Pública, estando nas mãos do último, o poder de exercer a autoridade diante dos oradores

---

<sup>179</sup> FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 18.

<sup>180</sup> Entendemos como imaginário social, a definição que Pierre Ansart propõe, argumentando ser um conjunto de evidências que se apresentam implícitas, juntamente com normas e valores que buscam assegurar a renovação das relações sociais. ANSART, Pierre. *Ideologias, Conflitos e Poder*. Trad. Aurea Weissenberg. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 18.

<sup>181</sup> FIORIN, José Luiz. *Op. cit.* p. 32.

<sup>182</sup> *Idem.* p. 42.

comunistas e de decidir o que fazer. É interessante como o autor da carta articula esse momento, se referindo ao provérbio popular, fortalecendo seu discurso de um modo que, aparentemente, não haja outra opção de combater os comunistas, uma vez que “quem cala consente”, não haveria outra saída para o Secretário. Desse modo, refletir a respeito desta denúncia é oferecida a possibilidade de perceber o contraponto dos comunistas na cidade de Paranaguá, ou seja, as potenciais opiniões e conjunto de ideias e práticas anticomunistas que certamente circulava pela cidade.

Passados sete dias após a denúncia do comício comunista, em 10 de agosto, o primeiro suplente em exercício da 2ª Delegacia Regional de Polícia de Paranaguá, chamado Aggripino Picanço, escreve uma carta ao Chefe de Polícia do Estado do Paraná, em Curitiba, o Coronel Carlos Assumpção. Na carta, Aggripino Picanço declara que está enviando “um relatório e diversos prospectos de propaganda, referente ao Comício realizado nesta cidade, em data de 1º do corrente, e do qual foram oradores as seguintes pessoas: Felipe Chede, Ubirajara Moreira, Estanislau Cardoso, Eustáquio Quadros, Orlando Ceccon e Antonio Rocha”<sup>183</sup>.

O relatório possui muitos detalhes capazes de fazer ver uma realidade de conflitos, de vigilância, de repressão política, e da circulação dos comunistas no espaço público, demonstrando suas ideias e militância. Optamos em reproduzir todo o relatório, pelo caráter curioso e, de certa forma, rico em informações.

Comício realizado no dia 1º de agosto de 1954:

O comício foi aberto pelo Snr. Antoninho, sapateiro, e que é nesta cidade o distribuidor do jornal “TRIBUNA POPULAR”. Seguiu-se ao microfone o cidadão Miguel Fan, ferroviário que manteve uma linguagem decente; disse sobre reivindicações que devem ser feitas pelos ferroviários a cuja classe pertence.

O orador seguinte foi o estivador Estanislau Eloy Cardoso, que se diz candidato a deputado estadual. Esse orador, homem semi-analfabeto, fez críticas aleivasas ao governador M. da Rocha “mentiroso” tecendo elogios á Rússia, onde, afirmou se inaugurára ao mesmo dia em que aqui se entregava ao publico um simples aparelho de Raio X, a 2ª Estação Atomica; adiante acusou o facultativo Dr. Ginez Gebram de ser um médico desumano. Leu o seu manifesto impresso.

Em prosseguimento usou da palavra o ferroviário Estacio Gomes que feriu com violência aos Governos Federal e do Estado, afirmando em linguajar demagógico a mancomunação de nossos homens públicos com os Estados Unidos insistindo em ofender o Snr. Getulio Vargas do qual, disse, se deveria exigir o “Congelamento dos preços das Utilidades” terminou sua

---

<sup>183</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 61.

arenga com uma exaltação ao P. C. B, insistindo em que vivemos num regime de força onde espancamentos se sucedem e o povo morre de fome.

O Dr. Ubirajara Moreira, Secretario da Liga de Emancipação Nacional que falou após o orador, limitou-se, agressivamente a exaltar Prestes e o Cumunismo, chamou Getulio Vargas de “Traidor do Povo” e de “Tubarão” como dono que é de “Estancia de Gado” etc.

Estaquio Quadros, mais moderado, resumiu sua oração em torno de ataques ás grandes organizações estrangeiras, taes a Light etc... as quaes a seu ver devem ser nacionalizadas.

O Candidato Felipe Chede fez demagogia, procurando demonstrar-se fogoso e interessando-se em conquistar a massa inculta que, em maioria, assistia ao Comicio. Teve palavras de ataque á Swift (Organização de Frigorificos), em resumo: nada disse de expressivo.

Encerrou o Comicio o sapateiro Antoninho. Este foi o mais exaltado dos oradores. Suas expressões baixas e improprias, culminaram com as adjetivações insolentes de denominar o Snr. Getulio Vargas de “Bandido” de “Sacana” de “imundo” que deveria ser enforcado pelo povo.

Fez o elogio de Prestes e referiu-se ardorosamente ao Comunismo á Russia<sup>184</sup>.

Para buscar entender o que os comunistas estão exteriorizando, pela denúncia e pelo relatório, apontamos que é necessário lançar uma breve menção ao o que é a *Liga da Emancipação Nacional*, que aparece em ambos os documentos. De acordo com o verbete voltado à LEN, presente no *Dicionário histórico-biográfico brasileiro*, foi uma organização fundada no Rio de Janeiro, no dia 5 de abril de 1954, e seus objetivos se caracterizavam em defender as liberdades democráticas e lutar para que o Brasil desenvolvesse a economia de forma independente, as atividades da LEN eram veiculadas por um jornal, intitulado *Emancipação*. No governo do presidente Juscelino Kubitschek teve suas atividades encerradas, por meio do Decreto nº 39. 338, dois anos após sua fundação, em 11 de junho de 1956<sup>185</sup>. Sua atuação pode ser compreendida, para além da defesa das liberdades democráticas. Adotou uma posição crítica, em relação ao governo Vargas, alegando um aprofundamento dos programas de reforma do presidente, acusando-o de permitir a corrupção administrativa, não possuindo posturas firmes diante dos grupos empresariais norte-americanos.

---

<sup>184</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. pp. 62 – 63.

<sup>185</sup> A partir de três artigos, decreta: “Art. 1º Fica suspenso pelo prazo de seis meses, funcionamento da ‘Liga de Emancipação Nacional’, com sede nesta capital. Art. 2º O Ministério Público Federal promoverá imediatamente, nos termos do art. 6º, parágrafo único do citado Decreto-Lei nº 9.085-46 a competente ação de dissolução da entidade referida no artigo primeiro. Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário”. BRASIL, Presidência da República. Decreto-Lei Nº 39.338, de 11 de junho de 1956. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-39338-11-junho-1956-342401-publicacaooriginal-1-pe.html>

A LEN representou um desdobramento do órgão que teve a iniciativa de fundá-la, no caso, o Centro de Estudos de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional (CEDPEN), cuja fundação foi no mês de abril de 1948, com o objetivo central de propagar a tese do monopólio do petróleo ao Estado. Suas prerrogativas fundavam-se nos argumentos de que era necessária a existência de uma organização - que seria a LEN - que mantivesse posições claras na ampliação, unificação e coordenação das lutas nacionalistas, em oposição ao que era considerada a penetração do imperialismo norte-americano, em solo brasileiro<sup>186</sup>.

Poucos meses antes do comício em Paranaguá, onde a denúncia afirma que os membros que promoveram o “desaforo!” são da LEN, em abril de 1954, a CEDPEN realizou a Convenção de Emancipação Nacional. Este evento foi convocado em novembro de 1953, com a participação de aproximadamente quinhentas pessoas de todo o país. Representavam trabalhadores rurais, comerciantes, operários, militares, industriais e donas-de-casa e, em seu último dia, fundou-se a Liga de Emancipação Nacional, se estabelecendo como seria composto o diretório central da recém-formada organização, partindo de sua base documental, intitulada *Carta da emancipação nacional*.

No setor econômico, ainda segundo a definição do verbete, a carta atacava a atuação dos trustes e monopólios norte-americanos, com a acusação de que estavam impedindo o processo de desenvolvimento da indústria brasileira, bem como ameaçar de desnacionalização os recursos naturais do país, principalmente os minerais<sup>187</sup>.

Na resolução da Convenção pela Emancipação Nacional, é destacado que a LEN seria uma entidade civil, pretendendo “reunir todas as entidades e pessoas que aceitem e apoiem os princípios enunciados na Carta da Emancipação Nacional, como as associações patrióticas, estudantis, sindicais, camponêses, técnicas, femininas e todas as que adiram aos seus postulados”. Em seu último parágrafo, é explicitado o campo de ação: “deverá atuar no campo parlamentar, como no extra-parlamentar, no político, como no social, pela imprensa e pelos comícios, conferências, congressos, organizando campanhas e lutas capazes de levar à vitória seus objetivos”<sup>188</sup>.

---

<sup>186</sup> LAMARÃO, Sérgio; FLAKSMAN, Dora. Liga da Emancipação Nacional. In: BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930 – 1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: FGV/CPDOC, 1984. Vol. III. p. 1814.

<sup>187</sup> *Idem*. p. 1815.

<sup>188</sup> RESOLUÇÃO da Convenção pela Emancipação Nacional. Belo Horizonte. p. 2. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Media/X9/BRANRIOX90ESIACL103P2.pdf>

A carta partia dos argumentos que, contra o povo brasileiro, estava praticando-se “frequentemente toda a sorte de violências e arbitrariedades. A Constituição brasileira é desrespeitada, mormente em seus dispositivos que garantem os direitos dos cidadãos e as franquias democráticas. Os desmandos das autoridades são uma prática constantes”, reivindicava, também, “a defesa da cultura nacional ameaçada, o estímulo do pleno florescimento das ciências, da literatura, das artes e o amparo à indústria cinematográfica nacional”<sup>189</sup>.

Após o falecimento de Getúlio Vargas, a LEN publicou uma nota no jornal carioca *Imprensa Popular*, ligado ao PCB, com o título “Sobre o agravamento da situação política”. Em linhas gerais, segundo o verbete presente no dicionário, escrito por Sérgio Lamarão e Dora Flaksman, a nota publicada no jornal afirmava que, a crise pela qual estava passando o país era de cunho golpista, com a presença dos monopólios norte-americanos e do governo dos EUA, estaria ameaçando os direitos constitucionais.

Direcionada à população, a nota convocava o povo para fazer uso do voto para “derrubar os entreguistas e eleger os patriotas”. A ação da LEN passou a ser de caráter mais sistemático, diante da política econômica que o novo chefe do Executivo – João Café Filho, vice-presidente de Vargas – estava empreendendo, sendo favorável ao capital estrangeiro e entregando postos-chave do aparelho do Estado a políticos do partido União Democrática Nacional (UDN).

Buscou defender a livre realização das eleições de 1955, com a liberdade do voto e livre propaganda eleitoral, e abordou denúncias da existência de “tentativas antidemocráticas de golpes contra a Constituição”. Por fim, foi diluída pelo decreto presidencial, em 11 de junho de 1956, a pedido da Cruzada Brasileira Anticomunista, encaminhado pelo então Ministro da Justiça, Nereu Ramos. “Os grupos capitalistas estrangeiros – descontentes com as resoluções do congresso – também tiveram participação na interdição da liga, pressionando o governo através da grande imprensa a eles vinculados”<sup>190</sup>.

É sintomático e muito coincidente, talvez, a LEN ser diluída a pedido da Cruzada Brasileira Anticomunista no mesmo ano em que os crimes de Stalin são revelados, na URSS, abrindo uma crise no movimento comunista internacional. Essa conjuntura torna-se muito

---

<sup>189</sup> LIGA da Emancipação Nacional. Carta da Emancipação Nacional. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1954. pp. 3-4. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Media/X9/BRANRIOX90ESIACL103P2.pdf>

<sup>190</sup> LAMARÃO, Sérgio; FLAKSMAN, Dora. *Op. cit.* p. 1815.

problemática para os partidos de orientação stalinista, ocasionando diversos rompimentos e grande evasão de muitos intelectuais, em vários países, muitos acabaram sendo recebidos de braços abertos pelo anticomunismo.

Diante disso, compreendendo as principais reivindicações da organização e a maneira pela qual atuava, voltemos ao ambiente da denúncia do comício, que nos fez transitar através da Liga da Emancipação Nacional. Com base na documentação levantada pela Polícia Política, é possível nos aproximar de quase todos os que formaram a “caterva indecente”, no dia do comício. Obviamente, as informações fornecidas não oferecem um amplo rastreamento da trajetória de cada um, mas, possibilita chegar perto de suas trajetórias e ideias.

Buscando apropriar-se destas reminiscências e torná-las capazes de serem compreendidas como parte de um processo, tal como Edward Thompson refletiu, “cada evento histórico é único. Mas muitos acontecimentos, amplamente separados no tempo e espaço, revelam, quando se estabelece relação entre eles, regularidades de processo”<sup>191</sup>, adentraremos nos corredores da desconfiança, repressão e vigilância da Polícia Política. Neste contexto, articulado até aqui, é que atua o sapateiro Antônio Rocha.

### ***2. 3. – As militâncias dos comunistas em Paranaguá: Entre organização e conflitos***

A militância dos comunistas, na história política brasileira, é imersa em mudanças programáticas e tensões com os seus adversários. Segundo Daniel Aarão Reis Filho, a partir de 1946, os comunistas passaram a adotar uma atitude mais combativa, ainda dentro dos parâmetros da legalidade em que se encontravam. Havia uma nova inflexão programática, principalmente ao novo governo que se instaurava no pós-guerra. O general Dutra havia sido eleito para a presidência da república, com isso, no lugar do nacional-estatismo, agora a política concentrava-se numa perspectiva internacionalista liberal, deixava-se de lado a ambição autonomista para uma aliança com os Estados Unidos. Sem mais propostas de

---

<sup>191</sup> THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 97.



integração e conciliação com os trabalhadores, mas, repressão aos sindicatos e às lutas sociais<sup>192</sup>.

Seguindo os indícios presentes no comício, como em um labirinto, tentamos caminhar através de um fio. Sem perder o rastro por onde fizemos a entrada, podemos imaginar o sapateiro Antônio Araújo Rocha, ao término de mais uma jornada de trabalho, fechando a sua sapataria, arrumando o seu bigode e se preparando para um dia de emoções e paixões políticas exaltadas, revendo, talvez, as anotações que fizera especialmente para chegar ao centro da cidade e encontrar seus companheiros de militância.

Surge da documentação um comunista de atividade intensa, entre suas funções, é destacada a posição como membro efetivo no Comitê Municipal do PCB. A trajetória de Antônio Araújo Rocha é observada pela Polícia Política, em sua ficha, a partir de 1946, seguindo seus passos até o ano de 1967. Em abril de 1946, interceptando uma das atas de reunião da Célula do partido, no centro de Paranaguá, é informado que o sapateiro é Secretário Político desta Célula e que, no dia 24 de abril daquele ano, “presidindo a mesa, tomou a palavra e fez um rápido esboço sobre a situação política nacional, em face do PCB [...]”.

Dias depois, em 29 de abril, a informação de que realizou uma autocrítica, “na qual, o fichado se intitula Sec. da Célula do Centro e dadas razões pela qual não desempenhou as suas funções a contento do Partido”<sup>193</sup>. É possível que esta autocrítica possa ter sido realizada em decorrência de algum conflito interno. Entre os membros do partido, nas situações que pudessem colocar em risco a estrutura dos partidos comunistas e de suas células, aqueles membros que entravam em querelas com os dirigentes, em razões de críticas à organização ao programa, às estratégias de militância, eram expulsos ou obrigados a fazer a autocrítica, se pretendessem continuar no partido.

Ainda no mesmo ano, as informações destacam “comunista militante”, inscrito como Secretário de Divulgação e, após 1947, é o “elemento encarregado da distribuição de boletins do ex-PCB, na cidade de Paranaguá” e “membro da Comissão provisória da

---

<sup>192</sup> REIS FILHO, Daniel Aarão. Entre Reforma e Revolução: A trajetória do Partido Comunista Brasileiro no Brasil entre 1943 e 1964. In: RIDENTI, Marcelo; REIS FILHO, Daniel Aarão. *História do Marxismo no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p. 78. Vol. 5.

<sup>193</sup> DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34. 883.

Reorganização do Centro de Petróleo de Paranaguá, conforme publicação feita pela Tribuna do Povo de 05 de novembro de 1949”.

A conjuntura pós-1947, com a cassação do PCB, caracteriza-se pela radicalização revolucionária, desse modo, dois textos políticos representam o novo curso programático: o manifesto de 1948 e o de agosto de 1950. O governo nacional foi denunciado como traidor da nação e marionetes do imperialismo norte-americano. O novo programa do partido previa uma revolução agrária, anti-imperialista, que deveria ser conduzida por uma Frente Democrática de Libertação Nacional, esse programa destacava um governo democrático, popular e revolucionário. Nesse sentido, a aliança com o PTB entrava em ruínas, acusados de estarem de acordo com os interesses reacionários, traidores da classe operária. Porém, após a morte de Getúlio Vargas, a situação mudaria, de traidores, os trabalhistas passaram para a condição de irmãos, companheiros de luta<sup>194</sup>.

Em 31 de março de 1949 foi detido pela DOPS, “por exercer atividades comunistas”, sendo posto em liberdade no dia seguinte. Entre 1950 e 1954, Antônio Araújo Rocha seguiu publicando textos no jornal Tribuna do Povo. Em 1952, segundo os dados levantados na ficha, publicou pelo menos dois textos no jornal, intitulados *Trinta anos de lutas do PCB por paz, pão, terra, e liberdade para o nosso povo; O manifesto de Prestes, Guia da Paz e da Independência do Brasil* e uma assinatura, “protestando contra a guerra Bacteriológica”.

Além de ter sido eleito, em 1950, “2º Tesoureiro da União Sindical dos Trabalhadores do Paraná, em reunião realizada em Paranaguá”, foi apontado pelo Delegado da cidade, no ano de 1953, como “líder dos comunistas de Paranaguá” e, um dia antes do polêmico comício no centro da cidade, no dia primeiro de agosto de 1954, “foi lançada sua candidatura a deputado estadual pelo estinto PCB sem legenda”.

Treze anos depois, em 1967, com seus 59 anos de idade, a última informação de sua ficha declara, “consta que Antonio Rocha, o fichado foi representante do jornal *Voz Operária*, é comunista militante, entretanto atualmente, não tem qualquer atividade nesse sentido, manifestando-se em ser um cidadão pacato”<sup>195</sup>.

Além de ter feito uma autocrítica, onde sugerimos a existência de um possível conflito no interior do partido, o sapateiro dedicou críticas ao partido, no momento do IV Congresso do PCB, precisamente, a respeito de sua organização em uma conferência

---

<sup>194</sup> REIS FILHO, Daniel. Entre Reforma e Revolução... Op. cit. p. 80-88.

<sup>195</sup> DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34. 883.

municipal para o referido congresso, datado em 21 de abril de 1947, assinado como Secretário de Organização do Comitê Municipal.

O sapateiro Antônio Rocha argumenta a necessidade dos quadros dirigentes do partido para que se eduquem o suficiente para “compreender a linha política do Partido para realizar na pratica a justa política orgânica que caracteriza o nosso Partido”. Compreendemos esta passagem como uma crítica à organização do partido e que ela deve ser “sanada” pela educação, ou seja, muito possivelmente pela leitura e discussão da ideologia comunista. Isto fica mais claro no seguinte trecho: “O que nos cabe confessar é que ainda somos fracos tanto politicamente como ideologicamente, o que nos impede de aplicar com justesa as tarefas de forma que delas se colham os melhores resultados”<sup>196</sup>.

Antes de elencar estes argumentos, Antônio Rocha elabora um conjunto de ideias que justificam a sua crítica aos dirigentes, esclarecendo primeiramente que,

Com a realização do 4º Congresso do nosso Partido que hora se realiza em todo o Paiz, com a realização de assembleas de células distritais e com a realização de Conferencias Municipais é necessário que se faça com nitides e compreensão a análise da vida interna da nossa Patria examinando com bastante claresa todos os problemas de vital importância para o progresso e bem estar do nosso povo. Esses problemas só poderam ser levantados por um partido disciplinadamente organizado e profundamente ligado às mais amplas camadas do povo, e, esse Partido é o nosso Partido, o Partido Comunista do Brasil.

É portanto necessário que de todos os recanto deste imenso Paiz se faça ouvir pela voz de todos os militante do nosso Partido, os problemas mais crusciantes do povo brasileiro, as reivindicações mais sentidas pelos trabalhadores das cidades vilas e do campo bem como de todos os bairros ou empresas que compõem a comunidade nacional.

É muito comum ouvir-se dos nossos militantes que isso só será possível a medida que tivermos uma imprensa capaz de levar às massas a orientação do nosso Partido educando o povo para a luta organizada e o esclarecimento político necessário às massas populares, isso sem duvida é justo, mas antes e acima de tudo é necessário que os quadros dirigentes do Partido se eduquem [...] <sup>197</sup>.

Fica clara a crítica de Antônio Rocha, apontando que naquele momento, havia uma distância entre povo – militantes – dirigentes, e que um dos caminhos para a resolução deste problema visualizado pelo sapateiro, para além da educação dos membros, seria necessária

---

<sup>196</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 137.

<sup>197</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 137.

maior disciplina na estrutura do partido, visando a aproximação com o povo. Podemos perceber a ligação afetiva que Antônio Rocha realiza, especificamente através da utilização que faz, quando indica que “somos fracos tanto politicamente como ideologicamente”, estaria sinalizando, possivelmente, a renovação da afetividade política do grupo, com base na formação política de militantes e de dirigentes.

Ansart pode nos elucidar as possibilidades que a ideologia política desempenha na organização de seus adeptos, de modo que esta “renova o empreendimento mítico e religioso da identificação dos indivíduos. Convocando um grupo particular (partido, classe, nação) para uma ação também particular, estabelece as fronteiras e recria os instrumentos de magnificação do grupo envolvido”<sup>198</sup>. Porém, parece que isso está nebuloso na realidade que Antônio Rocha descreve.

O sapateiro é incisivo e declara que “as nossas células ainda são organismos fechados vivendo nos bairros e nas empresas sem se identificarem com a massa e sem a menor preocupação pelos seus problemas, são portanto organismos desconhecidos ignorados pelo povo”. Em seu ponto de vista, os dirigentes não possuem mecanismos suficientes para desenvolver vínculos sólidos com as pessoas, “ainda não se capacitaram da importância desses organismos no trabalho de ligação com as massas dos bairros, das empresas ou do campo”. Neste sentido, suas críticas avançam para a própria identidade do ser comunista, argumentando que “é necessário que se compreenda que o povo não nos seguirá pelo simples fato de sermos Comunistas mas sim pela dedicação e espírito de luta na defesa de seus interesses”, enfatizando a necessidade da ação política.

Continua, propondo para que a distância entre dirigentes – militantes – povo seja diminuída, haja o objetivo de “transformar as nossas células em organismos vivos, sentidos pelo povo dos bairros e operários de empresas como órgão político dirigente e orientando o povo nas lutas, vivendo com o povo os seus problemas em discussões amplas e populares”.

A manifestação de Antônio Rocha a respeito da organização do partido encontra-se num ponto específico, ele não está deixando de lado o entusiasmo ideológico para estabelecer diretamente um compromisso com as pessoas, tal como Ansart define, refletindo que a prática cotidiana do militante produz este deslocamento<sup>199</sup>, mas, sim, está levantando um problema específico, qual seja, o de reformular as práticas políticas do partido para que a relação entre

---

<sup>198</sup> ANSART, *Ideologias...* Op. cit. p. 40.

<sup>199</sup> ANSART, *La gestion...* Op. cit. p. 119.

partido e povo seja mais clara e objetiva. Percebendo esta separação, o sapateiro a problematiza.

Verificamos certa autonomia de Antônio Rocha nesse momento, pois está *colocando o dedo na ferida*, elaborando seu pensamento sobre um problema que julga ser fundamental para o desenvolvimento do PCB. Assim, sendo o sapateiro um militante e Secretário de Organização nesta ocasião, concordamos com Ansart - retomando nosso primeiro capítulo – que os membros da base tendem a não internalizar de maneira integral as mensagens vindas dos dirigentes, buscam compreender a situação que se encontram, pensando a partir de sua própria cultura, evidenciando conflitos entre membros e lugares de disputas internas<sup>200</sup>.

O sapateiro também dedica suas críticas acerca da organização das reuniões de células e da discussão que as envolve, de maneira a afirmar que,

As nossas reuniões falham pela forma errada que as conduzimos, esquecemos que devemos preparar e distribuir com antecedência as ordens do dia para que cada militante venha preparado para discuti-las e possamos sair de cada reunião com tarefas concretas não ficando nenhum militante sem uma tarefa por menor que seja, tendo-se o necessário cuidado para que ninguém seja sobrecarregado e que os militantes mais novos só recebam tarefas que possam executar. Também devemos regularizar o funcionamento das células de forma que as suas reuniões se realizem nos dias marcados isto é, a célula de 20 em 20 dias e o secretariado da mesma uma vez por semana, só assim podemos transferir o centro de trabalho para as células<sup>201</sup>.

Antônio Rocha demonstra suas propostas organizativas, preocupando-se com um funcionamento pleno das células, objetivando uma articulação mais efetiva entre os membros, na esfera interna do partido. Poderíamos imaginar como estes argumentos foram recebidos pelos outros membros, talvez, deve ter causado descontentamento e desconforto, uma vez que está problematizando sistematicamente os pontos fracos da situação do partido em Paranaguá. Não seria difícil terem acontecido resistências internas ao que foi levantado pelo sapateiro.

Sua crítica estende-se, incisivamente, ao citar que “a organização é por assim dizer a alma do Partido” e que é necessário, “na medida do possível dizer o que pensamos da verdadeira situação do Partido neste Município”. Diante disso, sua leitura do contexto municipal reflete que a organização, naquele momento, “é ainda inteiramente débil, motivo

---

<sup>200</sup> Idem, p. 120.

<sup>201</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 137.

porque crescemos em quantidade de militantes mas não progredimos na política de formação de quadros, ficando a maioria dos nossos militantes sem organismo [...]”. Isto, segundo o sapateiro, estaria levando os militantes ao aborrecimento, pois acabavam esperando a indicação do organismo onde deveriam atuar. Para ele, este problema seria um dos que estavam causando a distância com as massas, “isso sem dúvida retarda a formação de quadros de que tanto ressentimos e impede a nossa ligação com a massa”<sup>202</sup>.

A formação e recrutamento de militantes no interior do partido é apresentada por Antonio Rocha como um “expontaneismo da massa que procura o nosso Partido, ultima esperança para a solução dos seus problemas, quando deveria ser um trabalho planejado e realizado através de um trabalho de massa em movimento de reivindicações”. Pensando esta formulação, juntamente com o relatório da DOPS a respeito do porto, no início deste capítulo, onde o agente Louis Antoine aponta os operários comentando que uma das principais causas de muitos trabalhadores aderirem ao partido seria a violência cometida pela polícia, podemos imaginar que partindo pelo menos destes dois motivos, formar-se-ia a militância comunista na cidade.

Em meio aos problemas de organização, Antônio Rocha esclarece que “apesar de tantas debilidades, podemos afirmar que temos um Partido no Município respeitado pela própria reação que não cria nenhum embaraço ao nosso trabalho e com um pouco de compreensão e boa vontade podemos transformar num grande Partido de massas”. Naquele momento, o sapateiro apresenta qual a situação das células e as condições de funcionamento de cada uma, bem como a quantidade destas em Paranaguá. Segundo sua declaração, em 1947 havia na cidade seis células; sendo duas de empresas, três localizadas nos bairros e uma rural. Outras células haviam se estruturado, existindo uma em Guaratuba e outra na Ilha de Piassaguera, entretanto, não estavam funcionando pelo motivo de abandono.

Argumenta que não seria possível afirmar o funcionamento pleno, ocorrendo a dificuldade de reunir as células da cidade de Paranaguá, “para a realização das conferências de células não foi possível reuni-las de conformidade com as normas orgânicas para o 4º Congresso mesmo as duas células de empresas, da estiva marítima e da estiva terrestre apenas dão sinal de vida não como órgão mas como corpo inorgânico”.

---

<sup>202</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 138.

Suas principais críticas, a respeito das células, caracterizam-se pela inoperância destas, o que leva-nos a pensar que Antônio Rocha possuía ferramentas teóricas para pensar sobre o assunto, fundamentalmente se for considerada a carga de leitura que desenvolveu, direcionada para os estudos da teoria marxista – isto será analisado no terceiro capítulo. Contudo, uma das problemáticas que levanta é o desequilíbrio entre elementos quantitativos e qualitativos da militância em Paranaguá. Em suas palavras: “algumas dessas células contam com elevado número de militantes, mas que não se reúnem dentro de suas sedes onde possam discutir os problemas partidários e os problemas da classe e tomar resoluções para resolvê-los”.

Referindo-se a um Comitê Distrital no porto, que foi estruturado para dar apoio às células dos bairros da região portuária de Paranaguá, Antonio Rocha destaca que este comitê acabou se dissolvendo, pela falta de experiência organizativa, “isso nos indica que a descentralização do Partido no Município foi prematura, por falta de base orgânica e de senso de responsabilidade de alguns dirigentes”<sup>203</sup>.

Sua atenção volta-se para a reestruturação do partido, em face da desorganização que compreende estar à sua frente, o sapateiro estabelece que o objetivo emergencial para tal empreendimento “é um trabalho de recuperação planejado de forma proceder o levantamento das bases existentes e a estruturação de novos organismos” e que, “sentimos que no momento os trabalhos do Partido se realizam pela boa vontade de meia dúzia de militantes esforçados e mais ou menos esclarecidos mas mesmo assim de maneira individual”.

Por fim, Antônio Rocha termina o seu informe, tecendo mais críticas aos dirigentes, inclusive, identificando um deles. Assim,

Cabe sem duvida ao Comitê Municipal a maior culpa por essa situação que não soube tirar das bases elementos responsáveis e dedicados para suprir as faltas de quadros para a composição das secretarias única forma de dirigir os trabalhos sem que ninguém carregue o Partido nas costas e termine enfim exgotado. Recebemos do antigo Secretario de Organização, comp. Oscar Costa o Partido na situação em que ele, hoje se encontra, dado também a nossa falta de tempo e de experiência não podíamos realizar o milagre de transforma-lo do dia para a noite naquilo que ele deve ser: um Partido organizado. Temos portanto que cuidar com urgência do levantamento do

---

<sup>203</sup>DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 138.

Partido, planificando as nossas tarefas, criando as secretarias necessárias para controle das tarefas.  
Façamos do nosso Partido a vanguarda verdadeira do povo, lutando pelas suas reivindicações mais sentidas<sup>204</sup>.

É possível perceber ao longo de seu texto, aquilo que Ansart designou para o estudo dos sentimentos na política, ou seja, os signos comoventes, principalmente quando se refere às coletividades, como a utilização de palavras como “nosso partido”, “nosso povo”, “nossa pátria”, ou quando identifica que o PCB é o partido que está ligado diretamente com o povo brasileiro, podemos compreender que há constantemente uma identificação pela afetividade, isto é, na dramatização de conflitos travados externamente - aos adversários políticos - como internamente - aos membros do mesmo partido - e que possuem fortes cargas emocionais, potencialmente geradoras de emoções coletivas intensas, quando considerado que, dada a conjuntura presente, uma renovação das emoções coletivas poderia oferecer os resultados esperados por Antônio Rocha<sup>205</sup>.

Antonio Gramsci pode ser fundamental, para entendermos como as críticas de Antônio Rocha se desenvolvem, em torno da organização do partido e daqueles militantes que não estão cumprindo com as suas tarefas. Segundo Gramsci, em seu texto *Os indiferentes*, publicado em 1917, aponta a necessidade de problematizar a indiferença na organização partidária. Para o autor, a indiferença “é aquilo que confunde os programas, que destrói os planos mesmo os mais bem construídos”, nesse sentido, a indiferença manifestada pelos militantes de Paranaguá, onde Rocha argumenta que não fazem escolhas para exercer as tarefas, mas ficam no aguardo, esperando serem designados; e que também não fazem as leituras que são recomendadas para as reuniões de célula, vai na direção do que Gramsci reflete acerca deste tipo de militante, ao qual expõe seus sentimentos, comentando que odeia os indiferentes políticos, esses que não fazem escolhas, que não tomam partido. Para Gramsci, “a indiferença é o peso morto da história”. A insatisfação de Rocha ao perceber os problemas de organização do partido, poderia ser identificada como uma insatisfação com a indiferença de alguns militantes, que não fazem as suas escolhas para que o aparelho partidário tenha sua continuidade como organismo<sup>206</sup>.

---

<sup>204</sup>DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174. p. 138.

<sup>205</sup>ANSART, *La gestion...* Op. cit. p. 69-70.

<sup>206</sup>GRAMSCI, Antonio. *Os Indiferentes*. In: GRAMSCI, Antonio. *Convite à leitura de Gramsci*. Rio de Janeiro: Achiamé, s/d. p. 87.



Além de formular estas críticas, quase dez anos depois, em 1956, seu nome está em uma lista levantada pela DOPS, identificando “agentes comunistas, chefes de comitês municipais e distribuidores de órgãos da imprensa comunista no Estado do Paraná”, precisamente, o sapateiro é relacionado como o representante dos comunistas de Paranaguá, onde nome completo e endereço de sua sapataria estão presentes<sup>207</sup>.

Já nos primeiros anos da década de sessenta, no dia 3 de junho de 1964, em um relatório para a 3ª Subdivisão Policial do Litoral, o então Delegado Peregrino Dias da Rosa Filho, escreve para o seu superior em Curitiba, “após o vitorioso movimento militar que pôs fim ao processo de comunização do Paiz, por pessoas que direta ou indiretamente propiciaram meios para o calamitoso estado em que se encontrava a Nação” que prendeu vários comunistas em Paranaguá.

Sua reação é entusiasmada, descrevendo que “se a revolução fracassasse esses homens seriam certamente os que iriam mandar fuzilar os ‘reacionários’ e ‘gorilas’ de Paranaguá”, e que manteve vigilância antes de realizar a captura de cada um, relatando suas atividades de modo a destacar, “há muito esses indivíduos vinham sendo observados porem pouco ou nada se podia fazer já que suas atividades eram encorajadas pelo próprio governo do Sr. João Goulart”<sup>208</sup>.

O delegado faz uma “triagem” e separa os comunistas em três grupos, classificando o primeiro grupo como os intelectuais; o segundo como os atuantes; e o terceiro como os menos perigosos, “usados pelo primeiro e segundo grupo”. O primeiro grupo é composto por Victor Horácio da Costa, Miguel Salomão, Niland Dutra dos Santos e Deogenes Leal de Oliveira. O segundo, composto pelo sapateiro Antônio Rocha, Oswaldo Barbosa dos Santos, Augusto Chagas, Francisco João dos Santos, Claudio Lopes, Antonio Maria, Angelo Alves, Aurelio Meirelles, João de Souza Reis, Adão Nascimento, Antonio Camilo do Nascimento Junior, Estanislau Eloi Cardoso e João Teixeira. O terceiro, composto por Antonio Berlin Junior, Eudes Marques Vianna, Guaraci Nobre Rolin, Antenor Albini, João Pessoa da Costa, Adilson de Souza Pinheiro, Antonio Paixão e Milo Albini<sup>209</sup>.

Cada um dos capturados apresentou declarações ao delegado. Segundo o relatório, o sapateiro declarou ser simpatizante das ideias comunistas, que pertenceu ao Partido

---

<sup>207</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P2 (Documentos diversos). Nº 1468B. Topografia: 174. p. 102.

<sup>208</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242. p. 283.

<sup>209</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242. p. 284-285.

Comunista, estando preso diversas vezes como elemento comunista e que esteve presente por causa de um incidente, em um “quebra-quebra” no bar chamado Americano, onde duas pessoas perderam a vida.

Alguns dias após o golpe, foi expedido um comunicado, que solicitou a captura do sapateiro Antônio Rocha, precisamente, em 15 de abril, para ser processado como incurso na Lei de Segurança Nacional<sup>210</sup>. Milton Ivan Heller se refere a Antônio Rocha, destacando-o como um velho militante comunista de Paranaguá, estando no dia do golpe de 1964 em Curitiba, logo avisado pela família para não voltar ao litoral, pois a polícia estava no seu encalço. Contudo, o sapateiro decidiu seguir adiante e desceu a Serra.

Resolvi retornar à minha cidade e me apresentei ao delegado de polícia, dizendo que eu não tinha motivos para fugir e que apenas estava apoiando as reformas de base defendidas por João Goulart e participando do Fórum Sindical, que reunia todos os sindicatos de Paranaguá. O delegado ouviu e disse: “Está certo, volte para casa, mas o senhor não pode sair de Paranaguá sem autorização da delegacia. E toda segunda-feira venha aqui com um relatório, dizendo o que fez na semana anterior”<sup>211</sup>.

Segundo Heller, o sapateiro não acatou as ordens do delegado, não se afastando da militância política, com argumentos de que, mesmo João Goulart tendo sido deposto, a luta continuava, principalmente pela reforma agrária e a valorização dos salários dos trabalhadores, expondo que,

Após trinta dias, mais ou menos, dois policiais me prenderam na minha sapataria, com mais uns quarenta de Paranaguá, quase todos trabalhadores que atuavam nos sindicatos. Fiquei mais vinte dias na cadeia, respondendo a interrogatórios na Capitania dos Portos, onde foi realizado um inquérito contra elementos tidos como subversivos. As perguntas eram feitas por um capitão do Exército, e um tenente anotava tudo. Perguntaram se eu era comunista e eu disse que sim, porque em Paranaguá todos me conheciam e eu já havia sido preso, diversas vezes, distribuindo a *Voz Operária*. Aí me mandaram embora e nunca mais fui preso. Depois me afastei do PCB porque ele se dividiu em doze ou quinze pedaços, mas acho que a reação e a

---

<sup>210</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214A. Topografia: 242. p. 88A.

<sup>211</sup> HELLER, Milton Ivan. *Resistência Democrática: A repressão no Paraná*. Rio de Janeiro: Paz e Terra: Curitiba: Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 1988. p. 248.

violência contra os trabalhadores vão acabar empurrando o povo para o socialismo<sup>212</sup>.

Nessa conjuntura, em que o golpe de Estado é efetivado, é possível compreender um pouco mais da leitura que Antônio Rocha fez do momento, voltando ao seu depoimento, onde destaca: “[...] o golpe veio, quando eles viram que os trabalhadores estavam começando a entender os seus direitos de classe, né... Então eles aplicaram o golpe.”<sup>213</sup>. Anos mais tarde, também revela tensões com o PTB, expondo que “o PTB entregou o partido pra ditadura [...]”<sup>214</sup>. Na percepção de Antônio Rocha o golpe é designado, fundamentalmente, como desarticulador dos sindicatos, nesse sentido, destaca que “em consequência do golpe, da ditadura, né, os trabalhadores ficaram muito prejudicados, a atuação do sindicato ficou muito ruim, elementos estranhos desviaram o interesse da classe, desviaram a luta, mas, vai avançando”<sup>215</sup>.

Da sapataria à beira mar, imaginemos que uma carona nos leva para o outro lado da cidade. Entre cargas pesadas, caminhões em circulação pelo porto, navios atracando no cais, ouvimos os pombos nos armazéns, observamos cavalos comendo capim às margens da avenida que leva ao local, brigas nas proximidades da área portuária e botecos que recebem os estivadores a todo instante, sedentos por uma cerveja ou, talvez, algumas doses de cachaça. É o fim de mais um dia na vida destes trabalhadores e, no meio da multidão que segue para casa, nos deparamos com o estivador Estanislau Eloy Cardoso, outro membro presente no comício.

Suas atividades como militante comunista datam de 1944 até 1954, em sua ficha da DOPS. Entretanto, os dados são mais presentes entre os anos de 1944 e 1947, com um hiato até 1954, porém, isso não significa necessariamente, que deixou de atuar como militante político. Assim como Antônio Araújo Rocha, também aparece como Secretário Político, no ano de quarenta e quatro, dois anos antes do sapateiro.

Foi orador em reunião da Célula dos Estivadores, bem como “elemento estruturado”, participando de outras reuniões na Célula Esperança, localizada na Ilha dos Valadares, uma ilha muito próxima do centro de Paranaguá, onde atualmente é possível chegar através de uma

---

<sup>212</sup> Idem. p. 248.

<sup>213</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 09.

<sup>214</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 28.

<sup>215</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 26.

ponte. Em 1946, no dia 14 de junho, “consta o nome do fichado num abaixo assinado, junto à Assembleia Constituinte, ‘protestando a vinda dos 107.000 soldados fascistas do exercito Polonez do General Inglez Amdrews, por não haver nem país para os brasileiros’, e contra a Carta fascista de 1.937”.

Junto a essas informações, a DOPS levantou a sua renda, “com salário mensal de Cr\$600,00, e contribue com a quantia de Cr\$6,00 para o Partido”. Por fim, em março de 1954, no dia 30, “foi eleito pela Convenção Estadual de Emancipação Nacional à membro da Comissão de Planejamento e Organização, e ainda o fichado em seguida assinou um manifesto lançado à Nação” e, igualmente ao sapateiro Antônio Rocha, um dia antes do comício “foi lançada a sua candidatura a deputação Estadual pelo estinto P. C. B. sem legenda”<sup>216</sup>.

Contudo, em sua Pasta Individual, há mais alguns dados sobre sua trajetória como comunista até o ano de 1966. Logo após o Golpe Militar de 1964, se iniciando o período de ditadura, no dia 4 de maio daquele ano, “o fichado, conforme Portaria Especial do Delegado Chefe da 3ª Sub-Divisão Policial com sede em Paranaguá, datada de 15 de abril último, é comunista e agitador, estando incurso na Lei de Segurança Nacional”.

Algumas semanas depois, em 22 de maio, “o fichado, nesta data foi recolhido á Prisão Provisória do Ahú, por ordem Superior”, sendo posto em liberdade quase um mês após sua prisão, no dia 15 de junho. Mais adiante, em 31 de outubro de 1966, é destacado que, “no relatório de 3 Jun 64 da 3ª Subdivisão Policial de Paranaguá, consta sôbre o fichado: ‘mantinha no porto uma cantina onde fazia distribuição de literatura subversiva e do jornal Novos Rumos. Farto material foi apreendido e encaminhado à DOPS’”<sup>217</sup>.

Em seu manifesto, escrito para o comício de 1954, Estanislau Cardoso expõe suas angústias e o que pensa a respeito do momento da política nacional e local, texto que reproduzimos na forma integral:

MANIFESTO do Candidato a Deputado Estadual ESTANISLAU CARDOSO

Aos trabalhadores e ao povo de Paranaguá!  
Aos meus companheiros da estiva e do porto de Paranaguá!

---

<sup>216</sup> DEAP/DOPS. Ficha Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 07. 295.

<sup>217</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336. p. 2.

A situação dos trabalhadores e do povo de Paranaguá é de verdadeira calamidade. Devido à política dos governos de Getúlio e Bento Munhoz, o movimento do porto de Paranaguá está diminuindo cada vez mais, acarretando a falta de trabalho para os estivadores e portuários e parализando toda a vida econômica da cidade. Como consequência dessa política dos governos federal e estadual, elevam-se dia a dia os preços de 1ª necessidade, da habitação e dos transportes, tornando insustentável a vida dos que se mantêm por meio de salários e ordenados. Cada elevação dos preços significa uma diminuição do salário real.

A Prefeitura de Paranaguá, dirigida por Roque Vernalha, nada fez em benefício do povo da cidade. O que se vê são negociatas do atual Prefeito com terrenos, a cidade sem um hospital municipal nem os mínimos recursos médicos, falta de transportes, de saneamento, de água, de luz e de energia, sacrificando o povo e impedindo o desenvolvimento e instalação de indústrias em nossa cidade.

Contra essa situação de atraso, fome e miséria, todo o povo de Paranaguá deve se mobilizar e comparecer em massa às próximas eleições para votar contra os governos de Getúlio, Bento Munhoz e Roque Vernalha.

Como estivador marítimo de Paranaguá, fiel às lutas da classe operária por suas reivindicações, como candidato a deputado estadual, escolhido pela vanguarda consciente dos trabalhadores, proponho-me a defender o seguinte programa de reivindicações do povo de Paranaguá, na Assembleia Legislativa do Estado:

1 – Defesa da paz mundial e proibição das armas de extermínio em massa como a bomba atômica;

2 – Por relações amistosas com todos os países, principalmente com a União Soviética e a China, o que permitirá o desenvolvimento das nossas trocas comerciais e um grande aumento do movimento do Porto de Paranaguá;

3 – Contra os privilégios e concessões aos trustes americanos Anderson Clayton e American Coffee que açambarcam o transporte, armazenamento e o comércio do café;

4 – Defesa das liberdades democráticas, pela liberdade sindical, pela liberdade para os operários terem o seu partido político independente, isto é, pela legalidade do Partido Comunista do Brasil;

5 – Aumento da taxa de estiva em benefício dos estivadores, pelo contrato coletivo do trabalho, aumento dos vencimentos e salários dos portuários e de todos os trabalhadores, empregados e funcionários públicos estaduais e municipais, de acordo com o atual aumento de custo de vida; pagamento o salário-base para os ensacadores de café; aplicação efetiva do salário mínimo, principalmente em relação às mulheres e aos menores, pela entrega do imposto sindical integralmente aos sindicatos; pelo congelamento dos preços;

6 – Pela encampação da Cia. Força e Luz do Paraná e da Cia. Telefônica e pelo fornecimento de energia abundante e barata para o desenvolvimento industrial do Estado e de Paranaguá;

7 – Pela abolição de todas as restrições ao livre trabalho dos pescadores. Ajuda pelo Estado aos pescadores por meio de concessão de crédito para a construção de casas, entrepostos, etc., e fornecimento de instrumentos e embarcações para a pesca;

8 – Garantia pelo Estado de preços mínimos para os produtos agrícolas para que os sítiantes não sejam obrigados a entregar os seus produtos quasi de graça para, depois açambarcados pelos especuladores, serem levados a

prêços inacessíveis ao povo; direito de utilização dos recursos das matas do Estado pelos camponeses para a obtenção da caça, palmito, varas, cipós e hervas;

9 – Por assistência médica e hospitalar à altura das necessidades da população de Paranaguá, pelo saneamento e fornecimento de água abundante;

10 – Pela baixa dos impostos que recaem sobre o povo em geral e aumento do imposto territorial sobre os latifundiários;

Este programa, que me comprometo a defender, só se converterá em realidade, entretanto, se o povo e os trabalhadores organizarem-se e pôr ele lutarem desde já, dentro dos seus sindicatos, nas emprêsas, nas concentrações de pescadores e de camponeses.

Concito a todos os homens e mulheres progressistas de Paranaguá a formarem uma ampla frente única eleitoral, em torno deste programa, elegendo os candidatos que se disponham a aplicá-lo e a apoiá-lo publicamente, sem distinção de partido político, de ideologia e de crença religiosa.

Paranaguá, Julho de 1954.

a) Estanislau Elói Cardoso, estivador marítimo de Paranaguá<sup>218</sup>.

Como discutido anteriormente, podemos compreender a orientação política do manifesto de Estanislau Cardoso, em relação às orientações descritas e defendidas pela Liga da Emancipação Nacional, o qual “foi lido pelo autor” no comício, de acordo com o que está escrito em seu dossiê, reivindicando para si a identidade da classe operária, como trabalhador que busca melhores condições de vida, atacando as formas de governo na esfera local e nacional. O manifesto de Cardoso está inserido num programa político sintonizado ao realismo socialista e sua agenda programática, elaborada URSS, podemos compará-la, segundo Dênis de Moraes, observando os pontos principais em que o debate dos comunistas deveriam circundar, como: “denúncia do imperialismo, defesa da paz mundial, organização popular pela libertação nacional e pela implantação do socialismo”<sup>219</sup>.

É curioso observar o texto e refletir sobre o que foi escrito no relatório a respeito do comício, apontando o autor como um “homem semi-analfabéto”<sup>220</sup>, quando aqui, se considerarmos que o manifesto foi escrito pelo próprio, constatamos contradições na documentação sobre o estivador, precisamente em sua “distribuição de literatura subversiva e do jornal *Novos Rumos*”<sup>221</sup> no porto. Neste sentido, é possível que Estanislau Cardoso fosse

<sup>218</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336. p. 3.

<sup>219</sup> MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994. p. 143.

<sup>220</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584C. Topografia: 65. p. 62.

<sup>221</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336. p. 2

mais do que uma pessoa semianalfabeta ou uma simples peça do partido, reelaborando e interpretando aquilo que entrava em contato, por meio da leitura e pelas reuniões nas células comunistas.

Saindo do porto, podemos imaginar um encontro com Felipe Chede, outro comunista presente como orador no mesmo comício no dia 1º de agosto de 1954, no centro de Paranaguá. Iremos transitar entre Paranaguá, Ponta Grossa e Curitiba, pois a documentação levantada pela Polícia Política manteve vigilância ao caixeiro-viajante, nestas três cidades. Nos dados presentes na ficha e pasta individual, a trajetória de Felipe Chede é documentada desde meados de 1934 a 1981. Na década de trinta, suas ações são observadas como um importante líder local, de modo que,

[...] foi presidente da Aliança Nacional Libertadora. Candidatou-se em 1934 a prefeito municipal, tendo votação irrisória. Dirigiu antes de novembro de 35 violenta campanha contra o governo, acenando ao povo com os benefícios de diversas padarias que prometeu abrir de acordo com o sistema comunista. Desapareceu de Paranaguá pouco antes da intentona comunista, regressando àquela cidade vários meses depois, quando já serenados os ânimos. Voltou a chefiar as reuniões comunistas, feitas no Templo Maçônico. 1936 – Transferiu residência para Laguna ou Tubarão-Sta Catarina. 1944 - Detido por atitude inconveniente em comício estudantil promovido por comunistas. Prestou declarações. 1945 – Reorganizado o P. C. B. o fichado desenvolveu, veladamente, intenso trabalho em favor do Partido, não aparecendo nas notícias oficiais como elemento filiado [...]<sup>222</sup>.

No ano de 1935, “dispunha de grande influência no meio operário, tendo sido candidato à Prefeitura de Paranaguá [...] pouco antes do levante de 27 de novembro de 1935, encetou verbalmente uma campanha contra o preço do pão”. Após a insurreição, publicou textos no jornal *Diário da Tarde* sobre o ocorrido<sup>223</sup>. Em 1944, participou de uma passeata na capital paranaense, promovida pelos Colégios Liceu Rio Branco e Novo Ateneu, na ocasião, “proferiu um violento discurso enaltecendo a Rússia e afirmando que o único homem digno de sentar-se a mesa da Conferência da Paz seria Luiz Carlos Prestes. Dois dias após, isto é, a 24 de agosto de 1944, foi detido por ter feito tal pronunciamento”<sup>224</sup>. Quatro dias em seguida de ser preso, “prestou declarações, e depois de severamente advertido foi posto em liberdade”;

---

<sup>222</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 3.

<sup>223</sup> DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08. 895.

<sup>224</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 6.

mais uma vez, falou em público em outra passeata, no dia 5 de setembro do mesmo ano, “usou novamente da palavra e depois de falar sobre a data, alegou que por ocasião de sua detenção havia sido preso como um vagabundo qualquer”<sup>225</sup>.

Em seu auto de declarações, observamos outras impressões, muito diferentes das que estão em sua ficha, comentando que em Curitiba,

[...] usou da palavra, fazendo ligeiro discurso; que reconhece haver se excedido nas suas expressões, pois chegou a dizer que “Luís Carlos Prestes é um brasileiro democrata e que si, na ocasião da paz, não estiver encarcerado, será digno de tomar assento entre os que figurarem na aludida conferencia!”; que o declarante não se recorda das outras expressões que usou, mas sabe haver feito alusões à França redimida, e, de maneira elogiosa, se referiu à bandeira nacional e ao exercito expedicionário; que o declarante não conhece o rapaz que o convidou para falar, e supõe que o mesmo o conheça, ou tenha notícia a seu respeito, desde o tempo em que o declarante, em Paranaguá, falava em público, principalmente na tribuna do Juri, pois, embora sem ser solicitador, advogava naquela cidade; que, nesta Capital, o declarante nunca falara em publico, embora fôsse orador da “Associação Paranaguense”, entidade que aqui existe, constituída de elementos de Paranaguá, e com a finalidade de manter sempre em camaradagem as pessoas que, daquela cidade, para aqui transfiram residência; que o declarante está arrependido e até envergonhado, da expressão usada sobre Luís Carlos Prestes no seu discurso do dia vinte e treis, pois jamais se envolveu em política e “soltou à toa” aquela expressão a respeito do ex-chefe comunista, levado, um tanto, pelo que os outros oradores haviam dito, isto é, pelo tom inconveniente dos seus discursos; que o declarante possui, nesta Capital, um irmão mais moço, que é estudante de Contabilidade na Faculdade de Comercio e também aluno do Curso Pré-Científico do Ginasio Novo-Atênô; que o declarante não sabe se foi esse seu irmão quem o indicara para falar, pois a passeata era organizada também pelos alunos do Novo Atenô e o seu irmão se achava no palanque; que pode afirmar não ter, o seu irmão, ideias extremistas, pois o mesmo nem fala em política, o que ocorre, em geral, também, com o declarante; que deseja afirmar, mais uma vez, haver o seu discurso do dia vinte e treis, sido o “tipo da burrada”, do que está muito envergonhado; que reside nesta Capital há treis anos, e é funcionário da agencia do Frigorífico Wilson do Brasil S. A. Nada mais disse. Lido e achado conforme vae devidamente assinado e rubricadas as folhas pelo declarante e autoridade<sup>226</sup>.

O arrependimento que Felipe Chede demonstra nas declarações, acerca do que é questionado sobre a sua presença e sobre o que falou, junto aos outros oradores, pode ser uma estratégia, tornando aquilo que exteriorizou a respeito de Prestes, como algo irracional, sem

---

<sup>225</sup> DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08. 895.

<sup>226</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. pp. 33-35.



importância, movido pela energia do momento, pelos ânimos exaltados diante dos estudantes, para, talvez, aliviar de alguma maneira, as acusações a respeito de si.

Pode ser que haja alguma imprecisão, quando da confecção dos dados na documentação, ou Felipe Chede participou de outra passeata no dia 6, pois informa-se que, neste dia, “em um discurso manifestou-se fervorosamente comunista”<sup>227</sup>, retornando para a cadeia no dia 7 de setembro. “Depois de severamente advertido pelo Exmo. Sr. Cap. Secretário do Interior, Justiça e Segurança Pública, foi posto em liberdade” no dia seguinte<sup>228</sup>. A partir de 1945, foi morar na cidade de Ponta Grossa, residindo anteriormente em Curitiba, desde 1941<sup>229</sup>.

Em Ponta Grossa, auxilia o partido, sem ser filiado e, no mês de novembro de 1946, os dados a respeito de Felipe Chede em sua ficha, destacam que trocou cartas com Prestes, na qual este o indica para se candidatar como Deputado Estadual pela cidade de Paranaguá, no entanto, não fica claro se foi lançada a sua candidatura.

Em 1947, aparece como candidato à prefeitura de Paranaguá; entre os meses de outubro e novembro daquele ano, são veiculadas algumas notícias sobre sua candidatura nos jornais *Diário da Tarde* e *Jornal do Povo*. Neste último, com data de 12 de outubro, a notícia inicia-se apresentando o papel da cidade na recepção do PCB, argumentando que, “dentro os municípios do Estado, onde os comunistas contam com maiores possibilidades de vitória, destaca-se o município de Paranaguá”, continua destacando que nas eleições de dezembro de 1945, o partido conseguiu “apreciável votação colocando-se em terceiro lugar na classificação dos partidos” que disputaram as eleições.

Mesmo com o partido estando na ilegalidade e o PTB possuir maiores chances de vitória na cidade, como é afirmado pelo jornal, “a grande massa eleitoral comunista de Paranaguá não poderiam ficar sem exercer o direito de voto [...] assim, sob a legenda do Partido Libertador, os comunistas de Paranaguá concorrem até com candidato a prefeito”. É interessante destacarmos essa característica de autonomia dos militantes, em disputar eleições sob outras legendas, mas estando presente o pano de fundo do PCB, seria um caminho independente feito pelos militantes, com objetivos muito específicos. Diante das lutas

---

<sup>227</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 1.

<sup>228</sup> DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08. 895.

<sup>229</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. pp. 6-7.

políticas, por outro lado, haveria muitas tensões entre PTB e PCB, durante um período significativo, a partir de 1945.

É possível traçar esse caminho independente dos comunistas, que foram candidatos políticos por outras legendas, por exemplo, nas eleições municipais de 1947. Em Paranaguá, os comunistas Angelo Patitucci, João Teixeira, Eustáquio Quadros e Felipe Chede foram lançados pelo Partido Libertador; em Morretes o partido escolhido para a militância foi a União Democrática Nacional; em Londrina, foi o Partido Trabalhista Brasileiro; em Ponta Grossa, pelo Partido Republicano<sup>230</sup>.

O candidato é apresentado como “líder popular, cidadão querido em Paranaguá por suas atitudes firmes em favor da classe operária e do povo, com o qual irão para a vitória nas eleições do próximo domingo”. Outros comunistas foram candidatos a vereador, como o já mencionado e controverso Angelo Maria Pattituci, descrito no jornal como “querido e prestigiado líder popular, que tem o apoio de todas as classes”; João Batista Teixeira, “líder da estiva, o combativo operário”; Eustachio Quadros, “organizador da classe operária e líder sindical”; João Policarpo, “elemento de prestígio no seio da estiva terrestre” e, por fim, Antonio Berlim, apresentado como “elemento popular e ligado aos pequenos camponeses da zona agrícola de Paranaguá”<sup>231</sup>.

No *Diário da Tarde*, em 3 de novembro, “a política de Paranaguá chegou ao ponto máximo do seu entusiasmo dado o valor das candidaturas apresentadas ao eleitorado”, assim, o candidato comunista pelo Partido Libertador, “desde longos anos tem sido um ardoroso batalhador pelas liberdades publicas, falou ao povo da cidade pelo rádio”<sup>232</sup>.

Próximo ao final do mês, no dia 25, o jornal apresenta resumidamente o seu programa político, “um programa que abrange todas as reivindicações do povo daquele próspero município paranaense e que abrange ainda as justas aspirações dos operários daquela comarca”, finaliza a coluna, dedicando a atenção do candidato aos trabalhadores, pelo menos aparentemente, “nos comícios que realizou, grande foi a multidão que o apoiou, sendo seu nome aclamado principalmente pela classe operária, que nele deposita a sua confiança, que nele toma a sua grande esperança”<sup>233</sup>.

---

<sup>230</sup> CODATO, Adriano; KIELLER, Márcio. *A elite dos comunistas e sua história no Paraná...* Op. cit. p. 45.

<sup>231</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: PCB P1 – Documentos diversos. Nº 1468A. Topografia: 174. p. 141.

<sup>232</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 20.

<sup>233</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 23.

A vitória não aconteceu, Felipe Chede ficou em terceiro lugar, com 597 votos, atrás do segundo lugar, o candidato Eugênio José de Souza, pelo Partido Republicano, reunindo 1161 votos e, o vitorioso, o candidato João Eugênio Cominese, com 1917 votos, pelo Partido Social Democrata<sup>234</sup>. Já no ano de 1950, Felipe Chede entra em conflito com os comunistas que, através do jornal *Tribuna do Povo*, é acusado de ser agente reacionário, publicando um texto no citado jornal, no dia 15 de outubro explicam os motivos. Segue o escrito, intitulado *Desmascarando dois renegados – Agentes da reação e dos tubarões Felipe Chede e Maria Machado*:

Prestes no seu monumental Manifesto de 1º de agosto, referindo-se as eleições dizia: “Saibamos utilizar a oportunidade para desmascarar sistematicamente os demagogos agentes da reação e do imperialismo e só votemos nos melhores filhos do povo que participem ativamente da grande luta pela paz e a libertação nacional, aqueles que sejam capazes, nos postos eletivos a que forem alçados de prosseguirem com energia redobrada a luta pela vitória revolucionária do programa da Frente Democrática de Libertação Nacional”.

Esse trecho foi bastante para que os renegados Felipe Chede e Maria Machado, tirassem suas máscaras e aparecessem a público como oportunistas e carreiristas que sempre foram.

Sentindo-se incapazes de realizar ou lutar por 1 ponto sequer da Frente de Libertação, essas duas pessoas, cujas atividades passadas são de mentiras, demagogia e constantes recuos, face aos problemas do povo, buscaram abrigo em legendas partidárias para darem vasão às suas vaidades pessoais, como candidatos a qualquer coisa.

O Sr. Felipe Chede, não só buscou a legenda do assassino de comunistas Ademar de Barros, como fez toda sua propaganda elogiando esse traidor dos Campos Eliseos bem como Vargas o tirano de Itú que em outros tempos o Sr. Chede dizia combater.

Dizendo-se candidato comunista esse Sr. sofreu tremendo ataque histérico quando soube que os candidatos de Prestes haviam sido lançados e registrados pelo Tribunal. Sofrendo essa 1ª derrota, continuou porém em seu nefasto trabalho de sapa conseguindo dos menos avisados que aceitassem seus materiais nojentos de propaganda, ainda sob o pretexto de que era um candidato comunista camuflado... Para outros do tipo Kolada, usava a técnica dos sujos politíqueiros – dava dinheiro, fazendas ou exigia retribuição em votos por um pequeno favor qualquer.

Aliado à renegada Maria Machado em Ponta Grossa arrancava ou colava sua propaganda em cima de todos os cartazes dos candidatos de Prestes aparecidos nessa cidade. E foi mais longe: Dias antes das eleições, fez com que seus cabos eleitorais – os traidores do tipo Quadros – espalhassem em Paranaguá o boato de que não adiantava votar nos candidatos de Prestes

---

<sup>234</sup> PARANÁ, Tribunal Regional Eleitoral. Resultado das eleições municipais de 1947. Disponível em: <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>

porque era jogar votos fóra porquanto seus mandatos iam ser cassados. Que nele Chede é que deviam votar porque não havia perigo de cassação. Os democratas e especialmente os comunistas devem, guardar bem esses dois nomes<sup>235</sup>.

Seria Felipe Chede um oportunista? Em 1944, quando foi preso em Curitiba, por participar da passeata dos estudantes, argumentando que jamais se envolveu com política, estaria ele afirmando essas posições, agora tornadas públicas pelos comunistas em suas críticas? Passados seis dias depois da publicação da acusação feita pela Tribuna do Povo, Felipe Chede emite uma resposta publicada pelo Diário da Tarde, no dia 21 de outubro de 1950, sob o título *Tão somente como satisfação ao povo “Desmascarando dois renegados”*, expondo que,

No jornal “Tribuna do Povo” do dia 15, que se edita em Curitiba, sob a direção do Sr. Izaurino Gomes Patriota, deparei com um artigo da redação [trecho ilegível] que serve de título a este, razão porque venho a publicar nestas colunas do “Diario da Tarde” dar uma satisfação aos meus amigos, aos que me conhecem e ao povo em geral, afim de que os canalhas passem a ser mais comedidos e não lancem injurias, infâmias e calúnias, naqueles que a mercê de Deus estão ilesos de serem atingidos.

Antes de mais nada, quero dizer a quem, que ainda não nasceu quem possa me desmascarar, porque nunca uzei mascaras e ainda maiz, porque a baba e a vileza dos miseráveis que menosprezam a dignidade alheia, porque não a possuem, não me alcançam, pois tenho um passado limpo, que não teme devassas. Preciso frizar que ninguém me assusta, que nada temo, porque nunca fui servil nunca estive a serviços de quem quer que seja, nunca abdiquei de minha personalidade e nunca servi, não sirvo e não servirei de instrumento a reação, porque, sou independente.

Sempre estive, estou e estarei, segundo as minhas possibilidades, nas vanguardas dos movimentos populares de reivindicações, sempre combati combato e combaterei os usurpadores das liberdades e dos direitos do povo. Sempre atuei com desassombro, assumindo as responsabilidades oriundas de meus atos e nunca estive, não estou e não estarei a soldo dos tubarões ou de quem quer que seja, porque, a minha mentalidade foi forjada na luta árdua pela vida, no estudo particular e constante das necessidades do povo e por isso, a minha dignidade, o meu caráter e sôbre tudo o meu espírito de inconformado ante as injustiças sociais, não admitem cerceamentos, não aceitam canga e exigem que lute pela evolução, afim de que a humanidade tenha o direito a melhores dias de Paz e fartura.

Os meus detratores gratuitos e despeitados, não têm ombridade para me acusar, porque, nada fiz contra os interesses do povo, nada fiz contra os candidatos de Prestes ou de outros Partidos, apenas, usei de um direito e fui candidato a deputado estadual, tratando pelos meios legais de conseguir uma

---

<sup>235</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 50. O texto continuaria em uma próxima página, mas, apenas este trecho está presente no acervo do Arquivo Público do Paraná.

tribuna para defender com intransigência os direitos do povo, sem estar sujeito a constantes perseguições policiais.

Das minhas atitudes políticas não tenho que dar satisfações à “Tribuna do Povo”, estou no Partido Social Progressista porque quero, fiz a propaganda de Getúlio Vargas para estar com o povo. Fiz a minha propaganda política, com independência, alertando o povo contra os fazedores de guerra, contra todos os seus exploradores, pregando a necessidade da organização dos trabalhadores em Sindicatos livres para a defesa de seus direitos.

Agora repto a quem de direito, repto o redator da “Tribuna do Povo”, que é o responsável pelo artigo intitulado “Desmascarando dois Renegados”, se tiver honra, se tiver caráter, se tiver dignidade, para provar de maneira irretorquível e clara o seguinte:

1º Que prove que tenha dito a alguém que era candidato comunista;

2º Que prove que tenha dado dinheiro ou fazendas a quem quer que seja em troca de votos;

3º Que prove que seja aliado de dona Maria Peixoto Machado, candidata do mesmo partido porque disputaram os candidatos de Prestes, o P. T. N;

4º Que prove tenha solicitado votos dos comunistas;

5º Que prove tenha pedido que não votassem nos candidatos de Prestes, porquanto os seus mandatos seriam cassados;

6º Que prove que tenha dito a alguém era candidato comunista camuflado;

7º Que prove que seja agente dos tubarões e que seja aventureiro.

Encerro esses comentários e aguardo serenamente a manifestação dos atassalhadores da dignidade alheia e se não fôra a necessidade de dar uma satisfação cabal ao povo, ouviria êste conselho de Rubem Dario: “Se te detiveres em teu caminho para atirar uma pedra em cada cão que ladra à tua passagem, jamais terás tempo para alcançar o teu destino”.

Felipe Chede<sup>236</sup>

Com esta resposta, vemos acusações de ambos os lados e Felipe Chede se esquivando da identidade de comunista traidor e oportunista, que lhe foi concebida. Para além de buscar saber quem está certo ou errado nas acusações, o interessante aqui é perceber o conflito que se trava. Por um lado, os comunistas da Tribuna do Povo acusam Chede de ser um oportunista e agente da reação, aproveitando para angariar votos pela identidade de comunista e defensor dos interesses dos operários; por outro lado, a defesa de Chede se constitui em negar que se denominou como um candidato comunista, tentando se distanciar da alcunha, onde se afasta da acusação de ser um agente da reação, se aproximando da figura de Getúlio Vargas e o que este representa, talvez, buscando prestígio entre os trabalhadores que apoiaram os governos de Vargas.

Nosso objetivo, ao apresentar brevemente alguns pontos das trajetórias de Estanislau Cardoso e Felipe Chede, concentra-se em observar como a militância comunista em

---

<sup>236</sup> DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339. p. 51.

Paranaguá formava-se de maneira heterogênea e conflituosa. Por um lado, observamos as críticas do sapateiro Antônio Araújo Rocha a organização do partido e da necessidade de disciplina. Em outro momento, vemos a atuação de Estanislau Cardoso, estivador, militante ativo, exposto como “homem semi-analfabeto” pela documentação da DOPS, no entanto, seu texto manifesto, apresentado para a sua candidatura a deputado estadual, revela sua conexão às orientações do partido e sua articulação no manejo com as propostas do PCB. Por outro lado, os conflitos do comerciante Felipe Chede com os comunistas tornaram-se, provavelmente, muito complicados para a sua atuação no campo político, pois foi acusado como reacionário e aproveitador do PCB em suas candidaturas.

Por fim, este capítulo teve o objetivo de analisar a formação da militância comunista como processo de lutas e reivindicações nas melhorias das condições de vida dos trabalhadores, especificamente na obtenção de maiores salários entre os operários do Porto de Paranaguá. Destacamos também a ligação afetiva que se estabeleceu, em diferentes níveis, entre estes mesmos trabalhadores com o aparelho partidário e com a figura de Luiz Carlos Prestes, como catalisador das mobilizações políticas na cidade, bem como os debates em torno dos conflitos políticos locais, internamente, entre membros do partido. Por outro lado, observamos a repressão e vigilância do Estado em relação a esses trabalhadores, pelo menos, desde meados dos anos trinta até os primeiros anos da ditadura militar, instaurada pelo golpe de estado de 1964.

Diante disso, o nosso próximo passo dedica-se à análise mais aproximada da trajetória de Antônio Araújo Rocha. O capítulo que segue busca entender sua relação com a política e com a leitura, um componente fundamental em sua formação, tanto como militante político, como sapateiro.

## CAPÍTULO 3

### UM SAPATEIRO E SUA BIBLIOTECA: NOS RASTROS DAS LEITURAS DE UM COMUNISTA

#### *3.1 – Das ilhas para a sapataria: Um artífice em formação ou “a leitura é uma necessidade na vida”*

Chamava-se Antônio Araújo Rocha, conhecido por Antoninho sapateiro. Nascera em 1908, em Superagui, uma ilha do litoral do Paraná, povoada em sua maioria por pescadores. Viveu pouco tempo nesta ilha, ainda com dois anos de idade, seus pais mudaram-se para a Ilha da Cotinga, mais próxima da cidade de Paranaguá. Em seguida, cerca de dois anos após estarem morando na Ilha da Cotinga, seguiram moradia para a cidade de Paranaguá, no bairro da Costeira, um bairro muito próximo da região portuária e do centro da cidade, habitado por operários, portuários e pescadores. De origem humilde, vindo de família pobre, Antônio Araújo Rocha não concluiu seus estudos básicos, abandonando a escola pública ainda muito cedo, segundo ele próprio, ficou “até o meado do quarto ano, depois eu saí”<sup>237</sup>.

Seus pais, Arcelino Rocha e Presciliana Araújo Rocha, insistiram para que continuasse os seus estudos, porém, sua vontade de continuar foi cerceada por conflitos e brigas dentro do ambiente escolar, pois, “[...] havia uma divisão muito grande entre os alunos... briga, a gente brigava, né. Foi por causa dessa divisão que eu saí da escola, acabei brigando lá.... [...]”. Como parou de frequentar a escola, decidiu ir aprender o ofício de sapateiro. A partir de 1922, aproximadamente, Antônio Araújo Rocha iniciaria sua vida de trabalhador, dedicando-se à confecção e consertos de sapatos.

---

<sup>237</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 03.

Para o jovem sapateiro, um mundo se abriria a partir da experiência que iria adquirir diante do ofício. Paciência, atenção, dedicação e solidão fariam parte do seu cotidiano, nesse mundo do trabalho. E diante desse mundo do trabalho, outro ingrediente faria parte de sua vida, algo que o acompanharia para o resto de seus dias e que estava sendo desenvolvida, ainda nos tempos da escola primária, uma companhia silenciosa e falante, sempre à sua espera nas manhãs, tardes, noites e madrugadas, junto com um café quente e fresco ou, a velha e boa pinga. Essa companhia seria a leitura, um instrumento poderoso e de grande importância para o sapateiro, aquilo que o faria pensar e agir, intervindo à sua maneira, na sociedade em que viveu, mas que o transportou para outros lugares, através da imaginação.

Sua leitura de si, através da memória, permite-nos uma noção de como era sua relação com o mundo das letras, “[...] por intuição, sempre gostei de ler, desde guri... Sempre gostei de revista, livro, tudo. Fui me dedicando a leitura... Foi indo, foi indo. Eu leio bastante, eu leio bastante, eu leio muito [...]”<sup>238</sup>. Em outro momento, comenta que seu gosto pela leitura teve incentivo por parte de um antigo professor, nos tempos de escola, chamado Manoel Viana<sup>239</sup>.

Nesse período, após iniciar suas atividades como um artífice sapateiro, na década de 1920, Antônio Rocha estava amadurecendo as suas ferramentas de leitura, ainda não chegara às leituras mais densas, diretamente direcionadas para as reflexões do pensamento político – refiro-me aos livros e revistas de conteúdo marxista, ligados ao Partido Comunista, por exemplo. No entanto, entraria em contato com assuntos que eram de seu interesse e que, de certa maneira, o preparariam para o que viria, nesse sentido, podemos compreender esta fase de sua vida como uma conjuntura em que gestar-se-ia o militante político que viria a ser, alguns anos mais tarde.

Suas leituras, durante os anos vinte – bem como em todas as décadas adiante -, são rodeadas por assuntos diversos, mas que possuem, de certa forma, um fio condutor em comum. Este fio condutor pode ser identificado com o possível gosto pela atividade de imaginar, pelo sentimento de curiosidade e pela necessidade do conhecimento, pois, por exemplo, o interesse pelo cinema e as publicações em torno desta arte, materializado nos indícios que emergem de seu acervo e de sua experiência como leitor, sugerem que nesse

---

<sup>238</sup> Idem, p. 03.

<sup>239</sup> Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinoldo Atem.



momento sua formação como leitor autodidata se desenvolve através do que estava sendo debatido nos círculos especialistas, dedicados às análises das obras fílmicas. Haveria certa circularidade da cultura do cinema, apropriada e reelaborada por ele.

A revista *Cinearte* é uma das referências que fazem parte desse universo de leitura, experimentada por Antônio Rocha neste primeiro estágio, lembrada por ele como uma revista do cinema mudo<sup>240</sup>. Ir ao cinema, nos anos vinte, em terras brasileiras, e principalmente em São Paulo, significava dividir a companhia de um filme com muitos trabalhadores das camadas populares, curiosos pelas produções cinematográficas que chegavam aos trópicos. Porém, os cinemas eram restritos às grandes cidades brasileiras, dificultando o acesso para quem quisesse deitar os olhos em uma tela. Para muitos, a única maneira de aproximar-se dos filmes era manter contato com as publicações que dedicavam-se aos assuntos cinematográficos<sup>241</sup>.

Quantos trabalhadores manifestaram suas curiosidades e vontades de aprofundamento no conhecimento a respeito do cinema e não puderam, por ter o acesso limitado? Quantos desejaram ler sobre o assunto e não conseguiram, pois não sabiam ler? No momento, não temos como saber a quantidade de trabalhadores que sentiram o encantamento pelo cinema, entretanto, certamente, este número de pessoas interessadas foi elevado, e por causas diversas, não tiveram oportunidades em seguir seus desejos e vontades, em alimentar suas paixões e sentimentos.

O gosto pelo cinema acompanha Antônio Rocha desde cedo em sua vida, é possível que o contato com os filmes, em algum momento de sua infância ou adolescência, o tenha levado para uma vida de leituras. A respeito do assunto, o sapateiro expõe para a revista curitibana *Outras Palavras*, em 1978, que “o cinema o tem fascinado e foi o que o iniciou no amor à cultura, antes mesmo das letras. Leu Sadoul, Pudovkin”<sup>242</sup>.

---

<sup>240</sup> No processo de catalogação de seu acervo de livros e revistas, a revista *Cinearte* não estava presente em suas estantes. É muito possível que tenha se perdido nos anos que se passaram.

<sup>241</sup> A historiadora Sheila Schvarzman traz apontamentos interessantes a respeito do cinema dos anos 1920 em São Paulo, oferecendo questões que podem ser pensadas no contexto do Paraná, na mesma época. Ver: SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 25, nº49, p. 153-174 – 2005. Nesse sentido, apontamos a necessidade de estudos a respeito do cinema e de sua recepção no Paraná, especialmente em Curitiba e nas cidades próximas, como em Paranaguá, principalmente na relação entre Cinema e trabalhadores.

<sup>242</sup> Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinoldo Atem.

Em seu acervo de livros<sup>243</sup>, localizam-se as seguintes referências, que nos oferecem as possibilidades de leitura que havia disponível acerca da temática cinematográfica: Vsevolod Pudovkin, *O ator no cinema*, sem data de publicação; Carlos Ortiz, *Romance do gato preto: História breve do cinema*, sem data de publicação; Georges Sadoul aparece com três livros, *O cinema: Sua arte, sua técnica, sua economia*, com data de 1951, *A vida de Carlitos: Charles Spencer Chaplin, seus filmes e sua época*, de 1952 e *História do cinema mundial: Das origens a nossos dias*, publicado em 1963; Ismail Xavier, *D. W. Griffith: O nascimento de um cinema*, de 1984; Salvyano Cavalcanti de Paiva, *O gangster no cinema*, sem data de publicação; Alberto Cavalcanti, *Filme e Realidade*, sem data de publicação; e por fim, Bela Balazs, *Estética do Filme*, de 1958.

As diferenças entre as datas de publicação – e a ausência de algumas - , permitem a interpretação de que Antônio Rocha continuou alimentando o interesse pelo cinema no decorrer do tempo, no entanto, não é possível um aprofundamento a respeito do modo como leu esses livros, pois não é presente na documentação – nos livros, na forma de anotações – informações que nos levem para a compreensão do sapateiro acerca da leitura que realizou. Contudo, o contato com tais autores revelam que Antônio Rocha estava, pelo menos, sabendo do que cada um escreveu, caso a leitura dos livros tenha se realizado.

Além do interesse pelo cinema, dedicava-se à leitura de romances, que o acompanhariam por longos anos. Porém, o seu início na atividade de sapateiro caracteriza-se, para além da leitura ligada a assuntos do cinema e de romances – geralmente de folhetins, entre as décadas de vinte e trinta -, como um período de aprendizado autodidata nos temas da gramática da língua portuguesa e da administração de finanças, bem como da matemática. Como abandonou a escola, suas necessidades de conhecimento aumentaram.

Com uma sapataria para administrar, podemos imaginar que havia a necessidade de desenvolver as suas capacidades de escrita, leitura e administração dos materiais de trabalho, principalmente na compra de couro, cola, graxa de sapato e ferramentas que o auxiliariam no cotidiano da sapataria, de forma que o amadurecimento como leitor se deu em compasso com o seu amadurecimento como sapateiro.

A atividade rotineiramente isolada do artífice contribuiu, ora consciente, ora inconscientemente, para que forjasse o leitor que se tornou. Como Eric Hobsbawm e Joan

---

<sup>243</sup> Em anexo, segue disponível a lista de todos os livros e revistas presentes na biblioteca de Antônio Araújo Rocha.

Scott comentam, aquele ambiente de trabalho solitário, característico de muitos sapateiros, durante o século XIX europeu, também se manifestou à sua maneira neste caso, somando para que Antônio Rocha intercalasse o seu trabalho com leituras diversas, aprimorando o seu método de leitura com o passar dos anos<sup>244</sup>.

Para poder compreender como o roteiro de leituras de Antônio Rocha estava se constituindo, é necessário apresentar os títulos que provavelmente serviram de aprimoramento ao seu conhecimento. Sugerimos denominar esse conhecimento como utilitário e/ou prático, para as tarefas cotidianas do trabalho na sapataria, lembrando que esse acúmulo de leituras não dissociam-se do aprendizado autônomo de outras leituras – romances, em especial.

Diante disso, entre os anos vinte e trinta, as incidências de livros voltados para o aprendizado da língua portuguesa caracterizam-se com alguns títulos do autor Carlos Goés<sup>245</sup>. Com data de publicação de 1921, o *Diccionario de Raizes e Cognatos da Lingua Portuguesa* aparece com a assinatura de Antônio Rocha do dia 5 de agosto de 1932. Outro livro presente é a segunda edição de *Syntaxe da Construcção: Inclusive collocação dos pronomes pessoaes obliquos atonos*, publicado em 1936, mas, novamente assinado pelo sapateiro, com data de 5 de agosto de 1937.

Há, também, o *Diccionário de Affixos e Desinencias* e o *Pontos de Língua Pátria*, ambos publicados em 1930. Em sua terceira edição, o livro *Orthographia, Dictado, Pontuação, Crase*, de 1935 está presente, bem como o *Gramática Expositiva Primária*, sexta edição, de 1939. Por ter grafado as datas nas folhas de rosto, vemos o mecanismo – bem conhecido entre muitos leitores - de registrar o momento de aquisição dos livros, assim, localizam-se no tempo o seu interesse por tais leituras, ou seja, aquilo que estava circulando em seu repertório de conhecimento.

A busca por tais temas refletem o abandono da escola e o desejo de educar-se por conta própria. Outros livros com a mesma temática também são presentes, como o *Lingua*

---

<sup>244</sup> HOBBSAWM, Eric; SCOTT, Joan. Sapateiros Politizados. In: HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. 5ª ed. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 158.

<sup>245</sup> Carlos Goés foi um proeminente dicionarista, dramaturgo, poeta e gramático brasileiro. Nasceu em 1881, tendo data de sua morte o ano de 1934. No seu *Diccionario de Galicismos*, publicado em 1921, seu objetivo era o de excluir a proliferação da língua francesa do vocabulário português, observando que, entre as décadas de vinte e trinta do século XX, havia um número excessivo de palavras francesas no uso cotidiano do português. Ver: SCHMITZ, John Robert. Palavras estrangeiras e a língua portuguesa: Invasão cultural ou desenvolvimento técnico-científico? *Calibán, Revista de Cultura*. Recife, maio 2000, pgs. 42-46 ID. 92148. Acesso em: 20/01/2014. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/site/docentes/John/lingport.html>

*Vernacula: Grammatica e Anthologia*, publicado em 1935, de José de Sá Nunes; *Aprende tu mesmo a redigir: Breves lições de redação em prosa, para uso dos alunos da 4ª e 5ª série, e da mocidade em geral*, de 1937, autoria de Estevão Cruz; *Escrever certo*, de 1938, autoria de Aires da Mata Machado Filho, com assinatura do sapateiro e o provável dia da aquisição do livro, grafado em 14 de agosto de 1938; *Iniciação Linguística*, de 1929, escrito por F. V. Lorenz; por fim, a sexta edição de *Grammatica Historica*, sendo o autor Eduardo Carlos Teixeira, publicado em 1929, mas, adquirido por Antônio Rocha em 25 de agosto de 1934.

Ao passo em que esses tipos de livros surgem no acervo de Antônio Rocha, verificam-se publicações direcionadas para o desenvolver do conhecimento administrativo e contábil, provavelmente a ser pensado junto às atividades como sapateiro, na organização das contas da sapataria e dos possíveis lucros e gastos. A observação dos títulos oferece os rastros da preocupação com os assuntos relacionados, significando um importante indício para entender o cotidiano de leituras ao qual Antônio Rocha estava formando para si.

Os títulos que circundam essa temática são os seguintes: *Analyse logica no curso primário pelo processo dos diagramas*, autoria de José Scaramelli, publicado em 1927, com assinatura do sapateiro datada em 1º de abril de 1936; *Noções de Commercio e Escripuração Mercantil*, escrito por Horacio Berlink, publicado em 1921 e com um pequeno aviso escrito na folha de rosto, onde é informado por Antônio Rocha que o livro foi comprado em junho de 1934; *Vida Efficiente*<sup>246</sup>, livro escrito por Edward Earle Purinton, sem data de publicação, mas, assinado e datado em 2 de fevereiro de 1932; *Contabilidade: Noções preliminares*, autoria de Francisco D’Auria, publicado em 1939; *Matemática fácil e atraente: Metodologia da matemática na escola primária*, sem autor, publicado em 1938, assinado e datado por Antônio Rocha em 9 de julho do mesmo ano; e, por último, a sétima edição do *Método Prático de Análise Lógica*, escrito por Antenor Nascentes e publicado em 1930.

Alguns livros não são possíveis de se fazer identificar o momento da aquisição, mas mesmo assim, interessa mencionar a relação de possuir tais livros em seu acervo, podendo neles estarem as respostas que Antônio Rocha procurava, instigando o interesse em aprender

---

<sup>246</sup> Este livro pode ser encarado como dentro dos dois grupos de leituras até aqui apresentados, isto é, das leituras de aprendizado gramatical e das leituras voltadas para as atividades comerciais, pois apresenta em seu índice questões ligadas para a constituição de pessoas eficientes em vários setores da vida, como, por exemplo: o trabalho, o estudo, a alimentação, o lar, etc. Possivelmente o significado da palavra “eficiência”, nessas áreas, despertou a atenção de Antônio Rocha para que este livro formasse parte de seu acervo.

o mínimo ou o máximo possível, para a sua educação autodidata e para sua formação como trabalhador, na hora de realizar e resolver as questões ligadas ao comércio.

Ao mesmo tempo em que encontram-se os livros relacionados ao aprendizado da gramática e ao conhecimento das atividades comerciais, em pelo menos no atravessar de uma década para a outra, ou seja, dos anos vinte para os anos trinta, Antônio Rocha mantém um hábito que é possível observar, como citado anteriormente, ligado à leitura de romances que, segundo ele, eram vendidos de porta em porta, bem como revistas e almanaques, livros de psicologia e literatura brasileira e europeia dos séculos XIX e XX. Podemos rastrear essas leituras, e em alguns casos, obter maior aproximação do que chamou a atenção do leitor em formação, através de grifados e anotações nos livros. Como o número de livros é expressivamente alto, optamos por apresentar alguns e pensar a partir deles<sup>247</sup>.

Esse período de leituras, identificado posteriormente por Antônio Rocha como um período de *leituras de prazer*, é interessante pela heterogeneidade de temas que se forma em seu acervo, podemos entendê-las como leituras diletantes, realizadas pelo prazer da leitura, para passar o tempo, apreciando as linguagens diversas com que eram escritas e, talvez, o estimular da imaginação e o enriquecimento do vocabulário, como ele mesmo afirma<sup>248</sup>. É importante destacar que, dada a dimensão de seu acervo, é possível que não tenha lido tudo o que adquiriu, há livros que estão com as páginas a serem separadas, pois até aproximadamente os anos sessenta do século XX, muitos livros eram editados dessa forma, ficando para o leitor a responsabilidade de separá-las, utilizando tesouras, estiletos, facas, ou qualquer outra ferramenta cortante.

Publicado em 1929, em sua quinta edição, o livro *Pequena História do Brasil: Para uso das escolas primárias*, escrito por Mario da Veiga Cabral, constitui esse aglomerado de assuntos diversos que irão aparecer ao longo das décadas, no acervo de Antônio Rocha. Outro livro de história é presente com o exemplar do historiador francês Ernest Renan, *Os evangelhos e a segunda geração cristã*, de 1929; o *Romanceiro*, terceira edição, escrito por Coelho Netto e publicado em 1924, mas com assinatura e data de 10 de junho de 1937; há um livro de Ruy Barbosa, de 1923, intitulado como *Orações do Apostolado: Marques de Pombal, Lyceu de Artes e Offícios, Jornal do Commercio, Ensaio sobre Swift*.

---

<sup>247</sup> A totalidade do acervo de Antônio Araújo Rocha encontra-se listada em anexo a este trabalho, para fins de consulta.

<sup>248</sup> A heterogeneidade do acervo que constitui a biblioteca de Antônio Rocha é uma característica que se tornará constante até o fim de sua vida, quando para de alimentar de suas estantes com livros, revistas e almanaques.

O escritor espanhol Vicente Blasco Ibañez<sup>249</sup> marca presença nas estantes de Antônio Rocha, com o livro *Os quatro cavaleiros do Apocalipse*, segunda edição, publicado em 1924 na cidade de Lisboa, e com assinatura e data do sapateiro em 8 de novembro de 1937. Este livro oferece grifos em vários trechos, e que podem nos fornecer detalhes potencialmente reveladores para compreender a dimensão do tipo de leitura realizada, atraindo o olhar de Antônio Rocha para um conjunto de ideias mais amplas e que estavam sendo muito discutidas na conjuntura internacional, no momento em que adquire o livro.

A partir dos grifos deixados por Antônio Rocha, aproximamos-nos de seu olhar diante do texto; os conteúdos dos trechos destacados parecem evidenciar uma identificação com os personagens oprimidos, por um lado, e as características autoritárias e opressoras de conflitos entre classes, por outro. Considerando a leitura que faz de si mesmo, lembrando-se de seu contexto nos anos quarenta, Antônio Rocha irá comentar que suas *leituras da realidade* passaram a ter outros sentidos após entrar em contato com o Partido Comunista, porém, muito provavelmente esta percepção poderia estar sendo gestada anos antes, do seu próprio modo, sem intervenções exteriores, sem seguir as orientações do partido do que deveria ser lido, e principalmente, da forma como ler<sup>250</sup>.

Assim, pensamos ser interessante direcionar a atenção para a maneira como as frases estão articuladas, oferecendo situações e ideias para o leitor trabalhar a imaginação, ou trazendo respostas para os seus anseios, estimulando os sentimentos de identidade em relação a conjuntos argumentativos. O trecho a seguir refere-se às camadas mais pobres das sociedades modernas:

[...] A filosofia da democracia moderna é um cristianismo laico. Nós, os socialistas, amamos os humildes, os necessitados, os fracos. Defendemos o seu direito à vida e ao bem estar, como os grandes exaltados da religião, que em todos os infelizes e deserdados viram irmãos. Exigimos o respeito pelo pobre em nome da justiça; os outros pedem-no em nome da piedade. Isto nos separa unicamente. Mas uns e outros diligenciamos porque os homens se ponham de acordo para uma vida melhor; que o forte se sacrifique pelo fraco, o poderoso pelo humilde, e que o mundo se reja pela fraternidade, procurando a maior igualdade possível.

---

<sup>249</sup> Escritor espanhol que dedicou-se a política, a literatura e ao jornalismo. Nasceu em 1867 e morreu em 1928. Caracterizado como entusiasta e defensor dos ideais republicanos, opõe-se às monarquias.

<sup>250</sup> Mais adiante, iremos comentar a respeito da transição de leituras feita por Antônio Rocha, reconhecidas por ele em dois momentos, feitas de um modo diferente antes da entrada no Partido Comunista do Brasil e o significado das leituras, que passaram a serem realizadas após o ingresso no PCB.

[...] A civilização é o afinamento do espírito, o respeito do semelhante, a tolerância pela opinião alheia, a suavidade dos costumes<sup>251</sup>.

Em comum, os dois trechos expõem a necessidade da compreensão do outro e de suas diferenças, tornando viável a participação política dos mais pobres. Seria possível Antônio Rocha ter manifestado alguma empatia com esses trechos? Acreditamos que sim, principalmente, para o processo de formação como militante político. A própria orientação *obreirista* do PCB, durante os anos trinta, ofereceria tais condições de interpretação dos ideais revolucionários, identificando na figura do pobre, o potencial transformador da sociedade, vindo da classe trabalhadora.

Por outro lado, o contato e a identificação com os mais pobres e o sofrimento que estes passam remetem à outra hipótese de Hobsbawm e Scott, a respeito da inclinação para o radicalismo político que os sapateiros teriam forjado. Segundo o próprio sapateiro, expõe que também passou por sofrimentos nos tempos de infância, provavelmente entre 1910 e 1920, destacando que “minha família era muito pobre, de trabalhador, de operário, né. A vida é muito difícil naquele tempo, como hoje, né, mais difícil ainda. Apesar de todas essas dificuldades, a gente vai crescendo, vai vivendo, a vida de trabalhador é assim, né, passa fome, sofre, frio”<sup>252</sup>. Pode ser que certo ressentimento, unido à empatia diante de leituras que o motivassem a pensar acerca dos problemas sociais – fome, principalmente –, contribuiriam para esse caldeirão de experiências reais adquiridas e imaginárias, formando o sapateiro-leitor-militante.

A partir deste ponto, pensamos ser necessário realizar um recorte no acervo de Antônio Rocha e procurar entender como se constitui um repertório de leituras voltadas para os problemas sociais, especificamente, partindo do que ele compreende como algumas leituras que o fizeram pensar nessas questões. Entre finais dos anos vinte e durante a década de trinta, houve uma mudança na compreensão de leitura e do significado atribuído a essa atividade pelo sapateiro, podemos refletir que o processo de amadurecimento estava começando a consolidar-se.

É nesse contexto, alguns anos antes de sua entrada no PCB, que essa modificação na leitura se faz, de forma lenta e que, após o ingresso no partido, seria interpretada de outra

---

<sup>251</sup> IBAÑEZ, Vicente Blasco. *Os quatro cavaleiros do apocalipse*. 2ªed. Trad. Raul Proença. Lisboa: Livraria Peninsular Editora, 1924. Respectivamente, a primeira citação encontra-se grifada na página 133 e a segunda na página 136.

<sup>252</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 02.

maneira, como mencionado anteriormente. Anos mais tarde, em seu depoimento, comenta sobre o seu entendimento acerca do que significa a leitura para si. É muito interessante observar como desenvolve suas ideias:

[...] Daqui um dia, você vai selecionar a leitura, você vai começar a compreender porque você está lendo o que você gosta de ler... Passando do prazer para a realidade. Passa a compreender que a leitura é uma necessidade na vida, tanto quanto o pão, é uma necessidade tanto quanto comer pão, né... Respirar o ar... Hoje, eu entendo assim.

Aí passei a ler outros autores. Por exemplo... Humberto de Campos, que me levou a ter toda a literatura de Humberto de Campos... Cronista, poeta, jornalista. É... e também, aquele outro...o francês Alexandre Dumas, Balzac, esses estrangeiro, né. Eu li muito deles também, né. Aquele... Lima Barreto, conheço toda a obra de Lima Barreto... Machado de Assis, José de Alencar... Mais outros, mas, esses que eu me preendi mais foi José de Alencar, Lima Barreto e Euclides da Cunha, né... Principalmente, Euclides da Cunha, o livro “Os Sertões”.

Naquele livro que eu fui saber que havia uma luta nesse país contra o latifúndio. Eu tava pensando entrar dizendo que era o latifúndio. Ali, o que que tá acontecendo? É uma batalha muito grande contra o latifúndio nesse país. E, Antonio Conselheiro - comandante da luta - , esmagaram com ele.. esmagaram... três vezes, na quarta investida, esmagaram com... esqueci o nome... do lugar que ele travou essa batalha, né... Canudos!<sup>253</sup>

Antônio Rocha divide sua vida de leituras em dois momentos, uma voltada para as leituras que ele julga serem caracterizadas como de *prazer* e as que estão no campo da *realidade*, provavelmente serem estas leituras as que compreendeu como questionadoras de sua realidade e que lhe ofereceram as ferramentas para criticar a organização do Partido Comunista em 1947, como demonstrado no capítulo anterior. O interessante aqui é que as leituras *prazerosas* formaram a capacidade de interpretação do sapateiro, de modo que, quando entrou em contato com as leituras da *realidade*, desenvolveu diferenciações no campo da leitura, selecionando as leituras potencialmente transformadoras de seu próprio mundo.

Em uma de suas anotações, vemos o seu interesse particular pelo livro de Euclides da Cunha, onde escreveu um trecho do capítulo seis, chamado *Canudos não se rendeu*, expondo o seguinte: “Canudos não se rendeu. Expugnado palmo à palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos

---

<sup>253</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 3 e 4.



morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados”<sup>254</sup>.

A citação está no livro publicado em 1940, este sendo a décima quinta edição. A anotação, por sua vez, não é desse período, mas de no mínimo vinte anos depois, pois está escrita atrás de uma carta destinada a Antônio Rocha, sendo o remetente um de seus irmãos, com data de 14 de dezembro de 1960. Mesmo a anotação ter sido escrita, provavelmente, nesta data, não podemos descartar o interesse do sapateiro com esse trecho, que pode nos revelar o seu olhar para o tema da resistência, diante da opressão, num momento em que já atua politicamente, em nome do PCB, possuindo uma leitura diferente – mas que possui as suas continuidades de temas - da que estamos refletindo.

Assim, é possível afirmar que essa mudança de leituras se deu, aproximadamente, a partir de 1934/1937, quando os livros de Humberto de Campos começam a aparecer em suas estantes. O mesmo acontece com Balzac, Alexandre Dumas, Euclides da Cunha, José de Alencar e Machado Assis – este último, aparecendo na sua biblioteca nos anos cinquenta, mas que está anos antes no seu acervo, biografado por outros autores. Muitos outros aparecem em suas estantes, como George Bernard Shaw, Emile Zola, Edgar Allan Poe, Mark Twain, Charles Dickens, Jack London, Leon Tolstoi, Michel Zevaco, John Steinback, Karl May, José Lins do Rego, Nikolai Gogol, Arthur Conan Doyle, entre outros<sup>255</sup>.

Com tal repertório de conhecimento, Rocha iria seguir para o Partido Comunista do Brasil. No entanto, em documento de 1936, emerge detido como preso político, juntamente com outras setenta e cinco pessoas, também na condição de presos políticos, na “Casa de detenção, anexa a Penitenciária do Estado”, preso entre 30 de novembro de 1935 a 05 de dezembro do mesmo ano<sup>256</sup>. Em seu depoimento, confirma esta informação,

[...] Em trinta e quatro, a gente a foi preso, né, fui preso lá. Fui preso uma vez também, me mandaram pra cá, pra Curitiba, né, vim pra cá, esses tempos vendiam bebida no trem, né, vendiam bebida no trem, e daí o polícia veio me trazendo, aí o polícia, ‘quer beber alguma coisa?’ Quando cheguei em

---

<sup>254</sup> Anotação atrás de correspondência destinada a Antônio Araújo Rocha, em posse de sua família, na cidade de Paranaguá. Trecho presente em: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1940.

<sup>255</sup> Lima Barreto e Michel Zevaco, por exemplo, foram ligados ao anarquismo. Mesmo em dois países diferentes, - o primeiro estando no Brasil e o segundo na França - , buscavam intervir na sociedade através de seus escritos e, de maneiras distintas, atuando politicamente. A trajetória de Michel Zevaco é interessante, pois, esteve envolvido no caso Dreyfuss, em fins do século XIX.

<sup>256</sup> DEAP/DOPS. Pasta Temática N° 1468a. Topografia: 174. p. 174.

Curitiba, cheguei bem. Aqui fiquei preso no DOPS aí, um dia, dois dias, essa data eu não lembro<sup>257</sup>.

Percebemos que há um erro de datação do ocorrido, como o depoimento foi dado na década de oitenta, é provável que a memória o traia nesses detalhes. Porém, ter sido detido como preso político no final de novembro de 1935 é um acontecimento potencialmente revelador, não apenas pelo fato de que a insurreição comunista tivesse ocorrido dias antes de sua prisão, no dia 25 de novembro, na cidade de Natal, no estado do Rio Grande do Norte, mas, pelo motivo de que a Aliança Nacional Libertadora tenha sido fundada meses antes, no mês de março.

Assim, podemos imaginar que Rocha foi detido por ter ligações com a ANL, como membro-militante, ou por manifestar ideias próximas às propostas de esquerda que eram veiculadas em sua conjuntura. Sua ligação ou não com a ANL não é possível de esclarecer, contudo, a ação de ter sido colocado em detenção elucidava-nos que representava uma ameaça à ordem, na percepção do Estado. Diante disso, iremos abordar a sua transição para o PCB e as possibilidades do que isso significou, principalmente para a maneira de ler e atuar politicamente.

---

<sup>257</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 20.

### 3.2 – “Os homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”: O ingresso no PCB e as leituras marxistas

Antes de oficializar a sua entrada ao PCB, como comentamos anteriormente, a percepção de leitura de Rocha já estava sofrendo alterações significativas, direcionando o seu olhar para reflexões literárias que problematizavam questões amplas na sociedade, como a fome, miséria, sofrimento diante da exploração e da opressão. Estar diante do partido o colocaria em contato com outra agenda de leituras, ao mesmo tempo próximas e distantes das que estava habituado a ler.

Esse contexto de pré-transição para o PCB caracteriza-se como um momento particular em sua trajetória, pois, segundo ele, “daí pra cá eu fui lendo, fui entrando em contato com outras leituras, com o Partido Comunista. Antes de eu entrar em contato com o Partido Comunista, no fim da Guerra de 1946, né”.<sup>258</sup> Isto significa ser um ponto de referência, podendo estabelecer comparações entre as de *prazer* e as da *realidade*. Podemos entender isso, observando como Rocha lida com essas leituras distintas de conteúdo e abordagem, de um ponto de vista que se dá a partir dos seus próprios termos, ou seja, de acordo com a sua experiência.

Assim, referenciando-se às leituras de *prazer*, destaca:

Então, eu li muito, mas, antes eu lia... a gente lia mas não aprendia, né... Lia por prazer, lia por prazer. [...] Lia o “Justiceiro”, esses romances... lia e não aprendia nada, né. O prazer de ler era o vocábulo que ficava na cabeça, a leitura traz isso. Por menos que ela traga uma compreensão oportuna, mas, diante de ti é o vocábulo que fica na cabeça... É a palavra, né. Você sabe falar, se expressar, né... É a leitura<sup>259</sup>.

A partir da ocasião em que entra em contato com o PCB, a sua percepção muda em relação a essas leituras, expondo o seguinte:

Então, eu fiquei lendo sempre assim, até cheguei... Até o Partido Comunista. Quando entrei no Partido Comunista foi quando teve a Primeira, Segunda Guerra Mundial... A gente colocou-se contra os países da turbulência nazi-fascista... Tinha um barbeiro lá perto de onde eu trabalhava, morou muito

<sup>258</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 04.

<sup>259</sup> Idem, p. 03 e 04.

tempo ali... Então esse barbeiro era meu aliado, acabamo conhecendo o João Teixeira... João Teixeira que tá aqui do lado, João Teixeira... Então, esse barbeiro foi que me arrastou pra dentro do Partido, quando o Partido veio pra legalidade. Isso em 1946, quando veio a Anistia Ampla, né, quando o Partido veio pra legalidade. Então, foi... eu vim pra dentro do Partido<sup>260</sup>.

Ao entrar no partido, observamos uma cisão, particularmente, podemos considerar uma reorganização mental da compreensão de mundo que é oferecida ao sapateiro, quando adere ao partido, muito próximo do que Jorge Ferreira argumenta sobre a entrada de muitos, no mesmo período, no PCB, refletindo que a entrada no partido e sua iniciação nas práticas que envolvem para ser um comunista efetivo, possui o significado de entrar em contato com mitos fundadores, que fundaram realidades, aproximando-se e conhecendo segredos, mistérios que ele pouco imaginava ou sequer pensava a respeito.

Contudo, no caso de Antônio Rocha, observamos que antes de seu ingresso ao aparelho partidário, a gestação de uma compreensão crítica da realidade já manifestava-se, a partir dos anos que passou lendo literaturas distintas entre si. Talvez, as experiências de leitura teriam oferecido ferramentas de interpretação próprias do sapateiro, um método singular, criado em seus próprios termos.

Entretanto, mesmo com a entrada no PCB, esse contexto de leituras até aqui analisado revela-se em toda a sua complexidade e particularidade. Isso fica mais claro quando nos aproximamos de sua leitura de si, quando fez o ritual de passagem para o partido. É muito interessante a maneira como expõe os sentimentos em relação a isso. Vejamos:

Entrei pra dentro do Partido sem saber o que tava fazendo, mas, reconhecia esse ânimo, essa vontade de... participar de alguma coisa, tava vindo essa vontade. Foi, foi indo, ali dentro o Partido me ensinou outras coisas, o Partido me ensinou a compreender o que se lê, né. A compreender por que se vive, pra que se vive, para que se vive... o Partido me ensinou. Aí fui ler Lenin, Marx, Engels, outros, né... os homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência<sup>261</sup>.

É possível perceber que Rocha oferece indícios de um sentimento de identificação, algo que o faz reconhecer a necessidade de responder a tais anseios. Identificando o partido como o objeto mobilizador desse desejo, uma sensibilidade política que já encontrava-se em gestação, vemos o partido como um aparelho afetivo, como Ansart argumenta. Também é

---

<sup>260</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 04.

<sup>261</sup> Idem, p. 05.

possível sentir ecos da ansiedade de Rocha em participar daquilo que encontrara sentido para si, ao mesmo tempo, oferecendo segurança para seguir os seus passos. De acordo com Ansart, o partido oferece um refúgio, um lugar seguro para os que aderem a sua estrutura, e isso torna possível a continuidade do aparelho, revelando-se uma dimensão essencial da afetividade partidária<sup>262</sup>.

É curiosa a forma como designa Lênin, Marx e Engels, como “homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”, levando-nos aos indícios de suas apropriações, reelaborando um conjunto de ideias e de ideologia, orientando a sua vida a partir delas. Mais adiante iremos refletir sobre o que representa considerar tais autores como “realidade avançada, comandantes da ciência”.

Sugerimos fazer um intervalo e voltar para o seu acervo, agora, em busca das leituras ligadas direta e indiretamente ao PCB e ao Marxismo, bem como o tipo de literatura que surge em sua biblioteca, dos fins dos anos trinta em diante. Como o acervo é vasto, propõe-se um esforço em apresentar e discutir o que pode ter desempenhado um contato maior com o pensamento marxista, quais conjuntos de obras e quais autores aparecem nesse leque que se abre para Antônio Rocha.

Entender o que constitui esse repertório de leituras é significativo para compreendermos como se desenvolve, por exemplo, as críticas de Rocha à organização do partido, como demonstramos no capítulo anterior. Além disso, acreditamos que se faz necessário, na medida em que Rocha oferece os rastros, em sua materialidade, analisar os indícios de uma cultura militante que se refere àqueles sapateiros europeus do final do século XVIII e durante todo o XIX. É inspiradora, para continuarmos a análise, a passagem em que o historiador Sérgio da Mata escreve sobre Max Weber, estudando os detalhes deixados pelo autor alemão nas formas de grifos e anotações, em muitos de seus livros. Mata aponta, em poucas palavras, o que tomamos como referência:

Já nos cansamos de ouvir que o passado deixa de existir, que o acesso a ele não passa de ficção. Isso contradiz toda experiência. Tal como uma estrela, cujo brilho atesta a própria existência mas nunca nos dá a imagem do seu agora, o passado pode ser “visto”. Ele pode ser percorrido, até mesmo tocado. Como vários pesquisadores antes de mim, tive nas mãos cartas que Weber escreveu de próprio punho. Cartas à mãe, aos irmãos, à esposa, ao seu estimado tio Baumgarten. Em tais momentos produzia-se, de novo, aquela

---

<sup>262</sup> ANSART, Pierre. *La gestion...* Op. cit. p. 111.

sensação que continua a emprestar ao trabalho do historiador boa parte de seu encanto. Algo que, por assim dizer, emana de uma carta em sua materialidade, mais que pelas palavras que contém – como não dizer que Weber estava ali? Ele pousou suas mãos sobre o papel, dobrou-o cuidadosamente... No que hoje resta de sua biblioteca, em seus grifos e anotações à margem das páginas, com que entusiasmo descubro que seu olhar convergiu para este, não para aquele trecho: cada grifo é um pequeno tesouro, conta-nos uma história<sup>263</sup>.

Não estamos aqui equivalendo um intelectual da envergadura de Max Weber e de toda a sua produção como pesquisador, de maneira igual ao que trazemos sobre o sapateiro Antônio Rocha, nem temos cartas à mãe, aos irmãos, aos tios, muito menos à esposa – pois não se casou, porém, consideramos legítimo partir do mesmo ponto de vista metodológico de que parte Sérgio da Mata, destacando que “cada grifo é um pequeno tesouro, conta-nos uma história”.

Tomemos o rastro que Rocha nos oferece, citando Lênin, Marx e Engels para adentrar a esse outro conjunto de leituras. Em suas estantes, observamos as seguintes obras: *O Materialismo: Filosofia do Proletariado*, publicado em 1934, com textos de autores como Lênin, Engels, Lafargue, Pumarega, Gueux e Bukharin; o livro de D. S. Mirsky, *Lenine: Sua vida e obra – Como apêndice um estudo de Maximo Gorki sobre Lenine*, de 1944; os livros de Vladimir Lênin, *Duas táticas da social-democracia na revolução democrática*, de 1945; *Que fazer? Problemas candentes de nosso movimento; Marxismo e Revisionismo*; e *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*, ambos de 1946; dois livros de autoria de Max Beer, *História do Socialismo e das Lutas Sociais: Antiguidade e Idade Média* e uma biografia de Karl Marx, *Carlos Marx: Sua vida e obra*, os dois com publicação em 1944; o livro escrito por I. Lapidus e K. Ostrovitianov, *Princípios de Economia Política*, também de 1944.

Estão presentes, também, livros de Karl Marx e Friedrich Engels. Os livros de Engels são: *O cristianismo primitivo: Estudos dialéticos das origens de uma religião*, sem data de publicação; *Anti-Dühring: Filosofia, Economia, Política, Socialismo*, publicado em 1945; *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, publicado em 1944; e *Dialética da Natureza*, de 1946.

Os livros de autoria de Karl Marx são: *Trechos escolhidos sobre Economia Política*, de 1946; alguns tomos de um livro que reúne textos de Marx, Lênin, Engels e Stalin, chamado

---

<sup>263</sup> MATA, Sérgio da. *A fascinação weberiana: As origens da obra de Max Weber*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p. 17-18.

*Imperialismo*, de 1951/1952. Em *A origem da família*, estão disponíveis alguns trechos grifados, sugerindo um interesse de Rocha pela questão da mulher na sociedade, no capítulo dois *A família*, analisada por Engels:

[...] Ora, lar comunista significa predominância da mulher na habitação, assim como o reconhecimento exclusivo de uma própria mãe. Sendo impossível saber quem é o pai, tal fato outorga alta consideração às mulheres, isto é, à mãe. Uma das ideias mais absurdas que nos foram transmitidas pela filosofia do século XVIII é a de se pensar que a mulher foi, desde a origem da sociedade, uma escrava do homem. A mulher tem, entre todos os selvagens e entre todos os bárbaros, dos estádios médio e inferior, mesmo em parte do estádio superior, uma situação não só livre, como bem considerada<sup>264</sup>.

Será que, após sua leitura de Engels, Antônio Rocha estaria mais sensível às reivindicações das mulheres, por mais liberdade e igualdade de direitos? Talvez seja significativo, o comentário que Rocha expõe a respeito das lutas das mulheres operárias em Paranaguá, aproximadamente na década de cinquenta ou início dos anos sessenta.

[...] tinha a Associação das Mulheres, né, as catadoras de café também, né... Naquele tempo, o café vinha pra ser beneficiado em Paranaguá, né. Então tinha as catadoras, em cada armazém trabalhava um grupo de catadoras, pra depois se especializar. Então organizaram uma... Uma Associação de Catadoras de Café, foi muito grande, até que uma vereadora aqui de Curitiba, chama-se Maria Olímpia, ela dava apoio, né. Esse... fizeram muitas lutas, a Associação das Mulheres, mil e duzentas operárias, né... Então esse foi um destaque, de muita importância da organização das mulheres<sup>265</sup>.

No livro escrito por Lênin, *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*, encontramos alguns grifos que podem nos fazer entender o contexto de ingresso de Antônio Rocha no PCB, precisamente, em adquirir conhecimentos acerca da organização partidária. No capítulo intitulado *O comunismo “de esquerda” na Alemanha. Chefes, partido, classe, massa*, é possível observarmos o que atraiu o olhar de Rocha,

O simples fato de perguntar: “ditadura do partido *ou* ditadura de classe? Ditadura (partido) dos chefes *ou* ditadura (partido) das massas?” Indica a

---

<sup>264</sup> ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944. Trecho grifado na página 69.

<sup>265</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 07.

mais incrível e irremediável confusão de ideias. Existem uns senhores sabeduro que se esforçam para *inventar* alguma coisa inteiramente original, e, em seu afã de sabedoria, não conseguem mais do que cair no ridículo. Todos sabem que as massas se dividem em classes, e que só é permissível contrapor as massas às classes em um sentido: quando se opõe uma maioria esmagadora, em sua totalidade, sem se distinguir as posições ocupadas em relação ao regime social de produção, a categorias que ocupam posição especial neste regime; todos sabem que as classes estão geralmente, nas maiorias dos casos, pelo menos nos países civilizados modernos, dirigidas por partidos políticos; que os partidos políticos estão dirigidos, na regra geral, por grupos mais ou menos estáveis das pessoas mais autorizadas, influentes, experientes, eleitas para os cargos mais responsáveis, e que se chamam chefes. Tudo isto é o “ABC”, tudo é simples e claro<sup>266</sup>.

Mais adiante seguem outros trechos grifados. Poderíamos resumi-los, no entanto, pensamos ser necessário observá-los como foram grifados, de maneira completa, para podermos entender o que atraiu a atenção de Rocha. Optamos por reproduzi-los, antes de continuarmos na análise:

Nos últimos momentos da guerra imperialista e depois dela, foi quando se manifestou com mais vivacidade e relevo o divórcio entre “os chefes” e “a massa” em todos os países. A causa principal deste fenômeno foi explicada diversas vezes por Marx e Engels, de 1852 a 1892, tomando o exemplo da Inglaterra. A situação criada pelo monopólio exercido por este país, deu origem ao nascimento de uma “aristocracia operária” oportunista, semi-pequeno-burguesa, saída da “massa”. Os chefes desta aristocracia operária sempre se passavam para o lado da burguesia, e eram por ela direta ou indiretamente sustentados. Marx mereceu o ódio, que lhe honra, destes canalhas por tê-los desenhonrado publicamente chamando-os de traidores. O moderno imperialismo (do século XX) também criou, em benefício de alguns países adiantados, uma situação privilegiada, fruto do monopólio, e sobre este terreno vimos crescer, em todas as partes, dentro da Segunda Internacional, êsse tipo de chefes-traidores, oportunistas, social-chovinistas, que defendem os interesses de sua corporação, de seu estreito meio da aristocracia operária. Estes partidos oportunistas separaram-se das “massas”, isto é, dos setores mais amplos dos trabalhadores, da maioria dos mesmos, dos operários pior remunerados. A vitória do proletariado revolucionário é impossível se não se luta contra semelhante mal, se não se denuncia, se não se enfrenta, se não se expulsa os chefes oportunistas social-traidores; tal é a política levada á prática pela Terceira Internacional<sup>267</sup>.

[...] dispersão, inconstância, falta de capacidade para o domínio de si mesmo, para a união dos esforços, para a ação organizada<sup>268</sup>.

---

<sup>266</sup> LENIN, V. I. *A doença infantil do “esquerdismo” no comunismo*. Trad. Aldenor Campos. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946. Coleção “Unidade”. Trecho grifado na página 34.

<sup>267</sup> Idem, trecho grifado na página 36.

<sup>268</sup> Idem, trecho grifado na página 38.



[...] São necessárias uma centralização e uma disciplina severíssimas no partido político do proletariado para impedir isso, para permitir que o proletariado exerça acertada, eficaz e vitoriosamente sua função *organizadora* (que é a sua função *principal*). A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa, contra as forças e as tradições da velha sociedade. A força do hábito de milhões e dezenas de milhões de homens é a força mais terrível. Sem um partido férreo e temperado na luta, sem um partido que goze da confiança de tudo o que haja de honrado dentro da classe, sem um partido que saiba tomar o pulso do estado de espírito das massas e influir sobre esse estado de espírito, é impossível levar a cabo, com êxito, esta luta. É mil vezes mais fácil vencer a grande burguesia centralizada, do que vencer milhões e milhões de pequenos patrões que, com sua atividade corruptora invisível, impalpável, de todos os dias, produzem os resultados que a burguesia necessita, e que determinam a *restauração* da mesma. Tudo o que enfraquece, por pouco que seja, a disciplina férrea dentro do partido proletário (sobretudo na época de sua ditadura), ajuda, na realidade, a burguesia contra o proletariado. Ao lado da questão: chefes, partido, classe, massa, é preciso levantar a dos sindicatos “reacionários”<sup>269</sup>.

O interesse por tais reflexões pode ter sido muito significativo, para problematizar a organização do partido em Paranaguá, anos depois. A referência a Lênin e aos mecanismos que disponibiliza para organizar os trabalhadores seriam fundamentais para que Rocha desenvolvesse a sua militância. Não temos como apreender a maneira como pensou a leitura desses trechos, porém, a busca pela leitura de Lênin, se considerar a sua entrada no PCB, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e os trechos grifados, torna-se muito oportuna a característica dessas leituras estarem sendo realizadas para, agora, o amadurecer de Rocha enquanto militante ligado ao partido. Em seu último grifo, na conclusão do livro, observa-se o seguinte: “O que importa agora é que os comunistas de cada país adquiram consciência [...]”<sup>270</sup>.

Antônio Rocha comenta, em seu depoimento, esse contexto de leituras e militância, destacando como realizava as tarefas designadas pelo partido.

Atuava-se aí, a gente atuava politicamente, porque participava de tarefas políticas, [...] Por exemplo, tinha uma campanha pela intervenção da [palavra incompreensível], foi uma campanha muito grande, a gente participou dela, fizemos comando na rua, né. O João Teixeira que tá aqui do

---

<sup>269</sup> Idem, trecho grifado entre as páginas 38 e 39.

<sup>270</sup> Idem, trecho grifado na página 106.

lado, Helena tá aí, né... O pai dela, Eustáquio Quadros... Antonio Maia, estivador, grande líder de todo o Paraná e talvez do Brasil... Tinha o Antonio Maia, o João Miranda, tinha o Chagas... Tinha uma porção de companheiro da estiva, dos outros sindicatos. Toda Paranaguá deve se orgulhar de ter esse privilégio, que tem uma porção de trabalhadores que participaram de lutas, greve, tudo isso. Então, a gente lia a leitura do trabalho, Marx, eu lia muito. Então a gente aplicava na tarefa, né. Aí entrou a campanha pelo monopólio estatal do Petróleo, “O petróleo é nosso”, então, o João Teixeira era suplente do vereador Silvio Drummond, Silvio Drummond precisou se ausentar, então o Teixeira entrou. Entrou de suplente pra ficar no lugar dele. Aí foi que nós levantamos a campanha na Câmara de Vereadores de Paranaguá, levantamos a campanha pelo monopólio estatal do petróleo, discutimos, fizemos um discurso lá<sup>271</sup>.

A campanha pelo monopólio estatal do petróleo é um acontecimento muito interessante, pois revela como os sinais/signos comoventes operam na mobilização da massa partidária, em prol de seu programa político. Podemos entendê-la como um sinal de possível renovação da afetividade política, justamente pelo modo como mobilizou os seus militantes, o “monopólio estatal” seria o signo que potencialmente uniria o povo ao partido, uma emoção coletiva. Nesse sentido, Ansart destaca que o lugar e a conjuntura política fazem toda a diferença para que os apelos políticos tenham cargas emocionais fortes<sup>272</sup>.

Esse contexto de leituras marxistas é muito interessante, pois, unido aos livros, podemos verificar a incidência de revistas voltadas para o tema, onde traziam textos de diversos intelectuais de vários países, o que revela o contato de Antônio Rocha com a produção do período que debatia as teorias e projetos políticos que pensavam emancipar a sociedade, pensando a partir do marxismo. Assim, revistas presentes em seu acervo, como a *Divulgação Marxista*, *Problemas – Revista de Cultura Política*, *Fundamentos*, *Literatura*, reuniam uma gama de intelectuais interessados e, muitas vezes, ligados diretamente aos partidos comunistas de seus respectivos países, o que potencialmente ofereceria leituras distintas acerca da conjuntura daquele momento, para Antônio Rocha. Contudo, é preciso destacar que nosso objetivo *não é* traçar uma trajetória exaustiva das leituras de Rocha, mas, identificar o seu cotidiano de leituras e observar que estava inserido em uma ampla rede de comunicação político-ideológica, muito além dos limites da cidade de Paranaguá.

Desta forma, é conveniente um esforço de reflexão acerca da conjuntura de debates em torno das políticas culturais do PCB. Segundo Antônio Rubim, o imbricamento política-

---

<sup>271</sup> Transcrição do depoimento concedido ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em Curitiba, 1988. p. 05.

<sup>272</sup> ANSART, Pierre. *La gestion...* p. 69.

ideologia, conduziu uma contínua e consciente preocupação com a produção e difusão de cultura, com meios que se fizeram necessários para a efetivação e eficácia de propagação. É interessante pensarmos, assim como Rubim, que como movimento político-ideológico, e fundamentalmente cultural, os marxistas se dedicaram a educar seus militantes e a “conquistar mentes e corações de trabalhadores e de outros grupos sociais não-dominantes e influenciar a sociedade como um todo em um patamar político-ideológico e cultural”<sup>273</sup>.

Entendendo-a como certa tradição, iniciando-se com Marx e Engels, a produção e difusão de cultura e seus meios, ligadas ao pensamento marxista e suas mais variadas orientações e dissidências, materializaram-se em várias formas, como: escolas de partido, jornais, revistas, editoras, livrarias, produtoras, distribuidoras cinematográficas, gravadoras, oficinas de arte, grupos de música, canto, teatro, dança, instituições e encontros culturais, entre outras. A partir disso, alguns partidos elaboraram complexas redes de organização, produção e difusão de cultura<sup>274</sup>.

Assim, Rubim aponta que o Partido Comunista buscou estruturar uma rede de aparelhos culturais, direcionada a seus militantes ou a um público mais amplo, objetivando e realizando sua intervenção político-ideológica na sociedade brasileira. Nem sempre suas intervenções foram feitas de maneira contínua, é significativo lembrarmos que, durante quase toda a sua existência, o partido atuou na clandestinidade, muitas vezes tendo que elaborar táticas de sobrevivência para continuar produzindo suas críticas e divulgando suas produções, onde reuniram-se diversos intelectuais.

Partiremos, novamente, dos indícios que o acervo de Antônio Rocha oferece, para entendermos como foi a dinâmica da imprensa comunista, em alguns momentos de sua existência. Por exemplo, o auge das publicações comunistas nos anos trinta, concentra-se no ano de 1935, momento de maior polarização ideológica e luta política, basta lembrarmos da insurreição comunista no mês de novembro, que inicia em Natal e da fundação da ALN, em março. Diante disso, o partido possui acesso a pelo menos três publicações para os militares – Exército, Marinha e Aeronáutica, bem como jornais, boletins sindicais, jornais de estudantes, três jornais diários e revistas culturais, como Inteligência, Flama, Revista Acadêmica, Belas

---

<sup>273</sup> RUBIM, Antônio Albino Canelas. Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil. In: *História do Marxismo no Brasil*. p. 379.

<sup>274</sup> Idem, idem.

Artes e Movimento, um órgão do Clube de Cultura Moderna, uma entidade que mantinha proximidade com a ANL, segundo Antônio Rubim.

Entretanto, essa efervescência da imprensa comunista seria desmantelada logo ao final do mesmo ano, colocando a rede de jornais e revistas em grande dificuldade de manifestar-se. Mesmo assim, Rubim comenta que a repressão do Estado Novo não impediria a atividade dos comunistas na imprensa. A revista *Problemas* é um exemplo disso. Logo em 1937, reuniam-se vários intelectuais de esquerda, sendo comunistas ou não, convergiam para os temas que a publicação destinava-se, com orientação antifascista e nacionalista, abordava temas de economia, política, literatura, poesia e história<sup>275</sup>.

Mais adiante, com a abertura democrática e o fim do Estado Novo, em 1945, os comunistas experimentariam o desenvolvimento de uma rede de comunicação ampla. Antônio Rubim argumenta que esse período seria a fase áurea da imprensa comunista no Brasil. Porém, a abertura política para o PCB iria até 1947, quando entra novamente na ilegalidade e a repressão torna-se constante. Desmantelando, novamente, a imprensa que se formara. Contudo, com a repressão e censura, a imprensa comunista se mantém, continuando a atuar politicamente. Nesse sentido, a conjuntura pós-1945 vê o renascimento do jornal *A Classe Operária* e o surgimento dos jornais *Momento Feminino*, *Terra Livre* e *Emancipação*. A revista *Divulgação Marxista*, *Psyke* e *Joaquim* também são criadas. No mesmo momento, a revista *Literatura* inicia a circulação, em 1946, por iniciativa de Astrojildo Pereira, tem o objetivo de aproximar cultura e povo, atraindo setores amplos da intelectualidade para publicar em suas páginas. O conselho editorial compunha-se por Álvaro Moreyra, Aníbal Machado, Artur Ramos, Graciliano Ramos, Manuel Bandeira e Orígenes Lessa<sup>276</sup>.

Podemos observar, em alguns de seus números, presentes no acervo de Rocha, quais temas circulavam pela publicação: o número dois, de outubro de 1946, apresenta textos de Nelson Werneck Sodré, sob o título *O Post-Modernismo*; Aníbal Machado apresentando o texto *A Poesia na Resistência Francesa*; Orígenes Lessa com *Discurso em Fortaleza*; Floriano Gonçalves com *Discurso em Limeira*; Carlos Drummond de Andrade e seu *Cancioneiro Geral da Guerra Espanhola*; Guilherme Figueiredo em *Cena de Teatro em Altemburgo*, entre outros<sup>277</sup>.

---

<sup>275</sup> Idem, p. 386.

<sup>276</sup> RUBIM, Antônio Albino Canelas. Op. cit. p. 390.

<sup>277</sup> LITERATURA, Revista Mensal. Rio de Janeiro, Outubro de 1946, Ano I, Número 2.

Outra revista que está no acervo de Rocha e que citamos anteriormente é a revista *Fundamentos*. Iniciou suas atividades por iniciativa dos comunistas de São Paulo, em julho de 1948, editando quarenta números, finalizando a circulação em 1955. De acordo com Rubim, a revista passa a tecer críticas à cultura burguesa cosmopolita, sendo um pólo do debate em torno do cinema brasileiro. Os responsáveis pela revista são intelectuais como Monteiro Lobato, Caio Prado Jr, e outros. Durante os anos cinquenta, há uma proliferação de revistas político-culturais, que, segundo Rubim, é “parte de uma verdadeira blitz ideológica desencadeada pelo PC no seu período de auge do stalinismo e de sua versão na estética: o realismo socialista radicalizado de Zhdanov<sup>278</sup>”.

O próximo passo dedica-se a algumas reflexões a respeito do realismo socialista, faremos isso, de acordo com o nosso objetivo, partindo dos indícios e rastros que Antônio Rocha deixou em sua biblioteca.

### ***3.3 – As leituras proibidas de um comunista***

O que significa um militante comunista possuir livros que discordam das orientações programáticas do partido? O partido, muitas vezes, proibiu que vários títulos, de vários autores, fossem lidos e estudados pelos seus quadros, acusando-os de anticomunistas, dissidentes, etc. Muitos dos livros proibidos pelos próprios comunistas, caracterizavam-se como críticos ao modo de pensar e organizar a política, contrários à submissão das orientações partidárias, contrários às decisões do PCUS, sendo colocados como leituras que não estimulariam o debate em que as direções dos partidos estavam interessadas em debater, orientadas pelas orientações propostas por Moscou.

Logo, o processo de gestação do realismo socialista produz, na década de 1920, suas ressonâncias na repressão ao campo da literatura russa, antes de sua plena implantação como projeto político-cultural nos anos trinta. Por exemplo, em 1924, vemos entrar em discussão uma proposta a ser estabelecida para distinguir o que seria acessível à massa e as publicações que estariam disponíveis apenas para os dirigentes do partido, na URSS. Em circulação naquele contexto, o romance de Ilya Ehrenburg, *As extraordinárias aventuras de Julio*

---

<sup>278</sup> RUBIM, Op. cit. 391-392.

*Jurenito*, é colocado em polêmica aos comentários de Vardin, “Quando o camarada Kamenev lê Ehrenburg, é uma coisa; quando uma estudante [...] lê essa literatura, é uma coisa inteiramente diversa”. Segundo Vittorio Strada, esse romance não foi reeditado por um longo período, atravessando metade do século XX<sup>279</sup>.

O realismo socialista teria dois centros angulares, partindo do marxismo-leninismo soviético e internacional, predominantemente no campo da cultura, esses dois centros de formulação das propostas teóricas seriam Gorki e Zhdanov. O momento de implantação da política cultural do realismo socialista seria o *I Congresso dos Escritores Soviéticos* em 1934, o qual teria, dali em diante, uma poderosa reverberação nos partidos comunistas de diversos países, inclusive no Brasil.

O discurso de abertura do congresso, proferido por Zhdanov, evidencia o que seria produzido, destacando que para os escritores comunistas, segundo Strada,

“ser engenheiro de almas significa estar com os dois pés plantados no terreno da vida real”; e aduzia que doravante também o futuro, para o qual o escritor “realista socialista” deve voltar os olhos, é “real”: “ele não será uma utopia, pois o nosso amanhã é preparado pelo trabalho planejado e consciente que realizamos já hoje”. Um “realismo” do presente e um “realismo” do futuro à luz de uma planificação total, cujo instrumento é “a invencível doutrina de Marx-Engels-Lenin-Stalin”<sup>280</sup>.

Desse modo, é possível dizer que uma estética marxista foi inventada na Rússia, durante a década de 1930, forjando o sedimento do período stalinista, a literatura que vêm dessa sedimentação possuiria aspectos ativos e produtivos, pois mobilizaria muitos intelectuais a favor das ideias de Gorki e Zhdanov, em defesa do pai da URSS, Stalin. De sua instauração até meados de 1945, o realismo socialista seria recebido com muito entusiasmo pelos intelectuais de esquerda, sobretudo soviéticos. Contudo, Strada aponta que somente no pós-45 é que o *modus operandi* stalinista começaria a apresentar um “processo de necrose,

---

<sup>279</sup> STRADA, Vittorio. “Da revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBSBAWM, Eric. *História do Marxismo: O Marxismo na época da Terceira Internacional – Problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Vol. IX. p. 146.

<sup>280</sup> ZHDANOV apud STRADA, Vittorio. “Da revolução cultural” ao “realismo socialista”. In: HOBSBAWM, Eric. *História do Marxismo: O Marxismo na época da Terceira Internacional – Problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. Vol. IX. p. 148.

infectando toda sociedade soviética e o próprio regime pelo qual a sociedade era dominada”<sup>281</sup>.

Enquanto na URSS o realismo socialista entraria em declínio, no Brasil, no mesmo contexto, os ideais de Zhdanov começavam a se firmar na cultura política do PCB. Em linhas gerais, o realismo socialista caracteriza-se como um projeto político onde a cultura literária e outras áreas submetem-se à ideologia partidária, que objetivam chegar à sociedade via escritores, cientistas, artistas, intelectuais, militantes, entre outros. Durante os anos trinta, Strada comenta que os anos de Stalin no poder, são também os anos em que o marxismo se solidifica de maneira decisiva no campo da cultura soviética, organizando-se em um sistema esquemático, articulando em ramificações que chegam a todos os setores da vida cultural<sup>282</sup>.

Nesse sentido, foi um instrumento ideológico que submeteu a literatura russa ao partido comunista, com um poderoso poder de atração e ideal de libertação política. Esse sistema político-cultural fez com que entrasse em declínio o senso e o critério da distinção entre o que era verdadeiro e o que era falso, na vida política. Destacando, fundamentalmente, que o que era verdadeiro era o que servia à revolução, e o falso como algo contrário ou que não se preocupava com o Partido-Estado e suas formas de legitimação na sociedade<sup>283</sup>.

Podemos encontrar, no acervo de Rocha, os assuntos russos sendo professados, em vários dos livros que constituem a sua biblioteca. O que significaria uma literatura censurada e proibida pelos comunistas, nas mãos de um militante comunista em Paranaguá, entre fins dos anos trinta em diante? Seria o interesse e curiosidade em relação ao que era proibido? Ou manifestava-se um interesse sincero pelos autores e suas obras, indo além e colocando a censura em segundo plano?

Destacam-se alguns livros da literatura russa, os quais é possível filtrar para uma aproximação com os livros e autores censurados, como o segundo e terceiro volume da coletânea *Os mais belos contos russos dos mais famosos autores*, de 1945, com textos de Ehrenburg, Dostoievski, Korolenko, Kuprin, Chejov, Gorki, Gogol, Turgueniev, Andreiev, Avertchenko, Tolstoi, Garin, Pushkin, entre vários outros; o livro de Dostoievski, *Recordações da Casa dos Mortos*, de 1942; os livros de Leon Tolstoi, *Guerra e Paz*, dois

---

<sup>281</sup> STRADA, Vittorio. “Do realismo socialista” ao Zhdanovismo. In: HOBBSAWM, Eric. *História do Marxismo: O Marxismo na época da Terceira Internacional – Problemas da cultura e da ideologia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. V. IX. p. 153.

<sup>282</sup> STRADA, Vittorio. “Do realismo socialista” ao Zhdanovismo... Op. cit. p. 154-155.

<sup>283</sup> STRADA, Vittorio. “Do realismo socialista” ao Zhdanovismo. Op. cit. p. 158.

volumes, de 1942; *Polikuchka*, de 1944; publicado em co-autoria com Sofia Tolstoi, *Diários Íntimos*, de 1943. Mais adiante, na década de sessenta – publicados entre 1961 e 1962 -, encontramos outros livros da literatura russa, em nove volumes da coleção *Antologia do conto russo*, onde autores que já se encontram presentes no acervo de Rocha, reaparecem, como Dostoievski, Gogol, Pushkin, Tchekov, Tolstoi, entre outros.

Essa literatura russa que reaparece entre as estantes de Antônio Rocha, anos depois de sua entrada no partido, pode sugerir uma continuidade de interesse pelo prazer da leitura dos autores russos e talvez, um rompimento de si com o projeto político-cultural do realismo socialista.

No Brasil, esse projeto político-cultural do realismo socialista desempenha um poder diante da literatura que era produzida nos trópicos, é possível entender esse contexto de conflitos entre partido e alguns autores, tal como o caso de Graciliano Ramos. Segundo Dênis de Moraes, a recepção do realismo socialista no Brasil “plasmou um quadro de subserviência à URSS como núcleo elaborador de políticas para o campo simbólico”, assim, o partido colocou em funcionamento um sistema de conexões entre os periódicos que eram editados, como mencionado anteriormente, uma rede de difusão e de produção de uma cultura política, ligada ao projeto político proposto por Zhdanov ainda no início dos anos trinta, funcionaram como canais para esses códigos do realismo socialista chegarem no cotidiano político brasileiro. Diante disso, o zhdanovismo<sup>284</sup> passou a circular pelo país a partir de 1947, tendo como porta de entrada a revista *Problemas*. As revistas *Fundamentos*, em São Paulo, e *Para todos*, no Rio de Janeiro, funcionariam como ponto estratégico para a disseminação da estética soviética entre a intelectualidade e militantes<sup>285</sup>.

A presença de linhas editoriais, vinculadas ao zhdanovismo, como a coleção dirigida por Jorge Amado, denominada *Romances do Povo*, com dezenove títulos estrangeiros, representa o interesse na publicação de obras que constituíam-se como representantes do

---

<sup>284</sup> Segundo Vittorio Strada, a política cultural do último período stalinista, que seria conhecida como Zhdanovismo, caracteriza-se como uma política altamente negativa e repressiva, “sem nenhuma possibilidade de iniciativa ideológica; e, para a cultura russa, aqueles anos – que se seguirão a uma duríssima guerra vencida graças aos sacrifícios e aos heroísmos de todo o país – constituem uma página negra, que não tem igual em toda a sua história. Por isso, é justificado falar de uma evolução (regressiva) do ‘realismo socialista’ para o ‘zhdanovismo’”, dessa forma, Strada continua argumentando que, o realismo socialista continuou como símbolo de toda uma fase da cultura soviética, seguindo como doutrina oficial, mesmo após o período stalinista. STRADA, Vittorio. “Do realismo socialista” ao Zhdanovismo... Op. cit. p. 153.

<sup>285</sup> MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-53)*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1994. p. 142-144.



realismo socialista em terras brasileiras<sup>286</sup>. Nas estantes de Antônio Rocha, encontramos dez títulos desta coleção, todos publicados entre 1953 e 1955, período em que as ideias do realismo socialista encontravam o seu auge no Brasil. Com tais livros em mãos, o sapateiro Antônio Rocha estaria a difundir esse conjunto de ideais, disseminando-os para militantes e não-militantes, através de conversas ou debates?

O problema que se colocaria, para muitos escritores e intelectuais, é que a liberdade de criação era cerceada em nome da ideologia do partido, pois a mensagem da revolução deveria prevalecer sobre as demais, encontrando na literatura o seu lugar. Os autores e suas respectivas obras seriam dispositivos por onde o partido passaria. Com isso, conflitos se iniciariam, pois, “as incursões de Diógenes de Arruda como censor literário se diversificaram: matou e ressuscitou personagens de Jorge Amado; impediu que romances de Alina Paim fossem levados à URSS para tradução; ridicularizou poetas e romancistas do PCB; tentou influir para manter inéditos manuscritos de Graciliano Ramos”<sup>287</sup>. Em última instância, de acordo com Moraes, a cúpula do partido desejava que muitos elementos da literatura fossem congelados, em um inventário preestabelecido de signos do universo romanesco, respondendo às suas necessidades. “Os literatos funcionavam como meros operadores técnicos do sistema de enunciação”<sup>288</sup>.

Isso foi o bastante para Graciliano Ramos. Como dissidente, rompeu com o projeto político-cultural do realismo socialista, percebendo que a ascendência de tal projeto mutilaria o veio criador de muitos intelectuais, e até mesmo o seu. Tentou se equilibrar “entre a fidelidade filosófica ao partido e a firme recusa do patrulhamento”, não admitindo que o potencial criativo se tornasse apenas porta-voz de grupos de pressão política. Durante o ano de 1935, entrou em debates criticando o caráter panfletário da obra *Suor*, de Jorge Amado. Graciliano Ramos escreveria “acho que transformar a literatura em instrumento de propaganda política é horrível. Li umas novelas russas e, francamente, não gostei”<sup>289</sup>.

Além de críticas a Jorge Amado, Graciliano Ramos entraria em dissenso com a direção do PCB. Estes acusariam sua obra, afirmando que estava impregnada de subjetivismo, deixando de lado a análise social objetiva e participante. O centro da discórdia estava em *Memórias do Cárcere*, na maneira como representava os cárceres getulistas. Moraes

---

<sup>286</sup> MORAES, Dênis de. Op. cit. p. 145.

<sup>287</sup> MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado...* Op. cit. p. 159.

<sup>288</sup> MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado...* Op. cit. p. 162.

<sup>289</sup> RAMOS apud MORAES, Dênis de. *O Imaginário Vigiado...* Op. cit. p. 206.

argumenta que, ao apresentar o quadro das prisões do Estado Novo, Graciliano Ramos destacava a sua crítica a insurreição comunista de 1935, identificando-a como um erro político.

A direção do partido o pressionou a modificar tais conteúdos da sua obra, a respeito dos tempos de reclusão política, no entanto, discordou. Graciliano Ramos realizou uma visita à URSS em 1952, podemos observar como foi sua relação com os comunistas e como o universo de proibição da literatura extrapolava os limites, tanto das fronteiras brasileiras, como das fronteiras da União Soviética. Segundo Moraes, os assistentes do PCUS irritavam-se com o que compreendiam como impertinências de Graciliano Ramos, onde perguntava sobre o cotidiano soviético, elencando dúvidas dos relatos ufanistas dos guias. Importante destacar que partimos destas proibições e restrições a autores, partindo do que o autor Dênis de Moraes expõe na biografia de Graciliano Ramos, de sua autoria, apresentando os problemas que levantam-se da censura soviética a escritores que não adequavam-se ao realismo socialista. No entanto, é muito curioso que, mesmo possuindo uma quantidade de literatura russa, Antônio Rocha não possui nenhum exemplar de Leon Trotski, dissidente e talvez o principal inimigo da URSS.

Em sua biografia, escrita por Dênis de Moraes, esse episódio de tensão entre Graciliano Ramos e os soviéticos é explorado. Na ocasião, Ramos pergunta: “por que vocês não tem aqui as obras de Dostoievski?” causando desconforto aos soviéticos presentes. De acordo com Moraes, Dostoievski foi excomungado pela literatura soviética mesmo após a sua morte, muito antes da revolução Russa de 1917, pois havia escrito *Os possessos*, livro que desagradaria a revolução<sup>290</sup>.

Com esse quadro geral do realismo socialista e suas proibições, verificamos a presença no acervo de Rocha, tanto de autores russos como Dostoievski, como obras de Graciliano Ramos, especificamente, três volumes de *Memórias do Cárcere*, de 1953; a terceira edição de *São Bernardo*, publicado 1947; *Infância*, de 1945 e *Insônia*, de 1947.

Mesmo com leituras que eram censuradas pelo partido, vemos que elas estão presentes na biblioteca de Antônio Rocha. Retomamos as perguntas: Seria o interesse e curiosidade em relação ao que era censurado e proibido? Ou manifestava-se um interesse sincero pelos autores e suas obras, indo além e colocando a censura em segundo plano?

---

<sup>290</sup> MORAES, Dênis de. *O velho Graça: Uma biografia de Graciliano Ramos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993. p. 286.

De certo modo, por um lado, vemos a literatura russa avançando durante os anos sessenta em seu acervo, materializando-se em alguns volumes, o que sugere o seu possível interesse pelos escritos russos, por outro lado, a imagem que surge de seu depoimento, a respeito de Lênin, Marx e Engels é significativa para pensarmos que Rocha estava de acordo com o projeto político-cultural do realismo socialista, basta lembrarmos como se refere aos teóricos mencionados: “homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência”, é um indício muito interessante e passível de tal leitura, pois emerge daí a sua identificação com um sistema de ideias que daria ordem ao seu mundo.

Aderir ao partido não significava apenas uma alternativa de participar politicamente, segundo o autor, da prévia indignação com o sistema capitalista, contrário aos seus anseios. Ao entrar no partido, era oferecido ao indivíduo ferramentas de ordem simbólica, racionalizadas e sistematizadas, que o permitia manejar imagens e representações tranquilizadoras, encaminhando-o para pensar em uma nova sociedade, justa e igualitária.

É possível romper com essa leitura binária, entre adesão ao realismo socialista ou apreciação da literatura censurada, e compreender todo o processo em que se tornou sapateiro-leitor-militante, entrando em contato com uma vasta rede de leituras e de cultura política, desenvolvendo seus próprios pensamentos e práticas políticas, reelaborando, selecionando o que lhe parecia mais interessante, seguindo e criticando a organização do partido.

Por fim, em torno da militância e das leituras dedicadas ao assunto, dentro de um dos livros, encontramos indícios que podem nos revelar outro Antônio Rocha, expondo seus sentimentos mais particulares. Dentro do livro de D. S. Mirsky, *Lenine: Sua vida e obra – Como apêndice um estudo de Maximo Gorki sobre Lenine*, há uma pequena poesia escrita por Rocha, provavelmente encontra-se dentro deste livro para ser utilizada como marcador de página, pois o papel estava dobrado.

Não quero dizer-te adeus  
sem primeiro te abraçar  
se for possível bailar  
unido aos braços teus  
e no volteio da dança  
sob a luz do teu olhar  
na tua boca deixar  
o sabôr de uma lembrança  
desse momento ditoso

levar a recordação  
de quanto foi amoroso  
segredando em teu ouvido  
como me sinto ditoso  
a teu corpo estar unido<sup>291</sup>

Talvez, a poesia acima teria sido dedicada à sua noiva que faleceu, ou para alguma paixão que aqueceu o seu coração, em algum momento durante os longos anos que passaram, ou ainda, ter sido escrita pelo prazer da imaginação. O gosto pela poesia é exposto em sua entrevista, de 1978, para a revista curitibana *Outras Palavras*, expondo outros pequenos escritos, como estes:

Já vivi setenta anos  
sofrendo desde criança  
enganos e desenganos  
sem perder a esperança.

[...] Haverá o tempo pra tanto  
se o tempo corre apressado  
num torvelhinho de pranto  
de vencido e de frustrado<sup>292</sup>.

Observar esse cotidiano de leituras diversas, e trazer para perto outras leituras e maneiras de expressão, para além da militância política, fez-se fundamental para compreendermos que, como Benito Schmidt aponta, “escolher apenas um ângulo de sua vida, teoricamente o mais significativo, implicaria obscurecer a riqueza, a diversidade, as múltiplas relações e contradições presentes em qualquer existência individual”<sup>293</sup>. Em outros escritos, presentes no caderno de contas de sua sapataria, vemos a possibilidade de nos aproximar do quanto gastava em transporte, livros, revistas e jornais.

Suas anotações no caderno de contas datam, aproximadamente, da década de 1950. Aparentemente, muitas páginas foram rasgadas, aparecendo os anos de 1955, 1957 e 1958, marcados em algumas páginas. Além da seção do caderno que contem as suas contas, vemos três outras partes, identificadas como *Literatura – Anotações de trechos escolhidos*, *Literatura - Apontamentos* e a outra como *Anotações várias*.

---

<sup>291</sup> A autoria de Antônio Araújo Rocha.

<sup>292</sup> Revista *Outras Palavras*, ano I, nº 0, outubro de 1978. “Um sapateiro e o mundo da literatura”, entrevista concedida a Fernando Nogueira e Reinoldo Atem.

<sup>293</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868 – 1945)*. Porto Alegre: Editora Universidade/UFRGS, 2000. p. 170.

Esses escritos vão de uma receita de preparação do Ypê roxo como remédio, passando por trechos sobre os cossacos e sua origem, atravessando a situação da URSS nos conflitos com o nazi-fascismo; pequenos parágrafos onde está escrito uma pequena mensagem de Franklin Roosevelt ao governo soviético, datada em 23 de novembro de 1943; uma mensagem de Winston Churchill, de 9 de maio de 1945; uma mensagem de Charles de Gaulle; uma declaração de Dwight Eisenhower, em 14 de agosto de 1945 e uma mensagem de Harry Truman, de 8 de maio de 1945; um trecho com o título *Como Mao chegou ao poder*, acabando em citações do livro de Ernest Renan, *Vida de Jesus: As Origens do Cristianismo*.

Este último capítulo buscou apresentar como a relação de Antônio Rocha com a leitura, com a sua profissão e sua militância estiveram em um processo de formação que lhe ofereceram ferramentas distintas para elaborar sua própria compreensão do mundo em que viveu, por vezes próximo dos diversos livros que entrou em contato, das pessoas que o procuravam para realizar seus trabalhos como sapateiro e próximo dos membros do PCB que o fizeram tornar-se membro, do mesmo modo como formou estas pessoas.

Podemos sugerir que, para além de apresentar um autodidatismo que poderia estar muito relacionado a sua necessidade para o conhecimento de seus negócios de trabalho na sapataria, o seu processo de educar-se por conta própria poderia ter sido uma forma de distinguir-se socialmente, como portador de uma “cultura livresca”, demonstrando que possuía valores diante da sociedade, tanto no vocabulário, como no conhecimento, daí a incidência de livros distintos.

Mesmo apresentando rupturas em sua vida, como a entrada para o PCB ter sido um marco no modo como compreendia as leituras que fez, é necessário problematizarmos que este sentido de coerência biográfica que é exposto em seus depoimentos não deve ser interpretado como totalmente estável, isto é, como se sua vida fosse um *continuum*, uma progressiva narrativa, isenta de descontinuidades.

Deste modo, a *ilusão biográfica* que Pierre Bourdieu destaca é fundamental para estarmos cientes das persuasões que os depoimentos biográficos nos fazem sentir. Por este motivo, pensamos esta análise da trajetória de Antônio Rocha como relatos de experiência, sendo a interação entre o eu e o mundo. A experiência estando potencialmente a revelar o processo de formação do sujeito, em sua individualidade, como na relação com os outros, isto é, na intersubjetividade.

Assim, aquele mesmo sapateiro-militante, preocupado em estar em contato com diferentes literaturas e autores, mostrou-se um indivíduo comum, ao mesmo tempo próximo e distante de nós, com sentimentos, desejos e necessidades de sobrevivência material e intelectual.

### **Considerações finais: *O sapateiro e sua biblioteca: Formando militantes?***

Neste trabalho, buscamos compreender como se formou a militância comunista na cidade de Paranaguá, entre 1935 e 1964, dedicando a análise sob a trajetória de Antônio Araújo Rocha – militante, leitor, sapateiro – quando este nos permite analisá-la, de modo que em alguns momentos, mantivemos distância de sua atuação política, dando atenção a outras questões fundamentais das lutas políticas em Paranaguá, ora perscrutando as mobilizações de vários trabalhadores em luta no porto, ora aproximando os olhares para os debates das eleições em que os comunistas concorreram, de forma independente, em outras legendas partidárias. Nosso fio condutor baseou-se em seguir os rastros que Antônio Araújo Rocha deixou, não apenas como leitor, mas como uma pessoa que possuiu um alto conhecimento, tornando-se conhecido pela sua biblioteca. Assim como o fio que é deixado no labirinto, para manter um trajeto e saber que todo o ambiente é complexo, muitos ficam pelo caminho, não avançam e não conseguem voltar para a entrada, acreditamos que conseguimos chegar ao nosso objetivo principal e norteador desta pesquisa, até aqui empreendida.

O que procuramos foi entender que a militância comunista em Paranaguá, se formou tanto quanto foi formada, esteve presente em seu próprio *fazer-se*, como reflete Edward Thompson em seus estudos clássicos sobre a classe operária inglesa. A militância surge em momentos muito específicos, significativos e de extrema importância para quem a forja, isto é, para os próprios militantes. Segundo nosso entendimento, Antônio Araújo Rocha formou militantes, como também foi formado, numa relação intersubjetiva; em contato com os seus clientes que o procuravam, em sua sapataria; debatendo com colegas do partido; nas inúmeras vezes que foi preso na condição de preso político; a partir das leituras que fez, dos mais variados temas e autores; do modo como buscou organizar a sua biblioteca, formada como

ele, no processo histórico que o tornou possível e que agora sabemos um pouco de sua trajetória, dos seus passos, dos rastros e indícios colhidos e organizados para o desenvolvimento da pesquisa que apresentamos até aqui.

O que vimos, foram experiências e sentimentos sendo manifestados, sentimentos que uniu, tanto trabalhadores ao PCB, como livros a Antônio Rocha. Talvez, poderíamos nos aproximar, se nos permitem, um pouco mais de Antônio e chamá-lo pelos seus próprios termos, ou seja, pelo que se tornou conhecido naquela Paranaguá de outrora, onde muitos trabalhadores dedicaram-se, de acordo com as suas possibilidades, à militância política. Assim, Antoninho Sapateiro nos mostrou as condições de surgimento do seu gosto pela leitura, expondo os seus sentimentos, angústias, descontentamentos, pensamentos e posicionamentos. Entramos em contato com um mundo dos trabalhadores de Paranaguá, uma cidade que viu, em suas ruas, comunistas se organizando nas praças, bares, no porto, nos bairros, expondo as suas convicções, desejos e vontades. Desse mundo, talvez, podemos compreender que essas experiências tão distintas, às vezes tão familiares – à luz de outros estudos sobre o mesmo tema – mas tão estranhas, ao mesmo tempo, fazem parte de nosso presente, quando percebemos a necessidade de tomar posicionamentos políticos que garantam o bem-estar coletivo, considerando as diferenças entre os sujeitos que nos cercam.

Buscamos com esta pesquisa, contribuir para os estudos de História Social do Trabalho, que se dedicam para os estudos do movimento operário e da militância política, apontando o papel da intersubjetividade no processo histórico delimitado. Olhar para o passado é compreendê-lo em suas diferenças, em suas especificidades que nos lança a cada momento de reflexão, em nosso presente.

Hannah Arendt expõe que “a política é uma necessidade para a vida humana [...]”, ao passo que Antoninho Sapateiro coloca, “a leitura é uma necessidade na vida [...]”. A política, para Hannah Arendt, é fundamental para que o indivíduo como a sociedade, continuem existindo, de maneira que a política tem o objetivo de garantir a vida. Para Antônio Rocha, a leitura é essencial, tanto quanto o pão é para a vida. Ou seja, a leitura tornou possível ao sapateiro - uma pessoa simples e pobre financeiramente, que viveu a maior parte de sua vida no mesmo ambiente onde exercia o seu ofício – sair daquela cidade e alcançar o mundo.

A vida de Antônio Rocha surgiu, para esta pesquisa, como algo extremamente desafiador, compreender o processo de lutas, organização e conflitos internos do PCB em Paranaguá, em conjunto com os trajetos do sapateiro, em vários momentos. Diante disso,

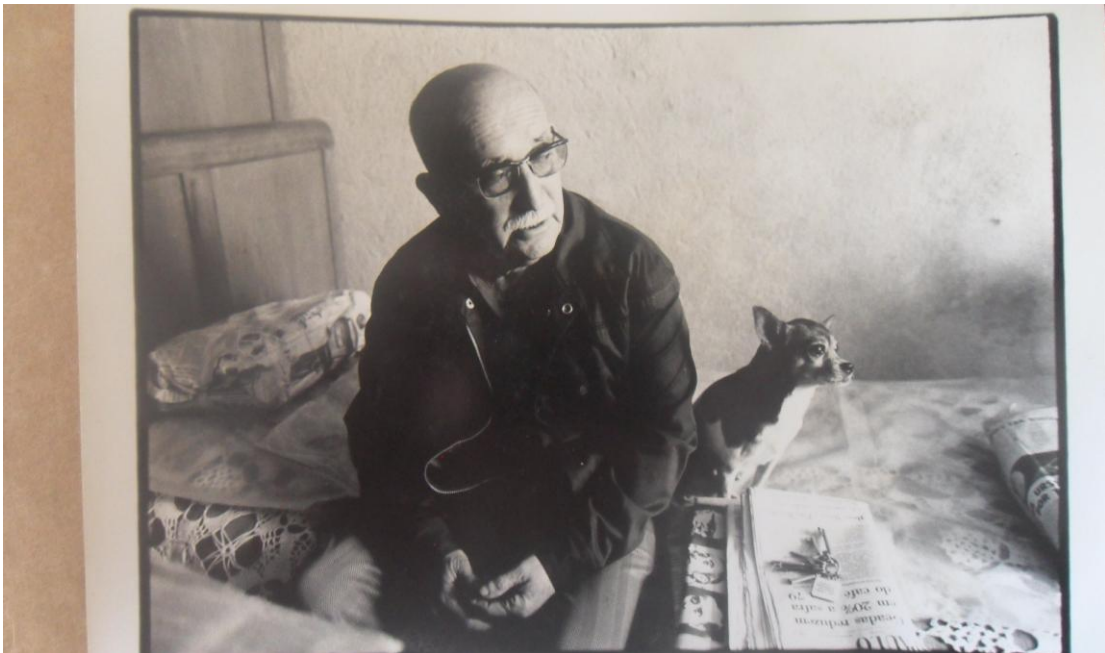
nosso esforço concentrou-se, em pontos da pesquisa, entender que Rocha estava inserido numa configuração, cujos limites extrapolavam o microcosmo de sua cidade. Suas leituras o inseriram numa ampla rede de difusão política e cultural, levando-o à URSS e além, para as fronteiras de sua própria imaginação, talvez para a revolução internacional dos trabalhadores.

Com tantas leituras realizadas e uma biblioteca formada, Antônio Araújo Rocha lembra-nos muito aqueles velhos sapateiros que Hobsbawm e Scott apresentam, ou ainda, um dos fundadores da Sociedade Londrina de Correspondência, o sapateiro Thomas Hardy, o qual Thompson dedica o início do seu clássico *A formação da classe operária inglesa*. Basta lembrarmos o quanto de “cultura livresca” nos deparamos, nos rastros deixados por Rocha.

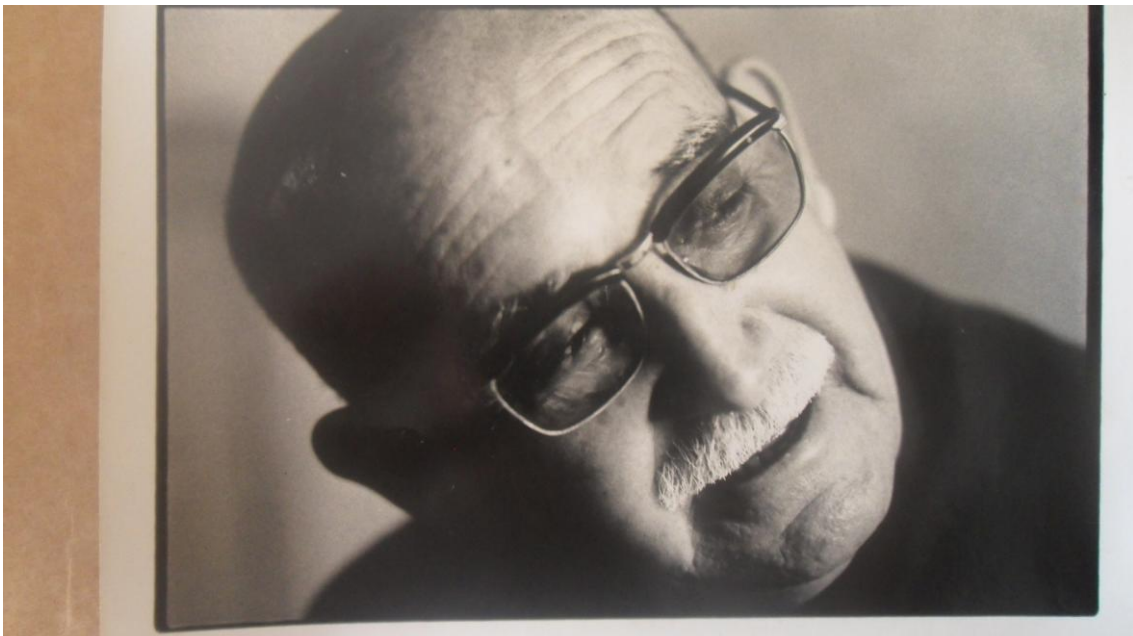
Ao fim desta pesquisa, podemos imaginar como um fim de mais um dia de trabalho. Alguns estudantes da faculdade local o procuram para empréstimos de livros e para conversar, como foi falado para mim, antes de iniciar esta pesquisa. Vem chegando o início da noite, com ela, os companheiros de militância vão chegando à sapataria, o velho sapateiro organiza os seus escritos, alguns apontamentos de leituras feitas durante o dia, entre um sapato concertado e outro. Batem à porta, a discussão começa, há decisões a serem tomadas, militantes que não leem os textos, a repressão desconfia que as reuniões estão sendo feitas na sapataria. É necessário mudar de lugar. O cachorro fica inquieto, vai para debaixo do balcão. A reunião acaba, mas há muito que ser discutido. O sapateiro senta, pensa um pouco e olha para a janela. A maré está enchendo e um vento sereno bate às suas portas, talvez seja o momento de escrever algumas poesias, preparar um café e ler um pouco os novos livros que o correio trouxe. Amanhã é dia de trabalho e de novas leituras.



## ANEXO I – FOTOGRAFIAS



Antônio Araújo Rocha e seu cachorro, no andar acima de seu local de trabalho, recebendo em seu quarto, os jornalistas que o entrevistaram para a revista curitibana *Outras Palavras*.  
Fonte: João Urban. 1978. Paranaguá/PR.



Antônio Araújo Rocha em sua sapataria.  
Fonte: João Urban. 1978. Paranaguá/PR



Rua General Carneiro, Paranaguá, década de 1950. A sapataria de Antônio Araújo Rocha encontra-se ao centro da fotografia.

Fonte: Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.



Fotografia atual da antiga sapataria (em amarelo) de Antônio Araújo Rocha.  
Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. Julho 2014. Paranaguá/PR.

ANEXO II – FOTOGRAFIAS DAS ESTANTES DE LIVROS E REVISTAS



Acervo em posse da família de Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá/PR.  
Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. 2013. Paranaguá/PR

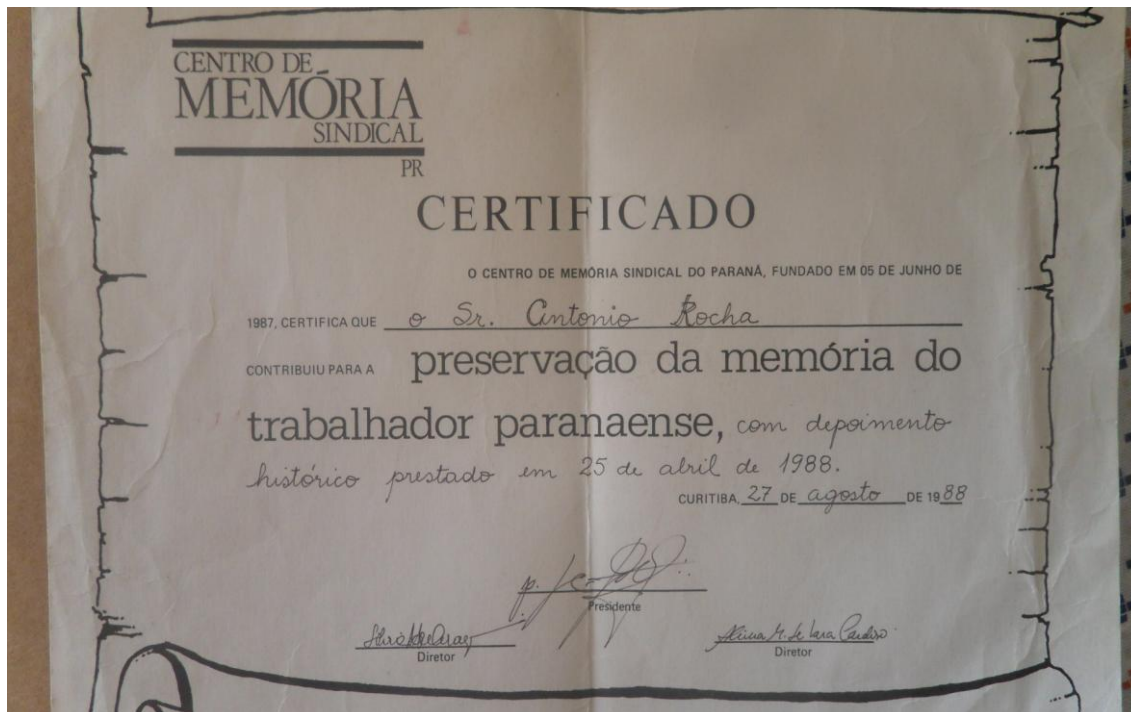


Acervo em posse da família de Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá/PR.  
Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. 2013. Paranaguá/PR.



Acervo em posse da família de Antônio Araújo Rocha, em Paranaguá/PR.  
Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. 2013. Paranaguá/PR.

ANEXO III – DEPOIMENTO DE ANTÔNIO ARAÚJO ROCHA AO CENTRO DE MEMÓRIA SINDICAL DO PARANÁ EM 1988, CURITIBA.



Certificado em posse de sua família.

Fonte: Thiago Ernesto Possiede da Silva. 2012. Paranaguá/PR.

Transcrição do depoimento de Antonio Araújo Rocha ao *Centro de Memória Sindical do Paraná* - Curitiba. Concedido em 1988. Fita K7 digitalizada.

Início: Entrevistador

“Bem, companheiros, senhoras e senhores, vamos dar o início a primeira semana do trabalhador paranaense, cuja necessidade é uma experiência, também, desse Centro de Memória Sindical, passar algumas das programações dessa semana, para dar o início de uma série de atividades. E para a abertura dessa semana do trabalhador, nós convidamos o companheiro Antônio Rocha, dirigente sindical já de décadas, tem muita história para nos contar. Tenha a bondade. Nesse sentido que essa história realmente vai nos dar um princípio, a nós, dirigentes sindicais e trabalhadores, iremos conhecer as nossas raízes, para que reforce

o nosso ideal, para a luta do dia a dia, acredito que se acerra, cada vez mais, a luta entre o capital e o trabalho. Eu passaria diretamente, já, ao companheiro Antônio Rocha, a dar um depoimento da história de vida, na ativa, do movimento sindical dos trabalhadores paranaenses. Eu só peço perdão, porque sou elemento novo na área sindical, peço perdão por não conhecer muito a atividade dos companheiros na área sindical, tenho certeza que os companheiros vão contar toda uma história, assim vamos ficar conhecendo a luta deles.”

Intervenção da entrevistadora 1:

“Seu [nome incompreensível], não há necessidade do senhor se desculpar, porque como dirigente sindical, todos nós estamos sempre aprendendo. Acabamos de conversar isso, junto com o seu João Teixeira e eu. E é pra isso que nasceu o Centro de Memória, embora ainda humilde, pequenininho, né, para que todos tenhamos oportunidade de conhecer e principalmente, recuperar essa história que está tão fragmentada, tão perdida, e tão desconhecida de todos, e que para isso, esse é nosso segundo grande depoimento. Embora tenhamos tantos outros pequenos, e uma fila imensa para podermos dar conta e fazermos bem feito. O primeiro que nos deu a honra foi o seu João Teixeira, foi uma data memorável, que foi a fundação do Centro de Memória, em maio do ano passado, 1987. E agora, uma segunda data importante para o Centro de Memória, o seu Antônio Rocha, de Paranaguá, trabalhador, desses que nós trouxemos, porque soubemos de sua vida de luta e de trabalho, em benefício da classe trabalhadora. Nessa data, o senhor nos honra com a sua presença e a sua fala, para a história, para as novas gerações, sobretudo, porque nós estamos abrindo nesse momento, a primeira semana do trabalhador, que esperamos, seja um evento, hoje ainda pequeno, de acordo com as nossas possibilidades, mas que a diretoria do Centro de Memória Sindical projeta como sendo uma semana que se firmará para os próximos anos, quem sabe para as próximas décadas, enquanto esse Centro de Memória tenha existência, sendo uma semana que tenha um cunho educativo e cultural, possa não comemorar o primeiro de maio, mas trazer o primeiro de maio no seu significado verdadeiro, no trabalho de conscientização dos novos sindicalistas, e de recuperação dos velhos sindicalistas e dos trabalhadores. Nós temos um orgulho muito grande, de tê-los aqui conosco hoje, seu João Teixeira e seu Antônio Rocha, e queremos externar então, a nossa satisfação e dizer-lhes que não poderia ser com outras pessoas que iniciáramos os passos do Centro de Memória. Pediríamos ao seu Antônio Rocha, por gentileza, alguns dados pessoais, o que na verdade possa nos trazer, né, da sua vida, de



quando o senhor nasceu, onde nasceu, onde o senhor foi criado, em que condições, e o que isso marcou na sua vida, para depois passarmos para a sua vida profissional. Mas, achamos interessante esse berço, essa formação, que certamente deve dizer muito dos passos que o senhor pode dar com segurança e, digamos assim, uma certeza de que a luta não é em vão. Por gentileza, seu Antônio Rocha, quando o senhor nasceu? Aonde o senhor nasceu? Como é que foi a sua vida de infância?”

Antônio Rocha:

“Nasci no sítio, né, em um sítio do município de Guaraqueçaba, em Superagui, nasci lá, com dois anos de idade vim pra cá, depois fui pra Ilha da Cotinga, com quatro anos vim pra Paranaguá, fiquei na orla da Costeira. Minha família era muito pobre, de trabalhador, de operário, né. A vida é muito difícil naquele tempo, como hoje, né, mais difícil ainda. Apesar de todas essas dificuldades, a gente vai crescendo, vai vivendo, a vida de trabalhador é assim, né, passa fome, sofre, frio... Mas, vai avançando.

10 de maio de 1908, quando eu nasci. Tô beirando 80 anos agora, no próximo 10 de maio, completo 80 anos. Nesse tempo de infância, era criança, a gente vivia como dizia o... como dizia o poeta Casimiro de Abreu, né... A infância... Não sente a vida, sofre e não sente, vai vivendo, vivendo... Quando dá-se conta de si, já está grande, né.

Frequentei escola pública, na escola da professora Ester, a primeira escola que eu estive, né, em Paranaguá. Depois estive no Colégio Faria Sobrinho, cheguei até o meado do quarto ano, depois eu saí. Havia uma divisão muito grande entre os alunos... briga, a gente brigava, né. Foi por causa dessa divisão que eu saí da escola, acabei brigando lá... Até separarem tudo, saí e nunca mais fui pra escola.

Meus pais insistiram, eu não quis ir mais pra escola, então fui aprender o ofício de sapateiro. O difícil de lá de onde eu morava, pra arranjar serviço tinha que ir pra cidade, cada um deles tinha que arrumar uma profissão, eu arrumei a profissão de sapateiro e fiquei até hoje. Depois não estudei mais, nunca mais fui pra escola, tive que aprender a profissão.

Foi que aconteceu que eu, por intuição, sempre gostei de ler, desde guri... Sempre gostei de revista, livro, tudo. Fui me dedicando a leitura... Foi indo, foi indo. Eu leio bastante, eu leio bastante, eu leio muito. Na realidade, eu tenho uma biblioteca muito grande, to pretendendo vender ela, a biblioteca, né. Então eu li muito, mas, antes eu lia... a gente lia mas não aprendia, né... Lia por prazer, lia por prazer.

Uma vez, eu tava com um rapaz até no café, esse rapaz é... Jornalista. Esse rapaz, o que me chamava atenção no café, conversando, numa praça grande com um leão... Fiquei perguntando ele assim, mas como é que você tem a facilidade de falar tanto assim? Decorou o dicionário? Ele disse... Ele riu, né. Disse, é, o dicionário é um livro necessário, um livro pra gente se utilizar dele quando é preciso. Mas, é a leitura, né.

Eu disse, eu leio bastante, já leu já? Então leia bastante, leia, leia, leia, leia... Daqui um dia, você vai selecionar a leitura, você vai começar a compreender porque você está lendo o que você gosta de ler... Passando do prazer para a realidade. Passa a compreender que a leitura é uma necessidade na vida, tanto quanto o pão, é uma necessidade tanto quanto comer pão, né... Respirar o ar... Hoje, eu entendo assim.

Aí passei a ler outros autores. Por exemplo... Humberto de Campos, que me levou a ter toda a literatura de Humberto de Campos... Cronista, poeta, jornalista. É... e também, aquele outro...o francês Alexandre Dumas, Balzac, esses estrangeiro, né. Eu li muito deles também, né. Aquele... Lima Barreto, conheço toda a obra de Lima Barreto... Machado de Assis, José de Alencar... Mais outros, mas, esses que eu me preendi mais foi José de Alencar, Lima Barreto e Euclides da Cunha, né... Principalmente, Euclides da Cunha, o livro “Os Sertões”.

Naquele livro que eu fui saber que havia uma luta nesse país contra o latifúndio. Eu tava pensando entrar dizendo que era o latifúndio. Ali, o que que tá acontecendo? É uma batalha muito grande contra o latifúndio nesse país. E, Antonio Conselheiro - comandante da luta - , esmagaram com ele.. esmagaram... três vezes, na quarta investida, esmagaram com... esqueci o nome... do lugar que ele travou essa batalha, né... Canudos!

Daí pra cá, daí pra cá eu fui lendo, fui entrando em contato com outras leituras, com o Partido Comunista. Antes de eu entrar em contato com o Partido Comunista, no fim da Guerra de 1946, né.”

Interrupção da entrevistadora:

“Essa sua trajetória, de uma cultura literária, em que o senhor foi conseguindo fazer uma transferência para a realidade brasileira, tomando consciência dos problemas que passava. Mas, isso acontecia concomitante ao seu exercício do ofício de sapateiro, então,

desde quando o senhor já estava trabalhando como sapateiro? Desde que ano? O senhor já tinha essas leituras?”

Antônio Rocha:

“Foi desde 1922, né... Em 1922, entrei na profissão. Naquele tempo eu lia revista do cinema mudo, *Cinearte*, do cinema mudo, né. Eu lia essa revista. [frase incompreensível]. Vendia de porta em porta, né. Lia o “Justiceiro”, esses romances... lia e não aprendia nada, né. O prazer de ler era o vocábulo que ficava na cabeça, a leitura traz isso. Por menos que ela traga uma compreensão oportuna, mas, diante de ti é o vocábulo que fica na cabeça... É a palavra, né. Você sabe falar, se expressar, né... É a leitura.

Então, eu fiquei lendo sempre assim, até cheguei... Até o Partido Comunista. Quando entrei no Partido Comunista foi quando teve a Primeira, Segunda Guerra Mundial... A gente colocou-se contra os países da turbulência nazi-fascista... Tinha um barbeiro lá perto de onde eu trabalhava, morou muito tempo ali... Então esse barbeiro era meu aliado, acabamos conhecendo o João Teixeira... João Teixeira que tá aqui do lado, João Teixeira... Então, esse barbeiro foi que me arrastou pra dentro do Partido, quando o Partido veio pra legalidade. Isso em 1946, quando veio a Anistia Ampla, né, quando o Partido veio pra legalidade. Então, foi... eu vim pra dentro do Partido.

Entre pra dentro do Partido sem saber o que tava fazendo, mas, reconhecia esse ânimo, essa vontade de... participar de alguma coisa, tava vindo essa vontade. Foi, foi indo, ali dentro o Partido me ensinou outras coisas, o Partido me ensinou a compreender o que se lê, né. A compreender por que se vive, pra que se vive, para que se vive... o Partido me ensinou. Aí fui ler Lenin, Marx, Engels, outros, né... os homens de cima, realidade avançada, comandantes da ciência.

Intervenção da entrevistadora: “E como o senhor aplicava todo esse conhecimento? E essa leitura que se fazia? De uma forma, Junto com a sua profissão, nessa realidade de Paranaguá, na década de 1940, na década de 1950? Como é que o senhor atuava?”

Antônio Rocha:

“Atuava-se aí, a gente atuava politicamente, porque participava de tarefas políticas, [...] Por exemplo, tinha uma campanha pela intervenção da [palavra incompreensível], foi

uma campanha muito grande, a gente participou dela, fizemos comando na rua, né. O João Teixeira que tá aqui do lado, Helena tá aí, né... O pai dela, Eustáquio Quadros... Antonio Maia, estivador, grande líder de todo o Paraná e talvez do Brasil... Tinha o Antonio Maia, o João Miranda, tinha o Chagas... Tinha uma porção de companheiro da estiva, dos outros sindicatos. Toda Paranaguá deve se orgulhar de ter esse privilégio, que tem uma porção de trabalhadores que participaram de lutas, greve, tudo isso.

Então, a gente lia a leitura do trabalho, Marx, eu lia muito. Então a gente aplicava na tarefa, né. Aí entrou a campanha pelo monopólio estatal do Petróleo, “O petróleo é nosso”, então, o João Teixeira era suplente do vereador Silvio Drummond, Silvio Drummond precisou se ausentar, então o Teixeira entrou. Entrou de suplente pra ficar no lugar dele. Aí foi que nós levantamos a campanha na Câmara de Vereadores de Paranaguá, levantamos a campanha pelo monopólio estatal do petróleo, discutimos, fizemos um discurso lá. O líder da bancada era o PSD, né, naquele tempo tinha o PSD, né... Era o Joaquim Tramujas, né, o Partido Libertador participava, mas a maioria era do Joaquim Tramujas, né, era o líder do PSD, o partido da UDN... O Antonio Pereira da Costa.

Levantou o Antonio, né, aclamado em liderança, tudo, um apoio unânime, né. Então a campanha do monopólio estatal do petróleo ganhou a Câmara, ganhou (pequena frase incompreensível), o povo entrou em pulção pra Eustáquio Quadros pelo transporte, deu apoio, né. Foi feito um ato na rádio da cidade, a Rádio Paranaguá, ampliaram a rádio, os estúdios pra nós. Então nós ampliamos a campanha... Faixa na rua, propaganda, comício, passeata.

Depois da campanha, né... Depois da campanha, veio outras, veio greve, surgiu, foram os sindicatos... Eu não participei de sindicato porque não sou sindicalizado, mas participava muito dessas, paralelamente. Assim, né... Participava dessas lutas, executando as tarefas na rua, fazendo essas coisas, propaganda na rua, né. Então, quer dizer que eu não falo em nome de sindicato, porque eu não sou sindicalizado. Participo das lutas, tenho o direito. (frase incompreensível), essa é a minha contribuição, de uma pessoa que participou das lutas. Depois veio o golpe, derrubaram tudo.

Intervenção da entrevistadora: “E o senhor participou de greves? A primeira greve que o senhor participou?”

Antônio Rocha:

Eu não participei dela, porque não sou sindicalizado, mas, a gente deu apoio, né. Na greve da Estiva, o sindicato mais forte era o sindicato da Estiva. Aí a data não to me lembrando bem, 1949, né... A greve do carvão, né... Uma greve muito grande, e essa Estiva era forte. Então, houve outras lutas, mas, essas mais positivas, (frase incompreensível).

Depois foi indo, se aproximando do que aconteceu no golpe, né. Foram, foi, o golpe veio, quando eles viram que os trabalhadores estavam começando a entender os seus direitos de classe, né... Então eles aplicaram o golpe.

Intervenção da entrevistadora: “Mas, até chegar o golpe de 1964, o senhor calcula assim quantos sindicatos o senhor ajudou a fundar, a organizar? A consolidar a luta? Conta pra gente”.

Antônio Rocha:

Eu não ajudei a fundar e nem a organizar, nenhum deles, porque eu não era sindicalizado... Ah, tinha a Associação das Mulheres, né, as catadoras de café também, né... Naquele tempo, o café vinha pra ser beneficiado em Paranaguá, né. Então tinha as catadoras, em cada armazém trabalhava um grupo de catadoras, pra depois se especializar. Então organizaram uma... Uma Associação de Catadoras de Café, foi muito grande, até que uma vereadora aqui de Curitiba, chama-se Maria Olímpia, ela dava apoio, né. Esse... fizeram muitas lutas, a Associação das Mulheres, mil e duzentas operárias, né... Então esse foi um destaque, de muita importância da organização das mulheres.

Depois veio vindo, a luta foi tomando outros encaminhamentos, segundo o crescimento da reação, foi crescendo, porque foi desalinhando a luta dos trabalhadores do povo, criaram isso que tá aí. Mas, nós estamos conscientes que a classe operária, nunca, tanto quanto hoje, da necessidade de se organizar, da necessidade de fazer um sindicato forte. Se há defeito dentro do sindicato, mas, é preciso libertar o sindicato desse... Desse desvio de conduta de classe. E tá se travando lutas grandes, né.

Antes a gente pensava, assim, que era uma decadência, mas, não é uma decadência. O nosso povo tá crescendo no poder, não adianta, ninguém vai impedir, que o povo vai pro poder. Como é que vai ser em Paranaguá, no Paraná e no Brasil? É uma resposta que vem pela frente. Mas, uma coisa é certa, o povo tá morrendo lá fora, tão matando o povo, de

propósito, né... Um país como o Brasil, que é um continente, né, mais do que um país, não justifica o que está acontecendo aí, que a gente vê que chegou-se o ponto de uma criança não poder comer nem um pão, uma criança não tinha o direito de comer a metade de um pão.

(Palavras incompreensíveis) Paranaguá não tem indústria, por causa do porto e da prefeitura, vê como, aonde eu trabalho, trabalho há quase cinquenta anos, naquele lugar onde tem a sapataria, né... Aquele ali é uma passarela da fome, da miséria.

Intervenção da entrevistadora: “O senhor acha que a fome, a miséria, e as péssimas condições em que o trabalhador está hoje, e a população cada vez mais se degradando, hoje é pior essa degradação? Ou ela já existia quando o senhor levou tantas campanhas, e foi às ruas, foram aos ambientes de trabalho, as catadores de café, os estivadores. Como que era? O povo sofria mais ou menos?”

Antônio Rocha:

O sofrimento é um processo em desenvolvimento e evolução, né... Por exemplo, quando eu era guri, eu me lembro, né... A gente comprava seis pães por um tostão, dava seis pães, cem gramas, dava cem gramas o pão, cem gramas. Comprava-se três, seis, o pão dormia pra outro dia e comprava seis por um tostão. Quer dizer, quem não podia comprar o pão do mesmo dia, comprava do outro dia e comia pão. Naquele tempo, comprava-se carne, marisco, tudo isso aí era barato, o povo corria pro marisco, corria pra carne seca, corria pro salsicho, hoje não tem mais isso.

A miséria de hoje é terrível, completamente diferente daquele tempo, porque quem tinha um tostão, comprava um pouquinho de café, de... de... de, um pouquinho de café, um pouquinho de açúcar, um pouquinho de feijão, né... Hoje, nós compramos tudo em quilo, se vende tudo em até cinco quilos, pra quem pode comprar cinco quilos. Então, hoje, quem não tem condição pra comprar um quilo de açúcar não compra açúcar... Não compra café, não compra mate, pacote de mate... tá cento e noventa e nove, um desse Matte Leão, cento e noventa e nove. Não vende por cem, vende por cento e noventa e nove.

O regime tá numa decadência tão grande, que... Pensam só em ganhar... Acumular grandes riquezas, né... Perderam totalmente o escrúpulo, não pensam mais se tem criança, isso não entrou na consciência deles, isso perderam há tempos, né. Então, hoje é pior, hoje tá pior, o povo não come, a desmoralização é total hoje. Eles também não gostam que a gente

fale isso, isso vai pra imprensa, pode falar, eu to falando aqui pra eles ouvirem, quero que eles ouçam isso aí mesmo. O Teixeira, nós todos somos assim, nós não andamos com medo deles, né, tanto que nós não temos medo que estamos sempre atuando em alguma coisa, né. Então, eles estão criando uma situação desprezível pro povo, não é possível, que desumanidade total.

Mas, pergunte, quando foi que eles tiveram sentimento humano? A gente ouviu dizer assim, num dia desses um rapaz tava falando, eu tava escutando e ele tava falando, em um outro dia, que nós estamos vivendo em um capitalismo selvagem hoje. Fiquei pensando, mas, quando foi que o capitalismo foi civilizado? Ele nunca foi civilizado, porque sempre foi capital, exploração do homem por outro homem, pela propriedade. Então, nós estamos nessa aí, chegamos nessa situação. Tenho a minha vida profissional, hoje eu to velho, daqui um tempo não trabalho mais como sapateiro, ganho um salário mínimo, só, né. Como que posso viver com esse salário mínimo? Então, alguém quis me fazer acreditar que aqui é o país do milagre, realmente, pra viver com um salário mínimo deve ser um milagre mesmo.

Então, daqui pra frente, a gente pode prever, sem ser profeta, né, (palavra incompreensível), previsão científica é outra coisa, então nós sabemos que o pior vem vindo, sempre vem vindo, mas, também, o povo tá tomando consciência de si e de classe, o povo sabe que só tem uma saída, é se organizar e lutar por seus direitos, defender os seus direitos. Se organizar dentro de sindicatos, de clube, de tudo... Estudante, todo mundo tem que se organizar, lutar pelos seus direitos, o país aqui é do povo, cento e cinquenta... Não sei quantos milhões é a população do Brasil hoje, mas, é dessa população. (frase incompreensível)

América Central, América do Sul, como ficou, né? Celeiro de matéria prima pra essa gente, pra cá... Aqui tem de tudo, (palavra incompreensível), ainda mais no Brasil, que... Só no Amazonas lá, tá aguçando a cobiça deles. Como é que eles vão lutar? Só se organizando... é o que nós estamos fazendo, estamos tendo essa consciência, né...

Intervenção da entrevistadora: “O senhor fez um marco na sua fala. O senhor falou assim, ‘64, antes do golpe, depois do golpe’, Diante do golpe havia uma preparação, já havia um tanto de organização. O senhor vê esses anos todos, depois do golpe, como algum retrocesso nessa organização tão esperada e tão necessária historicamente?”

Antônio Rocha:

Sim, praticamente, deve ter ocorrido retrocesso, ideologicamente, não, né. A consciência revolucionária de classe está no cérebro da classe, do trabalhador, do povo, né. O trabalhador que vai pro porão de navio, né, vai pegar o peso lá... Ele tem consciência do que ele quer, né. Tá começando a fazer agora... Ontem foi que, desmancharam um sindicato, praticamente, quase se esfacelaram, né, Pra... Essa... Que foi o sindicato de Paranaguá, aqui em Paranaguá, esfacelou-se, né... (frase incompreensível). Agora tá voltando, o sindicato tá voltando novamente, reagrupando pra tomar novamente força, pra ir pra frente, né. É assim que eu vejo, né. Teve um retrocesso, mas, quanto a maneira de pensar e de sentir do povo, não.

Intervenção da entrevistadora: “O povo em geral, seu Antôquinho, o senhor fala. Mas, uma pergunta que sempre nos aparece, e a gente insiste, já que o senhor tem uma experiência maior, essa consciência, essa consciência de classe, essa consciência da luta, pela organização, essa consciência, ela é mais ‘forte’ nos trabalhadores, digamos assim, de um trabalho mais pesado que se defronta mais diretamente com o capital? E ela talvez seja um tanto quanto mais ‘fraca’, nessa multiplicidade que se tem hoje de trabalhadores urbanos, que nem tem às vezes definida, a sua categoria, ou a sua categoria ainda está começando a se firmar? O senhor acha que essa consciência é diferente é uns e em outros? Ela seja mais forte em um estivador? Naquele entra no porão de navio? Num metalúrgico? E é mais fraca no trabalhador varredor de rua? Como é que é?”

Antônio Rocha:

A direção do sindicato... o sindicato tem muita responsabilidade quanto a isso, se quem tá dirigindo bem o sindicato é a consciência da massa, caminha melhor, caminha bem, mas, se ele tá em uma ideologia peleguista, o peleguismo, né, então o trabalhador sofre com isso aí, então o sindicato não tá cumprindo com aquele dever de classe, que ele tem com a classe, com o trabalhador. Mas, não é com o sindicato e nem o trabalhador que é culpado, é que... é o sistema social que determina isso aí, briga, cria, esfacela... Penetra dentro dele e desvia, dá outro rumo, outras linhas, né. Tanto que o trabalhador... Tava lendo esses dias, tava lendo um livro... ‘O Partido’, uma coleção que vem da União Soviética, vem pra Portugal e



traduzem, né, vem pra cá. Esse livro apareceu na barraquinha, era trinta e cinco, agora tá cento e cinquenta, esse aí vem do partido.

Esse livro, eu tava lendo ali... Muitos colocam esse problema de trabalhadores de várias profissão... camponês, trabalhador de fábrica, trabalhador... esses tudo, trabalhador de rua, cada um... o número de trabalhadores é bastante, né. Lembra como fazer, potencializar esse trabalhador, todos esses se sentir no dever de lutar... No dever de lutar pra defender seus interesses de classe. Tem a população agrária, o sindicato rural, o sindicato do (palavra incompreensível), como já tinham uma luta grande naquele tempo, que tinha aquele... aquele... Advogado, como era o... Julião, Francisco Julião. Naquele tempo, eles organizaram bastante o sindicato, com o trabalho dele e de outros, né, outros líderes nos sindicatos do campo, né... Mataram muita gente, até. Então criou-se uma força grande em cima do campo. Tanto que é verdade que, o dono do... do poder, do latifúndio é assim, estranharam e... e foram até punir, né. Mas, havia força já, força grande.

Hoje ela diminuiu, porque as lideranças todas desapareceram, morreram, foram presas, tudo. (Frase incompreensível), quando a gente vai pra escola pra estudar, pra aprender a ler, né, tem que haver uma organização da classe pra dirigir a classe, né. Hoje devido a esse retrocesso, a essa política precaríssima do povo, os sindicatos enfraqueceram, mas, como eu te digo, a classe, todos eles estão querendo avançar, todos estão querendo se organizar.

Uns estão querendo dizer redemocratização, o que não é, na verdade, nós não podemos dizer redemocratização, porque na verdade nunca tivemos um país democrata. O Brasil nunca foi democrata, então não pode dizer redemocratização, porque está se lutando pra democratizar o país, mas, quem vai democratizar o país? As multinacionais? O Imperialismo? Os latifundiários? Né, eles não vão fazer isso, (palavra incompreensível), eles trabalham bem direitinho pra enviar o povo até perder a consciência nacional. Praticamente, pode se dizer que a maioria da massa, que a gente vê, não tem uma consciência nacional. Sofre, sofre muito, se alegra pra ir numa festa, vai no carnaval, vai no futebol, se adéqua à essas coisas, mas, politicamente, não. Falta essa consciência, consciência nacional, que não é transitória também, a consciência nacional não é transitória, (palavra incompreensível), nós não vamos parar por aí, né.

(Frase incompreensível) ... A população agrária, no campo, né, e tem a classe, a classe operária. Como foi feito nos outros países, onde geram as lutas... Unia o camponês com o operário da cidade, né... E unia o povo, daí o povo participou das lutas, né. Foi uma classe

sofredora, (palavra incompreensível), agora o nosso... estamos bem atrasados, porque estamos vendo que tem muita dificuldade, estamos cada vez mais encorajados, né. E em momentos como esse, que to vendo aqui que tem uma porção de companheiros pensando a mesma coisa”.

Fim do lado A da fita 1

Início Fita 1 – Lado B

“A gente vê por aí, vão dizer, os partidos políticos, né, os partidos políticos, por exemplo... o PMDB, né, o PMDB que surgiu em 1964, depois do golpe. Saiu o PTB, que era o comando naquele tempo, né. Esse é um partido político burguês, o PTB saiu, entregou... tinha uma tendência revolucionária, tinha uma tendência nacionalista, mas, não teve ânimo pra cumprir... Então, eles tiraram o PTB e fizeram o que fizeram, né.

Essa circunstância criou o MDB e a ARENA, né. Eles criaram porque era uma demonstração da força e se tratava de um golpe reacionário, [palavra incompreensível] pra tirar a liberdade do povo. Feito esses dois partidos, o MDB ganhou o povo, né. Polarizou, a força pra esses lados, cresceu, cresceu... Naquele tempo, ser do PMDB era perigoso, [palavra incompreensível], era ser tachado de comunista, tudo... Quando eles viram que tava crescendo a força do MDB, então eles vieram com o pacote da pluralização partidária, né... Então acabaram com aqueles dois.

E o MDB acresceu uma letra só, PMDB. Os outros surgiu, esses outros partidos, do Brizola, tudo... surgiu daqueles partidos.

Antônio Rocha:

Então, dá pra ver como o povo queria alguma coisa, né. [Frase incompreensível] O povo sabia que ali estava o melhor, tinha gente melhor... o PTB tinha gente boa, mas ficaram soltos. Esses homens ficaram flutuando, né. O PMDB surgiu, fez isso, partido poderoso, um partido nacionalista, a fé, esperança do nosso povo era o MDB. A votação imensa, esse comício monstruoso aqui em Curitiba, na Boca Maldita, o primeiro comício. Lá no largo da fé, em São Paulo. Lá na Candelária, no Rio. Eu lembro que eu li, até, na Folha de São Paulo, o comício da Candelária... o Tancredo Neves encostou a boca no ouvido do Ulisses

Guimarães, e disse assim: ‘Como é que nós vamos governar toda essa gente aí?’ O povo queria mudança.

Intervenção de um entrevistador: “O comício do vale do Anhagabaú, que foi o maior comício do mundo, a maior concentração de massa do mundo, dois milhões de pessoas no Vale do Anhagabaú, nunca houve na história isso”.

Antônio Rocha:

O que o povo queria? O povo queria mudança, o povo votou maciçamente, vinte e dois Estados, então o PMDB tava com condições, não digo de fazer transformação social, mas pelo menos de uma força nacional, [palavra incompreensível]. Se você falasse do PMDB na rua, tinha chance de apanhar, o povo tá irado. O povo não pode comer, não pode viajar. Um rapaz tava dizendo pra mim, ‘seu Antoninho, primeiro, o senhor não podia viajar pro exterior, você não podia pagar a passagem pra viajar pro exterior, só podia viajar por dentro do Brasil, agora o senhor já não pode viajar por dentro do Brasil, e agora o senhor já não tá podendo viajar dentro do Paraná, e tá chegando o dia em que o senhor não vai poder viajar dentro de Paranaguá, o senhor não vai poder pagar o ônibus pra andar dentro de Paranaguá’. Isso é verdade, é fato. O que quer dizer isso? O povo tá vendo, tá sofrendo. Aquilo que o Stalin dizia, né, ‘Não se pode dar palpite pra unir o povo, o povo se une’.

Eu sou solteiro, não tenho filho, mas tenho o filho dos outros, tenho o meu sobrinho, gosto dele, né. É doloroso você ver, né, um pai não poder levar comida pro filho, ver uma criança descalça na rua, comendo comida de lixo, lá perto da sapataria, pra não morrer de fome. Mais tarde vai ser polícia, vai servir o Brasil, comendo comida podre, servindo a pátria dele. É assim que tá, então o que houve é que piorou a situação, o poder econômico do povo tá arriado, o povo não ganha nada, não querem dar aumento de salário, eles acham até que o aumento de salário é responsável pela inflação. [palavra incompreensível]

Como é que a gente entende a vida? Por que? O povo, eu observo de vez em quando, chega no fim do mês, o povo recebe o salário mínimo, vai pro comércio gastar o dinheiro, você vê as lojas, cheias de gente fazendo compra. Então, se pagasse melhor o povo, se desse melhor poder aquisitivo pro povo, né, o povo o que que ia fazer? Ia guardar no banco? Não, o povo não é capitalista? O povo ia gastar o dinheiro, ia fazer compras, fortalecer a produção,

né. Mas eles não admitem isso, não admitem que o povo tenha liderança, que o povo tenha ânimo, tenha coragem. O povo tem sido massacrado. [frase incompreensível]

Intervenção da entrevistadora: “Desculpa a simplicidade, mas, o senhor fala ‘eles não admitem isso’, ‘eles não querem isso’, quem são esses ‘eles’? Vamos dar nomes aos bois? É governo? É uma aliança, digamos assim, do governo brasileiro com outro país? O que que é? Explica pra nós”

Antônio Rocha:

É a classe dominante, a classe dominante que domina o poder, que é nacionalizada, eles entendem, né, eles entendem, é a classe que domina o poder, nós não mandamos no poder, somos dominados, eles que mandam no poder, a ideologia é deles, [palavra incompreensível] a religião é deles, criaram até uma porção de deuses, criaram. Foi quando a pluralidade divina tava sendo perseguida, eles criaram um deus só, que ficou ainda, ainda é restringida do politeísmo, né, porque Pai, Filho e Espírito Santo, são três deuses.

A gente não tá aqui pra atacar religião, nada. Nós não atacamos isso, pelo contrário, a gente defende, né, porque onde o povo, o poder, a religião cresceu muito mais do que pra cá. Anos atrás, eu li uma reportagem na Revista Manchete, daquele [palavras incompreensíveis], reacionário, assim, terrível. Eles foram obrigados a fazer uma reportagem em Moscou, mostrando todos os templos, como a revolução herdou, cuidou dos templos, [palavra incompreensível], como o cristianismo cresceu tanto na União Soviética, a ponto dele dizer que passou do Materialismo Dialético pra trás.

Intervenção da entrevistadora: “Então tem uma lição muito clara aí, seu Antoninho. Digamos assim, uma revolução, um governo revolucionário, né, que não ataque esses valores do povo, que respeite esses valores, no caso, a religião é um deles, a moral é outra, tantos quantos outros, tem mais a ganhar. E, quando o senhor fala ‘eles’, essa classe dominante, essa burguesia capitalista, industrial, capitalista financeira, comercial, etc, o senhor acha que da forma como eles estão colocando o trabalhador, em condições sub-humanas, como o senhor disse, passando fome a população, esses valores então, do povo, nem são preservados, nem tem condições de serem, digamos, preservados, porque povo com fome, ele vai pra igreja? O senhor disse, que em um governo revolucionário bem sucedido, uma nação bem sucedida, a

religião até cresceu. No Brasil, não parece isso, ou parece uma multiplicação de novas seitas, novas procuras, mas, não valores, mesmo?”

Antônio Rocha:

Em Paranaguá tem uma rua, parece que ela tem seis igrejas, aqui tem mais, até, em uma rua, uma rua tem seis igrejas. Isso quer dizer que o poder religioso, a crença religiosa cresceu bastante. Tem bastante igreja em Paranaguá.

Intervenção da entrevistadora 2: Mas, precisa acentuar que ela se intensificou, não houve uma debandada religiosa, que o próprio povo, com sua necessidade de religiosidade, não acreditando naquela religião da classe dominante, se expandiu, criou outras igrejas, em que essas são pequenininhas. [frase final incompreensível]

Intervenção da entrevistadora 1: Mas que reproduzem a mesma estrutura de dominação, resignação de passividade desse povo...

Intervenção da entrevistadora 2: Mas, há, por exemplo, uma divisão desse modelo...

Intervenção da entrevistadora 1: Das igrejas ricas e pobres?

Intervenção da entrevistadora 2: Das igrejas ricas e pobres, há uma divisão.

Antônio Rocha:

O que que a gente vê, quando se trata da religião, da crença, deísmo, né, do cristianismo, ele penetrou profundamente na massa, na classe operária, né, sendo que a classe operária não acredita profundamente na existência de um senso... [palavra incompreensível] a ciência prova, a ciência que prova isso, mas, [frase incompreensível]. Eles fabricam religião no Japão, nos Estados Unidos, na Inglaterra e exportam pra América do Norte, América do Sul, América Central, transportam pra cá. A única que se sabe, de religião que tem aqui, no Brasil, que é daqui é o Umbanda, esse parece que é daqui, né, é nosso, mas é religião, é idealista.

Nós não tamos criticando, estamos dizendo que na realidade, porque uma religião, como estava dizendo ainda a pouco, se a igreja cresceu bastante no país socialista, é porque o crente vai na igreja, ele sai da igreja e vai pra casa e tem o que comer, tem trabalho, né, tem

onde morar, o filho dele pode participar do curso primário, secundário e superior que tem gratuito. Ele participa dos direitos da vida, ele vive bem, então ele acredita que Deus ajudou e melhorou o apelo dele, né. Fortaleceu-se mais, como o cara diz na reportagem, a crença cresceu, e foi o Materialismo Dialético que fez a crença idealista crescer, porque o poder materialista dialético que é grande, que é ciência, que é a ciência que comanda a humanidade, comanda a consciência humana, que é a ciência. Então, cresceu por isso.

Quando um cara vai fazer uma reportagem daquela, é porque ele sabe perfeitamente que não pode afirmar que o povo socialista não acredita em Deus, ele acredita, defende o templo, respeita o templo, dão toda a força. Aqui, o crente sai da igreja e vai pra casa e não tem o que comer, tem que pagar o dízimo, ganha um salário mínimo e ainda tem que descontar o dinheiro do dízimo. Um dia desses, um veio discutir comigo, ‘seu Antoninho, você tem que levar em consideração que o crente, o crente ele não bebe, não fuma, né,’ ele aprende isso, a religião não deixa, convence a ele que não deve beber, e nem fumar. Olhe, você tá pensando que a religião tá fazendo ele crer que não deve beber e nem fumar? Pregam isso que é pra ele não gastar o dinheiro do dízimo! Mas é claro, porque ele ganha pouquinho, vai gastar o salário mínimo na bebida e no cigarro, né?

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor não contou ainda como que é aquela questão da campanha nacionalista. Como é que é essa ameaça dessa internacionalização? Desse minar do que era nosso? Como que chegou a essas campanhas? Como que chegou às ruas? Qual foi a reação? Como é que o senhor via essa ameaça maior ou menor de hoje? Tenho vontade de conhecer.

Antônio Rocha:

A ameaça justamente da penetração é pelo poder econômico, né, o poder econômico que penetra, hoje eles não ocupam o país mais com bala, né, não metem o canhão, não metem o mariner, é o dinheiro, é o banco, né, é o capital. Tava vendo, aqui, a taxa de crescimento do país, o que cresce no país é o poder da Coca-Cola. Agora é o poder econômico que domina, não é outro, não tem outro poder.

Intervenção da entrevistadora 1: Esse poder econômico, que no caso está dominando a vida desses trabalhadores, está imobilizando o trabalhador brasileiro, ele sempre foi, como o

senhor disse, selvagem. E, no entanto, lendo os jornais operários no início do século, não faz muito tempo, né, Alcina, ou seja, da década de dez, da primeira década do século, da década de vinte. Eles traziam, para esses operários, leituras como essas que o senhor faz, leituras de peso. Leituras que davam uma formação além da informação, os jornais eles não eram apenas jornais informativos de campanhas salariais, jornais de vida transitória e rápida. Mas, jornais que ficavam. O senhor acha que hoje o trabalhador brasileiro tem menos condições de assimilação de uma formação, de uma doutrinação e de um trabalho de arregimentação ideológica do que antigamente?

Antônio Rocha:

Hoje o trabalhador tem mais, ele tem mais, mas ele escuta mais, escuta televisão, o rádio né, escuta a televisão, o rádio. Quando você vai no sítio hoje, por exemplo, né. Primeiro, no sítio era o caboclo, né, o homem do sítio era o que eles chamavam de Jeca, Jecada, né, no sítio era o rádio de pilha, a televisão de pilha.

Intervenção da entrevistadora 1: Mas, quando o senhor fala rádio, é a rede Globo?

Antônio Rocha:

Mas é, não importa, não tem outra, é a rede Globo que manda, não tem outra. Mas ela é obrigada a falar, a abrir a boca, a falar uma porção de coisa, cantar música, vai mostrar filme, vai mostrar futebol, né, vai levar, usar uma linguagem, uma quantidade de coisa que o homem do sítio não sabia, não entendia e tá começando a utilizar. A mulher começa a se vestir melhor, quando pode comprar, compra um perfume, se tiver um perfume, tudo isso aí, né, então isso aí influi no sítio. É muito diferente de hoje.

Por exemplo, eu e o Teixeira na Ilha dos Valadares, lá perto da cidade, Valadares era um sítio, você conhece, era um sítio. Lá, nós fizemos uma campanha pra botar lancha lá pra aquela ilha. Fizemos uma campanha, do partido, naquele tempo, né, fizemos uns quatro, cinco, dez. Então, virou desanimador...Ah, a gente não vai fazer esse tipo de coisa, a comunidade não vai aceitar isso aí, vocês não vão convencer essa gente, essa gente atrasada, ninguém vai convencer. [frase incompreensível]

Mas nós não aceitamos isso de novo, nós vamos conversar com eles. Fizemos aquela comissão. O Teixeira, eu, uma porção, metemos um vereador no meio, aquele João da Cunha,

né. O Eustáquio Quadros, o Eustáquio Quadros foi que comandou mais, fez a lancha, o trajeto, ele que fez a lancha. Ele e a Helena. Pra fazer unir o povo, não foi fácil, tava dividido. Conseguimos fazer a comissão de toda a ilha, pra vir pedir dinheiro na cidade, pra fazer a primeira lancha. Aí viemos pra cidade, o vereador deu o apoio dele, foi o único vereador que topou, os outros não aceitaram. Deram saco de café, deram dinheiro, arrumou-se o dinheiro, pra fazer a primeira lancha. No dia da inauguração, a lancha não ficou pronta, tava quase pronta. Então, pediu-se uma lancha, o rapaz pediu uma lancha pra fazer a inauguração, pra não falhar a data marcada. Então, nesse dia da inauguração, o rapaz veio lá, perto de onde eu tinha a sapataria, ali, veio o prefeito, veio o padre, veio o bispo, tudo aquele povo, a gentarada, pra inauguração. Aí passou as autoridades do poder constituinte da cidade pra lá, foram pra lá. [palavra incompreensível]

O Valadares deixou de ser sítio, [palavra incompreensível] e quando eles foram pra lá, eles vão tomar as coisas, vão tomar a terra, terreno, vão prejudicar. E não aconteceu bem isso, e aconteceu o fato de que o Valadares não é mais sítio, tem uma porção de igreja, tem bloco de carnaval que já tira em segundo e terceiro lugar, tem futebol, né, tem água, tem telefone, tem tudo já. Então, começou com essa lancha. Agora tão lutando pra botar a ponte, a ponte é sonho antigo dos moradores do Valadares, né. Até votaram uma verba grande pra sair a ponte, agora parece que vai sair uma passarela, uma passarela, vão botar um ferro-bote, pra levar caminhão pra lá, depois vão fazer a ponte. Quer dizer, isso é da classe dominante, eles fazem ao sabor do interesse deles, né.

Então, mas o fato é que quando for a ponte pra lá, a ilha vai deixar, aí vai ser mais, porque ela vai ser de atração turística, o turista vai passear lá, o turista é curioso, vai passear. O turista gosta de ver gente descalça, com fome, de ver a podridão que tá, eles vão ver isso aí, o que tem pra apresentar é isso aí, né, é a curiosidade, o turista quer ver gente passando fome, miséria, né. O fato é que eu falava hoje é que o Valadares não é mais sítio, é bairro, mas vai adiantar? Vai falar isso pra perto de doze mil moradores, né? Tem duas lanchas que vai e vem, então eles não querem largar da lancha, porque vão cobrar pedágio quando ficar pronta a passarela, porque essa lancha dá um rendimento enorme, né, e não querem perder esse rendimento. Quando nós fizemos a lancha, lá, a passagem era grátis, aluno não pagava a passagem, a polícia não pagava a passagem, professor não pagava passagem, pra fazer uma... levavam um gabinete dentário, médico, levavam tudo pra lá, mas veio, veio sessenta e quatro



e foi indo, foi indo e ficou. Era tudo de graça, tomaram e capitalizaram, né, passou a ser uma fonte de rendimento, né.

Intervenção da entrevistadora 1: Seu Antoninho, voltando um pouquinho na história, como o senhor e os seus companheiros viam o governo de Getúlio Vargas? O senhor poderia falar pra gente como que era visto, como é que se trabalhava?

Antônio Rocha:

O que eles fizeram, né? Era uma ditadura, basta dizer, tirania. Era uma ditadura, né, era uma ditadura, o Estado Novo, mas, depois, com a determinação da Segunda Guerra Mundial, né, que modificou até o regime, se o povo quiser, se o brasileiro quiser a anistia ampla, que sai assim... Ele foi eleito senador, depois, presidente, pra ver como o povo gostava dele, gostava dele, de um carrasco.

Intervenção da entrevistadora 1: Como é que se explica isso?

Antônio Rocha:

Mas, naquele tempo era diferente, né, naquele tempo se comia mais barato, isso a gente vai explicar porque que é mais barato, mas o fato é que para o povo, né, o povo comia melhor, comprava as coisas, tinha mais alimento em casa. Depois veio a presidência da república dele, foi eleito presidente da república, sem dúvida, ele atirou o projeto nacionalista, né, pelo monopólio, campanha do petróleo, que digasse de passagem, ele deixou uma brecha [frase incompreensível], deixou uma brecha pra entrar o capital, a Helena sabe aí, deixou uma brecha pra entrar o capital. Aí a defesa do petróleo comandada pelo general Antonio Barbosa [frase incompreensível], obrigaram o PTB a fechar essa brecha, fechou então, o monopólio estatal integrado. [frase incompreensível]. Então, ele tomou uma atitude nacionalista, uma atitude revolucionária e dali ele acabou com a vida dele, você sabe por que o povo gostava da democracia? Gostava por causa do Getúlio, se ele tivesse chamado o povo pra rua, ao invés de se matar, o povo pra defender o governo dele, o povo levanta.

Você sabe o que ele deixou na carta testamento, né? Dizendo 'eu tenho forças ocultas', né? Na realização do programa dele, o que é forças ocultas? O que é oculta? O polvo canadense? A Kaiser? A Light... A Light, que o Brizola nacionalizou aquele tentáculo do

polvo canadense, no Rio Grande do Sul. Então, quer dizer que ele tem esse lado aí, né, esse lado, ele é um tirano, esse lado de ditador, aquele Gimenes, aquele da Argentina, o Perón, o Pinochet, esses que comandam o sistema deles. Daí pra cá, o que aconteceu? A vida ficou muito pior, muito pior, até a gente que ganha bem, se queixa que tá ruim. Esse é um padrão de vida que dia-a-dia tá caindo, né, em proveito de quem? Ah, claro, de quem manda. Então, a nossa linha é essa, nós somos dessa linha que estamos falando aqui porque nós queremos que esse país seja livre, seja do povo, do povo brasileiro, da classe operária, seja dos burgueses brasileiros, eles podem participar, nós não queremos acabar com ninguém, né. Temos que ganhar a vida do povo.

Intervenção da entrevistadora 1: Como é que o senhor explica, como é que o senhor teve essa possibilidade? Do senhor ler, de se preocupar, de participar politicamente, exatamente em Paranaguá, numa cidade pequena, com dificuldades também. Como o senhor conseguiu? O senhor disse que veio do sítio, como é que o senhor conseguiu isso? Teve a sua influência de pessoas que o levaram a ler, a se preocupar, a participar da vida política?

Antônio Rocha:

Essa mudança aí, é aquela coisa que a gente participa, né, é difícil participar de movimento, né. Aquela campanha pelo monopólio estatal do petróleo, era um movimento que educava o povo, ensinava o povo a ser patriota, né. Se nivelava mais do que a campanha pela libertação dos escravos, né, que digasse de passagem, libertaram-se da Senzala, saíram da Senzala. Mas, então, a gente participava dessas campanhas, essas campanhas, a gente aprendeu lendo. Tinha o jornal que explicava, da Helena, o jornal que ensina a gente a ler, a gente aprende as coisas, e daí eu lia, lia a tarefa do dia, toda a gente está vendo um pouco.

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor participou de algum jornal? Escreveu?

Antônio Rocha:

Não, não escrevi, só uma vez escrevi, quando tinha a imprensa do Partido Comunista, no aniversário do Partido quando completou 30 anos, aquele jornal, jornal daqui de Curitiba, né, Tribuna do Povo. Esse não existe mais. Aqui foi premiado, pelo melhor artigo escrito no jornal, na Tribuna do Povo, foi quando o Partido Comunista completou 30 anos de

existência. Eu me lembro, foi a manchete, “Trinta Anos de luta por pão, paz, terra e liberdade para o nosso povo”, esse foi o texto, única vez que eu escrevi.

Intervenção da entrevistadora 1: E a sua atuação? O senhor disse que entrou no Partido Comunista, como era a sua atuação dentro do partido? O senhor sofreu alguma perseguição? O senhor pode falar um pouco?

Antônio Rocha:

Fui preso umas vezes. Em 34, a gente a foi preso, né, fui preso lá. Fui preso uma vez também, me mandaram pra cá, pra Curitiba, né, vim pra cá, esses tempos vendiam bebida no trem, né, vendiam bebida no trem, e daí o polícia veio me trazendo, aí o polícia, ‘quer beber alguma coisa?’ Quando cheguei em Curitiba, cheguei bem. Aqui fiquei preso no DOPS aí, um dia, dois dias, essa data eu não lembro. Tinha o jornal A Classe Operária, trazia a manchete, a Voz Operária, que dizia a declaração do Prestes. [frase incompreensível]. Fiquei um dia, dois dias e fomos embora. Depois, em 64, estivemos presos lá também, em Paranaguá, quatro meses preso. Ficamos quatro meses preso lá, dando depoimento.

Intervenção da entrevistadora 1: Então o senhor conta um pouquinho pra gente? Como é que foi essa reunião?

Antônio Rocha:

Lá dentro, nós ficamos em uma sala, todos presos, presos políticos, né, então, nós... Quem tinha o comando era as forças do exército, mas, nós também tinha o comando dos presos, lá. O comando que dirigia, dava tarefa, limpava, enceramos a prisão, fizemos, limpamos tudo. [Frase incompreensível] Então, nós passamos por essas coisas, né, a gente aprende vendo isso, né, mas, aí que é a escola, né. Então, a gente sempre teve esse ânimo, não perde assim, [palavra incompreensível] a gente não para, né. Não para pra quem gosta, mas quem gosta deixa um vestígio de sua presença em vida, né, escreve pra frente, escreve, deixa literatura de pensamento, como Lenin, né, então a gente aprende com ele, né. Assim que eu vejo.

Intervenção de um entrevistador 3: Depois que foram presos, o que aconteceu?

Antônio Rocha:

Nós ficamos presos, depois fomos pra interrogatório, né, exército, lá pra fazer interrogatório, depois eles mudaram, né, pro exército. Depois, foi feito pela polícia também, dois interrogatórios, depois, não acharam elementos pra condenar a gente. O que que nós estava fazendo? A gente tava dando apoio pro governo que queríamos, o que o João Goulart era? Diziam que o João Goulart era um governo comunista, nunca era. Eles não admitem nem o nacionalismo dentro desse país, o programa de reformas de base do João Goulart era um programa nacionalista, né, reforma de base, é programa nacionalista. Não fazem, não vão deixar fazer.[frase final incompreensível]

Intervenção da entrevistadora 1: As reformas de base e a reforma agrária era a que mais ajudava a população naquela época, né.

O senhor não teve interesse de sair de Paranaguá? Em atuar em outras cidades? Aumentar a sua trajetória de vida e de estudo?

Antônio Rocha:

Não, nunca tive, eu só fui a Ponta Grossa, porque a minha mãe estava lá, então fui lá porque ela estava lá, fiquei um dia e meio lá e vim embora, foi a única vez que saí de Paranaguá, a não ser quando venho pra Curitiba. Queriam me levar pra São Paulo, pro Rio de Janeiro, o que que eu vou fazer no Rio? [frase incompreensível] Isso aí eu vejo na televisão e tudo mais... Eu não tenho televisão, não tenho rádio, não quero ter, tinha um rádio, dei pro rapaz. [frases finais incompreensíveis]

Intervenção da entrevistadora 1: Quanto aos governos, vamos voltar um pouco na história. O governo do Juscelino, como o senhor classifica o governo do Juscelino? Que é meio intermediário, veio depois do Getúlio...

Fim do lado B, fita 1.

Início Fita 2 – Lado A.

Antônio Rocha:

O governo do Juscelino chegou a lembrar o livro de Rui Facó, “O Brasil do Século XX”, aquele livro foi um retrato do governo do Juscelino. Rui Facó disse que a indústria automobilística que veio pro Brasil, veio no governo do Juscelino, [palavra incompreensível] veio com capital de lá, com maquinário já meio fora de uso, mas outros falaram isso também.

Então, Rui Facó disse “o que é que a indústria automobilística trouxe de grande pro Brasil, foi ter criado um número enorme de operários especializados que o Brasil não tinha naquele tempo”, operário metalúrgico, né, esse operário especializado... [frase incompreensível]

O governo de Juscelino não era um governo que perseguia, né, não foi um perseguidor de operários, né, tanto que o Ferreira Lopes defendeu a candidatura dele, e disseram que ele tava dando um golpe, não, ele defendeu a candidatura dele, ele foi eleito, o candidato foi eleito e o povo votaram em Juscelino, né. Era um governo democrata, não era um governo ruim para o povo, ninguém... os trabalhadores, os sindicatos se organizavam, se reuniam, escolhiam seus programas, ele não perseguiu, mas, o que se vê, é aquilo que nós vinha falando isso no ônibus, né. Criou-se a criação de Brasília, né, o que Brasília trouxe de grande pro Brasil? A gente pergunta.

Está a Marinha Mercante Brasileira, que fazia o tráfego inteiro interno, né, norte/sul, leste/oeste do país, [palavras incompreensíveis], até Santa Catarina, né, tudo se acabou, por quê? Pra Brasília, virou tudo isso aí, em benefício do que? Da máquina, do imperialismo, do pneu, da gasolina, tudo isso, perderam. Então, aquele navio, tudo se acabaram, em Paranaguá entrava o navio [palavra incompreensível] entrava lá, no Itiberê, aquelas barca grande, barca de seis marchas, barca enorme, né, Matarazzo, né, eles acabaram com tudo isso aí.

A mesma coisa foi aqui em Paranaguá. Paranaguá, primeiro, em matéria de alimento, de verdura, esse tipo de coisa, tinha vida própria, né. E a colônia que tinha, Maria Luísa, aquela porção de colônia, né, que se instalaram lá por volta de 1890 e pouco, foi, tinha o compromisso de suprir a cidade, cidade que colhia demais, tinha galinha, porco, essas coisas.

E fazia isso, aquele tempo tinha fartura de banana, de laranja, tudo isso tinha com fartura, vinha da ilha de Serra Negra, Tagaçaba, tudo isso, foi indo, foi acabando, acabando, acabando... Paranaguá não produz mais nada, agora é tudo importado, tudo é de São Paulo, pra lá, desce de lá, em Paranaguá não produzem mais nada, por quê? Não produz porque a força econômica estrangeira dominou, monopolizou todo o mercado.

Agora você vai comprar uma dúzia de laranja, vendem a laranja em quilo, pesada, vendem a banana pesada em quilo, que eles pesam a casca, a casca da banana, pesam tudo, né. A gente paga tudo isso. Mas, não é assim. Então, estão tão acabando tudo, [palavra incompreensível], um grupo monopolista aí que manda, né, o capital monopolista. Isso aí, todo dia a gente vê. Pode perguntar mais, se tiver mais alguma coisa aí.

Intervenção da entrevistadora 1: O período que antecede o golpe de 64, aquela fase exatamente da discussão das reformas de base do Jango, a preocupação que já vem desde a época do Getúlio, dos militares realizarem o golpe, né. Esse período, de 62 a 64, como é que o senhor descreve isso em Paranaguá? Como é que Paranaguá tava vendo o processo? Como que era o movimento?

Antônio Rocha:

Até ali, antes de 1964, havia a organização dos trabalhadores, o sindicato. Faziam palestras, faziam palestras do sindicato, palestras do sindicato que acabou, da Estiva, né, havia comício.

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor participava?

Antônio Rocha:

Eu sempre participei dessas coisas, não da organização da classe, isso era o sindicato, esse que foi o presidente do sindicato, né, foi o presidente do sindicato que tava organizando o sindicato dos trabalhadores da prefeitura, né, tinha um rapaz... não sei se prenderam ele, não sei, um moreno, de cabelo bem grisalho, andava sempre com um rádio portátil na mão. Aquele entrou no meio dos trabalhadores pra organizar o sindicato dos trabalhadores da prefeitura, né, e organizou, né! Tava pra partir pra uma greve, tava se preparando pra partir pra uma greve, ia dar apoio e foram, né, justamente quando veio o golpe, né, mas, antes do golpe o prefeito, que era o Brazilio Abud, ameaçou, se tiverem greve iam ser esmagados à força, no cárcere da polícia.

Aí o rapaz, ele organizou o sindicato, entrou no meio deles, foi indo, até que organizou aqueles trabalhadores dentro do sindicato, pra ver que tava havendo força, né, tava crescendo a força. Aí veio a greve, [palavra incompreensível], o sindicato ia dar apoio, né, ia dar apoio, senão, ia pro pau, né? Mas, aí veio o golpe e acabou, [frase incompreensível].

Então eu via assim, tinha movimentação, havia muita alegria quanto a essa classe aí, os trabalhadores estavam se organizando. E a vida não estava como hoje...

A luta foi daquele tempo, antes de ocuparem as bases da guerra, né, antes de ocuparem aquelas bases de [nomes incompreensíveis], outra, são três, a de Fernando de Noronha, né. [palavras incompreensíveis]. O sindicato de Paranaguá participaram, deu apoio, deu apoio. Aqui, as lutas eram de nível nacional, [frase final incompreensível].

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor se correspondia com outros partidos? Ou mesmo com sindicalistas? Com pessoas ligadas ao movimento da classe trabalhadora?

Antônio Rocha:

Meu contato eram assim, né, no sindicato eu não tinha uma participação direta dentro de uma organização que eu não pertencia. A gente vivia dando conferência lá, um movimento de massa, um comício, a gente participava disso. Na campanha nacional do petróleo, nós fizemos passeata, fizemos dois para um pintor que morreu aqui, o pintor Rafael, que pintou um quadro, uma lâmina grande que tá na parede aí, pintou o retrato do Monteiro Lobato, [palavra incompreensível], depois pintou aquela missão Abbink, a missão Abbink, aquele navio pirata, o pirata da perna de pau e a mão de gancho, carregando os minérios do Brasil, né, levando pro navio pirata.

Dizem que de vez em quando eles fizeram na praça, a missão Abbink, Monteiro Lobato ficou por muito tempo e depois estragou, pra fazer a campanha, né, a torre simbólica, fizemos a torre simbólica do petróleo, pra fazer desfile, fizemos conferência na rádio, pedimos a rádio. Fomos levar um convite [palavra incompreensível] pro Eustáquio Quadros, pra fazer a campanha, né, apresentamos um mandado pra falar com o senhor, viemos falar com o senhor aqui, um assunto importante, [frase incompreensível] falar da campanha do petróleo aí na rádio, vamos fazer um ato público aí na rádio. Aí ele ficou olhando pra nós e me pergunta, “de que lado os senhores estão?” Eu disse, nós estamos do lado do Brasil, na campanha pelo monopólio estatal do petróleo, [palavras incompreensíveis], “eu vou lá”, ele foi lá, participou, deu apoio, né. Foi uma campanha que saiu pra rua, fizemos uma campanha importante, e sei que Paranaguá deu uma contribuição, uma defesa nacional, do petróleo do Brasil.

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor comparando esse momento da campanha do petróleo, o povo foi para as ruas, lutou, e depois, mais recente agora com a campanha das diretas, né, em que realmente o povo voltou pra rua, o que o senhor vê?

Antônio Rocha:

A campanha é direta, ela é direta já, né, porque aí o povo saiu, foi lá, por causa do PMDB, o PMDB é um partido dito, como aquele... o... como é que é aquele deputado, Maurício Fruet, [frase incompreensível] fizeram o PMDB ter o melhor diretório do Paraná, é em Paranaguá. Era bem organizado, nós chegamos até a fazer ficha pra cobrar dos membros do partido a pagar uma mensalidade, pelo menos pra ajudar o partido, porque é um partido burguês, né.

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor participava também?

Antônio Rocha:

Eu participava do partido, então nós fizemos essa campanha de finança, né, então fazia a convenção, o prefeito que era o Vicente Elias, tinha o outro candidato dele, não lembro o partido, mas era candidato. Então ele cedeu o ônibus dele e nós fomos fazer campanha nos bairros, levar convite em todos os bairros da cidade nós andamos, inteirinho.

Então a convenção foi uma festa lá no palácio dos esportes, tava um montão de gente, e o comício de antigamente foi o maior de todos, foi impressionante, barbaridade. Tava a cidade inteira, sabe onde é aquela praça perto da rodoviária? A massa surucou até lá embaixo, perto do correio, ficou pra trás da praça Fernando Amaro, tava um montão de gente, foi coisa incrível. Foi por isso que a gente viu a campanha diretas assim, o povo participou, deu apoio.

Intervenção da entrevistadora 1: Foram as duas campanhas, mas, o senhor nunca deixou de ser filiado ao Partido Comunista? Naquela época.

Antônio Rocha:

Naquele tempo, a gente entrou no PMDB porque o Partido Comunista não existia, estava suspenso. Nós entramos no partido, mas não aceitamos isso, não aceitamos ele, nos



separemos dele, estão aí com o partido, mas não aceitamos isso. Nós ficamos no PMDB, mas o PMDB tá muito ruim, né, [frase incompreensível]

Intervenção da entrevistadora 1: Como é que o senhor vê o movimento operário hoje? No Brasil? Qual a opinião que o senhor tem? Qual seria o melhor caminho para que a classe operária conseguisse ter melhores condições de vida e atuar politicamente também?

Antônio Rocha:

Esse movimento, em consequência do golpe, da ditadura, né, os trabalhadores ficaram muito prejudicados, a atuação do sindicato ficou muito ruim, elementos estranhos desviaram o interesse da classe, desviaram a luta, mas, vai avançando. A gente vê que tá se fazendo o movimento, não só o sindicato, como organizações particulares daqui, né. Tava vendo lá, uma organização de criança do curso primário, fazendo movimento de rua, passeata, em defesa de uma árvore, né. Então, a gente tá vendo, o povo tá começando a compreender que tem que se organizar, exigir alguma coisa, protestar, né. Então, os sindicatos, eles tão crescendo, o povo tá exigindo melhor caminho, melhores dias, mas, essa é uma luta que é devagar, né, não vai ser com tanta rapidez, mas, o fato é que ninguém vai impedir que isso aconteça.

[palavras incompreensíveis] Eles fazem uma eleição do sindicato já com uma eleição pra câmara, pra prefeito, pra vereador, né. Primeiro, era uma coisa fechada, não é muito importante, mas, traz para a rua aquele movimento da massa. As eleições da Estiva, por exemplo, agora participaram quatro candidatos, né, com movimento de rua aqui e tal, rua, pintaram carro, campanha dos candidatos, né. Campanha grande e quem ganhou vai comandar, errado ou certo, o povo vai aprendendo, mas, tem que aprender justamente nisso, nesse processo, participando de reuniões, conferências, leituras, é o que traz o povo. Porque agora o que tá se fazendo aqui em Curitiba, na campanha pelas Diretas Já, foram feitas várias etapas aqui, no Colégio Estadual, [palavra incompreensível], na praça, tudo isso aí trouxe uma grande animação para o povo, muita esperança pro povo. É assim que a gente vê, né, tem que passar por cima disso, que é pra não sair fora do objetivo, né.

Intervenção da entrevistadora 1: E o governo do Paraná, os governos paranaenses, como o senhor vê?

Antônio Rocha: [Resposta incompreensível]

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor acha que os partidos políticos não possuem alcance brasileiro hoje, inclusive o Partido Comunista, em sua forma de organizar?

Antônio Rocha:

Esse Partido Comunista que tá aí não é o Partido Comunista, esse é um partido que tá andando na linha burguesa, não é outra coisa, se eles fizessem o partido como deveria ser, eles não tinham tirado Prestes da direção do Partido, tiraram Prestes ilegalmente, no congresso, na reunião do partido fizeram isso, tiraram Prestes do partido. Então, como eu falei, eles tão dividido em três pedaços. [trecho incompreensível] Esses partidos que tão aí, o PMDB, o partido do Brizola, o partido do Lula, esses partidos aí, a gente vai depositar uma confiança, mas, fé neles, é a mesma coisa como aconteceu com o PMDB e o PTB. Eles vão agir um pouco, vão até onde der. [palavra incompreensível]

O PTB entregou o partido pra ditadura, o que se viu aí, nesse processo? O povo, os trabalhadores tem vontade de se organizar, de entrar dentro do sindicato e lutar por seus direitos, né, tá novamente se desencadeando a luta, isso tá crescendo, crescendo, isso a gente não pode duvidar, quem manda são eles. Toda vez que a classe operária está lutando pra conseguir seus direitos, cheia de ideias da classe que domina eles, vai indo, vai indo... Agora, a consciência do trabalhador que vai crescendo, né. Ele só vai ficar lutando por aumento de salário ou por mais alguma coisa.

Intervenção da entrevistadora 1: Seu Antoninho, voltando mais na história, no período que o senhor do Estado Novo que o senhor falou, da ditadura e o período posterior, da redemocratização, não é redemocratização, no Brasil não houve governo democrático. Na época do governo do Getúlio, né, a atuação do Prestes pelo partido, o senhor se considerava, naquela época, um prestista mesmo? Tendo uma série de divergências em relação ao partido do Prestes.

Antônio Rocha:

Não totalmente um prestista, né, mas sim comunista, eu venho da classe operária, do Partido Comunista, socialista. Até porque ele era um dirigente da classe, Prestes, e comandante, homem de conhecimento de âmbito nacional, fez a revolução de 24, na data da Coluna, né, um homem de prestígio, do exterior ele veio [trecho incompreensível], mataram a mulher dele, né. [trecho incompreensível]

Então, a gente defende, por isso que nós não aceitamos esse pessoal aí porque eles erraram, né, agora eles acham que não... [trecho incompreensível]

Intervenção da entrevistadora 1: O senhor esteve com ele? Em que ano ele esteve lá?

Antônio Rocha:

Ele esteve, foi em Paranaguá, né, na ocasião em que morreu o Tancredo Neves. [trecho incompreensível] Aí o prefeito viajou, mas o vice-prefeito que recebeu ele, foi lá, foi na prefeitura, conversou com o vice-prefeito, depois foi na câmara dos vereadores, fez um discurso no restaurante, né, abordando a situação inteira nacional. [trecho incompreensível] Foi na câmara de vereadores ele abordou a situação nacional, quando ele falou que presentemente, ele disse “não tem partido de oposição” [trecho incompreensível].

Daí pra cá, a gente vai ver essa situação, o fato é que tá piorando, tá muito ruim.

\*A partir deste ponto, a qualidade sonora da entrevista fica muito ruim, sendo incompreensível, para a continuação da transcrição.

ANEXO IV – LISTA DE LIVROS E REVISTAS DO ACERVO DE ANTÔNIO ARAÚJO  
ROCHA – DIVISÃO POR DÉCADAS

Século XIX:

COMTE, Augusto. *Apelo aos Conservadores*. Trad. Miguel Lemos. Rio de Janeiro: Igreja Positivista do Brazil, 1899. Apostolado Positivista do Brazil - Nº 194.

Século XX – década de 1900:

AZEVEDO, Arthur. *Rimas*. Rio de Janeiro: Typ. Companhia Industrial Americana, 1909<sup>294</sup>.

REVISTA DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DO RIO DE JANEIRO. Tomos XXII-XXIII-XXIV. Anos 1909-1910-1911.

Década de 1910:

CHATEAUBRIAND. *O genio do christianismo*. Trad. Camillo Castello Branco. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1910<sup>295</sup>.

DAUDET, A. *Aventuras Prodigiosas de Tartarin de Tarascon*. Trad. Pandemonio. Lisboa: Guimarães & C.ª, 1916. Coleção Horas de Leitura. Volume II.

FONSECA, Thomaz da. *Sermões da Montanha: A religião e o povo*. 2ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão., 1912<sup>296</sup>.

REIS, Müller dos. *Notas de um marujo*. Rio de Janeiro: Typ. Martins de Araujo & C., 1915.

SCOTT, Walter. *O Talisman*. Trad. Eduardo de Noronha. Lisboa: Guimarães & C.ª, 1917. Coleção Horas de Leitura. 1º volume.

TERRAIL, Ponson du. *As miserias de Londres*. Lisboa: Guimarães & C.ª, 1914. 9ª parte do Rocambole - Vol. I.

TERRAIL, Ponson du. *A corda do enforcado*. Lisboa: Guimarães & C.ª - Editores, 1915. 11ª parte do Rocambole, Vol. I<sup>297</sup>.

TERRAIL, Ponson du. *As demolições de Paris ou Rocambole na Prisão*. Lisboa: Guimarães & C.ª - Editores, 1915. 10ª parte do Rocambole, Vol. I.

---

<sup>294</sup> Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 19/9/1940. Incompleto.

<sup>295</sup> Carimbo "Papeleria Rocha e Picanço" Paranaguá.

<sup>296</sup> Carimbo na folha de rosto "Livraria Rocha Pombo - Curitiba".

<sup>297</sup> Carimbo na folha de rosto "Livraria Magazine" Paranaguá.

Década de 1920:

BARBOSA, Ruy. *Orações do Apostolado*: Marques de Pombal, Lyceu de Artes e Offícios, Jornal do Commercio, Ensaio sobre Swift. Rio de Janeiro: Edição da Revista de Lingua Portuguesa, 1923.

BERLINK, Horacio. *Noções de Commercio e Escripuração Mercantil*. São Paulo: Weiszflog Irmãos, 1921<sup>298</sup>.

CABRAL, Mario da Veiga. *Pequena História do Brasil*: Para uso das escolas primarias. 5ª ed. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos - Editor, 1929<sup>299</sup>.

COELHO NETTO. *Romanceiro*. 3ª ed. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, 1924<sup>300</sup>.

COELHO NETTO. *Às Quintas*. Porto: Livraria Chardron, 1924.

D'ANNUNZIO, Gabriel. *O Intruso*. 3ª ed. Trad. Luiz Cardoso. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.<sup>a</sup>, 1925<sup>301</sup>.

GÓES, Carlos. *Diccionario de Raizes e Cognatos da Lingua Portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado de Mians Gerais, 1921<sup>302</sup>.

IBAÑEZ, Vicente Blasco. *Os quatro cavaleiros do Apocalipse*. 2ª ed. Trad. Raul Proença. Lisboa: Livraria Peninsular editora, 1924. (romance)<sup>303</sup>.

LATTÉ, Arnon. *Clinica de Arnon*: Prolegomenos de Clinica de Terapeutica. 3ª ed. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. Almeida Marques, 1929<sup>304</sup>.

LOBATO, Monteiro. *O choque das Raças ou o Presidente Negro*: Romance americano do anno de 2228. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1926.

LORENZ, F. V. *Iniciação Linguistica*. São Paulo: Empresa Typogr. Editora O pensamento, 1929.

JULIO, Sylvio julio. *Idéas e Combates*. Rio de Janeiro: Edição da Revista de Lingua Portuguesa, 1927.

RENAN, Ernesto. *Os apóstolos*. 3ª ed. Trad. Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Chardron, de Léo & Irmão, 1925<sup>305</sup>.

---

<sup>298</sup> Texto escrito na folha de rosto.

<sup>299</sup> Livro incompleto.

<sup>300</sup> Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 10 de junho de 1937. Carimbo "livraria Magazine".

<sup>301</sup> Carimbo "Livraria Magazine" Paranaguá.

<sup>302</sup> Assinatura "Antonio Araujo Rocha" Paranaguá, 5/08/1932.

<sup>303</sup> Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 8/11/1937. Marcação na página 68, 95, 100, 114, 117, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 143, 144, 145, 147, 190, 204, 222, 228, 253, 266.

<sup>304</sup> Assinatura "Antônio Araújo Rocha" 09/04/1938.

<sup>305</sup> Páginas grudadas, não foi lido.

RENAN, Ernesto. *Os Evangelhos e a segunda geração christã*. Trad. Eduardo Pimenta. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão., 1929.

SCARAMELLI, José. *Analyse Logica no curso primario pelo Processo dos Diagramas*. São Paulo: Livraria Zenith, 1927<sup>306</sup>.

SETÚBAL, Paulo. *Nos bastidores da história*. São Paulo: Livraria Carlos Pereira editora, 1928<sup>307</sup>.

TEIXEIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica Historica*. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929<sup>308</sup>.

VASCONCELOS, Faria de. *Lições de Psicologia Geral: I. Curso professado na Facultad de Letras*. Lisboa: Editora Guimarães e Cia, 1924.

Década de 1930:

ALMANACH d'”O Pensamento” para 1933: Cientifico, Atrologico, Filosofico e Literario. 21ª ano. São Paulo: Empresa Editora “O Pensamento”, 1932<sup>309</sup>.

ALMEIDA, José Américo de. *A Bagaceira*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937<sup>310</sup>.

ALPHONSUS, João. *Rola-moça*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938<sup>311</sup>.

ARMANDY, André. *O thesouro das Ilhas Galápagos*. Trad. Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1934. Colecção "terramarear" - Vol. XXVi<sup>312</sup>.

AS AVENTURAS DE BUFALO-BIL. *O Grande Atirador*. Trad. Sylvia Guaspari. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1938. Coleção Universo<sup>313</sup>.

BALZAC, Honorè de. *Luz Interior*. Trad. Judith Ribeiro. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1935.

---

<sup>306</sup> Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 1 de abril de 1936. Carimbo "Livraria magazine".

<sup>307</sup> Carimbo "livraria Costa Pedroni".

<sup>308</sup> Assinatura "Antonio Rocha" 25 de agosto de 1934.

<sup>309</sup> Assinatura “Antonio Rocha” e carimbo – “vendido pela ‘Agencia Excelsior’, Rua XV de novembro, 44, Paranaguá.

<sup>310</sup> Carimbo "Livraria magazine", assinatura "Antonio Rocha" Pguá, 27/02/1938. Vários sublinhados pelo livro, em palavras pouco usuais, bem como sublinhados em frases inteiras.

<sup>311</sup> Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

<sup>312</sup> Carimbo "Livraria Magazine".

<sup>313</sup> Carimbo "livraria magazine".

BASTOS, Abguar. *Safra (Romance)*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937<sup>314</sup>.

BARBOSA, Ruy. *Mocidade e Exílio: Cartas Inéditas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

BARROS, João de. *Deuses do Olimpo e Heróis da Grécia Antiga: Mitologia para todos*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1936<sup>315</sup>.

BARROS, João de. *Os Deuses do Olimpo e Heróis da Grécia Antiga*. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C.<sup>a</sup>, 1936<sup>316</sup>.

BIART, Lucien. *O Segredo do Metiço*. Trad. Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. Coleção Terramarear - Vol. 58<sup>317</sup>.

BOTELHO, Abel. *O Barão de Lavos*. Porto: Livraria Lello, 1933. Coleção Pathologia Social. Nº 1. (Romance)<sup>318</sup>.

CAMPOS, Humberto de. *Os Párias: Crônicas*. 6ªed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1934<sup>319</sup>.

CAMPOS, Humberto de. *Contrastes*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio-Editora, 1936<sup>320</sup>.

CAMPOS, Humberto de. *Um Sonho de Pobre: Obra Póstuma*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935<sup>321</sup>.

CAMPOS, Humberto de. *Perfis*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio-Editora, 1936<sup>322</sup>.

CAMPOS, Humberto de. *Destinos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936<sup>323</sup>.

CAMPOS, Humberto de. *Carvalhos e Roseiras: Figuras políticas e literárias*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935<sup>324</sup>.

---

<sup>314</sup> Vários grifos pelo livro, carimbo "Livraria Magazine".

<sup>315</sup> Carimbo "livraria magazine", marcador de página com anotação, p. 88-89.

<sup>316</sup> Carimbo "Livraria Magazine". Assinatura "Antonio A. Rocha - Paranaguá, 15 de Maio de 1937." Anotações em papéis, pág. 88-89.

<sup>317</sup> Carimbo "Livraria Costa Pedroni".

<sup>318</sup> Assinatura "Antonio Rocha" Pguá, 5/06/1942.

<sup>319</sup> Carimbo "Livraria Magazine". Livro incompleto.

<sup>320</sup> Assinatura "Antonio Rocha, Paranaguá, 20 de junho de 1937." Carimbo Livraria Magazine.

<sup>321</sup> Assinatura – 05/06/1937) Carimbo "Livraria Magazine".

<sup>322</sup> Assinatura "Antonio Rocha, Paranaguá, 25/9/1937. Carimbo Livraria Magazine.

<sup>323</sup> Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 8/5/193?. Carimbo "Livraria Magazine".

<sup>324</sup> Assinatura "Antonio Rocha" 6/6/1937.

CAMPOS, Humberto de. *Sombras que sofrem*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 6/6/1937. Carimbo "Livraria Magazine"

CAMPOS, Humberto de. *Lagartas e Libélulas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935<sup>325</sup>.

CASTRO, Ferreira de. *A Selva*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Moura Fontes & Flores, 1937. (Romance)<sup>326</sup>.

CHINIQUÍ. *O Padre, A Mulher e o Confessionário*. Rio de Janeiro: Livraria da Federação Espírita Brasileira, 1937.

COELHO NETTO. *Sertão*. Porto: Livraria Lello, 1933<sup>327</sup>.

CONAN DOYLE, Arthur. *O veneno cosmico*. Trad. Nello Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1932<sup>328</sup>.

CONSTANT, Benjamin. *O Ideal Republicano*. Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Commercio, 1936.

CONTOS MAGAZINE. Rio de Janeiro: Suplemento Juvenil, 20 de dezembro de 1939. Nº 46. Ano IV<sup>329</sup>.

CONTOS MAGAZINE. Rio de Janeiro: Suplemento Juvenil, 1 de novembro de 1939. Nº 43 - Ano III

COOPER, J. F. *O Espião*. Porto Alegre: Edição Livraria do Globo, 1938.

COUTINHO, Galeão. *Memorias de Simão, O Caôlho*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, 1937. \*Assinatura "Antonio Rocha" Pguá 27/06/1937.

CRONIN, A. J. *A cidadella: O romance de um médico*. 4ª ed. Trad. Genolino Amado. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. \*Assinatura "Antonio Rocha" - Pguá, 10/2/1940. Carimbo "Livraria Magazine". Selo "Brilhantina Vanny" como marcador de página, 10-11.

CRUZ, Estevão. *Aprende tu mesmo a redigir: Breves lições de redação em prosa, para uso dos alunos da 4ª e 5ª série, e da mocidade em geral*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937. \*carimbo "Livraria Magazine" na folha de rosto. \*Cartão da editora José Olympio com anotações, entre as páginas 110-111.

---

<sup>325</sup> Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 15/9/1937.

<sup>326</sup> Carimbo Livraria "Costa Pedroni". Papel com anotação, entre as páginas 216-217.

<sup>327</sup> Assinatura "Antonio Rocha Pguá, 28/11/1937". Carimbo "Livraria Magazine". Possui sublinhados.

<sup>328</sup> Assinatura "Antonio Rocha" sem data, carimbo "livraria magazine".

<sup>329</sup> Marcador de página, 142 e 143.



CURWOOD, James Oliver. *Nômades do Norte*. Trad. Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. Coleção "Para todos" Volume V. \*Carimbo "livraria Costa Pedroni".

D'AURIA, Francisco. *Contabilidade: Noções preliminares*. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. Coleção Biblioteca de Estudos Econômicos e Comerciais - Vol. VII.

D'AVILA, Carmen. *Boas maneiras: Manual de Civilidade*. 3º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

DOMINICK, Hans. *O incendio da Piramide*. Trad. Matheos de Lima. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Coleção para todos Vol. 14.

DOMINIK, Hans. *Piratas Modernos*. Trad. Gilberto Miranda. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1936. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

DURANT, Will. *Os grandes pensadores*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939. \*Assinatura "em Curitiba - 15/02/1941". Fotografia de "irmã de criação" de Antonio Rocha, como marcador de página, 108-109. Selo do correio de 1939, como marcador de página, 176-177.

ENGELS; LAFARGUE; LENINE; PUMAREGA; GUEUX; BUKHARIN. *O Materialismo: Filosofia do proletariado*. São Paulo: Edições Nosso Livro, 1934. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data, na folha de rosto. Marcador de página, 18-19. Papel com anotação, 60-61. Marcador, 64-65.

FONTES, Amando. *Rua do Siriry*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. (Romance). \*Assinatura "Antonio Rocha" Pguá, 27/02/1938. Carimbo "Livraria Mgazine" na folha de rosto. Sublinhados nas páginas 7, 9, 15, 26, 33, 127, 158, 177, 225, 286, 292, 294, 300, 302, 336.

FONTES, Amando. *Os Corumbas*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933. \*Selo "Livraria Ghignone (o maior empório de livros do Paraná) R. 15 de novembro, 409. Telephone, 1904. Curityba.

FOREL, Augusto. *A questão sexual*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. \*Carimbo "Livraria Magazine". Incompleto.

FREITAS, Affonso A. de. *Vocabulário Nheengatú*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. (assinatura – 01/07/1937) Carimbo "Livraria Magazine"

GOÉS, Carlos. *Diccionario de Affixos e Desinencias*. 2ª ed. Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1930. \*Páginas iniciais foram comidas pelas traças.

GÓES, Carlos. *Orthographia, Dictado, Pontuação, Crase*. 3ªed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro; São Paulo: Francisco Alves, Paulo de Azevedo e Cia, 1935. \*Carimbo "Livraria Magazine"

GOÉS, Carlos. *Pontos de Língua Pátria*. Belo Horizonte: Typ. Americana, 1930. \*Carimbo "Livraria Magazine".

GÓES, Carlos. *Syntaxe de construção*: Inclusive collocação dos pronomes pessoais obliquos atonos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1936. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 5/8/1937.

GÓIS, Carlos. *Gramática Expositiva Primária*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azevedo & Cia, 1939. \*Incompleto.

GOGOL, Nikolai Vassilievitch. *Almas Mortas*: Aventura de Chichikov. Trad. J. L. Costa Neves. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1937.

GOGOL, Nicolai. *Almas Mortas*. Aventuras de Chichicov. Trad. J. L. Costa Neves. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1937.

GOGOL, Nicolai. *Tarass Boulba*. Rio de Janeiro: Companhia Brasil Editora, 1937.

GREY, Zane. *Almas de Bárbaros*. Trad. Silvia Guaspari. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939.

GRIECO, Agrippino. *Perolas...* . Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, 1937. \*Anotação em papel, entre as páginas 10 e 11. Parte do livro com páginas grudadas.

HIRSCH, Max. *Arrasando o Socialismo*: O socialismo nos dará pedras em vez de pão. Trad. Roberto Martin. Rio de Janeiro: Editora Georgista Limitada, 1933. \*Anotações e marcações nas páginas 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, Provavelmente as anotações não são de Antonio Rocha. Assinatura "Siqueira" na capa.

IGREJA e Apostulado Positivista do Brazil. *A Mulher, sua preemência social e moral, segundo os ensinios da verdadeira ciência positiva por R. Teixeira Mendes*. Rio de Janeiro: Igreja e Apostulado Positivista, 1931. Nº 273.

JARDIM, Luis. *Maria Perigosa*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. \*Carimbo "livraria costa pedroni"

KEHL, Renato. *Conduta*. 3ª ed. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Francisco Alves, 1939

KIPLING, Rudyard. *Jacala, O crocodilo*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Coleção "Terramarear". Vol., XV. \*Carimbo "Livraria Magazine". Rua presciliano correa. Sublinhado na página 69. Marcação na página 78, 106, 154, 156.

LAGARRIGUE, Jorge. *Religião da Humanidade*. Rio de Janeiro: Rodrigues & Cia, 1939. Apostolado Positivista.

LENZ, J. *Sinfonia Sideral*. Trad. Arnaldo Bruxel. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937. \*Carimbo "livraria magazine"

LIMA, Jorge de. *Historia da terra e da humanidade: Para escolares*. Rio de Janeiro, 1937. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 5/7/1938. Carimbo "Livraria Magazine".

LIMA, Jorge. *A mulher obscura*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1939. (Romance).

LOBATO, Monteiro. *America*. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937. Coleção "Viagens" - Vol. 1. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 5/8/1937. Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

LOBATO, Monteiro. *O Escandalo do Petroleo: Depoimentos apresentados á Comissão de Inquerito sobre o petroleo*. 2ª Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. \*Assinatura "Antonio Rocha" e data 14/08/1936.

LOBATO, Monteiro. *Robin Hood: Adaptação da velha lenda inglesa*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife: Companhia Editora Nacional, 1937. Coleção Terramar. Vol. 23. \*Assinatura "Antonio Rocha". Paranaguá, 4/06/1940. Marcação na página 9, 12, 13.

LONDON, Jack. *O grito da selva*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. Coleção Para todos - Vol. I. \*Carimbo "Livraria Magazine".

LUDWIG, Emil. *Roosevelt*. Trad. Limeira Tejo. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1938. \*Várias páginas grudadas, provavelmente não leu todo livro.

LYTTON, Lord Bulwer. *Os Últimos Dias de Pompeia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937. Vol. II. \*Assinatura "Araújo Rocha", 15/11/1937 e carimbo "Livraria Magazine".

MACHADO, Leão. *Espigão da Samambaia*. Curitiba: Editora Guaíra, 1937.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Escrever certo*. Rio de Janeiro: Empresa Editora ABC Limitada, 1938. 2ª série. \*Assinatura "Antonio Rocha" Pguá, 14/08/1938. Recortes de jornais como marcador de página, 12-13. marcador de página, 27.

MENDONÇA, Renato. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936

MARIANNO, Olegario. *Cidade Maravilhosa: Poema*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 21 de abril de 1937. Carimbo "Livraria Magazine".

MATEMÁTICA FÁCIL E ATRAENTE. *Metodologia da Matemática na Escola Primária*. Rio de Janeiro: Editora A. B. C. , 1938. \*Carimbo "Livraria Magazine". \*Assinatura "A. Rocha - Pguá, 9 de julho de 1938."

MAYA, Emilio de. *O Brasil e o drama do Petroleo*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938. \*Marcação nas páginas 41, 42, 45, 48, 58, 62, 63, 65, 66, 70, 74, 76, 79, 85, 87, 102, 148, 149, 151, 156, 157. Marcador de página, 78-79 (lista de livros da editora José Olympio). A partir da 161 as páginas estão grudadas.

MAY, Karl. *Na Terra do Mahdi*. Trad. João Lino Braun. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937. Volume III.

MAY, Karl. *Judas e Satanaz*. Trad. Alcides Rössler. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1938. 1º volume. Coleção Universo.

MAY, Karl. *Old Surehand*. 2ª ed. Trad. Ruy Lanner Simões. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939. 1º vol. Coleção Universo.

MAY, Karl. *O tesouro do Lago de Prata*. Trad. Franklin Gross. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1938. Coleção Universo Nº 24.

MAY, Karl. *Entre abutres*. Trad. Alcides Rössler. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1938. \*Marcador de página com receita de remédia para Presciliano Rocha, 348-349.

MAY, Karl. *Judas e Satanaz*. Trad. Alcides Rössler. Porto Alegre: Edição da livraria do globo, 1939. 3º vol. Coleção Universo.

MAY, Karl. *Judas e Satanaz*. Trad. Leopoldo Tietboehl. Porto Alegre: Edição da livraria do globo, 1939. 2º vol. Coleção Universo. \*Assinatura na primeira página do capítulo 1 "Lauro Souza".

MAY, Karl. *Na Terra do Mahdi*. Trad. Walmor Francke. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937. Vol. I.

MAY, Karl. *Nos Desfiladeiros dos Balkans*. Trad. Arno Von Mühlen. Porto Alegre: Edição Livraria do Globo, 1933. (carimbo "Livraria Magazine").

MAY, Karl. *No oceano pacífico*. Trad. Fernando Borba. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1935. Coleção Universo.

MAY, Karl. *Uma aventura na Tripolitânia*. Trad. Leopoldo Tietboehl. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1939.

MAY, Karl. *Na terra do Mahdi*. Trad. Walmor Francke. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937. Volume I. Coleção Universo. \*Assinatura "Lauro Souza". Incompleto, sem capa.

MAY, Karl. *Winnetou*. 2ª ed. Trad. Armando Gomes Ferreira. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1937. 1º Volume. Coleção Universo.

MAY, Karl. *Old Surehand*. 2ª ed. Trad. Francisco de Almeida. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939. 2º vol. Coleção Universo.

MAY, Karl. *Pelo Kurdistão Bravio*. Porto Alegre: Edição Livraria do Globo, 1938. \*Anotação em papel, página 32-33. Parte do livro com páginas grudadas. Sem capa.

MAY, Karl. *Judas e Satanaz*. Trad. Leopoldo Tietboehl. Porto Alegre: Edição da livraria do globo, 1939. 2º vol. Coleção Universo.

MAY, Karl. *Na Terra do Mahdi*. Trad. João Lino Braun. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

MAY, Karl. *Através do deserto*. Trad. Alvaro Magalhães. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1932. \*Metade do livro com páginas grudadas, o que mostra que não foi lido inteiro.

MAY, Karl. *A Quadrilha do Deserto*. Trad. Leopoldo Tietboehl. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1938

MAY, Karl. *Laranjas e Tamaras*. Trad. Franklin J. Gross. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1935. Coleção Universo.

MAY, Karl. *Winnetou*. Trad. Armando Gomes Ferreira. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1938. 3º Volume. \*Cartão desejando boas festas, página 227.

MELLO-LEITÃO, C. de. *Curso Elementar de História Natural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. Vol. XXII. (Biblioteca Pedagógica Brasileira, Série II, Livros Didáticos).

MINAS, João de. *Mulheres e Monstros*. São Paulo: Gráfico-Editora UNITAS limitada, 1933.

MOOG, Vianna. *Um rio imita o Reno*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1939. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 22/1/1940. Carimbo "Livraria Magazine". Marcação nas páginas 36, 37, 46, 49, 60, 61, 62, 72, 76, 88, 90, 92, 96, 108, 134, 136, 139, 140, 142, 143, 146, 172, 173, 175, 206, 208, 209, 225, 229, 234, 239, 243, 244, 245, 246, 249.

NASCENTES. Antenor. *Método Prático de Análise Lógica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930. \*Carimbo Papelaria Brasil "L. S. Picanço. Rua Cons. Barradas, 3a. Paranaguá - PR".

NICOLAU DOS SANTOS, B. *Sonometria e Música*. Curitiba: Livraria Mundial - França e Cia., 1933.

NEMILOW, A. W. *A Tragédia Biológica da Mulher*. 4ªed. Trad. Elias Davidovich. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1936. (Marcador de página, p. 31).

NEVES, Berilo. *A Costela de Adão*: Contos. 7ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 4 de maio de 1937. Carimbo "Livraria Magazine".

NUNES, José de Sá. *Lingua Vernacula*: Grammatica e Anthologia. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1935. 1ª e 2ª séries.

OLIVEIRA, Armando de Salles. *Jornada Democratica*: Discursos Politicos. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. \*Carimbo "Livraria Magazine".

PÉROLAS ESPARSAS: Selecta de Contos Moraes. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1939.

PICCHIA, Menotti Del. *Jesus*: Tragédia Sacra. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 5/9/1938

PITIGRILLI. *O experimento de Pott*. 3ª ed. Trad. Rubem Ulysséa. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1939.

PITIGRILLI. *Os vegetarianos do amor*: Novelas. 3ª ed. Trad. Elias Davidovich. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1939.

PRATA, Ranulpho. *Navios Iluminados*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1934.

REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. (Romance) Coleção "Ciclo da cana de assucar". Volume IV.

REGO, José Lins do. *Pureza*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

REVISTA DO BRASIL. Setembro - 1939 - Nº 15 - Ano II. \*Marcação na página 24.

RIDER HAGGARD, H. *A volta de Ella*. Trad. Cordelia Marcondes dos Santos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

ROSSITER, Frederico. *Guia Prático da Saude*. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 1935. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 5/4/1938.

SABATINI, Rafael. *O capitão Blood*. Trad. Orlando Rocha. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. Coleção Para Todos.

SABATINI, Rafael. *O Principe Romantico*. São Paulo; Rio de Janeiro; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939. Coleção Para Todos. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

SALGARI, Emílio. *Um Drama no Deserto*: Novela de Aventura. Lisboa: João Romano Torres e Cia, Livraria Editora, 1938.

SAMPAIO, Albino Forjaz de. *Palavras Cínicas*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1935. \*Assinatura a ser lida. Carimbo "livraria Magazine".

SANTOS, Cap. Amilcar Salgado dos. *Brasil-Alemanha*. São Paulo: Sem editora, 1931.

SANTOS, Amilcar Salgado dos. *Brasil-Allemanha*. São Paulo: sem editora, 1931.

SETÚBAL, Paulo. *O Sonho das Esmeraldas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. \*Carimbo "Livraria Magazine"

SILVA, Gastão Pereira da. *Vícios da Imaginação*: Meios de corrigi-los. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1939. \*Carimbo "livraria Costa Pedroni" na folha de rosto.

SILVA, Hermano Ribeiro da. *Nos Sertões do Araguaia*. São Paulo: Edições Saraiva, 1935. Coleção Jabuti.

STEVENSON, Robert Louis. *O clube dos suicidas*. Trad. Godofredo Frangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Coleção Para Todos. \*Carimbo Livraria Magazine.

STEVENSON, Roberto Louis. *Aventuras de David Balfour em 1751*. Porto Alegre: Edições Globo, 1933. \*assinatura "Lauro Souza"

\_\_\_\_\_. *Raptado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. (Possui carimbo de um antiga livraria aqui em Paranaguá chamada "Livraria Magazine – Rua Presciliano Corrêa, nº1", assinatura do sapateiro com data de 18 de julho de 1939, grifos nas páginas: 43, 83, 85, 87, 88, 111, 113, 114, 164)

TABORDA, Radagasio. *Crestomatia*: Excertos escolhidos em prosa e verso dos melhores escritores brasileiros e portugueses. Porto Alegre: Edições Globo, 1934.

TEIXEIRA MENDES, R. *Benjamin Constant*: Esboço de uma apreciação sintética da vida e da obra do Fundador da República Brasileira. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1936.

TERRAIL, Ponson Du. *Os Cavaleiros do Luar*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional Soc. Imprensa Paulista, 1932. Quinta Parte: Rocamble - Os dramas de Paris

TERRAIL, Ponson du. *Os cavalleiros do Luar*. São Paulo: Companhia Editora Nacional Soc. Impressoa Paulista, 1932. Rocamble: Os dramas de Paris. 5ª parte

TERRAIL, Ponson Du. *A Desforra de Baccarat*: quarta parte de "Rocamble: Os Dramas de Paris". São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. (assinatura – 25/09/1939). Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

TERRAIL, Ponson du. *O Club dos Valetes de Copas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. Rocambole: Os dramas de Paris. 2ª parte, 2º Vol. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

TERRAIL, Ponson du. *O Club dos Valetes de Copas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. Rocambole: Os dramas de Paris. 2ª parte, 1º Vol. \*Páginas grudadas a partir da 81. Marcador de página feito com recortemde jornal, entre a 22 e 23.

TERRAIL, Ponson Du. *As proezas de Rocambole*. São Paulo: Companhia Editoria Nacional Soc. Impressora Paulista, 1931. Terceira Parte: Rocambole - Os dramas de Paris

TOLSTOI, L. *O Diabo Branco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

VIANNA, Godofredo. *Terra de Ouro*. Rio de Janeiro: Galvino Filho Editor, 1935.

VIANNA, Oduvaldo. *Teatro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

VIEIRA, José Geraldo. *Território Humano*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936. (Romance) \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

VIEIRA, Padre Antonio. *Sermões e Lugares Selectos*. Porto: Editora Educação Nacional, 1939. Coleção Autores Clássicos. \*Assinatura "Antonio Rocha" 15/4/1940.

XAVIER, Francisco Candido. *Cronicas de alem tumulo*: Ditadas pelo espírito de Humberto de Campos. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1937. \*Assinatura "Antonio Rocha" Pguá, 14/03/1938. Carimbo "Livraria Magazine" na folha de rosto. Sublinhados nas páginas 17, 18, 21, 22, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 54, 55, 61, 63, 65, 66, 67, 77, 84, 85, 89, 99, 105, 142, 174, 180, 184, 185, 206, 209.

WHEATLEY, Dennis. *O eunucho de Stamboul*. Trad. Azevedo Amaral. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife: Companhia Editora Nacional, 1937. Colecção Para Todos. \*Carimbo "Livraria Magazine". Páginas grudadas, provavelmente não foi lido inteiro.

WREN, Percival Christopher. *Semeadores de gloria*: Memórias de "Mary Ambree", a legionaria inglesa. Trad. Alvaro Moreyra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

ZEVACO, Michel. *Bórgia!*. Trad. Armando da Câmara. Porto: Sociedade Editorial Pérolas da Literatura Popular, 1936

ZWEIG, Stefan. *Dois Mestres*: Dickens - Balzac. Trad. Faustino Nascimento. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1936. \*Carimbo "Livraria Magazine"

ZWEIG, Stefan. *Joseph Fouché*: Retrado de um homem político. Trad. Medeiros e Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1938.



Década de 1940:

AFOCHÊ. *Os chavantes*: Ou os homens morcegos. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1946.

ALARCON, D. Pedro A. de. *O capitão veneno*. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1946.

ALEGRIA, Ciro. *Grande e estranho é o mundo*. Trad. Amadeu Amaral Junior. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1944. Coleção Fogos Cruzados 34. (romance)

ALVES, Castro. *Obras Completas*: A cachoeira de Paulo Afonso, Os escravos, Traduções e inéditos. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, 1947. Coleção "Grandes Poetas do Brasil".

ALVES, Castro. *Espumas Flutuantes e Hinos do Equador*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélio Valverde, 1946. Coleção "grandes poetas do Brasil" - Obras completas de Castro Alves - Vol. II.

ALVES, Oswaldo. *Um Homem Dentro do Mundo*. Curitiba; São Paulo: Rio de Janeiro: Editora Guaíra, 1940. \*Carimbo "livraria Costa Pedroni"

ANDRADE, Mário de. *Amar, Verbo Intransitivo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

ANDRADE, Oswald de. *Marco zero*: A revolução melancolica. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1943.

ANDRADE, Oswald de. *Marco zero*: Chão. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio editora, 1945. Volume II.

ANDRADE, Oswald de. *Os condenados*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Porto, 1941.

ANJOS, Augusto dos. *Eu e outras poesias*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bedeschi, 1942.

ARAÚJO, Lion de. *Merceologia e Tecnologia Merceológica*. 5ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Coleção Biblioteca de Estudos Comerciais e Economicos - Vol. 6.

ARAÚJO JORGE, J. G. de. *Estrela da Terra*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1947. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

ARGENTIÈRE, R. *O sol e sua família*. São Paulo: Editora Anchieta, 1945.

AZEVEDO, Aluizio. *Girândola de Amôres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1947. \*Carimbo "Livraria D'Elia limitada - São Paulo".

BABEL, Isaac. *Cavalaria Vermelha*. Trad. Jorge Amado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945. \*Marcador de página com citação do livro "O Retrato de Dorian Gray".

BACILLA, Antonio. *O Drama do Mate*. Curitiba; São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Guaíra, s/d. \*Assinatura "Antonio Rocha" 22/4/1947

BALLANTYNE, Robert Michel. *A Ilha de Coral*. Trad. Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

BALLANTYNE, Robert Michel. *A ilha de Coral*. Trad. Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Coleção Terramarear.

BALZAC, Honoré de. *Mulher de Trinta Anos*. São Paulo: Clube do Livro, 1947.

BALZAC, Honoré de. *Pai Goriot*. São Paulo: Clube do Livro, 1948. \*algumas páginas grudadas, provavelmente não foi lido

BANDEIRA, Manuel (org). *Obras primas da Lírica Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943. Coleção A marcha do espírito - Vol. XII.

BARBOSA, Ruy. *Collectanea Literaria: 1868-1922*. 4ª ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1940. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 13/6/1940. Carimbo "Livraria Magazine"

BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. Rio de Janeiro: Editora Mérito S. A, 1948.

BARRETO, Lima. *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*. 3ª ed. São Paulo: O livro de bolso, 1943.

BASTOS, Humberto. *Rumos da Civilização Brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

BASTOS, Abguar. *Prestes e a Revolução Social*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1946.

BEER, Max. *História do Socialismo e das Lutas Sociais: Antiguidade e Idade Média*. Trad. Horacio Mello. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944. 1º Volume. Coleção de Estudos Sociais. Incompleto.

BEER, Max. *Carlos Marx: Sua vida e obra*. Trad. Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944. \*Incompleto

BRAGA, Rubem. *Morro do Isolamento: Crônicas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1944.

BRAGA, Rubem. *Com a F. E. B. na Itália: Crônicas*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, 1945.

BRASIL. *Legislação Brasileira - Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil*. São Paulo: Edição Saraiva, 1946.

BENEDICT, Ruth; WELTFISH, Gene. *As Raças da Humanidade*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte Ltda, 1945.

BORBA, Osorio. *A comedia literaria*. Rio de Janeiro: Alba editora, 1941. \*Assinatura "Antonio Rocha" 4/3/1942.

CADILHE, José. *Delirium Tremens*. Curitiba: Gerpa, 1945.

CARNEIRO, David. *O Drama da Fazenda Fortaleza*. Edição do Dr. Dicesar Plaisant, 1941.

CARREL, Alexis. *O Homem, esse desconhecido*. Porto: Editora Educação Nacional, 1942.

CAYMMI, Dorival. *Cancioneiro da Bahia*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1947.

CHAMBRUN, René de. *Eu vi a França cair: Levantar-se-á ela outra vez?* Trad. Giuseppe Amado. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941.

CHESTER, William L. *O gavião das selvas*. Trad. Justino Martins. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1940. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido

CHÛN, T'ien. *A serpente indomável*. Trad. Lola de Andrade e Valdemar Cavalcanti. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O cruzeiro, 1944. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido por inteiro.

CHURCHILL, Winston. *Sangue, suor e lágrimas*. Trad. R. Magalhães Júnior e Lya Cavalcanti. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 23/8/1941.

CODY, William F. *Buffalo Bill*. Trad. Alfredo Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1945.

COELHO JUNIOR. *Pelas selvas e rios do Paraná*. Curitiba: Editora Guaíra, 1946.

OLIVERIA, Alberto de. *Os cem melhores sonetos brasileiros*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 1941. incompleto.

CONDORCET, Madame de. *Meios de aprender a contar*. Rio de Janeiro: Jornal do Comercio Rodrigues e Cia, 1940.

CONTOS MAGAZINE. Ano VI - Rio de Janeiro, 16 de julho de 1943 - Número 132. Empresa "A Noite" - Publicações Infantis.

CONTOS MAGAZINE. Ano VII - Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1942 - Número 115. Empresa "A Noite" - Publicações Infantis

CONTOS MAGAZINE. Rio de Janeiro: Suplemento Juvenil, 1 de setembro de 1942. Nº 111. Ano VI.

CONTOS MAGAZINE. Rio de Janeiro: Suplemento Juvenil, 1 de maio de 1943. Nº 127. Ano VI.

CONTOS MAGAZINE. Ano VI - Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1944 - Número 164. Empresa "A Noite" - Publicações Infantis.

CONTOS MAGAZINE. Nº 65 - Ano IV - Rio de Janeiro: 1º de outubro de 1940.

CONTOS MAGAZINE. Nº 121 - Ano VI - Rio de Janeiro: 1º de fevereiro de 1943. \*Marcador de página feito com recorte de papel, entre as páginas 28 e 29.

CONTOS MAGAZINE. Nºs 183-184 - Setembro de 1945 - Rio de Janeiro

CONTOS MAGAZINE. Rio de Janeiro: Suplemento Juvenil, 16 de setembro de 1943. Nº 136. Ano VI.

CONTOS MAGAZINE. Ano VI - Rio de Janeiro, 1 de outubro de 1943 - Número 137. Empresa "A Noite - Publicações Infantis. \* páginas 60 e 61 está escrito "fantasma transparente" e "João Desterro"

CONTOS MAGAZINE. Ano VI - Rio de Janeiro, 1 de novembro de 1943 - Número 139. Empresa "A Noite - Publicações Infantis.

CONTOS MAGAZINE. Nº 181-182. Agosto de 1945.

CONTOS MAGAZINE. Nº 134 - 16 de agosto de 1943 - Rio de Janeiro

Contos Magazine. Ano IV, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1940, nº 58.

Contos Magazine. Ano VII, Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1942, nº 118.

COOPER, James Fenimore. *O ultimo dos moicanos*. Trad. Agripino Grieco. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Coleção "terramarear". \*A partir da página 105 as páginas estão grudadas, provavelmente não foi lido até o final.

COOPER, James Fenimore. *A Pradaria*. Trad. Marina Salles Goulart de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1946. \*Marcação nas páginas 42, 43, 57, 58, 59, 65.

CULBERTSON, Josephine. *O bridge ao alcance de todos*. Trad. Casemiro Fernandes. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942.

CUNHA, José Gay da. *Um Brasileiro na Guerra Espanhola*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1946. (Possui carimbo de uma antiga livraria aqui em Paranaguá chamada "Livraria e Papelaria Paraná – Costa Pedroni, Paranaguá")

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1940.

DANTAS, Raymundo Souza. *Sete Palmos de Terra*. Rio de Janeiro: Editora Vitória, 1944. (Romance)

DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. Trad. Nabor Cayres de Britto. São Paulo: Edições Cultura, 1940.

DEL PICCHIA, M. *Kalum: O sangrento*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948. Coleção Terramarear. Vol. 71. \*Parte do livro com páginas grudadas.

DICKENS, Charles. *A Voz dos Sinos*. Trad. Elsie Lessa. São Paulo: Clube do Livro, 1946. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

DICKENS, Charles. *Seleções: David Copperfield - Memórias de Pickwick - Oliver Twist - Martin Chuzzlewit*. Trad. Marina Guaspari e Sylvia Guaspari. Rio de Janeiro: Edições O cruzeiro, 1943. \*Escrito após a capa: "Pertence a Sr<sup>a</sup> Eni Falcão - Londrina 30/4/44.

DIAS, Eduardo. *Árabes e Muçulmanos: Greis Sarracenas e o Islã Contemporâneo*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1940. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

DIVULGAÇÃO MARXISTA: Número dedicado à dialetica. Ano I - 15 de julho de 1946 - nº 2.

DIVULGAÇÃO MARXISTA. Ano 1 - 15 de novembro de 1946 - Nº 10. Rio de Janeiro.

DIVULGAÇÃO MARXISTA, Rio de Janeiro, Ano I, nº 5, 1 de setembro de 1946, Editorial Calvino Limitada, Direção de Calvino Filho e S. O. Hersen.

DIVULGAÇÃO MARXISTA, Rio de Janeiro, Ano I, nº 8, 15 de outubro de 1946, Editorial Calvino Limitada, Direção de Calvino Filho e S. O. Hersen.

DIVULGAÇÃO MARXISTA, Rio de Janeiro, Ano I, nº 12, 15 de dezembro de 1946. Editorial Calvino Limitada, Direção de Calvino Filho e S. O. Hersen.

DIVULGAÇÃO MARXISTA. Ano I - 15 setembro 1946 - Nº 6 - Rio de Janeiro.

DIVULGAÇÃO MARXISTA. Ano I - 1 outubro 1946 - Nº 7. Rio de Janeiro.

DIVULGAÇÃO MARXISTA. Ano I - 1 novembro 1946 - Nº 9. Rio de Janeiro.

DIVULGAÇÃO MARXISTA. Ano I - 1 dezembro 1946 - Nº 11. Rio de Janeiro.

DIAS, Eduardo. *Árabes e Muçulmanos: A invasão da Hispânia e o aspecto cultural do Islamismo*. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C. <sup>a</sup>, 1940.

DOSTOIEVSKI; KOROLENKO; KUPRIN; CHEJOV; GORKI; AVERTCHENKO; ANDREIEV; GOGOL; TURGUENIEV; EHRENBURG; GARIN; DOROCHEVITCH; SURGUCHOV; SCHOLOCHOV; DIMOV; PUSHKIN; TOLSTOI; ARTZIBACHEV;

MEREJKOVSKI; TASIN; SOSULIA; ET AL. *Os mais belos contos Russos dos mais famosos autores*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1945.

DOSTOIEWSKY, Fiodor. *Recordações da Casa dos Mortos*. Trad. Antonio de Oliveira Garcia. São Paulo: Livraria Martins, 1942. 1º vol. \*Marcação na página 16, 103.

DREISER, Theodore. *Carolina*. Trad. Moacir Augusto. Rio de Janeiro: Edição da livraria do Globo, 1946. Coleção Nobel. \*Carimbo "Livraria Costa Pedroni". Marcação na página 84, 129, 144, 160, 182, 217, 220. Incompleto.

DREISER, Theodore. *Uma tragédia Americana*. Trad. Lauro Escorel. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

DUMAS, Alexandre. *O doutor misterioso*. Trad. Vicentina de Carvalho. São Paulo: Livraria Martins, 1945.

EFIMOV, A; FREIBERG, N. *História da Época do Capitalismo Industrial*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1945. Vol. II. \*Anotações nas páginas 323, 324, 386, 416, 418, 419, 429, 438, 448, 463, 510, 534, 538, 542, 562, 580, 582, 583.

EFIMOV, A; FREIBERG, N. *História da época do capitalismo industrial*. Trad. Paim Junior e Alina Paim. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1945. Volume I.

EHRENBURG, Ilya. *A queda de Paris*. Traduzido do russo por Gerard Shelley e do inglês por Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. Volume 4. \*Sublinhado na página 78, 79, 109, 120, 141, 154, 157.

ENGELS, Friedrich. *Anti-Dühring: Filosofia, Economia, Política, Socialismo*. Trad. Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Editorial Calvino limitada, 1945. Coleção Estudos Sociais - Nº 10.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944. \*Marcação nas páginas 69, 70, 102, 103.

ENGELS, Friedrich. *Dialética da Natureza*. Trad. Romulo Argentièrre e Vitor Augusto da Luz. São Paulo: Editora Flama, 1946.

FAST, Howard. *Fronteiras do Fogo*. Trad. Carmen Annes-Dias Prudente. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1948.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Menininha*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1941. \*Carimbo livraria Costa Pedroni na folha de rosto. \*Anotação em papel, dobrado como marcador de página, entre a 152 e 153, data de 1974.

FERREIRA, Hernani. *Arte Moderna*. São Paulo: Editora Anchieta, 1945.

FERREIRA DE MIRA, M. *Vitaminas*. Lisboa: Cosmos, 1943. Biblioteca Cosmos. Nº 36 1ª Secção - Nº 16 - Ciências e Técnicas: Ciências biológicas.

FIGUEIREDO, Cândido de. *Pequeno dicionário da Língua Portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Livraria bertrand; Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1940. \*Papel com a palavra anotada "Argonauta". "Mentecapto", página 843. "partidor", 953. "temporário", 1232. "tese", 1240.

FIGUEIREDO, Guilherme. *Rondinella e outras histórias*. Rio de Janeiro: Editora O cruzeiro, 1943.

FLAUBERT, Gustav. *Educação Sentimental*. Trad. Araujo Alves. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1944.

FLAUBERT, Gustav. *Salambô*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1944.

FRANCE, Anatole. *O Anel de Ametista*. Trad. Eloy Pontes. São Paulo: Clube do Livro, 1948.

FRANCE, Anatole; ASSIS, Machado; DAUDET; KIPLING; PITIGRILLI; CAMPOS, Humberto de; D'ANNUNZIO; IBÁÑEZ, Blasco; ZOLA, Emile; DEKOBRA; POE, Edgar Allan; TWAIN, Mark; MAUPASSANT, Guy de; COURTELINE; BUNIN; SHAW, George Bernard; HUYSMANS; AVERCHENKO; CHEJOV; HELTAI; STENDHAL. *Os mais belos contos de amor dos mais famosos autores*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1943.

FUNDAMENTOS. Revista de Cultura Moderna. São Paulo: Junho de 1948, Nº 1. \*Assinatura "Antonio Rocha" na capa. Marcações nas páginas 13, 29, 30.

FUNDAMENTOS. Revista de Cultura Moderna. São Paulo: Julho de 1948, Nº 2.

FUNDAMENTOS. Revista de Cultura Moderna. São Paulo: Novembro de 1948, Nº 6. Vol. II.

FUNDAMENTOS. São Paulo: 1949. Março/abril. Nº9/10.

GALEGOS, Romulo. *Dona Barbara*. Trad. Jorge Amado. Curitiba: Editora Guaíra, 1940.

GAMOW, George. *Nascimento e Morte do Sol: Evolução estelar e energia sub-atômica*. Trad. Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Edição da livraria do Globo, 1944.

GAMOW, George. *Biografia da terra: Seu passado, presente e futuro*. Trad. Ruth Lobato e Monteiro Lobato. Rio de Janeiro: Edição da livraria do Globo, 1946. \*Carimbo na folha de rosto, "Livraria e papelaria Paraná - Costa Pedroni - Paranaguá".

GLAESER, Ernst. *O último civil*. Trad. Maria Jacinta. Porto Alegre: Edições da Livraria do Globo, 1940.\*Carimbo "Livraria Costa Pedroni". Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

GOMEZ NEREA, J. *Freud e o mistério do sonho*. Trad. Isabel Medeiros e Celio Monteiro. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1941.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944.

GOLD, Michael. *Judeus sem dinheiro: 120 milhões*. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944.

GORKI, Máximo. *Um bandido*. Trad. Djalma Maciel. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1946. \*Incompleto.

GORKI, Maximo. *Flor da Miséria*. Trad. Adolfo Bezerra de Menezes Netto. Rio de Janeiro: Edições do Povo, 1947.

GORKI, Maximo. *Os Artamonov*. Trad. Boris Solomonov e Galvão de Queiroz. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1945. Coleção Os grandes nomes. (Romance) \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

GREY, Zane. *O caçador de Búfalos*. Trad. J. de Sousa. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1940. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

GREY, Zane. *A Luta das Caravanas*. 2ª ed. Trad. Queiroz Lima. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1940. (Coleção universo)

GRIECO, Agrippino. *Evolução da Prosa Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Livraria H. Antunes, 1944. \*Recorte de jornal na página 40-41

GRIECO, Agrippino. *Evolução da Prosa Brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1947. \*Recorte de jornal na página 133 - Célula de contribuição de renda para o Partido Comunista do Brasil.

GUÉRIOS, Mansur. *Português Ginásial: Gramática e Exercícios para as 4ª séries ginásiais*. 7ªed. São Paulo: Edição Saraiva, 1946. (Carimbo "Livraria Brasil")

GUIMARÃES, Bernardo. *Rosaura, a enjeitada*. Rio de Janeiro: Editora Moderna, 1944. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

GUIMARÃES, Bernardo. *Quatro Romances: O ermitão de muquém - O seminarista - O garimpeiro - O índio Afonso*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944. \*Pedaco de papel como marcador de página, 254-255.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1940.

HADDOCK LOBO, R. *Pequena História da Economia*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943. Coleção A marcha do espírito - Vol. VIII.



HAMOND, Charles. *A heroína do Ganges*. Versão de José Rosado. Lisboa: Edição Romano Torres, 1944. Coleção "Romanece de aventuras". Nº 170. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

HARRISON, Charles Yale. *Nasceu uma Criança*. Trad. Dom José Paulo da Camara. São Paulo: Editora Brasiliense, 1944. Coleção Ontem e hoje - Vol. 2.

HEMINGWAY, Ernest. *Por Quem os Sinos Dobram*. 3ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

HILTON, James. *Adeus, Mr. Chips*. Trad. Erico Verissimo. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1940.

HINDUS, Maurice. *Os Cossacos: História de um povo guerreiro*. Trad. Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Coleção Biblioteca do Espírito Moderno - História e Biografia - Vol. 46.

HOFFMANN; POE, Edgar; BÉCQUER; MAUPASSANT, Guy de; L'ISLE ADAM, Villiers de; RICHEPIN; KIPLING; CONAN DOYLE, Arthur; ZAMACOIS; FRANCE, Anatole; WELLS, H. G; NERVO, Amado; LEROUX, Gaston; FARRÈRE; KUTTNER, Henry; HOWARD, Robert E.; WORRELL, Everil; WELLMAN, Manly Wade. *Os mais belos contos terroríficos dos mais famosos autores*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1944. \*Algumas páginas grudadas

HUGO, Vitor. *Nossa Senhora de Paris*. São Paulo: Edições Cultura, 1943. Série "novelas universais". Tomo I.

HURST, John Shirley. *A estrada de Chiang*. Trad. Esmaragdo Marroquim e Valdemar Cavalcanti. Rio de Janeiro: Empresa gráfica O cruzeiro, 1944.

HUXLEY, Aldous. *A Feira de Crome*. Trad. Edison Carneiro. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1944.

HUXLEY, Aldous. *As despedidas estéreis*. Trad. Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1945. \*Marcador de página entre a 360 e 361.

HUXLEY, Aldous. *O tempo deve parar*. Trad. Paulo Moreira da Silva. Rio de Janeiro: Edição da Livraria do Globo, 1945. \*Parte do livro com páginas grudadas.

ICAZA, Jorge. *Huasipungo*. Trad. Plácido e Silva. Curitiba: Editora Guaíra, 1941. Coleção Estante Americana - Nº 2.

ILINE. *O Abecedário da Nova Rússia*. Trad. Abgvar Bastos e C. F. de Freitas Casanovas. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1945. \*Marcação páginas 142-143-154-155-164-169-170-176-177-187-192-243-244-

JAMES, William. *A filosofia de William James*: Seleção de suas principais obras. Trad. Antonio Ruas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1943. Coleção Filosofia, biblioteca do espírito moderno - Vol. 8. \*Parte do livro com páginas grudadas.

JOHNSON, Hewlett. *O Poder Soviético*. 5ª ed. Trad. David J. de Castro. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

LAMARTINE. *Regina*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editora, 1944.

LAMARTINE. *Regina*. Trad. Marques Rebelo. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1944. \*Incompleto.

LAPIDUS, I; OSTROVITIANOV, K. *Principios de Economia Política*. Trad. Luis Monteiro. Rio de Janeiro: Editorial Calvino, 1944. 1º vol. \*Parte do livro com páginas grudadas.

LASKI, Harold J. *Reflexões sobre a Revolução de nossa época*. Trad. Isa Silveira Leal e Enio Silveira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Coleção Fórum Político Nº 1. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

LEFÈVRE, V. *Viagens ao Mundo Antigo*: Pitágoras na Grécia e na Fenícia. São Paulo: Editora Anchieta, 1945.

LEITURA. Rio de Janeiro: outubro de 1947. Nº 43.

LENIN, V. I. *Duas Táticas da Social Democracia na Revolução Democrática*. Trad. Luis C. Afilhado. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1945. (Possui marcador de página – nesse marcador há um fragmento de carta relatando a situação do Brasil durante vinte anos de ditadura do golpe de 1964, possivelmente seja uma carta do PCB, logo no início há a saudação “Camaradas” – o marcador está na página 25)

LENIN, V. I. *Que fazer?* Problemas candentes de nosso movimento. Trad. Paim Júnior e Alina Paim. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda., 1946. Coleção "unidade". \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

LENIN, V. I. *Marxismo e Revisionismo*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1946.

LENIN, V. I. *A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo*. Trad. Aldenor Campos. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946. Coleção Unidade. \*Marcação na página 34, 35, 36, 38, 39, 106,

LEONEL FRANCA, P. *A Psychologia da Fé*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. Coleção Bibliotheca do Pensamento Catholico - Vol. 3. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 12/7/1940.

LEONI, Raul de. *Luz Mediterrânea*. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

LE ROUGE, Gustavo. *O Náufrago do Espaço*. Trad. Adriano de Abreu. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. Coleção Terramarear.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, dezembro de 1943. Nº 8.  
\*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, dezembro de 1944. Nº 20.  
\*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, setembro de 1944. Nº 17.  
\*Assinatura "Antonio Rocha" sem data

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, maio de 1943. Nº 1.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, fevereiro de 1944. Nº 10.  
\*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, janeiro de 1945. Nº 21.  
\*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Ano II - Março de 1944 - Nº 11. Rio de Janeiro: Editora A noite.

LETRAS BRASILEIRAS. Ano II - Abril de 1944 - Nº 12. Rio de Janeiro: Editora A noite.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, Maio de 1944. Nº 13.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, Julho de 1943. Nº 3.

LETRAS BRASILEIRAS. Nº 19 - Novembro de 1944. Rio de Janeiro: Editora A noite.  
\*Assinatura "Antonio Rocha" na primeira página.

LETRAS BRASILEIRAS. Abril de 1945 - Nº 24 - Rio de Janeiro - Editora A noite

LETRAS BRASILEIRAS. Ano II - Nº 16 - Agosto de 1944. Rio de Janeiro: Editora A noite.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, junho de 1943. Nº 2. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data. Marcador de página, 48-49.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, maio de 1945. Nº 25. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, junho/julho/agosto de 1945. Nº 26. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, outubro de 1944. Nº 18.  
\*Assinatura na primeira página, sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, agosto de 1943. Nº 4. \*Assinatura na primeira página, sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, novembro de 1943. Nº 7. \*Assinatura "Antonio Rocha" na capa, sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, janeiro de 1944. Nº 9. \*Assinatura "Antonio Rocha" na capa, sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, outubro de 1943. Nº 6.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, setembro de 1943. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, Julho de 1944. Nº 15. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LETRAS BRASILEIRAS. Rio de Janeiro: Editora A noite, março de 1945. Nº 23. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

LIMA, Pedro Motta. *Zamor*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1945. (romance). \*Oração de Santa Catarina escrita em papel de caderno, dobrada como marcador de página entre a 152 e 153. Página 168, anotação marcando o texto, escrito "sapateiro".

LIMA, Jorge de. *Calunga*: Romance. 2ª ed. Rio de Janeiro: Alba editora, 1943. \*Dedicatória do autor para Augusto Arnaldo Vasseur 7/5/1945. Etiqueta "Livraria Vitor", Rio de Janeiro.

LINS, Álvaro. *História Literária de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1945.

LITERATURA. Revista Mensal. Rio de Janeiro, outubro 1946. Nº 2.

LITERATURA. Revista Mensal. Rio de Janeiro, outubro 1946.

LITERATURA. Revista Mensal. Rio de Janeiro, outubro 1946. Nº 1.

LITERATURA. Revista Mensal. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, setembro-dezembro de 1946. Nº 3. Ano I. \*Anotação em papel, entre as páginas 32-33.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

LOON, Hendrik van. *Tolerancia*. Trad. James Amado. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. Coleção Biblioteca do Espírito Moderno - História e Biografia - Vol. 29. \*Assinatura na folha de rosto "Pertence a Sr. Falcão".

LOON, Hendrik van. *Vidas Ilustres*. Trad. Marques Rebello. Rio de Janeiro: Edição da livraria do Globo, 1945.

LÓPEZ, Manuel Villegas. *Carlitos: A vida, a obra e a arte de gênio do cine*. Trad. Melo Lima. Pref. Annibal M. Machado. Rio de Janeiro: Cia. Editora Leitura, 1944.

LUDWIG, Emil. *Bolívar: Cavaleiro da glória e da liberdade*. Trad. Justino Martins. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1943. \*Várias páginas grudadas, provavelmente não leu todo livro.

LUDWIG, Emil. *Gênio e Caráter: Dezesesseis retratos e um prólogo*. Trad. Herbert Caro. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942.

LUPPOL, I. K. *Diderot*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946.

LYTTON, Eduardo Bulwer. *Zanoné: Romance Ocultista*. 3ªed. Trad. Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Editora "O Pensamento", 1943.

LYTTON, Eduardo Bulwer. *Zanoni*. 3ª ed. Trad. Francisco Valdomiro Lorenz. São Paulo: Empresa Editora "O pensamento", 1943.

MACHADO, Annibal M. *Vila Feliz: Novelas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.

MACHADO, Dionélio. *Os Ratos*. 2ª ed. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1944. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

MANN, Thomas. *Os Buddenbrook: Decadência duma família*. Trad. Herbert Caro. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942.

MANN, Thomas. *As cabeças trocadas: Uma lenda hindu*. Trad. Liane de Oliveira e E. Carrera Guerra. Rio de Janeiro: Edição da livraria do Globo, 1945.

MANN, Thomas. *José e seus irmãos*. Trad. Agenor Soares de Moura. Rio de Janeiro: Edição da livraria do Globo, 1947.

MARCOLONGO, Roberto; BOLL, Marcel. *Einstein*. Trad. Heitor Ferreira Lima. São Paulo: Edições Cultura, 1944. Série biográfica "Vidas luminosas" Nº 12.

MARMONTEL. *Os Incas ou a destruição do Império do Perú*. Trad. Virgínia Silva Lefèvre. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1943. \*Sublinhados nas páginas 54, 55, 83, 84.

MARTINS, Ivan Pedro de. *Caminhos do Sul*. São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1946. Coleção Autores Brasileiros. Volume 24. \*Marcação na página 58, 67, 79, 179, 184, 210, 211, 223, 227, 270, 275.

MARX, Karl. *Trechos escolhidos sobre Economia Política*. Trad. Inacio Rangel. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1946.

MAUÁ. *O pensamento vivo de Mauá*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945.

MAUPASSANT, Guy De. *Forte como a morte*. Trad. Accioly Neto. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944. Coleção Fogos Cruzados. Nº. 48. (Romance). \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido

MAUPASSANT, Guy de. *As termas de Mont-Oriol*. Trad. Abelardo Romero. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1944. Coleção "Os grandes nomes" (Romance). \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

MAUPASSANT, Guy de. *Bel-Ami*. Trad. Clovis Ramallete. São Paulo: Livraria Martins, 1943.

MAURIER, Daphne du. *Rebecca: A mulher inesquecível*. Trad. Ligia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940. Coleção Biblioteca do Espírito Moderno - Vol. 2. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 17/9/1940.

MATOS, Mário. *O personagem persegue o autor*. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O cruzeiro, 1945. \*Marcações nas páginas 38, 44, 45, 46, 48, 49, 56, 72, 75, 76, 88, 89, 90, 91, 95, 98, 99.

MAY, Karl. *Percorrendo as cordilheiras*. 2ª ed. Trad. Silva Maria. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1940. Coleção Universo.

MAY, Karl. *A caravana dos escravos*. Trad. Beatriz Bandeira. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1941. Coleção Universo. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

MCCOY, Horace. *Mas não se mata cavalo?* Trad. Erico Verissimo. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1947.

MEIRA, Cécil. *Introdução ao estudo da Literatura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zelio Valverde, 1945. \*Anotação em papel, página 19. marcador de página, 144-145, 160-161.

MENEZES, Raimundo de. *Emílio de Menezes: O Último Boêmio*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

MERIMÉE, Prosper de. *Almas do Purgatório*. São Paulo: A bolsa do livro, 1944.

MILLIET, Sérgio. *Fora de forma: arte e literatura*. São Paulo: Editora Anchieta Ltda., 1942. \*Carimbo "livraria Costa Pedroni na folha de rosto. Anotação na página 48. Marcação na 107, 141 e uma interrogação anotada na página 49, 56, 75, 76, 101, 104.

MILLIET, Sérgio. *Pintura Quase Sempre*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

MIRSKY, D. S. *Lenine: Sua vida e sua obra - Como apendice um estudo de Maximo Gorki sobre Lenine*. Trad. Abguar Bastos. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944. \*Anotação em papel, entre as páginas 260 e 261.

MITCHELL, Margaret. *E o vento levou*. Trad. Francisca de Basto Cordeiro. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1940. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 24/10/1940.

MORGAN, Charles. *A Viagem*. Trad. Sergio Milliet. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1945.

MOURA, Eros; BEZERRA, Argeu Machado; VALLE, J. Rodrigues; MONTENEGRO, Mac Dowell; BOITEUX, Bayara Demaria; BAILLY, Gustavo Adolpho. *A função pública na Administração Fiscal do país*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco, 1942.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário Básico do Português do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

NEVIEROF, Alexander. *A cidade da fartura: Epopeia de um menino russo da geração atual*. Trad. Jorge Amado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945. Coleção Ontem e Hoje - Vol. 6.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Potência*. Trad. Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Edição Livraria do Globo, 1945. Coleção Biblioteca dos Séculos. \*Carimbo "livraria costa pedroni". Marcador de página, 60-61.

NOVELLI JUNIOR. *Santa Clara*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944. (Romance). \*Carimbo "Papeleria Brasil" Paranaguá.

NO QUE SE PENSA HOJE. Síntese mensal da atividade contemporânea. São Paulo: Julho de 1943, Nº 66 - Ano VI.

O MUNDO NA MÃO. Mensário do pensamento mundial. Ano I - Abril de 1940 - Nº 1. Diretor: Cordeiro de Andrade.

O MUNDO NA MÃO. Mensário do pensamento mundial. Ano I - Maio de 1940 - Nº 2. Diretor: Cordeiro de Andrade.

ORCZY, Baronesa. *Eu me vingarei*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

ORCZY, Baronesa. *O pimpinella Escarlata*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. Coleção para todos - Vol. 8.

ORCZY, Baronesa. *A Victoria do Pimpinella*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

ORCZY, Baronesa. *ELDORADO*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. Coleção para todos - Vol. 28.

OS MAIS BELOS CONTOS HISPANO-AMERICANOS. Trad. Frederico dos Reys Coutinho, Manuel R. da Silva, Enéias Marzano, José Dauster. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1946.

PAIM, Alina. *Estrada da liberdade*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Leitura, 1944. \*Parte do livro com páginas grudadas.

PAIM, Alina. *Simão Dias*. Rio de Janeiro: Livraria-Editora da casa do estudante do Brasil, 1949. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

PEIXOTO, Silveira. *A tormenta que Prudente de Moraes venceu!* Curitiba: Editora Guaíra, 1942. \*Páginas grudada, provavelmente não foi lido. Carimbo "Livraria Costa Pedroni"

PEREGRINO JÚNIOR. *Pussanga*: Episódios e paisagens da Amazônia. São Paulo: Clube do Livro, 1948.

PICCHIA, Menotti Del. *O Crime daquela noite*. São Paulo: Clube do Livro, 1948.

PITIGRILLI. *Mamíferos de Luxo*. 4ª ed. Trad. João Silveira de Camargo. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1943

POE, Edgar Allan. *O Mistério de Marie Roget*. Trad. Líbero Rangel de Andrade e Frederico dos Reys Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1943. \*Carimbo "Livraria Costa Pedroni" Paranaguá na folha de rosto. Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

POE, Edgar Allan. *Novelas Extraordinárias*. 2ª ed. Trad. Faria e Sousa. São Paulo: O livro de bolso, 1943. \*Páginas marcadas: 25, 32, 105.

POMAR, Pedro. *O PCB no trabalho de Massa*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1946.

POLIAKOV, A. *"Tanks" em ação*. Trad. Celso Garcia. Rio de Janeiro: Edições Horizonte Ltda., 1945. Coleção A guerra dos povos - as grandes reportagens da Guerra. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

PRESTES, Luiz Carlos. *Problemas Atuais da Democracia*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1947. \*Cédula de contribuição ao jornal "Tribuna do Povo". Sem capa e sem as páginas iniciais.

PRESTES, Luiz Carlos. *O PCB e a Luta pela Paz e pela Democracia*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945. (assinatura – 27/02/1946).

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política, Rio de Janeiro, nº 22, novembro de 1949, Editora Vitória, Direção de Diógenes Arruda.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, dezembro de 1947. Nº 5.



PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, dezembro de 1949. Nº 23.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, junho de 1948. Nº 11.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, abril de 1948. Nº 9.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, agosto de 1947. Nº 1 - Ano 1. \*Incompleta

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, Junho-julho de 1949. Nº 19.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, Abril-maio de 1949. Nº 18.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, agosto=setembro de 1949. Nº 20.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, julho de 1948. Nº 12.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Ano 2 - Março de 1948 - Nº 8 - Rio de Janeiro.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Ano 2 - Rio de Janeiro - Fevereiro de 1948 - Nº 7.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Ano 2 - Rio de Janeiro - Janeiro de 1949 - Nº 16.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, agosto/setembro de 1948. Nº 13.

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Revista Trimestral. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1946. Nº 4.

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Revista trimestral. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1946. Nº 6.

PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO. Revista de difusão literária e cultural. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1945. Nº 3.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1947. Coleção Edição do Centenário. Volume XI - Últimas Páginas/As minas de Salomão.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1947. Coleção Edição do Centenário. Volume IX - Cartas de Inglaterra/Echos de Paris/ Cartas familiares e bilhetes de Paris.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1948. Coleção Edição do Centenário. Volume XIII - O Conde de Abranhos/Alves & C.<sup>a</sup>/Correspondencias.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1948. Coleção Edição do Centenário. Volume XII - A Capital.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1948. Coleção Edição do Centenário. Volume XV - Uma campanha alegre.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1947. Coleção Edição do Centenário. Volume vii - A illustre casa de Ramires.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1946. Coleção Edição do Centenário. Volume IV - Os maias.

QUEIROZ, Eça de. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1948. Coleção Edição do Centenário. Volume XIV - O Egipto/Cartas ineditas de Fradique Mendes e mais paginas esquecidas.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1946. Coleção Edição do Centenário. Volume I - O crime do Padre Amaro. \*Pedaço de papel como marcador de página, 286-287, 500-501.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1946. Coleção Edição do Centenário. Volume III - A cidade e as Serras - O mandarim. \*Cartão de natal como marcador de página, 385.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1946. Coleção Edição do Centenário. Volume V - Os maias - II volume.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1947. Coleção Edição do Centenário. Volume VIII - Prosas Barbaras - Contos.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1947. Coleção Edição do Centenário. Volume X - Notas Contemporâneas.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1946. Coleção Edição do Centenário. Volume II - O primo Bazilio. \*Oração a Santa Catarina escrita em papel, entre as páginas 202-203. marcador de página, 413.

QUEIROZ, Eça. *Obras*. Porto: Lello & irmão Editores, 1947. Coleção Edição do Centenário. Volume VI - A reliquia/A correspondência de Fradique Mendes.

QUEIROZ, Dinah Silveira de. *Floradas na Serra*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940. \*Sem capa e com as primeiras páginas destruídas pelas traças.

RAMALHETE, Clovis. *Eça de Queiróz*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942. (Possui recorte de jornal)

RAMOS, Graciliano. *Infância*. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1945.

RAMOS, Graciliano. *Insônia: Contos*. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1947. Coleção Obras de Graciliano Ramos - Vol. 5.

RAMOS, Graciliano. *S. Bernardo*. 3ª ed. São Paulo: Livraria José Olympio Editora, 1947. Coleção Obras de Graciliano Ramos - Vol. 2.

RAPOSO, Inácio. *A mulher que foi papa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, 1943. (Romance Histórico). \*Assinatura na folha de rosto "Ozorio Pitta" Paranaguá, 8/8/1945.

REGO, José Lins do. *Usina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1940. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

REGO, José Lins. *Doidinho: Romance*. 4ªed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1943.\*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 17/6/1946.

REID, Mayne. *Os naufragos do Igapó*. Trad. Tito Marcondes. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Coleção "Terramarear".

REID, Mayne. *Os negreiros da Jamaica*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. Coleção "Terramarear".

REID, Mayne. *Os Naufragos de Bornéu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Coleção Terramarear. \*Recorte de jornal entre as páginas 64-65. Parte do livro com páginas grudadas.

RENAN, Ernesto. *Marco-Aurélio e o fim do mundo antigo*. Trad. Eduardo Pimenta. 2ª ed. Porto: Livraria Lello & Irmão Editores, 1946.

REVISTA O LIVRO. Ano IX - Nº 99 - outubro de 1947. Curitiba: Editora O livro Ltda.

REVISTA DO BRASIL. São Paulo: Editora O cruzeiro, abril de 1944. Nº 1.

REVISTA DO BRASIL. São Paulo: Editora O cruzeiro, outubro de 1944. Nº 3.

ROLLAND, Romain. *Pedro e Lúcia*. Trad. Carlos de Lacerda. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1945. Coleção Tucano.

ROLLAND, Romain. *Valmy*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte Ltda., 1945. Coleção História. Nº 1.

ROSOLIA, Orestes. *Marília, a noiva da inconfidência*. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1941.

ROSTAND, Edmond. *Cyrano de Bergerac*. 5ª ed. Trad. Carlos Porto Carreiro. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti-Editores, 1944

ROURKE, Thomas. *Bolívar: O caveleiro da glória*. Trad. Miroel Silveira e Isa Silveira Leal. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1942. Coleção A marcha do espírito. Nº 5. \*Envelope como marcador de página, 29.

SABATINI, Rafael. *O gavião do mar*. 2ª ed. Trad. Orlando Rocha. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940. Coleção Para Todos Vol. 22. \*Assinatura "Antonio Rocha" 22/04/1940.

SABATINI, Rafael. *César Bórgia*. Trad. Frederico dos Reis Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1946. Coleção Vidas extraordinárias. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

SALGARI, Emilio. *O prisioneiro dos pampas*. Trad. Julio Cesar da Silva. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

SCHMIDT, Affonso. *O assalto*. São Paulo: Clube do Livro, 1948.

SCHMIDT, Affonso. *A Vida de Paulo Eiró*. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1940. (Possui assinatura do sapateiro com data de 14 de setembro de 1940)

SCHMIDT, Affonso. *A marcha*. Romance da Abolição. São Paulo: Editora Anchieta Limitada, 1941. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

SEGISMUNDO, Fernando. *História Popular da Revolução Praieira*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1949.

SHOSKES, Henry. *Viagem sem regresso*. Trad. Alvaro Costa. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, 1946. Coleção Documentos Humanos - Nº 3. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

SHOLOKHOV, Mikhail. *O Don Silencioso*. Trad. Costa Neves. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica "O Cruzeiro" S. A., 1945. \*Recorte de jornal entre as páginas 180 e 181.

SIMON, Saint. *A corte de Luiz XIV: Memórias de um cortesão*. Trad. Miroel Silveira e Isa Silveira Leal. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.

SIMONE, André. *A derrocada de uma nação: A história íntima dos homens que traíram a França*. Trad. Noel Madeira. Porto Alegre: Edições Meridiano, 1941.

SINCLAIR, Upton. *O fim do mundo*. Trad. Lucio Cardoso. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1941. Coleção Fogos Cruzados - Nº 5. \*Assinatura "Antonio Rocha" Pguá, 14/8/1942

SINCLAIR, Upton. *O caminho da perdição*. Trad. Olívia Krahenbul e Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Empresa gráfica "O cruzeiro", 1945.

SILVA, Gastão Pereira da. *Brigadeiro Eduardo Gomes*. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, 1945.

SILVEIRA, Valdomiro. *Leréias: Histórias contadas por elles mesmos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945. \*Anotação em papel, página 13. Parte do livro com páginas grudadas.

SILVEIRA, Brenno. *Pequena História da Literatura Norte-Americana*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

SMITH, Lillian. *Fruta Estranha*. Trad. Lígia Junqueira Smith. Rio de Janeiro: Edição da livraria do Globo, 1945. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

SOMERSET MAUGHAM, W. *Servidão Humana*. 4ª ed. Trad. Antonio Barata. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1944.

SOMERSET MAUGHAM, W. *História dos Mares do Sul*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1946.

STALIN, J. *O Marxismo e o problema nacional e colonial*. Trad. Brasil Gerson. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1946. Coleção Unidade. \*Marcação na página 71, 77, 81, 82.

STEINBECK, John. *Ratos e Homens*. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1940. \*Carimbo "Livraria Costa Pedroni"

STEINBACK, John. *As Vinhas da Ira*. Trad. Ernesto Vinhaes e Herbert Caro. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1940. \*Assinatura "Antonio Rocha" no final do livro.

STEINBECK, John. *Caravana de destinos*. Trad. Sylvia Mendes Cajado. São Paulo: Editora Universitária Ltda., 1945. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

STEVENSON, Robert Louis. *O médico e o monstro*. Trad. Orlando Rocha. São Paulo: Editora Universitária, 1942. \*Etiqueta "livraria A noite" Curitiba".

STEVENSON, Robert Louis. *A ilha do tesouro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946. Coleção "terramarear".

STEVERS, Martin. *A inteligência através dos séculos*. Trad. Paulo Moreira da Silva. Rio de Janeiro: Edição da Livrariado Globo, 1946.

STRANG, Herbert. *Mil milhas por hora*. Trad. Waldemar Cavalcanti. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1947. Coleção "Terramarear."

STRONG, Anna Louise. *A China Luta pela Liberdade*. Trad. Edson G. Dias. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1944.

SOUSA, Octavio Tarquinio de. *O pensamento vivo de José Bonifácio*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1945. Biblioteca do Pensamento Vivo. Nº 21.

SUE, Eugênio. *O Judeu Errante*. São Paulo: Companhia Brasil Editora, 1944. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

TABOUIS, Geneviève. *Chamavam-me de Cassandra*. 2ª ed. Trad. Fernando Tude de Souza. Rio de Janeiro: Editora Pan-americana, 1942. \*Assinatura "Felipe Chede" sem data. (fotos, página 170-171).

TENÓRIO D'ALBUQUERQUE, A. *Opressão Britânica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Gráfica Labor, 1941. \*Incompleto.

TERRAIL, Ponson du. *Rocamboles: O clube dos valetes de copas - segunda parte*. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, 1941. Vol. 5.

TERRAIL, Ponson du. *Rocamboles: As proesas de Rocamboles*. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, 1942. Terceira Parte - Volume 11.

THOMAS, Henry. *Maravilhas do conhecimento humano*. 4ªed. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Edição da Livraria do Globo, 1947

THOMAS, Henry. *Maravilhas do conhecimento humano*. 4ª ed. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Edição da Livraria do Globo, 1947. II Volume.

TSCHUPPIK, Walter. *Os Quislings: Os Cavalos de Tróia de Hitler*. Rio de Janeiro: sem editora, 1941.

TOLSTOI, Léon. *Guerra e Paz*. Trad. Gustavo Nonnenberg. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942. 2º volume.

TOLSTOI, Léon. *Guerra e Paz*. Trad. Gustavo Nonnenberg. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1942. 1º volume. Coleção Biblioteca dos Séculos. \*Marcação nas páginas 252, 253, 255, 287, 298, 299, 313, 351, 410, 422, 426.

TOLSTOI, Leon. *Polikuchka*. Trad. Henrique Cordeiro. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1944. Coleção Grandes Mestres da Literatura.

TOLSTOI, Alexei; SINGER, Henry A.; GREKOV, B. D.; TARLÉ, E. V.; ORBELI, L. A.; ALEXANDROV, Paulo; KHOLMOGOROV, Andrei; VARSANOFIEVA, Vera; LISENKO, T. D.; TIKHNOV, Nikolai; POZHARSKY, A. *A Cultura Soviética*. Trad. Paim Junior. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1945. (Possivelmente leu os dois primeiros capítulos, a partir do terceiro capítulo, as páginas estão a serem destacadas).

TOLSTOI-ESSENINA, S; SCHEGOLVA, M. *A Fúria Nazista contra L. Tolstói. Os dias sombrios de Ia'Snaia Poliana*. Rio de Janeiro: Edições Horizonte, 1945. Coleção "A Guerra dos Povos" – "As Grandes Reportagens da Guerra", nº 4. (Possui marcador de página com anotação, p. 47).

TWAIN, Mark. *As aventuras de Huck: Companheiro de Tom Sawyer*. 3ª ed. Trad. Alfredo Ferreira. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1954. \*Assinatura "Lauro Souza".

VARELA, Fagundes. *Cantos e Fantasmas - Cantos Meridionais - Cantos do Ermo e da cidade*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, 1943. Coleção "Grandes Poetas do Brasil" - Obras completas. \*marcador de página, 34-35. Anotação em papel, páginas 208-209.

VIEIRA, José Geraldo. *A quadragésima porta*. Porto Alegre: Edição da livraria do Globo, 1943.

VIEIRA, José Geraldo. *A Túnica e os Dados*. São Paulo: Livraria do Globo, 1947. \*Páginas grudadas e livro danificado, provavelmente não foi lido na íntegra.

VILA, Vargas. *A loucura de Job*. Trad. Galvão de Queiroz. São Paulo: Editora Prometeu, 1946. Coleção "Eros". (Romance) \*Anotação em papel, entre as páginas 8-9.

VIRTA, N. *Solidão: romance soviético*. Trad. Jorge Amado. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945. Coleção "ontem e hoje" Vol. 9.

VIVEIROS, Esther M. P. C. de. *Apelo à Mulher*. Rio de Janeiro: Jornal do Comercio – Rodrigues, 1945.

VOLTAIRE. *A Princesa de Babilonia*. Trad. A. Bezerra de Menezes Neto. Rio de Janeiro: Edições do Povo: 1946.

VORONOFF, Serge. *Do cretino ao gênio*. Trad. Eduardo de Lima Castro. Rio de Janeiro: irmãos Pongetti, 1945. Coleção "Pensamento e Vida".

WARSHOW, Robert Irving. *História da Bolsa de Nova York*. Trad. Cássio Fonseca. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1944. Coleção Ontem e Hoje - Vol. 1.

WASILEWSKA, Wanda. *O arco-íris*. Trad. Esmaragdo Marroquim e Valdemar Cavalcanti. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica O cruzeiro, 1945.

WALTARI, Mika. *O Egípcio*. 11ª ed. Trad. José Geraldo Vieira. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Brasileira, 1949.

WEBB, Sidney; WEBB, Beatrice. *URSS: Uma nova civilização*. Trad. Luis C. Afilhado e Edison G. Dias. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1945. 3º VOLUME.

WEBB, Sidney; WEBB, Beatrice. *URSS: Uma nova civilização*. Trad. Luis C. Afilhado e Edison G. Dias. Rio de Janeiro: Editorial Calvino Limitada, 1945.

WREN, P. C. *Beau Sabreur*. Trad. José Baptista da Luz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

YUTANG, Lin. *Momento em Pekim*. Trad. Gulnara Moraes Lobato e Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941. Biblioteca do Espírito Moderno - Literatura - Vol. 9. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 11/8/1941. Parte do livro com páginas grudadas.

ZOLA, Emilio. *O sonho*. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, 1940. \*Assinatura "Lauro Souza". Carimbo "Livraria Magazine".

ZWEIG, Stefan. *Maria Antonieta*. Trad. Medeiros e Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Waissman, Koogan, 1942.

ZWEIG, Stefan. *Os caminhos da verdade: Américo Vespúcio - Erasmo de Rotterdam*. Trad. Cláudio G. Hässlocher e Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1943.

Década de 1950:

ABREU, Casimiro de. *Obras*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956. Coleção de Textos da Língua Portuguesa Moderna. \*Papel com pequena catalogação de livros, 122-123.

ALBERT, Charles. *O amor livre*. Trad. Manuel Ribeiro. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953.

ALENCAR, José de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda., 1958. Volume II - Romance Histórico.

ALENCAR, José. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1958. Vol. III.

ALPHONSUS, João. *Totônio Pacheco*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1955. Coleção Contemporânea Nº 8. (Romance)

A LITERATURA NO BRASIL. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955. Volume I. Tomo I. Direção Afrânio Coutinho.

A LITERATURA NO BRASIL. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1955. Volume II. Tomo I. Direção Afrânio Coutinho. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

AMADO, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954. Volume 2. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.



ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956. Coleção Obras Completas de Mário de Andrade - Nº 4.

ANDRADE, Mário de. *Os contos de belazarte*. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956. Coleção Obras Completas de Mário de Andrade - Nº 5.

ANDRÉE. *A mulher e a vida conjugal*: O que toda mulher não tem o direito de ignorar. 2ª ed. Trad. Ferdinanda Monteiro. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 8.

ANGELLOZ, J. F. *A Literatura Alemã*. Trad. Carlos Ortiz. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1956. Coleção "Saber Atual".

ANJOS, Cyro dos. *O amanuense belmiro* - Abdias. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957. 2 romances. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

ASSIS, Machado de. *Contos Recolhidos*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1956. \*Anotação em papel, entre as páginas 90-91.

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1955. Coleção Obras Completas de Machado de Assis.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Ressureição*. Rio de Janeiro/São Paulo/ Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editores, 1955. Coleção "Obras Completas". \*Marcador na página 139.

ASSIS, Machado de. *Histórias sem data*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson INC., 1952. Coleção Obras Completas de Machado de Assis.

ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. Editore, 1952.

ASSIS, Machado de. *Crítica Teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc, 1955. Coleção Obras Completas de Machado de Assis. \*Marcador de página 156-157. Algumas páginas grudadas.

ASSIS, Machado de. *Páginas Recolhidas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

AS MAIS BELAS POESIAS BRASILEIRAS DE AMOR. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1950. \*Incompleto

AZEVEDO, Aluizio. *O Mulato*. 13ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia, 1951. \*Recorte de jornal com anotação e como marcador de página, 302-303. Assinatura "Antonio Rocha" sem data.

AZEVEDO, Aluísio. *Casa de Pensão*. 11ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet e Cia, 1951. \*Parte do livro com páginas grudadas.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

AZEVEDO, Aluísio. *O Homem*. 10ª ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & CIA, 1951. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

BALAZS, Bela. *Estética do Filme*. Trad. Armindo Blanco. Rio de Janeiro: Edições Verbum, 1958. Coleção Sétima Arte. Nº 1.

BARBOSA, Rui. *Tribuna Parlamentar: República*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1955. Obras Seletas Volume IV. \*Páginas grudadas, possivelmente não lido.

BARBOSA, Rui. *Campanhas Jornalísticas: República (1893 - 1899)*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956. Coleção obras seletas de Rui Barbosa - VII. 2º volume. \*Marcador de página, 19. Ficha de filiação partidária, entre as páginas 128-129.

BARBOSA, Rui. *D. Pedro II e Francisco de Castro*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. Coleção Rui - Nº 17.

BARBOSA, Rui. *Tribuna Parlamentar: Império*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1955. Obras Seletas Volume I. \*Parte do livro com páginas grudadas, possivelmente não lido.

BARBOSA, Rui. *Elogio de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953. Coleção Rui - Nº 3.

BARRETO, Lima. *Vida Urbana*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956. \*Páginas grudadas a partir da 185, provável que não continuou a leitura.

BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956

BEY, Essad. *A luta pelo petróleo*. Trad. Charley W. Frankib. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1953.

BEK, Alexandr. *A estrada de Volokolamsk*. Trad. Gilda Linhares e Ouvar Davet. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. Coleção Romances do Povo. Vol. XIII.

BOGOMOLETS, Alexander A. *Vencendo a Velhice*. Trad. José Dias de Moraes. São Paulo: Edições Zumbi Ltda., 1958. Coleção "Cultura Moderna" nº 2.

BUENO, Silveira. *Pelos Caminhos do Mundo*. 2ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1956.

BUTLER, Samuel. *Caminho da Vida*. 2ª ed. Trad. Leyguarda Ferreira. Lisboa: Edição Romano Torres, 1957. \*Anotação em papel, página 186-187.

CAHEN, Jacques-Fernand. *A literatura americana*. Trad. Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1955.

CAMPOS, José. *Um brasileiro na União Soviética: Impressões de viagem*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

CANTU, Césare. *História universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. Volume V.

CANTÚ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1955. 2º volume.

CANTÚ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. 4º volume.

CANTÚ, Cesare. *História Universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. 7º volume.

CANTU, Césare. *História universal*. São Paulo: Editora das Américas, 1954. Volume VIII.

CARLOS, Lâsinha Luis. *A terra vai ficando ao longe*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1956. Vol. II.

CARLOS, Lâsinha Luís. *A terra vai ficando ao longe*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições O cruzeiro, 1957. Coleção Aurora - Nº 17. 1º vol.

CARDOSO, Lucio. *Maleita*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1953.

CHAO-TSI, Liu. *A Luta Interna no Partido*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1952.

CHAUCHARD, Paul. *A linguagem e o pensamento*. Trad. Carlos Ortiz. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1957. Coleção Saber Atual.

COELHO NETTO. *Mano*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora, 1956.

Coleção “Os Audazes”. *Os Cavaleiros da Távola Redonda*. 2ª ed. Trad. Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.

Coleção “Os Audazes”. *Os Cavaleiros da Távola Redonda*. 2ª ed. Trad. Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1958.

Coletânea do Magazine Digest. Ano I, nº 10, julho de 1952, Rio de Janeiro.

Coletânea do Magazine Digest. Ano II, nº 18, março de 1953, (possui texto anticomunista)

Coletânea do Magazine Digest. Ano II, nº 23, agosto de 1953.

Coletânea do Magazine Digest. Ano III, nº 25, outubro de 1953.

COLETÂNEA DO MAGAZINE DIGEST. São Paulo: Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1954. Ano III - Nº 32, maio.

COLETÂNEA DO MAGAZINE DIGEST. São Paulo: Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1952. Ano II - Nº 15, dezembro.

COLETÂNEA DO MAGAZINE DIGEST. São Paulo: Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1954. Ano III - Nº 29, fevereiro.

COLETÂNEA do Magazine Digest. Ano 3 - Nº 31 - Abril 1954. Rio de Janeiro.

COLETÂNEA do Magazine Digest. Ano 1 - Nº 5 - Fevereiro de 1952 - Rio de Janeiro.

COLETÂNEA do Magazine Digest. Ano 2 - Nº 14 - Novembro de 1952 - Rio de Janeiro.

COLETÂNEA DO MAGAZINE DIGEST. São Paulo: Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1953. Ano II - Nº 21, Junho.

COLETÂNEA DO MAGAZINE DIGEST. São Paulo: Soc. Gráfica Vida Doméstica Ltda., 1952. Ano I - Nº 12, Setembro.

COOPER, Fenimore. *O corsário vermelho*. 3ª ed. Trad. Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959. Coleção Terramarear - Volume 9.

CORTÁZAR, Júlio. *Bestiário*. Trad. Remy Corga Filho. São Paulo: Edibolso, 1951.

COUÉ, Emile. *O Domínio de si mesmo pela auto-sugestão consciente*. 8ª ed. Trad. Humberto Bevilacqua. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1956.

DEZONNE PACHECO FERNANDES, M. *Sinhá-Moça*. 4ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953. \*Marcação nas páginas 145, 146,

DIGESTO ECONÔMICO. São Paulo: Editora Comercial Ltda., Nº 134 Março/abril de 1957 - Ano XIII.

ERCKMANN-CHATRIAN. *Waterloo*. Trad. Augusto Sousa. São Paulo: Edição Saraiva, 1958.

ERCKMANN-CHATRIAN. *O recruta de Napoleão*. Trad. Augusto Sousa. São Paulo: Edição Saraiva, 1958.

EHREMBURG, Ilya. *A tempestade*. Trad. Guttorm Hansen. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954. 2º volume. Coleção Romances do povo. Volume IX.

EHREMBURG, Ilya. *A Tempestade*. Trad. Guttorm Hansen. Rio de Janeiro: Ed. Vitória Ltda, 1954. V.II (Coleção "Romances do Povo").

EU SEI TUDO. Magazine mensal ilustrado. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, março de 1957. Nº 10. Ano 40.

FARIA, Américo. *Dez Piratas temíveis*. Lisboa: Livraria Clássica, 1957. Coleção Dez.

FAST, Howard. *A Tragédia de Sacco e Vanzetti*. Trad. Antonio Bulhões. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda, 1955. Coleção Romances do Povo Vol. XIV.

FAST, Howard. *Espartaco*. Trad. Tati de Moraes. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda, 1955. Coleção Romances do Povo Vol. X.

FÉDIN, Konstantin. *Primeiras Alegrias*. Trad. Luiz Papi. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. Coleção Romances do Povo - Vol. XV.

FOUQUÉ, Charles. *Homossexualismo: O amor que não ousa dizer seu nome*. 2ª ed. Trad. Carvalho Macedo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-sexuais. Vol. 9.

FOUQUÉ, Charles. *Os sentidos e o sexo*. 2ª ed. Trad. Leonor de Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-sexuais. Vol. 4.

FOUQUÉ, Charles. *Amor e Virgindade*. 2ª ed. Trad. Miroel Silveira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 13.

FOUQUÉ, Charles. *O Amor e a Ciência*. 2ª ed. Trad. Miroel Silveira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 12.

FOUQUÉ, Charles. *O Amor Negro*. 2ª ed. Trad. Miroel Silveira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 11.

FOUQUÉ, Charles. *O Ato Essencial*. 2ª ed. Trad. Carvalho Macedo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 10.

FOUQUÉ, Charles. *A mulher nua: Diante do artista, do médico e do homem comum*. 2ª ed. Trad. Carvalho Macedo. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 7.

FOUQUÉ, Charles. *Ensaio sobre o amor*. 2ª ed. Trad. Leonor de Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 3.

FOUQUÉ, Charles. *Nós dois e o sexo: O que todo casal deve saber - ensaio sobre a higiene conjugal e a procriação voluntária*. 2ª ed. Trad. Julio Fraga. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-Sexuais. Vol. 1.

GARCIA LORCA, Federico. *Romanceiro Gitano*. Trad. Afonso Felix de Sousa. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957.

GIANNOTTI, Pedro. *Protesto! A sociedade transformou-se num monstro*. São Paulo: Editora Fulgor, 1958. \*Algumas páginas estão grudadas.

IGLEZIAS JANEIRO, J. *A arte de falar e escrever para o público*. Trad. Julio de Almeida. São Paulo: Livraria Editora Antonio de Carvalho, 1953. Biblioteca de Cultura Popular.

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO DE PARANAGUÁ. Revista trimestral. Paranaguá: Janeiro a junho de 1958. Nº 13 - Ano II.

JEANNE, Jacqueline. *As noivas e o sexo: O que toda moça deve saber*. 2ª ed. Trad. Julio Fraga. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958. Coleção estudos Psico-sexuais. Vol. 6.

KAHN, Fritz. *O Corpo Humano*. 3ª ed. Trad. L. Mendonça de Barros. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1951.

KALÍNIN, M. I. *A educação comunista: Discursos e artigos escolhidos*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954.

LALOU, René. *O Romance Francês: A partir de 1900*. Trad. Hermilo Borba Filho. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1955. Coleção "Saber Atual". Nº 26.

LEMME, Paschoal. *A educação na URSS: 1953*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1956. \*Parte do livro com páginas grudadas.

LONDON, Jack. *Caninos Brancos*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954. Coleção Terramarear. Volume 12.

LUZ, José Baptista da. *Português para o curso técnico: Terceiro Ano*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951

LUZ FILHO, Fábio. *Os pronomes oblíquos - O emprêgo do infinito*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1956. \*assinatura "Olaya Antunes"

MACHADO, Anibal M. *Cadernos de João*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Machado de Assis desconhecido*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957. \*Incompleto.

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Editora Monterrey: 1957. nº 9. O extermínio da caveira.

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Editora Monterrey, 1957. nº 8. Serra do Ouro

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Editora Monterrey: 1957. nº 12. A marca do "cobra".

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Rio de Janeiro: Editora Monterrey, 1958. Nº 18. O diabo em Los Angeles.

MALLORQUI, J. *O coyote*. Rio de Janeiro: Editora Monterrey, 1957. Nº 1. A justiça do Coyote.

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Rio de Janeiro: Editora Monterrey, 1958. Nº 28. Quando o "coyote" castiga.

MARTINS, Ivan Pedro de. *Do campo e da Cidade*. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1955. \*Parte do livro com páginas grudadas.

MARX; ENGELS; LENIN; STALIN et all. *Imperialismo*. Rio de Janeiro: Calvino Filho editor, 1952. Tomo IV.

MARX; ENGELS; LENIN; STALIN et all. *Imperialismo*. Rio de Janeiro: Calvino Filho editor, 1951. Tomo II.

MARX; ENGELS; LENIN; STALIN et all. *Imperialismo*. Rio de Janeiro: Calvino Filho editor, 1952.

MAUL, Carlos. *A Marquesa de Santos*: Seu drama e sua época. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Império, 1957.

MAUPASSANT, Guy De. *Pedro e João*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

MENEZES, Raimundo de. *Aluísio de Azevedo*: Uma vida de romance. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.

MICHELET, Jules. *Joana D'arc*. 4ª ed. Trad. Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1951.

MIRA Y LOPEZ, Emilio. *Quatro gigantes da alma*: O medo, o amor, a ira, o dever. 5ª ed. Trad. Claudio de Araujo Lima. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

MOLIÈRE (Jean-Baptiste Poquelin). *As preciosas ridículas e Sganarello* (O corno imaginário). Trad. Miécio Táci. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira, 1957. Coleção Obras Imortais. Volume 14.

NASCENTES, Antenor. *A gíria brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1953. Coleção Biblioteca Brasileira de Filologia. Nº 3. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

OSORIO, Laci. *Legendas*. Porto Alegre: Cadernos da Horizonte, 1953.

OS CAVALEIROS DA TÁVOLA REDONDA. Trad. Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1954. Coleção "Os audazes". \*Assinatura "Lauro Souza"

PACHECO, Jacy. *O Cantor da Vila*: Documentos e episódios inéditos da vida de Noel. Rio de Janeiro: Edições Minerva, 1958. (Marcador de página, p. 14-15, "Jânio vem aí...")

PACHECO, Jacy. *O cantor da vila: Documentos e episódios inéditos da vida de Noel*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, 1958.

PAIM, Alina. *A Hora Próxima*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda, 1955. Coleção Romances do Povo, v. XI. Direção de Jorge Amado.

PALMÉRIO, Mário. *Vila dos Confins*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.

PAVLENKO, Piotr. *A felicidade*. Trad. Ricardo Ramos e Antonio Bulhões. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. Coleção Romances do Povo - Vol. XII.

PEQUENINA. Revista Mensal. Rio de Janeiro: Editora Brasil-América, dezembro de 1957. Nº 45.

PEREIRA, Armindo. *Flagelo*. Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1954.

PERUFFO, Italino. *O Órfão*. Porto Alegre: Editora Thurmann, 1955. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

PLEKHÂNOV, G. *A concepção materialista da história: O papel do indivíduo na história*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1956. Coleção da Biblioteca da Nova Cultura - Vol. III.

PLEKHANOV, G. *A arte e a vida social*. Trad. Ary de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda., 1955. \*sublinhado nas páginas 42, 43, marcador de página, 83.

POLEVÓI, Boris. *Um homem de verdade*. Trad. Nair Batista Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1953. Coleção Romances do Povo.

PRESTES. Edição comemorativa do ano do trigésimo aniversário do P. C. B. 1952.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Ano 4 - Jan-Fev de 1951. Nº 32.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Jan-Fev de 1952. Nº 38. Rio de Janeiro.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Set-Out de 1952. Nº 42. Rio de Janeiro.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Setembro de 1953. Nº 49. Rio de Janeiro.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Agosto de 1955. Nº 69. Rio de Janeiro.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Nov-Dez de 1955 - Nº 71. Rio de Janeiro.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, outubro de 195. Nº 62.



PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, Nov-Dez de 1950. Nº 31.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, Set-Out de 1951. Nº 36. \*Papel rasgado como marcador de página, 16-17, no papel está escrito "abraça-te o mano - Ponta Grossa, 18 de julho de 1949.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, Mar-Abr de 1952. Nº 39.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura política. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, nov-dez de 1951. Nº 37.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, maio/junho de 1952. Nº 40. \*Marcação nas páginas 17, 18, 23, 27, 28, 29, 87.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, agosto de 1953. Nº 48

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, outubro de 1950. Nº 30

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, junho de 1950. Nº 27 Ano 3.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, julho de 1950. Nº 28.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, fevereiro de 1954. Nº 54. \*Marcação nas páginas 66, 67, 68, 70, 80, 82, 83, 84.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, agosto-setembro de 1950. Nº 29.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, maio de 1950. Nº 26.

PROBLEMAS. Revista mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, outubro de 1953. Nº 50.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, Mar-Abr de 1951. Nº 33.

PROBLEMAS. Revista Mensal de Cultura Política. Rio de Janeiro: Editora Vitória, mar-Abr de 1950. Nº 25.

Revista mensal de Cultura Política Problemas, Rio de Janeiro, nº 32, jan-fev de 1951, ano 4. Editora Vitória, Direção de Diógenes Arruda.

Revista mensal de Cultura Política Problemas, Rio de Janeiro, nº 35, jul-ago de 1951, Editora Vitória, Direção de Diógenes Arruda.

Revista mensal de Cultura Política Problemas, Rio de Janeiro, nº 58, junho de 1954, Editora Vitória, Direção de Diógenes Arruda.

Revista mensal de Cultura Política Problemas, Rio de Janeiro, nº 65, março de 1955, Editora Vitória, Direção de Diógenes Arruda.

Revista mensal de Cultura Política Problemas, Rio de Janeiro, nº 70, set-out de 1955, Editora Vitória, Direção de Diógenes Arruda.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. 1º volume.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere: Colônia Correccional*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. 3º volume.

RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere: Casa de Correção*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953. 4º volume.

REMARQUE, Erich Maria. *Centelha de vida*. Trad. Beatriz-Sylvia Romero Porchat. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954. (Romance). \*marcador de página, 31. Parte do livro com páginas grudadas, a partir da 45.

REMARQUE, Erich Maria. *E assim acaba a noite: Náufragos*. Trad. Rachel de Queiroz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1952. (Romance)

REVISTA DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS. Nº 76. São Paulo. Dezembro de 1956/Março de 1957.

RODRIGUES, Nina. *A Tróia Negra: Erros e Lacunas da História de Palmares*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1954. Série miniatura, nº22.

ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

ROUMAIN, Jacques. *Donos do orvalho*. Trad. Emmo Duarte. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1954. Coleção Romances do povo - Volume V.

SABATINI, Rafael. *Mascarada Veneziana*. Trad. Marina Guaspari. Rio de Janeiro: Editora vecchi, 1950. Coleção "Os mais belos romances".

SADOUL, Georges. *A vida de Carlitos: Charles Spencer Chaplin, seus filmes e sua época*. Trad. Mário Mendes de Moura. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, 1952.

SADOUL, Georges. *O cinema: Sua arte, sua técnica, sua economia*. Trad. Luiz e Thais L. de Vasconcelos. Rio de Janeiro: Livraria-editora da Casa do Estudante do Brasil, 1951.

SANTELMO, Amador. *Os mistérios do Rio de Janeiro: O automóvel da Morte*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Edição de "A modinha popular", 1957.

SANTOS AZEVEDO, Francisco Ferreira dos. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1950.

SCOTT, Walter. *Ivanhoé*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956.

SELEÇÕES BRASILEIRAS. São Paulo: Junho de 1957. Nº 15.

SERAFIMOVITCH, Alexandr. *A torrente de ferro*. Trad. Glauce Rocha. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1956. Coleção "Romances do Povo". Vol. XVI. Direção de Jorge Amado.

SIOMÚCHKIN, Tikhon. *O Grande Norte*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda, 1954. Coleção Romances do Povo.

SOKOLOFF, Boris. *O Ciúme: Um estudo psiquiátrico*. Trad. Amália Machado Costa Lôbo. Rio de Janeiro: Edições O cruzeiro, 1954. \*Marcador de página com anotação, página 18-19.

SOKOLOFF, Boris. *Doenças da Civilização*. Trad. Antonio da Silva Garcia. Rio de Janeiro: Edições O cruzeiro, 1954. \*Parte do livro com páginas grudadas.

SOMERSET MAUGHAM, W. *Don Fernando*. Trad. Homero de Castro Jobim. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1958.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O rei dos ladrões*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1959. Coleção Fantômas. Nº 12.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A Prisão de Fantomas*. Lisboa: Editorial Dois Continentes, 1953. Nº 11.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O polícia apache*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização editora, 1959. Coleção Fantômas.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A mão decepada*. Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial dois continentes, 1953. Coleção Fantômas. Nº 10.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O fiacre da morte!* Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial Dois Continentes, 1953. Coleção Fantômas. Nº 9.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A evadida de Saint-Lazare*. Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial Dois Continentes, 1954. Coleção Fantômas. Nº 15.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A Gravata de Cânhamo*. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1957. Coleção Fantômas Nº 31.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O caixão vazio*. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1957. Coleção Fantomas. Nº 25.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *Nas garras de fantômas*. Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial Dois Continentes, 1952. Coleção Fantômas. Nº 5.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O fim de fantômas*. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1958. Coleção Fantômas. Nº 32.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O casamento de fantômas*. Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial Dois continentes, 1954. Coleção Fantomas. Nº 17

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O comboio perdido*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1959. Coleção Fantômas - Nº 21.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A morte de Juve*. Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial Dois Continentes, 1954. Coleção Fantomas - Nº 14.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A desapareição de Fandor*. Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial Dois Continentes, 1954. Coleção Fantômas - Nº 16.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *As flores trágicas*. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1957. Coleção Fantomas - Nº 23.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O enforcado de Londres*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1959. Coleção Fantômas - Nº 7.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O cadáver gigante*. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1957.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *Fantômas*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Editorial Dois Continentes, 1956. Coleção Fantômas - Nº 1.

STALIN, J. V. *Problemas Econômicos do Socialismo na U. R. S. S.* Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1953.

STERNFELD, A. *O Vôo no espaço cósmico*. Trad. Barreto Borges. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1957. Coletanea Estudos Científicos - Nº 3.

TCHERTKOV, V. P; MOLODTSOV, V. S; TROCHIN, D, M; MOROZ, K. V; KALOCHIN, F. I; OVTCHIN-NIKOV, N. F; BELOV, P. T; GAIDVKOV, I. G; LEONOV, M. A. *Materialismo Dialético*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1955. \*Anotação em papel.

TERRAIL, Ponson Du. *Os Quatro Cavaleiros da Noite*. 3ª ed. Trad. Félix Vieira. Lisboa: Edição Romano Torres, 1955.

TOSCA, Eugênio. *Metamorfose*. Curitiba: Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba, 1950.

TRAJANO, Antônio. *Aritmética Elementar*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1956.

VALERIUS, Victor. *Consolidação das Leis do Trabalho*. 14ª Ed. Rio de Janeiro: Sem editora, 1957.

VERNE, Júlio. *Aventuras do Capitão Hatteras*: Segunda parte - O deserto de Gelo. 11ª ed. Trad. P. M. V. Rio de Janeiro: Editora Paulo de Azevedo, 1959.

VERNE, Julio. *Aventuras do Capitão Hatteras*: Primeira parte - Os ingleses no Pólo Norte. 11ª ed. Trad. P. M. V. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1959.

VERÍSSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*: O Continente. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1952.

VERÍSSIMO, José. *Crítica por Olívio Montenegro*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.

Vida Doméstica. Ano I, nº 3, dezembro de 1951.

VITÓRIA, Luiz A. P. *Aprenda a falar e a escrever corretamente sua língua*. Rio de Janeiro: Edição da "Organização Simões", 1953.

WILDE, Oscar. *Salomé*. Trad. João do Rio (Paulo Barreto). Rio de Janeiro: Livraria Império, 1958.

Década de 1960:

ALMANAQUE DO PENSAMENTO. Astrológico e literário. São Paulo: Editora Pensamento, 1967.

ALMEIDA, José de. *Alguns problemas de nossa língua*: Que, quem, qual, etc. São Paulo: Editora Obelisco, 1964.

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. 20ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

ANDRADE, Mário de. *Música, doce música*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963. Coleção Obras completas de Mário de Andrade. Vol. VII. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido inteiro.

ARAÚJO JORGE, J. G. de. *Os mais belos sonetos que o amor inspirou*. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1961

ARRAES, Miguel. *O povo no poder: Discurso do governador Miguel Arraes (22/05/1963)*. São Paulo: Editora Fulgor, 1963. Coleção Universidade do Povo. Nº 12.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 1. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 2. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 3. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 4. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 5. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 6. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 7. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 8. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 9. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 10. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 11. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 12. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 13. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 14. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

ARTE NOS SÉCULOS. Da pré-história ao classicismo. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Volume I. \*Possui apenas a folha de rosto, a "apresentação" e o índice.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 56. São Paulo: Abril Cultural, 1969.

AZEVEDO, Aluísio. *Filomena Borges*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.

AZEVEDO, Aluísio. *O coruja*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1963. Coleção Obras completas.

AZEVEDO, Alvares de. *Noite na Taverna*. Rio de Janeiro: BUP editora, 1963. Biblioteca Universal Popular Vol. 10. (Ficção nacional).

BAILBY, Edward. *Que é o Imperialismo?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. Vol. 17. (Cadernos do Povo Brasileiro)

BARBOSA, Osmar. *A crase: de acordo com as classes das palavras*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.

BURROUGHS, Edgar Rice. *O filho de Tarzan*. 7ª ed. Trad. Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968. Coleção "Terramarear", Volume 24.

CHAGAS, Candido Gomes. *Comunistas e Pelêgos derrubaram João Goulart*. Sem cidade: Sem editora, 1964.

CHESSMAN, Caryl. *O Garoto era um Assassino*. São Paulo: Palácio do Livro, 1960.

CHESSMAN, Caryl. *A face cruel da justiça*. Trad. Rubens Veras. São Paulo: Distribuidora Paulista de Jornais, Revistas, Livros e impressos Ltda., 1960.

CONHECER. Nº 116 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 117 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 118 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 119 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 120 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 106 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 107 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 108 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 109 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 110 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 111 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 31 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 32 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 33 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 34 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 35 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 36 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 37 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 38 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 39 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 40 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 41 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 42 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 43 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 44 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 45 - Vol. 3. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 78 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 76 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 77 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 79 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 80 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 81 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, 1968.

CONHECER. Nº 83 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, 1968.



CULLMANN, Oscar. *Cristo e Política*. Trad. Marina Bandeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

DAVIS, Bette. *O Caminho da Glória: A vida intensa da grande atriz, contada por ela mesma*. Trad. Stella Martins Paredes. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1943. \*Carimbo "Livraria Costa Pedroni" Paranaguá.

DESBORDES, Jean. *O Verdadeiro Rosto do Marquês de Sade*. Trad. Frederico dos Reis Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1968.

DUARTE, Sérgio Guerra. *Por que existem analfabetos no Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963. Cadernos do Povo Brasileiro. Vol. 18.

É A BÍBLIA realmente a Palavra de Deus? São Paulo: Torre de Vigia/watchtower, 1969.

É A BÍBLIA REALMENTE A PALAVRA DE DEUS? New York: Watchtower Bible and tract society of New York, Inc., 1969.

FLEMING, Ian. *Terror no Caribe*. Trad. João Corrêia Sá. São Paulo: Bestseller, 1960

FONSECA, Gondin da. *Os Gorilas, O Povo e a Reforma Agrária: Manifestos dos Bispos do Brasil*. São Paulo: Editora Fulgor, 1963.

FONSECA, Gondin da. *Guerra de Guerrilhas*. São Paulo: Editora Fulgor, 1963. Coleção Universidade do Povo - Nº 1.

FONSECA, Gondin da. *Assim falou Julião...* . São Paulo: Editora Fulgor, 1962.

FONSECA, Gondin da. *Machado de Assis e o Hipopótamo: Uma revolução biográfica*. 5ª ed. São Paulo: Editora Fulgor, 1961. \*Anotações na folha de rosto

FONSECA, Gondin da. *Camões e Miraguarda: Uma biografia interpretativa*. São Paulo: Editora Fulgor, 1961.

FRASER BOND, F. *Introdução ao Jornalismo: Uma análise do quarto poder em todas as suas formas*. 2ª ed. Trad. Cicero Sandroni. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1962. \*Parte do livro com páginas grudadas, provavelmente não foi lido inteiro.

GÊNIOS DA PINTURA. Rembrandt. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 3.

GÊNIOS DA PINTURA. Fra Angelico. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 14.

GÊNIOS DA PINTURA. Portinari. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 6.

GÊNIOS DA PINTURA. Bruegel. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 23

- GÊNIOS DA PINTURA. Diego Rivera. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 20.
- GÊNIOS DA PINTURA. Van Eyck. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 12
- GÊNIOS DA PINTURA. Giotto. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 9.
- GÊNIOS DA PINTURA. Konrad Witz. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 16.
- GÊNIOS DA PINTURA. Rubens. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 8.
- GÊNIOS DA PINTURA. Picasso. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 15.
- GÊNIOS DA PINTURA. Botticelli. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 11.
- GÊNIOS DA PINTURA. Leonardo da Vinci. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Vol. 2.
- GORDON, Noah. *O Rabino*. Trad. Rebecca Naslausky. Rio de Janeiro: Editorial Bruguera, 1968.
- GÓRKI, Maxím. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1962. Volume VII.
- GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Volume I. \*Assinatura na folha de rosto "Antonio Rocha e Baiano"
- GRAVES, Robert. *Eu, Claudius Imperador*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1962.
- GRIGORÓVITCH, D. V.; SALTIKÓV-CHTCHEDRÍN, M. I.; LIESKÓV, N. S. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1961. Volume III. \*Marcador de página com anotações. pág. 273.
- GUIA TURÍSTICO E INFORMATIVO DE PARANAGUÁ. Diretor Proprietário: Aziz Mansur. Março de 1960.
- GUIMARÃES, Vicente. *Bilac: História de um príncipe*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1968.
- GUILHERME, Wanderley. *Quem dará o Golpe no Brasil?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.
- GUILHERME, Olympio. *A verdade sobre Roboré: Resposta ao parecer apresentado à Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos deputados pelo Sr. Gabriel Passos, para a anulação das Notas Reversais sôbre o aproveitamento do petróleo boliviano*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S. A., 1960.
- HAWTHORNE, Nathaniel. *Contos da Grécia Antiga*. 2ª ed. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965.

JEFFERSON, Thomas. *Escritos Políticos*. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: IBRASA, 1964.

JURANDIR, Dalcídio. *Primeira manhã*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.

KUPRÍN, A. I.; ANDRÉIEV, L. N.; SOLOGÚB, F.; VIERIESSÁEIV, N. V. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda., 1962. Volume VIII. \*Algumas páginas grudadas.

LENGYEL, Cornel. *Quatro dias de julho*. Trad. Neil R. da Silva. Velo Horizonte: Editora Itatiaia limitada, 1961.

LIÉRMONTOV, M. I.; PÍSSEMSKI, A. F.; TURGUIÊNIEV, I. S.; DOSTOIÉVSKI, F. M. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editoria Lux, 1961. Volume II

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Poesia e vida de Casimiro de Abreu*. São Paulo: Editora das Américas S. A. - Edamreis, 1965. \*Papel com anotação, entre as páginas 110-11.

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Editora Monterrey, 1962. nº 90. Serra Branca.

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Editora Monterrey: 1961. nº 72. Sangue na Bacia do Rio Amarelo.

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Editora Monterrey: 1961. nº 77. Enteados do Ódio.

MALLORQUI, J. *O Coyote*. Rio de Janeiro: Editora Monterrey, 1961. Nº 76. A sepultura vazia.

Mallorqui, J. *O coyote*. Rio de Janeiro: Editora Monterrey, 1961. Nº 75. A volta do "cobra".

MÁMIN-SIBIRÁK, D. N.; KOROLIÊNKO, V. G.; GÁRCHIN, V. M. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda., 1962. Volume V.

MARQUES, Aguinaldo N. *De que morre o nosso povo?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963. Cadernos do Povo Brasileiro - Vol. 16.

MARX, K.; ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Limitada, 1963. Volume 3. \*Assinatura não legível com data de 14/08/67

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1968. Nº 75

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1968. Nº 76

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Nº 84

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Nº 85

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Nº 86

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Nº 87

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Nº 88

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Nº 89

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1969. Nº 90

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Nº 1

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Nº 2

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Nº 3

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Nº 4

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Nº 5

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Nº 6

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, 1967. Nº 7

MIGLIOLI, Jorge. *Como são feitas as greves no Brasil?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963. Cadernos do Povo Brasileiro, Vol. 13.

MIRANDA, M. A. T. *Vamos Todos Nacionalizar a Indústria Farmacêutica?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

MISTÉRIO MAGAZINE de Ellery Queen. Nº 132, Julho de 1960. Revista do Globo S. A. São Paulo.

MISTÉRIO MAGAZINE de Ellery Queen. Nº 142, Maio de 1961. Revista do Globo S. A. São Paulo.

MISTÉRIO MAGAZINE DE ELLERY QUEEN. Rio de Janeiro: Editora Globo, dezembro de 1960. Nº 137.

MISTÉRIO MAGAZINE DE ELLERY QUEEN. Rio de Janeiro: Editora Globo, fevereiro de 1961. Nº 139.

MORGAN, Charles. *A Fonte*. 2ª ed. Trad. Mario Quintana. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1963.

MONTEIRO, Sylvio. *Como atua o imperialismo Ianque?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963. Cadernos do Povo Brasileiro - Vol. 12.

NABUCO, Joaquim. *Minha Formação*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966. Coleção "Clássicos Brasileiros".

NASSER, David. *O Velho Capitão e outras histórias reais*. Rio de Janeiro: Edições O cruzeiro, 1961.

NERY, Adalgisa. *Retrato sem retoque*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963

NUNES, Danillo. *A Páscoa de Sangue*. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1969. \*Cartão sobre anistia. página 217.

O COYOTE. *O homem de nenhum lugar*, por J. Mallorqui. Nº 74, 1961. Rio de Janeiro: Editora Monterrey Ltda.

OLIVEIRA, Franklin de. *Revolução e Contra-Revolução no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1962.

OSIPOV, Alexander; KIRSANOVA, Inga. *Humanismo, Ateísmo: Princípios e Prática*. Trad. Daniel Campos. São Paulo: Argumentos, 1968. Páginas arrancadas: 19 até a 30

PAYNE, Robert. *Lawrence da Arábia*. Trad. Carlos Ramires. Rio de Janeiro: Editorial Bruges, 1961.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *O Novo Romance Francês*. São Paulo: Buriti, 1966. (Coleção Buriti, 13).

PICCHIA, Menotti Del. *Juca Mulato: Máscaras*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965.

PINHEIRO NETO, João. *Salário é causa de inflação?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1963.

PINTO, Alvaro Vieira. *Por que os ricos não fazem greve?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. Coleção Cadernos do Povo Brasileiro vol. 4.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 11, fevereiro/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 2, fevereiro/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Ano V- Nº 3 - Março de 1963. Rio de Janeiro.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 8, agosto/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 12, dezembro/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 9, setembro/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 10, outubro/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 1, janeiro/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro. \*Marcação nas páginas 4, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 22, 24, 28, 29, 80.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 5, maio/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro. \*texto entre as páginas 80-81.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 12, dezembro/1962, ano IV. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro. \*Marcação na página 37, 39, 118, 119, 120, 122, 123, 125, 126, 127, 129, 130, 131.

PROBLEMAS DA PAZ E DO SOCIALISMO. Revista teórica e de informação internacional. Nº 7, julho/1963, ano V. Diretor: Rui Facó, Diretor-Gerente: H. Cordeiro.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Quem é o povo no Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. Cadernos do Povo Brasileiro - Vol. 2.

PÚCHKIN, A. S.; GÓGOL, N. V. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1961. Volume I.

QUEVEDO, Oscar G. *A face oculta da mente*. 9ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1966.

RABELAIS, François. *Gargantua*. Trad. Aristides Lobo. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

RIBEIRO FILHO, Anibal. *Paranaguá na História de Portugal: Suas relações com a monarquia portuguesa*. Paranaguá: Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, 1967. \*Carimbo da prefeitura de Paranaguá. Dedicatória do autor para Antonio Rocha. Livro incompleto. Marcação na página 97.

RIÉMISOV, A. M.; ARTSIBÁCHEV, M. P.; BÚNIN, I. A.; EHRENBURG; I. G.; CHÊNIN, L. R.; TOLSTÓI, A. N.; FIÉDIN, K. A.; BÁBIEL, I. E.; CHÓLOKHOV, M. A.; PAUSTÓVSKI, K. G. *Antologia do conto Russo: Autores Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda, 1962. Volume IX.

ROTH, Philip. *Complexo de Portnoy*. 3ª ed. Trad. Cezar Tozzi. São Paulo: Edibolso, 1969.

SABATINI, Rafael. *A Grande Conspiração*. Trad. Paulo Nasser. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1961. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

SADOUL, Georges. *História do Cinema Mundial: Das origens a nossos dias*. Trad. Sônia Salles Gomes. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1963. Volume II

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

SALES, Herberto. *Os belos contos da Eterna Infância: Antologia de Temas da Infância*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

SANTOS, Ruy. *Teixeira Moleque*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1960. (As páginas estão grudadas, sem destacar, provavelmente não foi lido)

SETÚBAL, Paulo. *Confiteor*. 11ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1968.

SETÚBAL, Paulo. *Alma Cabocla: Poesias*. 8ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1964.

SETÚBAL, Paulo. *Os Irmãos Leme*. São Paulo: Edição Saraiva, 1964.

SETÚBAL, Paulo. *Ensaios Históricos*. 4ª ed. São Paulo: Edição Saraiva, 1960. Coleção Obras de Paulo Setúbal Nº 12.

SOMERSET MAUGHAM, William. *O véu pintado*. 2ª ed. Trad. Hamilcar de Garcia. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1963.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *Sapatos de defunto*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1960. Coleção Fantômas - Nº 20.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A vespa vermelha*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1960. Coleção Fantômas Nº19.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *Os serventuários do crime*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1960. Coleção Fantômas. Nº 13.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A filha de Fantômas*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, 1960. Coleção Fantômas - Nº 8.

SUSANN, Jacqueline. *O vale das bonecas*. 3ª ed. Trad. Zora Maria Úrsula Valêncio Persek. São Paulo: Edibolso, 1966.

SWEEZY, Paul M.; HUBERMAN, Leo. *Cuba: Anatomia de uma revolução*. 2ª ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1960.

SWIFT, Jonathan. *As viagens de Gulliver*. Trad. Paulo Násser. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1961.

TCHÉKOV, A. P. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda, 1962. Volume VI.

THEOTÔNIO JÚNIOR. *Quais são os inimigos do povo?* Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. Cadernos do povo brasileiro. Volume 6.

TOSTÓI, L. N. *Antologia do Conto Russo*. Rio de Janeiro: Editora Lux Ltda, 1962. Volume IV.

VARGA, E. *O capitalismo no século XX*. Trad. Luciano Martins. Rio de Janeiro: BUP, 1963. Coleção Biblioteca Popular Universal - Vol. 5 - Ciências Sociais.

VERISSIMO, Erico. *Viagem à Aurora do Mundo*. 2ª ed. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1962.

VERÍSSIMO, Erico. *O Senhor Embaixador*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.

VERDI, Milton Terra. *Diário da Morte: A tragédia do Cessna - 140*. São Paulo: Edição Autores Reunidos, 1961.

VIDAL, Valmiro Rodrigues. *Curiosidades: Como se aprende, distraído-se*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1962. 3º vol.

WAGENKNECHT, Edward. *Panorama do Romance Americano: Dos primórdios aos meados do século XX*. Trad. Esther de Carvahó. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1960

ZWEIG, Stefan. *Confusão dos sentimentos*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1962.



Década de 1970:

ADMINISTRAÇÃO DOS PORTOS DE PARANAGUÁ E ANTONINA. Tarifa Portuária. Paranaguá, 1978.

AGOSTINHO, Santo. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

AQUINO, Santo Tomás; ALIGHIERI, Dante; SCOT, John Duns; OCKHAM, William of. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ARISTÓTELES. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ARGUMENTO. Revista Mensal de Cultura. Ano 1, Nº 2. novembro de 1973, São Paulo. Paz e Terra.

ASSIS, Machado de. Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casmurro. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

ALMANAQUE ABRIL 1978. São Paulo: Editora Abril, 1977. \*Marcador de página, 46-47

ALMEIDA, Julia Lopes de. *A Falência*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1978.

AMADO, Jorge. *Terras do Sem Fim*. 36ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

AMADO, Jorge. *Tieta do Agreste*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

ANAIS DO XI CONGRESSO BRASILEIRO DE AGRONOMIA. 22 a 26 de outubro de 1979.

A NOVA ORTOGRAFIA OFICIAL. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Brasil Palestra Ltda., 1971.

ANÍSIO, Chico. *Teje preso*. Rio de Janeiro: Rocco, 1975.

ANÍSIO, Chico. *Feijoada no Copa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1976.

ARGUMENTO. Revista Mensal de Cultura. Ano 1, Nº 3. Janeiro de 1974, São Paulo.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 39. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 41. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 40. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 30. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 31. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 32. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 33. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 34. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 35. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 36. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 37. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 38. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 42. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 43. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 44. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 59. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 55. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 54. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 66. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 67. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 51. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 52. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 58. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 68. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 60. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 64. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 63. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 62. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 15. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 16. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 17. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 18. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 19. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 20. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 21. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 22. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 53. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 57. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 23. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 24. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 49. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 45. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 46. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 47. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 48. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 50. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 65. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 61. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 26. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 27. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 28. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

ARTE NOS SÉCULOS. Enciclopédia semanal ilustrada de História da Arte. Nº 29. São Paulo: Abril Cultural, 1970.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

BEAUVOIR, Simone de. *Os mandarins*. Trad. Hélio de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BENJAMIN; HORKHEIMER; ADORNO; HABERMAS. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

BENTHAM; MILL, Stuart. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BERGSON; BACHELARD. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

BERKELEY, George; HUME, David. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BIBLIOTECA DE HISTÓRIA. *Alexandre, O Grande*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

BOCCACCIO, Giovanni. *Decamerão*. Trad. Torrieri Guimarães. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BRUNO, Giordano; GALILEI, Galileu; CAMPANELLA, Tommaso. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

CARLOS MAGNO E SEUS CAVALEIROS. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CARO, Tito Lucrécio; CÍCERO, Marco Túlio; SÊNECA, Lúcio Aneu; AURÉLIO, Marco. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CASTELLO BRANCO, Carlos. *Os militares no poder*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977. Coleção Brasil - Século 20. \*Poesia escrita em papel no final do livro, sem data.

Coleção Homens Famosos. *Napoleão: O Gênio da Guerra*. Rio de Janeiro: Saber s/a, 1971. Nº 3.

COMTE, Auguste; DURKHEIM, Émile. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CONDILLAC; HELVÉTIUS; DEGERANDO. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CONTOS de Tchecov. 3ªed. Trad. Maria Jacinta. Rio de Janeiro: Editora Edibolso, 1975.

COSTA, Pedro Pereira da Silva. *Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974. Coleção A vida dos grandes brasileiros - Nº 16.

DESCARTES, René. Os Pensadores. René Descartes. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

DUQUE, Gonzaga. *Mocidade Morta*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

ELLIS, Havelock. *Psicologia do Sexo*. Trad. Pedro Porto Carreiro Ramires. São Paulo: Editora Bruguera, 1971.

ENCICLOPÉDIA. Revista Mensal de Cultura. São Paulo: Bloch Editores, janeiro de 1970. Ano 3 - Nº 33.

ESPINOSA, Baruch de. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FAGUNDES, Aldo. *Prefeito só é prefeito se for eleito!*: Câmara dos deputados. Brasília: Coordenação de publicações, 1979. Discurso do deputado Aldo Fagundes, 6-4-79.

FARIA, Octávio de. *O Lôdo das Ruas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1971. Tragédia Burguesa - III.

FAST, Howard. *Fim de Festa*. Trad. Isabel Paquet Araripe. Rio de Janeiro: Editora Record, 1979.

FICÇÃO: HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA. Rio de Janeiro: Editora Pallas, março de 1977. Nº 15. Vol. III.

FICÇÃO: HISTÓRIAS PARA O PRAZER DA LEITURA. Rio de Janeiro: Editora Pallas, maio de 1977. Nº 17.

Ficção. *Histórias para o prazer da leitura*. Rio de Janeiro: março de 1978, nº 27

FICHTE; SCHELLING. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

FIELDING, Henry. Tom Jones. São Paulo: Abril Cultural, 1971.

FIGUEIREDO, André de. *Labirinto*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979. Coleção grandes sucessos da literatura.

FREIRE, Marcos. *Em busca da Paz*. Brasília: sem editora, 1976.

GEBRAN, Ginés. *Devaneios*. Paranaguá: Centro de Letras de Paranaguá, 1972.

GEBRAN, Ginés. *Perfis Célebres*. Paranaguá: Conselho Municipal de Cultura, 1978. \*Dedicatória do autor para Antonio Rocha - Anotação em errata, página 11.

GOMES DE CASTRO, O. *Os últimos Lampiões*. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1974. (romance)

GORKI, Maximo. *Pequenos Burgueses - A mãe*. Trad. Fernando Peixoto, José Celso Martinez Correa e Shura Victoronovna. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

GRANDES ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA. Nº 14 - Julho. São Paulo: Editora três, 1974.

GRANDES ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA. Nº 7 - Dezembro. São Paulo: Editora três, 1974.

GRANDES ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA. Nº 1 - Julho. São Paulo: Editora três, maio de 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Roma - I. Nº 7. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Roma - II. Nº 8. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O cristianismo. Nº 9. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973. \*Anotação em papel.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Os bárbaros - Bizâncio. Nº 10. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A civilização Hindu. Nº 11. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. China. Nº 12. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Japão. Nº 13. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Os árabes. Nº 14. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A idade média - I. Nº 15. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A idade média - II. Nº 16. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Cretenses e Fenícios. Nº 3. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Mesopotâmia. Nº 2. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Egito. Nº 1. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O Império Persa - O Helenismo. Nº 6. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O mundo no entreguerra. Nº 40. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Os hebreus. Nº 4. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Grécia. Nº 5. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A formação dos Estados europeus. Nº 17. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Renascimento-1. Nº 18. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Renascimento-II. Nº 19. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A América pré-colombiana. Nº 20. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A expansão marítima. Nº 21. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Reforma e contra-reforma. Nº 22. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O absolutismo. Nº 23. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Os déspotas esclarecidos. Nº 24. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O Oriente na Idade Moderna. Nº 25. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A América colonial. Nº 26. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A revolução francesa. Nº 29. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A era napoleônica. Nº 30. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.



GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A revolução americana. Nº 31. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A independência da América Latina. Nº 32. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A revolução comercial. Nº 27. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A cultura nos séculos XVII e XVIII. Nº 28. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A revolução industrial . Nº 33 . Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. As novas nações europeias . Nº 34 . Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O apogeu da Europa. Nº 35 . Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O colonialismo europeu. Nº 36. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A cultura no século XIX. Nº 37. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. Os Estados Unidos no século XIX. Nº 38. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A grande guerra. Nº 39. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O mundo na entreguerra. Nº 40. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. As superpotências - I: Os EUA. Nº 45. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A América Latina Independente. Nº 41. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A segunda guerra mundial. Nº 42. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A cooperação internacional. Nº 43. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. A descolonização e os novos estados. Nº 44. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. As superpotências - II: A URSS. Nº 46. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O renascer da Europa, do Japão e da China. Nº 47. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDE HISTÓRIA UNIVERSAL. O mundo atual. Nº 48. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Gregório VII. Nº 6 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Alexandre o Grande. Nº 1 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. São Paulo. Nº 8 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Maomé. Nº 3 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Carlos Magno. São Paulo: Abril Cultural, 1970. Nº 4.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Confúcio. São Paulo: Abril Cultural, 1970. Nº 11.

GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo: Abril Cultural, 1970. Volume IV. \*Anotação em papel entre as páginas 890 e 891. Assinatura na folha de rosto "A. Rocha".

GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo: Abril Cultural, 1970. Volume III. \*Assinatura "Antonio Rocha" na folha de rosto.

GRANDES PERSONAGENS DA NOSSA HISTÓRIA. São Paulo: Abril Cultural, 1970. Volume II. \*Assinatura "Antonio Rocha" na folha de rosto, sem data.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Buda. Nº 5 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Justiniano. Nº 9 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. São Bento. Nº 10 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Péricles. Nº 3 - 1970 - Abril Cultural.

GRANDES PERSONAGENS DA HISTÓRIA UNIVERSAL. Júlio César. Nº 2 - 1970 - Abril Cultural.

GRAEML, Alexandre Reis. *Aventuras em Vila Jardim*. Curitiba: Editora Beija-Flor, 1979.

GUIA POSTAL BRASILEIRO. Correios, 1978.

HISTÓRIA IMEDIATA. A greve na voz dos trabalhadores da Scania a Itu. São Paulo: Editora Alfa Omega, 1979. Nº 2.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. A sobrevivência da Rússia Bolchevique - A guerra Russo-polonesa - A guerra civil. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 35.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. 1917: A agonia dos aliados - Passchendaele - Os motins franceses - Caporetto. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 26.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. Grã-Bretanha: Do Império à Commonwealth.. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 46.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. A Depressão na América. Brasil: A Industrialização. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 47.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. A Arrancada Nazista: A ditadura legal - A violência oficial - O assassinato autorizado. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 48.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. A imprensa popular - A nova mulher - Os pioneiros da Ciência. São Paulo: Abril cultural, 1974. Nº 1.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 25 - 1917: A queda do Czar. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 27 - A Guerra Moderna: De como a guerra modificou a paz. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 39 - Benito Mussolini: Um assassino em trajes imperiais. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 45 - O Crash da bolsa de Nova York. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 28 - Rússia, 1917: A revolução bolchevique - Os dias que abalaram o mundo. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. O gigante industrial. Colapso e recuperação na América: O New Deal de Roosevelt. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 53.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. Centro e Sudeste Europeu: Rumo à ditadura. Brasil: O Integralismo. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 52.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. A batalha da Jutlândia: Uma vitória inglesa? Uma vitória alemã? - Os assaltantes/Bloqueio. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 20.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. Nacionalismo contra Imperialismo: Na Irlanda, Marrocos, China e Indonésia. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 36.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. Militância Sindical. Revoluções na Alemanha e na Hungria. O sonho soviético da Revolução Internacional. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 33.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. Hitler: O putsch de Munique. A fragilidade da Democracia Alemã. Um campo fértil para o Nazismo. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 40.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. O Império Britânico na Índia. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 11.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. A Greve Geral. O Tratado de Locarno. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 44.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. A mudança da Maré. O cansaço da Guerra, A ofensiva dos submarinos. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 30.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal. Verdun e Somme: Massacre no fronte ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1974. Nº 21,

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 13 - Um sexo em lut/O governo e as Sufragistas/Agitação Social e Emigração. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 6 - Alemanha: O Império Adolescente. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 7 - Grã-Bretanha e Alemanha: Rivais nos mares. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 14 - Revolução nas Artes: O público fica atônio e escandalizado. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 9 - México: A Revolução dos camponeses/Brasil: Canudos e Contestado. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 12 - A "missão" dos homens brancos: As atrocidades no Congo/Os alemães na África/Os ingleses no Egito. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 19 - Socialismo, Anarquismo, Violência. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Impérios e Minorias/Revolução na Turquia/Crise nos Balcãs/A mão Negra na Sérvia. Nº 8. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. 1914-1915: A expansão da Guerra/A fuga do Goeben/Itália entra na Guerra/A guerra na África Oriental. Nº 18. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. 1915: Desastres dos aliados/A Sérvia invadida/Capitulação em Kut. Nº 19. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. 1914: Os primeiros ataques - Mons, o Marne, Ypres, Tannenberg, Lemberg... . Nº 17. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Grã-Bretanha: Anos de Colapso - O primeiro Governo Trabalhista/A queda de Lloyd George. Nº 34. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. 1917: A América entra na Guerra. Nº 24. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Agosto de 1914: A Declaração de guerra - Por que os diplomatas perderam o controle da situação? Nº 16. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 55 - A grande depressão. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 32 - 1919: Os aliados tinham ganho a guerra, podiam ganhar a paz?. São Paulo: Abril Cultural, 1974

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 29 - Técnicas e Mitos da Guerra de propaganda. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 22 - Dublin, 1916: O levante da páscoa Lawrence da Arábia. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 31 - 1918: A derrota da Alemanha/O colapso de dois Impérios/A caminho armistício. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 23 - Guerra Total: A dura vida dos que ficaram/As mulheres no trabalho/Os domínios britânicos na Guerra/Os poetas da catástrofe. São Paulo. Abril Cultural, 1974

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 4 - Rússia: Entre a Guerra e a Revolução. São Paulo. Abril Cultural, 1974

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 2 - Europa: A soberana do mundo. São Paulo. Abril Cultural, 1974

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 57 - Mussolini avança/A Itália invade a Etiópia/O assassinato de um rei. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 15 - A Grã-Bretanha à beira da Guerra Civil. São Paulo. Abril Cultural, 1974

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 43 - Poincaré: A ocupação do Ruhr. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 3 - EUA: Os anos de Expansão/Japão: Os anos de triunfo. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 41 - A América Isolacionista/O reacionarismo dos anos vinte: crime, proibição e dois estranhos julgamentos. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 50 - A Alemanha Nazista. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 42 - A Europa do Pós-Guerra/Charles Chaplin. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 37 - Lênin: O bolchevismo no Poder/Stalin contra Trotsky/A luta pela liderança. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 38 - O novo nacionalismo/Turquia: Kemal Atatürk/Egito: Contra os britânicos/África: os primeiros passos. São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HISTÓRIA DO SÉCULO 20. Enciclopédia semanal - Nº 5 - Dreyfus: Por que a justiça foi recusada? São Paulo. Abril Cultural, 1974.

HOFFMANN, E. T. A.; LUCCHETTI, R. F. *Contos de Hoffmann/Cerimônia Macabra*. Trad. Ronaldo Werneck. Rio de Janeiro: Cedibra, 1972.

HOJE. *Os melhores livros*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, Fevereiro/1978.

HOJE. Os melhores livros. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, agosto/1978.

HOJE. Os melhores livros. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S/A, Dezembro/1977.

HUGO, Victor. *O último dia de um condenado*: Claude Gueux. Lisboa: Editorial Verbo, 1972

JAMES, William; DEWEY, John; VEBLEN, Thorstein. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

HUSSERL, Edmund; MERLEAU-PONTY, Maurice. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ITIBERÊ, Zé do. *Histórias e Estórias*. Paranaguá: Câmara Municipal de Paranaguá, 1971.

KANT, Immanuel. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

KEYNES;SRAFFA; ROBINSON. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

LAURO, Pedro. *O Paraná diz presente*: Resumo de alguns dos discursos proferidos pelo deputado Pedro Lauro, em 1976. Brasília: Coordenação de publicações, 1977.

LENINE, V. I. *Obras Escolhidas*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1979. Volume I.

LINS, Osmar. *Avalovara*. 2ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1973.

LOCKE, John. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MAESTRI, Eusébio. *Você já viu uma flor?* Curitiba: Beija-flor, 1979.

MALINOWSKI, Bronislaw. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALMESBURY, Thomas Hobbes. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

MALORY, Thomas. *O Rei Artur e seus cavaleiros*. Trad. Pepita de Leão. Porto Alegre: Abril Cultural, 1973.

MAQUIAVEL, Nicolau. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

MARQUES, Paulo. *Nossa Luta*: Discursos e outras atividades parlamentares do Deputado Paulo Marques (março de 75 a outubro de 77). Brasília: Coordenação de Publicações, 1977.

MARX, Karl. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974

MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MILLER, Henry. *Plexus: A crucificada encarnada*. 5ª ed. Trad. Hélio Pólvora. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1974.

MILLER, Henry. *Dias de Clichy: e uma noite em Newhaven*. 4ª ed. Trad. Carlos Lage e Ilka Soares Pereira. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.

MISTÉRIO MAGAZINE de Ellery Queen. novembro de 1976. Revista do Globo S. A. São Paulo.

MITOLOGIA. Idades- Deucalião - Pirra. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 33.

MITOLOGIA. Édipo. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 34.

MITOLOGIA. Teseu - Hipólito - Fedra. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 35.

MITOLOGIA. Jano - Rômulo - Remo. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 36.

MITOLOGIA. Aquiles. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 37.

MITOLOGIA. Ulisses. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 38.

MITOLOGIA. Leda - Dióscuros - Atalanta. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 39.

MITOLOGIA. Enéias - Dido. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 40.

MITOLOGIA. Páris - Helena. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 41.

MITOLOGIA. Níobe. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 42.

MITOLOGIA. Electra. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 43.

MITOLOGIA. Oráculos - Sibilas. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 44.

MITOLOGIA. Sacrifícios - Presságios - Adivinhos. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 45.

MITOLOGIA. Destino - Parcas. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 46.

MITOLOGIA. Divindades Alegóricas. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 47.

MITOLOGIA. Teatro Grego - A tragédia. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 48.

MITOLOGIA. Teatro Grego - A Comédia. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 49.

MITOLOGIA. Vesta - Lares - Penates. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 25

MITOLOGIA. Éolo - Os ventos. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 21



MITOLOGIA. Eros. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 12

MITOLOGIA. Os trabalhos de Hércules. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 17

MITOLOGIA. Oceano - Têtis - Ninfas. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 20

MITOLOGIA. Prometeu . São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 19

MITOLOGIA. Divindades siderais. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 18

MITOLOGIA. Gigantes - Ciclopes - Polifemo. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 22

MITOLOGIA. Musas - Graças. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 23

MITOLOGIA. Atlas - Atlântidas. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 24

MITOLOGIA. Sátiros - Faunos - Silenos. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 26

MITOLOGIA. Narciso - Eco - Pã. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 27

MITOLOGIA. Perseu - Andrômeda. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 28

MITOLOGIA. Centauros. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 29

MITOLOGIA. Argonautas. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 30

MITOLOGIA. Dédalo - Ícaro - Pasífae. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 31

MITOLOGIA. Orfeu - Eurídice. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 32

MITOLOGIA. Júpiter. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 4

MITOLOGIA. Ceres. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 9

MITOLOGIA. Vênus. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 2

MITOLOGIA. Plutão. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 10

MITOLOGIA. Apolo . São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 1

MITOLOGIA. Baco. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 3

MITOLOGIA. Minerva. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 5

MITOLOGIA. Netuno. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 6

MITOLOGIA. Juno. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 7

- MITOLOGIA. Marte. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 13
- MITOLOGIA. Vulcano. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 14
- MITOLOGIA. Divindades Primordiais. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 15
- MITOLOGIA. Hércules. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 16
- MITOLOGIA. Mercúrio. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 11
- MITOLOGIA. Diana. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Nº 8
- MONTAIGNE. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- MONTESQUIEU. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973
- MONTORO, Franco. *Abc dos direitos do trabalhador*. 5ª ed. Brasília: MDB, 1978.
- MOREIRA, Marcos. *Cândido Portinari*. Rio de Janeiro: Editora Três, 1974. Coleção A vida dos grandes Brasileiros - Nº 18.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 33. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 18. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 46. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 19. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 20. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 22. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 21. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 44. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.
- MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 47. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 48. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 34. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 1. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 2. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 3. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 4. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 6. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 7. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 8. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972. \*Anotação em folha de caderno como marcador de página (entre as páginas 126 e 127).

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 9. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 10. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 11. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 12. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 13. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 14. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 15. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 16. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 5. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 36. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 45. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 37. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 39. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 40. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 38. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 35. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 42. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 43. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 41. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 17. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 24. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência. Nº 23. Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 25.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 26.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 27.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 28.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 29.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 30.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 31.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. História do Brasil: 150 anos de independência.Nº 32.  
Rio de Janeiro: Bloch editores, 1972

NEWTON, Isaac; LEIBNIZ. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

NIETZSCHE, Friedrich. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

OS GRANDES NOMES DA NOSSA ÉPOCA. Os homens do Cremlin. Rio de Janeiro:  
Editora Três, 1974.

OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL. Henry James. São Paulo: Abril Cultural,  
1972. Nº 39.

OS IMORTAIS DA LITERATURA UNIVERSAL. Fielding. São Paulo: Abril Cultural, 1971.  
Nº 9.

OS PENSADORES. Os pré-socráticos. São Paulo: Abril Cultural, 1973. \*Anotação em papel  
na folha de rosto.

PASCAL, Blaise. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultrual, 1973.

PLATÃO. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PLATÃO; XENOFONTE; ARISTÓFANES. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

PARACELSO. *A Chave da Alquimia*. Trad. Antonio Carlos Braga. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.

PARA GOSTAR DE LER. *Crônicas*: Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1979.

PEIRCE, Charles Sanders; FREGE, Gottlob. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

PUZO, Mario. *O Chefão*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1973.

REGISTRO DE EMPREGADO. Paranaguá: 1970. Ficha de Antônio Rocha.

REGO, José Linds do. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973. Coleção Literatura Brasileira Contemporânea. Nº 1.

REIS MAGROS: *Poemas*. Curitiba: Editora Beija-flor, 1978

REY, Marcos. *Memórias de um Gigolô*. São Paulo: Edibolso, 1975.

RIBEIRO, Darcy. *Uirá sai à procura de Deus*: Ensaios de Etnologia e Indigenismo. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1974.

ROTTERDAM, Erasmo de; MORE, Thomas. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

RUSSEL, Bertrand; MOORE, George Edward. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

RYLE, Gilbert; AUSTIN, John Langshaw; QUINE, Willard va Orman; STRAWSON, Peter Frederik. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

SANTOS, Maria Januária Vilela. *História do Brasil*: 6ª série - Primeiro Grau - Estudos Sociais - Caderno de Atividades. 3ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1976. \*Foi de algum de seus sobrinhos.

SARTRE; HEIDEGGER. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

SAUSSURE, Ferdinand de; JAKOBSON, Roman; HJEMSLEV, Louis Trolle; CHOMSKY, Noam. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

SCHLICK, Moritz; CARNAP, Rudolf; POPPER, Karl. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

SCHOPENHAUER; KIERKEGAARD. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SELSER, Gregório. *Sandino: General de homens livres*. São Paulo: Editora Global, 1979.

SKINNER, Burrhus Frederic; PIAGET, Jean. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

SMITH; RICARDO. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

SOMERSET MAUGHAM, William. *O fio da navalha*. Trad. Lígia Junqueira Schmidt. São Paulo: Abril Cultural, 1974. \*Anotação em papel na folha de rosto.

STENDHAL. *Armançe ou algumas cenas de um salão de Paris em 1827*. Trad. Vergílio Godinho. Lisboa: Editorial Verbo, 1971

TEORIA DA IMAGEM. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil S. A. , 1979.

TOLSTOI, Leon. *Ana Karênina*. Trad. João Gaspar Simões. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Vol. 2.

TOLSTOI, Leon. *Ana Karênina*. Trad. João Gaspar Simões. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Vol. 1.

TWAIN, Mark. *O príncipe e o mendigo*. Trad. Maria Lúcia de Mello e Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

VICO. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

VILELA, Teotônio. *A pregação da liberdade: Andanças de um liberal*. Porto Alegre: L & PM editores, 1977. \*Anotação em papel, entre as páginas 38-39.

VOLTAIRE; DIDEROT. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

WEBER, Max. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

WITTGENSTEIN. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

ZOTZ, Werner. *Barco branco em mar azul*. 2ª ed. Curitiba: Beija-flor, 1978.

Década de 1980:

SCOTT FITZGERALD, F. *O Grande Gatsby*. Trad. Breno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção "Grandes Sucessos".

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é o Racismo*. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984. Coleção Primeiros Passos.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Nº 96 - Dezembro 1986 - ano IX. Rio de Janeiro.

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis: Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios* por Marisa Lajolo. São Paulo: Abril Educação, 1980.

SAGAN, Françoise. *A Cama Desfeita*. Trad. Maria Helena Trigueiros. São Paulo: Abril Cultural, 1984. \*Marcador de página com citação do livro "O lobo do mar". Coleção Grandes Sucessos

CHARRIÈRE, Henri. *Papillon: O homem que fugiu do inferno*. São Paulo: Abril Cultural, 1982. Coleção Grandes Sucessos.

GIDE, André. *Os Subterrâneos do Vaticano*. Trad. Miroel Silveira e Isa Leal. São Paulo: Abril Cultural, 1982. Coleção Grandes Sucessos.

GOLINKOV, David. *A guerra secreta contra a Rússia Soviética*. Moscovo: Edições Progresso/Imprensa Nóvosti, 1981. Sublinhados pág. 23, 24, 27, 46, 91. Livro incompleto

CARDOSO, Alcina de Lara; ARAÚJO, Silvia Pereira de. *1º de maio: Cem anos de Solidariedade*. Curitiba: Beija Flor, 1986.

FAULKNER, William. *Absalão, Absalão!* Trad. Sonia Regis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

WILSON, Edmund. *Rumo à estação Finlândia: Escritores e atores da história*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. \*Assinatura com dedicatória "Olaia" - 1987. Selo "livraria Porto Mar" Paranaguá.

MORAVIA, Alberto. *A Romana*. Trad. Marina Colasanti. São Paulo: Abril Cultural, 1982. Coleção Grandes Sucessos.

DIAS, Álvaro. *Mudar é preciso*. Brasília: Sem editora, 1983.

BILAC, Olavo. *Os melhores poemas*. Seleção de Marisa Lajolo. São Paulo: Global, 1985. \*Etiqueta Livraria Porto Mar -R. Faria Sobrinho - 596.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Nº 54 - Maio - 1983.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Nº 63 - fevereiro 1984 - ano VII. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano Vi - outubro de 1983 - Nº 59. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano V - abril de 1982- Nº 44 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - janeiro de 1985 - Nº 74 - Rio de Janeiro.



CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VI - fevereiro de 1983 - Nº 52 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano V - junho de 1982 - Nº 46 - Rio de Janeiro.

REBELO, Marques. *A estrela sobe*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

BIBLIOTECA EDUCAÇÃO É CULTURA. Esportes. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energias, 1980.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano V - Nov/Dez 1982 - Nº50. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IX - Fevereiro de 1986. Nº 86. Rio de Janeiro.

FERNANDES, Florestan. *O que é Revolução?* São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Primeiros Passos nº 14.

BUGÁEV, E. *Que é o partido?* Moscovo: Edições Progresso, 1987. Coleção ABC dos conhecimentos sociais e políticos.

LEBRUN, Gérard. *O que é poder*. Trad. Renato Janine Ribeiro e Silvia Lara Ribeiro. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção Primeiros Passos vol. 4.

ARNAUD, Georges. *O salário do medo*. Trad. Manuel Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1981. Coleção Grandes Sucessos.

PACKARD, Edward. *A gruta do tempo*. Trad. Origenes Lessa. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1985.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO; PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONÁRIO. O povo varrerá o fascismo e a miséria, e salvará o país. São Paulo: Editora Quilombo, 1981.

MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO 8 DE OUTUBRO; PARTIDO COMUNISTA REVOLUCIONÁRIO. O povo varrerá o fascismo e a miséria, e salvará o país. São Paulo: Editora Quilombo, 1981.

CARDOSO, Alcina de Lara; ARAÚJO, Silvia Pereira de. *1º de maio: Cem anos de Solidariedade*. Curitiba: Beija Flor, 1986. \*Com dedicatória das autoras para Antonio Rocha, na folha de rosto. Com data de 25/04/1986. Centro de memória sindical.

REGISTRO DE EMPREGADO. Sesinando Belkendorf. Paranaguá: 1980.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Editora Record, 1986.

MORAES, Vinicius de. *Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios por Carlos Felipe Moisés*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MORAES, Vinicius de. *A arca de Noé: Poemas infantis*. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.

GOGOL, Nikolai Vassilievitch. *Taras Bulba*. Trad. Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MUNIZ, Lauro César. *Escalada*. Rio de Janeiro: Editora Rio Gráfica, 1985. Coleção "As grandes telenovelas".

MATHER, Anne. *Paixão Selvagem*. Trad. Sonia Yamamoto. São Paulo: Livros Abril, 1984.

PROBLEMAS. Publicação teórica e informativa. São Paulo: Editora Novos Rumos, Jan-fev de 1985. Nº 12.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IX - abril de 1986. Nº 88. Rio de Janeiro.

HAYES, Helen. *Onde está a verdade?* Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IV - dez-jan de 1982. Nº 40. Rio de Janeiro. \*Papel com anotação como marcador de página, 56-57.

NOSSO SÉCULO. Memória fotográfica do Brasil no século 20: 1910/1930 - anos de crise e de criação. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VIII - fevereiro de 1985- Nº 75 - Rio de Janeiro.

NOSSO SÉCULO. Memória fotográfica do Brasil no século 20: 1930/1945 - A era de Vargas. São Paulo: Abril Cultural, 1980. \*Assinatura "Antonio Rocha" sem data

REVISTA DO BRASIL. Rio de Janeiro: Secretaria de Ciência e cultura, 1985. Nº 3.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VI - agosto de 1983 - Nº 57 - Rio de Janeiro.

FERNANDES, Millôr. *Literatura Comentada: Seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios* por Maria Célia Rua de Almeida Paulilo. São Paulo: Abril educação, 1980.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - maio de 1985. Nº 78. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. jul-ago de 1982. Nº 47. Rio de Janeiro

GEBRAN, Ginés. *As nove musas e outros poemas*. Santos: A tribuna de Santos - Jornal e Editora, 1981.

PARA GOSTAR DE LER. *Poesias*: Cecília Meireles, Henriqueta Lisboa, Mário Quintana e Vinícius de Moraes. São Paulo: Ática, 1980. Volume 6.

DAILEY, Janet. *Caminho sem volta*. São Paulo: Edibolso, 1980. (Romance)

CASTRO, Fidel. *Autocrítica*. 2ª ed. Trad. Joaquim Pais de Filho. São Paulo: Centro Editorial Latino Americano, 1980.

CADERNOS PMDB PARANÁ. Ferrovia: Um desafio ao Paraná. Curitiba: outubro de 1983. Nº 1.

LITERATURA SOVIÉTICA. Moscú: Unión de Escritores de la URSS, 1982. Nº 2.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Out-nov de 1982 - Nº 49 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - agosto de 1984 - Nº 69 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - maio 1984 - Nº 66 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VI - setembro de 1983 - Nº 58 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - Outubro de 1984 - Nº 71 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. setembro de 1986 - Nº 93 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Outubro de 1986 - Nº 94 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. março de 1987 - Nº 99 - Rio de Janeiro.

PARA GOSTAR DE LER. *Crônicas*: Carlos Eduardo Novaes, José Carlos Oliveira, Lourenço Diaféria, Luís Fernando Veríssimo. São Paulo: Ática, 1980. Volume 7.

LLOSA, Mario Vargas. *A guerra do fim do mundo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alve, 1982.

CADERNOS DO TECEIRO MUNDO. Ago/set de 1982. Nº 48. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TECEIRO MUNDO. Ano VIII. novembro de 1985. Nº 84. Rio de Janeiro.

BIBLIOTECA EDUCAÇÃO É CULTURA. Petróleo. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energias, 1980.

CADERNOS DO TECEIRO MUNDO. Ano VII. julho de 1984. Nº 68. Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Joel. *As grandes reportagens*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. Coleção Edições do Pasquim - Vol. 67.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VI - junho de 1983 - Nº 55 - Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TECEIRO MUNDO. julho de 1985. Nº 80. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - março de 1985 - Nº 76. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VIII - agosto de 1985 - Nº 81. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - março de 1984 - Nº 64. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VI - novembro de 1983 - Nº 60. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IX - maio de 1986 - Nº 89. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano X - fevereiro de 1987 - Nº 98. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VI - dezembro de 1983 - Nº 61. Rio de Janeiro. \*Anotação em papel, entre as páginas 12-13.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IV - fevereiro de 1982 - Nº 42. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IX - junho de 1986 - Nº 90. Rio de Janeiro. \*Anotação em papel, entre as páginas 32-33.

BORBA, Oney Barbosa. Nica. Curitiba: Editora Lítero-Tecnica, 1982. (Romance)

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano VII - setembro de 1984 - Nº 70. Rio de Janeiro.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IV - março de 1982 - Nº 43 - Rio de Janeiro.

BIBLIOTECA EDUCAÇÃO É CULTURA. Energia Nuclear. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energias, 1980.

ROSA, Noel. *Noel Rosa: Seleção de textos comentada por João Antônio*. São Paulo: Abril Educação, 1982.

DALLARI, Dalmo de Abreu. *O que são Direitos das Pessoas*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. Ano IX - nov de 1986 - Nº 95 - Rio de Janeiro

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *O Pequeno Príncipe*. 24ª ed. Trad. Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1982.

NABOKOV, Vladimir. *Lolita*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

SIMÕES, João Manuel. *Inscrições para os muros e Babilônia & vôo com pássaros dentro*. Curitiba: Editora Lútero-técnica, 1982.

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. junho de 1984. Nº 67. Rio de Janeiro

CADERNOS DO TERCEIRO MUNDO. janeiro de 1987. Nº 97. Rio de Janeiro

AZEVEDO, Aluísio. *Aluísio Azevedo*: Seleção de textos comentada por Antonio Dimas. São Paulo: Abril Educação, 1980.

PROBLEMAS. Publicação teórica e informativa. São Paulo: Editora Novos Rumos, Jan-fev-mar de 1984. Nº 8.

STEVENSON, Robert Louis. *O morgado de Ballantrae*. Trad. Henrique de Araujo Mesquita. Porto Alegre: L & PM, 1985.

GREENE, Graham. *Pontos de Fuga*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: Editora Record, 1980.

ZOLA, Émile. *Germinal*. Trad. Francisco Bittencourt. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

HILLEL, Marc. *Em nome da Raça*. Trad. Maria Emília Moraes de Araújo. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.

SERENY, Gitta. *No meio das trevas*: Da eutanásia ao assassinato em massa - Um exame de consciência. Trad. Eleonora Xavier Wanderlei Pires. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981.

BERNADAC, Christian. *O nono círculo*. Trad. Valentina Leite Barros. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.

DIDEROT, Denis. *A Religiosa*. Trad. Antonio Bulhões e Miécio Tati. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985. Vol. III. Livro terceiro - O Processo Global da Produção Capitalista. Tomo 2.

MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Vol. I.

MARX, Karl. *O Capital*: Crítica da Economia Política. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Vol. I. Livro primeiro - O Processo de Produção do Capital. Tomo 2.

MARX, Karl. *Para a crítica da Economia Política - Salário, Preço e Lucro - O Rendimento e suas fontes, a economia vulgar*. Trad. Edgard Malagodi, Leandro Konder, José Arthur Giannotti, Walter Rehfeld. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

GARD, Roger Martin du. *O Drama de Jean Barois*. Trad. Vidal de Oliveria. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

MELVILLE, Herman. *Moby Dick*. Trad. Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Vol. II.

MICHEL, Jean. *Dora*. Trad. Henrique M. P. Cruz. Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1981. Volume 1.

KRAPÍVINE, V. *Que é o materialismo dialético?* Moscovo: Edições Progresso, 1986. \*Etiqueta "Livraria Porto Mar" Paranaguá.

XAVIER, Ismail. *D. W. Griffith: O nascimento de um cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VIANA, Manoel. *Os Brasilíadas: Poema épico brasileiro*. Paranaguá: Prefeitura de Paranaguá, 1982. \*Dedicatória na folha de rosto.

WALLACE, Edgar. *A pista da Chave de Prata*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Walther - Nº 9.

WALLACE, Edgar. *O arqueiro Verde*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Beretta - Nº 7.

WALLACE, Edgar. *A estranha condessa*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Magnum - Nº 7

WALLACE, Edgar. *O hades dourado*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985. Coleção Crime e Castigo - Série Luger - Nº 10.

WALLACE, Edgar. *O quarto número treze*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Magnum - Nº 9.

WALLACE, Edgar. *A irmandade do sapo*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Walther - Nº 6

WALLACE, Edgar. *Os quatro homens justos*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Magum - Nº 8.

WALLACE, Edgar. *O bando terrível*. Trad. Maria Madalena Würth Teixeira. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Luger - Nº 9.

WALLACE, Edgar. *O orador*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Luger - Nº 8.

- WALLACE, Edgar. *As filhas da noite*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Beretta - Nº 9.
- WALLACE, Edgar. *Os olhos velados de Londres*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Beretta - Nº 8.
- WALLACE, Edgar. *A cobra amarela*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Walther - Nº 8.
- WALLACE, Edgar. *A volta do Sineiro*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Walther - Nº 7.
- WALLACE, Edgar. *O vale dos fantasmas*. Trad. Ayres Carlos de Souza. Rio de Janeiro: Ediouro, 1984. Coleção Crime e Castigo - Série Luger - Nº 7
- BIBLIOTECA EDUCAÇÃO E CULTURA. Carvão. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energias, 1980.
- BALL, John. *Aperte o gatilho, Johnny!* Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. São Paulo: Editora Edibolso, 1981. Coleção Mistério - Nº 11.
- ERMAKOVA, A; RÁTNIKOV, V. *Que são as Classes e a Luta de Classes?* Moscovo: Edições Progresso, 1986.
- LENIN, V. I. *Obras Escolhidas 3*. São Paulo: Editora Alfa – Ômega, 1980.
- CALDWELL, Erskine. *Chão Trágico*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- CHRISTENSON, Larry. *A Mente Renovada*. Belo Horizonte: Editora Betânia, 1980.
- DRUON, Maurice. *O Rei de Ferro*. Trad. Nair Lacerda. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- FERNANDES, Millôr. *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.
- LEE, Harper. *O Sol é para todos*. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MATHER, Anne. *Paixão Selvagem*. São Paulo: Livros Abril, 1984.
- WILCOX, Collin. *O Caçador Solitário*. São Paulo: Editora Edibolso, 1981.
- FAINZILBER, Abrahão. *Energia Hidrelétrica*. Rio de Janeiro; Bloch; Brasília; Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energia, 1980. (Biblioteca Educação e Cultura).
- SILVEIRA, Joel. *As Grandes Entrevistas de Joel Silveira*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

HILTON, James. *Horizonte Perdido*. Trad. Francisco Machado Vila e Leonel Vallandro. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Livros e revistas sem data de publicação:

LONDON, Jack. *O Tachão de Ferro*. Sem editora, sem data. (Possui marcador de página de propaganda de literatura russa "Aventuras de Não-sabe-nada")

NOE, Yvan. *Réquiem Por Um Anjo*. Sem editora, sem data.

MAGALHÃES JUNIOR, R. *Machado de Assis*: Desconhecido. Sem Editora, Sem data. (Possui uma crônica de um sapateiro incrédulo como marcador de página)

FREUD, Sigmund. *Psicologia da Vida Erótica*. Sem capa, sem editora, sem data.

FAGUNDES VARELA. *Anchieta ou o Evangelho nas Selvas e Diário de Lázaro*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, S/D. Coleção "Grandes Poetas do Brasil". Vol. III.

ZEVACO, Michel. *O filho de Pardaillan*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Fon-Fon e Seleta S/A, S/D. 2º Vol.

HIGHSMITH, Isadora. *O Castelo da Dama de Azul*. Trad. Roberto Bava. Rio de Janeiro: Editora Brasileira, s/d. \*Não está completo

FAGUNDES VARELA. *Vozes da America, Noturnas, Pendão Auriverde, Cantos Religiosos e Avulsas*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zelio Valverde, s/d. Coleção "Grandes Poetas do Brasil". Vol. I.

SABATINI, Rafael. *Scaramouche, fazedor de reis*. Trad. Godofredo Rangel. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. \*Assinatura "Antonio Rocha", Pguá 3/2/1939. Faltam páginas.

DINIS, Júlio. *Serões da Província*. São Paulo: Edição Saraiva, s/d. 1º vol. Coleção Jabuti.

HAMOND, Charles. *Uma aventura no Tibet*: Romance de aventuras. Lisboa: Edição Romano Torres, s/d. Coleção "Romance de aventuras". \*Páginas grudadas, possivelmente não lido.

VOLTAIRE. *Cândido ou o Optimismo*. Trad. Maria Archer. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.<sup>a</sup>, s/d.

D'ALBUQUERQUE, A. Tenório. *Pontos de Corografia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Getúlio Costa, s/d.

MAUROIS, André. *História da Inglaterra*. 5ª ed. Trad. Carlos Domingues. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, s/d



ILIN, M; SEGAL, E. *Como o homem se fez gigante*. Trad. Haydée Paraguassú. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda., s/d.

MAYNE-REID, Capitão. *Exilados na Floresta*. Porto: Edição Romano Torres, s/d. Versão livre de José Rosado.

RODRIGUES, Nina. *As Raças Humanas e A Responsabilidade Penal no Brazil*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d.

PRATA, Ranulpho. *Lampeão*. Rio de Janeiro: Ariel Editora Ltda., s/d.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa: Curso Médio*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. \*Citação de Monteiro Lobato em um pequeno papel.

BOCCACCIO, Giovanni. *O Decameron*. Trad. Milton Julio. Porto Alegre: Editorial Uirapuru, s/d. \*sem capa e incompleto.

ROSTAND, Jean. *A Aventura Humana: Do gérme ao recém-nascido*. Trad. Joaquim Clemente de Almeida Moura. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

AMADO, Jorge. *O País do Carnaval*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

STRATEGICUS. *A Guerra para o domínio mundial*. Trad. Mário Neves. Lisboa: Editorial Século, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

AMADO, Jorge. *Os subterrâneos da liberdade*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. Volume 3.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti de. *O Gangster no cinema*. Rio de Janeiro: Editorial EA andes, s/d.

BUTLER, Samuel. *Destino da Carne*. Trad. Rachel de Queiroz. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, s/d. Coleção "Fogos Cruzados" Volume 11

THÉO-FILHO. *Romance Tropical*. Rio de Janeiro: Epasa, s/d.

FEDOTOFF WHITE, D. *O Exército Vermelho*. Sem capa, sem editora, incompleto, s/d.

VILA, Vargas. *A fonte dos desejos*. Trad. João Henrique. São Paulo: Editora Prometeu, s/d. Coleção "Eros".

WALDVOGEL, Luiz. *Homens que fizeram o Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, s/d.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Tomo III - IV.

CONHECER. Enciclopédia semanal ilustrada - Nº 112 - Vol. 8. Governos do Brasil. São Paulo: Abril cultural, s/d.

CONHECER. Enciclopédia semanal ilustrada - Nº 113 - Vol. 8. Fauna Brasileira. São Paulo: Abril cultural, s/d.

GRANDES REPORTAGENS. *Frei Caneca: Um Mártir da Constituinte*. Nº 1. São Paulo: Editora Três, s/d.

DICIONÁRIO de termos técnicos: Inglês/português. Sem cidade: Lisa livros irradiantes, s/d.

CONHECER. Nº 90 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CONHECER. Nº 87 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CONHECER. Nº 88 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CONHECER. Nº 89 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CONHECER. Nº 86 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CONHECER. Nº 84 - Vol. 6. São Paulo: AbrilCultural, s/d.

CONHECER. Nº 85 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CONHECER. Nº 82 - Vol. 6. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

OS PENSADORES. Bergson (Capítulo 55)/Bachelard (Capítulo 56). São Paulo: Abril Cultural, s/d.

OS PENSADORES. Wittgenstein (Capítulo 70). São Paulo: Abril Cultural, s/d.

OS PENSADORES. Marx (Capítulo 51). São Paulo: Abril Cultural, s/d.

OS PENSADORES. Ryle Austin/Strawson Quine (Capítulo 77). São Paulo: Abril Cultural, s/d.

KEHL, R. *Tipos Vulgares: Contribuição à Psicologia Prática*. Sem cidade: Sem editora, S/d. Assinatura na primeira página "Agrippino F..." Rio - 3/11/1936. Marcação na página 11.

DUMAS, Alexandre. *A San Felice*. Lisboa: Empreza Editora e Typographica "O Recreio", s/d. Vol. 3-4.

RAMOS, Ricardo. *Os desertos*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

WASSERMAN, Jacob. *Christovão Colombo: O Don Quixote dos Mares*. Trad. Zoran Ninitich. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d. \*Incompleto, até a página 96.

ZEVACO, Michel. *Capitan*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, s/d. 1º Vol.

DUMAS, Alexandre. *Joana D'arc: A donzela de Orleans*. Trad. Leoncio de Sá. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s/d. \*Carimbo na folha de rosto "Livraria Marinha" Paranaguá". Páginas grudadas.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Tomo V - VI.

ZEVACO, Michel. *O Rei Amoroso*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, s/d. 2º Volume. Conclusão da novela "D. Juan".

ZWEIG, Stefan. *24 horas da vida de uma mulher*. Rio de Janeiro: Editora Delta, s/d. Coleção Obras Escolhidas.

VERNE, Júlio. *Miguel Strogoff: O correio do Czar*. São Paulo: Editora Saber, s/d. (HQ) Nº 1.

ZEVACO, Michel. *João Sem Mêdo*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, s/d. 1º volume.

HISTÓRIA DA FILOSOFIA. Sem cidade: Sem editora, s/d. \*Sem capa, livro incompleto. Anotação em papel, página 112 e 113.

SIENKIEWICZ, Henrique. *Quo Vadis? Narrativa histórica dos tempos de Nero*. Trad. Orlando F. da Silva. São Paulo: Edições e Publicações Brasil Editora S. A., s/d.

VIRGILIO. *Eneida*. Trad. David Jardim Júnior. São Paulo: Edições de Ouro, s/d. Coleção "Universidade".

FINAMOUR, Jurema Yary. *China Sem Muralhas*. Rio de Janeiro: Editora Prado, s/d.

PITKIN, Valter B. *Breve Introdução à História da Estupidez Humana*. Trad. Edison Carneiro. São Paulo: Editora Prometeu, s/d.

DUMAS, Alexandre. *Os três mosqueteiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, s/d. \*Sem capa, com assinatura na folha de rosto, "Antonio Rocha", Pguá, 20/07/1939. Sublinhado na página 101, 508, 510.

ZEVACO, Michel. *Capitan*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, s/d. 4º Vol.

HAMOND, Charles. *A cidade dos naufragos*. Versão livre de José Rosado. Lisboa: Edição Romano Torres, s/d. Coleção "Romance de aventuras". \*Páginas grudadas, possivelmente não lido.

ALIGHIERI, Dante. *A Divina Comédia*. Trad. Xavier Pinheiro. São Paulo: Atena Editora, s/d. Coleção Biblioteca Clássica. Vol. XLI.

A SAÚDE DEPENDE DA COZINHA. 4ª ed. São Paulo: Editora Missionária, s/d.

FONTES, Martins. *Nós, as abelhas*: Reminiscências da Época de Bilac. São Paulo: Empresa Editora J. Fagundes, s/d. \*Assinatura "...Lins". Escrita na página 71, capítulo de Olavo Bilac. "Tu, és minha vida."

ZEVACO, Michel. *Pardaillan e Fausta*. Rio de Janeiro: Editora Fon Fon & Seleta, s/d. Coleção de bolso. Nº 5.

ZEVACO, Michel. *Buridan*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 4º volume.

NORBERTO, Natalício. *Manual Prático do Jornalista*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d. \*Recorte de jornal como marcador de página, 138-139.

DICIONÁRIO INGLÊS PORTUGUÊS ILUSTRADO. Sem cidade: Lisa livros irradiantes, s/d. 2º volume.

ZEVACO, Michel. *Fausta*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 2º volume.

ZEVACO, Michel. *Pátio dos milagres*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d.

PORTO-CARRERO, J. P. *Psicanálise de uma Civilização*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d. Coleção Biblioteca de Cultura Científica.

LEITE, Marques; CINTRA, Ulhoa. *Novo manual de Redação e Estilo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lux, s/d. \*recorte de jornal como marcador de página, 198-199.

RODRIGUES VALLE, J. *Nova Concepção da História*. Sem cidade: Sem editora, s/d. Sem capa, incompleto.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 106.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 107.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 108.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 109.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 110.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 111.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 112.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 113.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 114.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 115.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 116.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 117.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 118.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 119.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 120.

SALLES JUNIOR, A. C. de. *O idealismo Republicano de Campos Salles*. Rio de Janeiro: Livraria Zelio Valverde, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

RABELO, Laurindo. *Poesias - Improvisos - Sonetos - Septenário Poético*. Rio de Janeiro: Livraria-editora Zelio Valverde, s/d. Coleção "Grandes poetas do Brasil" - Poesias completas. \*marcador de página, 68-69. Parte do livro com páginas grudadas.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 3ª ed. São Paulo: O livro de bolso, s/d. Nº 8.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *Juve contra Fantômas*. Trad. Mário Domingues. Porto: Editorial dois continentes, s/d. Coleção Fantômas. Nº 2. \*Recorte de jornal com anotação e como marcador de página, 188-189.

SILVA, Gastão Pereira da. *Nevrose do Coração*. Rio de Janeiro: Edições de ouro, s/d. \*Livro incompleto

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *O morto que mata*. 2ª ed. Trad. Mário Domingues. Porto: Editorial Dois continentes, s/d. Coleção Fantômas. Nº 3.

DUMAS, Alexandre. *A San Felice*. Lisboa: Empresa Editora e Typographica "O Recreio", s/d. Vol. 5-6. (Romance histórico).

HISTÓRIAS MARAVILHOSAS DAS MIL E UMA NOITES. Sem cidade: Sem editora, s/d.  
\*Sem capa, incompleto.

KROPOTKIN, Pedro. *A grande Revolução*. Sem cidade: Sem editora, s/d.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 131

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 128

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 133

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 130

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 136

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 149

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 148

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 147

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 146

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 145

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 144

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 143

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 142

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 141

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 140

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 139

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 138

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 137

60 CONTOS ERÓTICOS. São Paulo: Editora Três, s/d.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 18

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 17

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 16

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 22

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 21

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 20

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 19

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 27

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 26

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 25

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 24

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 23

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 29

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 28

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 30

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 124

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 121

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 123

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 122

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 125

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 126

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 127

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 128

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 129

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 132



MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 134

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 135

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 99

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 98

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 97

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 96

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 95

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 94

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 93

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 92

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 91

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 14

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 13

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 12

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 11

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 10

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 9

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 8

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 105

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 104

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 103

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 102

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 101

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 15

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 31

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 32

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 33

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 34

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 35

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 36

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 37

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 38

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 39

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 40

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 41

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 42

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 43

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 44

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 45

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 46

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 47

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 48

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 49

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 50

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 51

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 52

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 53

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 54

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 55

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 56

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 57

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 58

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 59

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 60

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. O povo e as classes. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 1

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. Princípios econômicos e os grandes setores da produção. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 7

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. O trabalho e a vida econômica. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 6

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. O trabalho e a vida econômica. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 6

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. A religião e os costumes. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 5

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. A emancipação da mulher. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 4

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. Juventude e Educação. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 3

USA/URSS - O GRANDE DESAFIO. Nível de vida e propriedade. Rio de Janeiro: Editora Expressão e cultura, s/d. Nº 2

CONHECER. Nº 114 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

CONHECER. Nº 115 - Vol. 8. São Paulo: Abril Cultural, s/d.

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 61

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 62

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 63

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 64

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 65

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 66

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 67

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 68

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 69

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 70

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 71

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 72

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 73

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 74

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 77

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 78

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 79

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 80

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 81

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 82

MEDICINA E SAÚDE. Enciclopédia Semanal da Família. São Paulo: Abril Cultural, s/d. Nº 83

ZEVACO, Michel. *Capitan*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, s/d. 2º volume.

FOREL, Augusto. *A questão sexual*. Sem cidade: Sem editora, s/d. \*Livro incompleto, começa a partir da página 239.

CARNEIRO, Edison. *Trajatória de Castro Alves: (1847-71) Uma interpretação política*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória Ltda., s/d.

ELEMENTOS DE HISTORIA UNIVERSAL. *Curso medio*. Rio de Janeiro: Livraria Paulo de Azevedo, s/d. \*assinatura na capa e folha de rosto "Jamil...". Dedicatória. Lâmina de barbear como marcador de página, 40-41. Marcador de página "sapataria do antoninho", 392-393.

MÉRIMÉE, Prosper. *Colomba*. Trad. Silveira Peixoto. São Paulo: Livraria Martins, s/d.

SALGARI, Emilio. *O tesouro dos Incas*. Trad. Henrique Marques. Lisboa: João Romano Torres, s/d. \*Marcador de página, 124-125.

HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS. Sem cidade: Sem editora, s/d. \*Livro incompleto

KOZEL, Carlos. *Bebe para curar-te!* 5ª ed. São Paulo: Editora Missionaria "A verdade presente", s/d.

SETÚBAL, Paulo. *As maluquices do Imperador*. 5ª ed. São Paulo: Livraria Carlos Pereira Editora, s/d. Obras completas vol. III.

SCOTT, Walter. *Uma lenda de Montrose*. Trad. Mario Graciotti. Sem cidade: Edições Guaíra, s/d. Coleção Grandes Romances Nº 1.

ILIN, M. *As montanhas e os homens*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, s/d.

ZEVACO, Michel. *A Heroína*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, s/d. 1º volume.

MANILIUS, Marco. *Os Astrológicos ou a Ciência Sagrada do Céu*. Rio de Janeiro: Editora Arte Nova, s/d.

ENGELS, Friedrich. *O cristianismo primitivo*: Estudos dialécticos das origens de uma religião. Trad. Hylário Corrêa. Curitiba: Editora Guaíra, s/d. Coleção Estante do pensamento social. Nº 9.

SNOW, Edgar. *Fundamentos do Poder Soviético*. Sem cidade: Sem editora, s/d. \*Sem capa.

PURINTON, Edward Earle. *Vida Eficiente*. Trad. José Carvalho e Carlos Rubens. Rio de Janeiro: Cia. Brasil Editora, s/d. \*Assinatura "Antonio Rocha" - Paranaguá, 2/2/1932.

WALDVOGEL, Luiz. *Homens que fizeram o Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, s/d.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Sem cidade: Sem editora, s/d. \*Sem capa.

BARBOSA, Ruy. *A constituição e os actos inconstitucionaes do congresso e do executivo ante a Justiça Federal*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Atlantida Editora, s/d. \*Assinatura na capa "Siqueira 14/11/1934".

VANSITTART, Robert. *Rol Sinistro: Alemães do passado e do presente*. Rio de Janeiro: Sem editora, s/d.

ZEVACO, Michel. *Triboulet*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 2º volume.

MOTTA, Luigi. *A denúncia secreta*: Romance histórico de aventuras. Trad. João do Amaral Júnior. Lisboa: João Romano Torres & C.ª, s/d.

ZOLA, Emilio. *A besta humana*. Trad. Pandemônio. Lisboa: Livraria Editora Guimarães & C.ª, s/d. \*Assinatura "Antonio Rocha - Paranaguá, 25/09/1939." Etiqueta "Livraria mundial - Curitiba".

ZEVACO, Michel. *A ponte dos suspiros*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Fon-Fon e Seleta S/A, s/d.

ZEVACO, Michel. *Fausta Vencida*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Fon-Fon e Seleta S/A, s/d.

FRISCHAUER, Paul. *Garibaldi*: Herói de dois mundos. Trad. Eloy Pontes. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

POE, Edgar Alan. *Novellas Extraordinarias*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d. Collecção dos autores celebres da Litteratura Exrangeira.

ZEVACO, Michel. *Buridan*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 5º volume.

ZEVACO, Michel. *O fim de Fausta*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 1º volume.

POKROVSKY, M. *História da Cultura Russa*. Trad. Carlos M. A. Bittencourt. São Paulo: Editora Assunção Limitada, s/d. \*Parte do livro com páginas grudadas.

DINIS, Júlio. *Serões da Província*. São Paulo: Edição Saraiva, s/d. 2º vol. Coleção Jabuti.

AMADO, Jorge. *Mar Morto*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. Coleção Obras de Jorge Amado - Volume IV. \*Anotação em papel, página 228-229.

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *A série vermelha*. Trad. Mário Domingues. Porto: Livraria Civilização, s/d. Coleção Fantomas - Nº 29.

MARX; ENGELS; LENIN; STALIN et all. *Imperialismo*. Rio de Janeiro: Calvino Filho editor, s/d. Tomo I. \*Anotação em papel, entre as páginas 114-115.

DINIS, Julio. *Os fidalgos da Casa Mourisca*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, s/d. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 13/8/1939. \*Etiqueta "Livraria Moura" Rio de Janeiro. Parte do livro com páginas grudadas.

RENAN, Ernesto. *Vida de Jesus: Origens do Cristianismo*. 6ª ed. Trad. Eduardo Augusto Salgado. Porto: Livraria Lelo & Irmão, s/d.

GAXOTTE, Pierre. *Frederico II: O criador da Prússia*. 2ª ed. Trad. E. Simões de Paula. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. Coleção A marcha do espírito - Volume XVII.

MAUROIS, André; LAWRENCE, D. H.; DEKOBRA, Maurice; HUXLEY, Aldous; MAURIAC, François; MANSFIELD, Katherine; SOMERSET MAUGHAN; GORKI, Maximo. *Novelas*. Trad. Heitor Moniz. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d.

ZEVACO, Michel. *Buridan*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 1º volume.

DOYLE, Arthur Conan. *As aventuras de Gerard*. Trad. Oscar Mendes. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d. Série Ficção Histórica - Volume VIII.

PAASSEN, Pierre van. *Somente nesse dia*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. Coleção História e Biografia - Vol. 24.

TAUNAY, Visconde de. *Ouro sobre azul*. São Paulo: Comp. Melhoramentos de São Paulo, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

ZEVACO, Michel. *Fausta Vencida*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Fon-Fon e Seleta S/A, s/d. 1º volume. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.



TURGUENEV, Ivan S. *Terra Virgem*. Trad. Jorge Moreira Nunes. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, s/d. \*Marcação na página 91. Parte do livro com páginas grudadas.

SABATINI, Rafael. *Scaramouche*. Trad. Cordelia Marcondes de Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. \*Assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 3/2/1939. Carimbo "Livraria Magazine".

PRADO JR, Caio. *Dialética do Conhecimento*. 2º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, s/d. \*Anotação em papel, final do livro. (talvez não seja do sapateiro, preciso comparar com a letra dele).

SOUVESTRE, Pierre; ALLAIN, Marcel. *"Lady" Belthan*. Trad. Mário Domingues. Lisboa: Editorial Dois Continentes, s/d. Coleção Fantômas - Nº 18.

ZEVACO, Michel. *Capitan*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, s/d. 3º volume.

KAUTSKY, Karl. *A questão Agrária*. Trad. C. Iperoig. São Paulo: Editora Flama, s/d. \*Carimbo "Livraria Brasil" Curitiba. Série Pensamento e Ação - Volume IV.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, s/d. Tomo I - II.

ZEVACO, Michel. *A rainha do Argot*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 1º vol.

REVISTA BRASILIENSE. Bimestral. São Paulo: Editora Rio, Maio-junho s/d. Nº 17.

SAID ALI, M. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

DUHAMEL, Georges. *Clamor da Solidão*. Trad. Elisa Lopes Ribeiro. Lisboa: Edição livros do Brasil, s/d. Coleção Miniatura.

WALLACE, Edgar. *O delator*. Trad. Olivia Krahenbuhl. Rio de Janeiro: Editora ediouro, s/d. Coleção Crime e Castigo.

SALGARI, Emilio. *O corsário negro*. Lisboa: João Romano Torres, s/d.

SALGARI, Emilio. *Os índios do Far-West*: Novela de Aventuras. Trad. Henrique Marques Júnior. Lisboa: Edição Romano Torres, s/d.

BURNETT, W. R. *Ninguém vive para sempre*. Trad. Silvio C. Magalhães. São Paulo: Editora Assunção Limitada, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

LANDOR, Henry C. *Entre os Indígenas do Tibet*. Trad. Filemon de Alvarenga e Souza. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s/d. \*Carimbo "Livraria Magazine"

PAHLEN, Kurt. *E eles verão a Deus: O drama de Aleijadinho*. Trad. Lavínia Abranches Viotti. São Paulo: Edição Melhoramentos, s/d.

SHCHEGLOV, A. V. *Historia General de la Filosofia: De Socrates a Scheler*. Mexico: Ediciones Paolov, s/d. \*Marcação na página 6, 19, 57. Carimbo "libreria navarro, mexico, D. F.". Incompleto

ZEVACO, Michel. *Buridan*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 3º volume.

WHITE, Anne Terry. *Os grandes rios do mundo*. Trad. Júlia Azevedo Acióli. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, s/d.

SETÚBAL, Paulo. *O ouro de Cuiabá*. São Paulo: Livraria Carlos Pereira, s/d. Obras Completas - Vol. V. \*Carimbo "Livraria Costa Pedroni".

REID, Mayne. *Nas terras do ouro*. Trad. Filemon de Alvarenga e Souza. São Paulo: Empresa Editora Brasileira, s/d.

EGER, Rudolf. *Stanley: No continente negro - as aventuras de Henry Stanley de acordo com as suas anotações*. 2ª ed. Trad. Igaleo. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

WISEMAN, Cardeal. *Fabiola ou a Igreja das catacumbas*. 6ª ed. Trad. M. J. de Mesquita Pimentel. Porto: Livraria Lello & Irmão, s/d. (Romance Religioso) \*Carimbo "Livraria Brasil" Curitiba. Parte do livro com páginas grudadas.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Portulano*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. Coleção Mosaico - Vol. 9.

ANDRADE, Oswald de. *Ponta de Lança*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

ZEVACO, Michel. *Pátio dos milagres*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d.

CAVALHEIRO, Edgar. *Fagundes Varela*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente não foi lido.

CONRAD, Joseph. *Lorde Jim*. Trad. Mário Quintana. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.

PISANI, Ferri. *Alaska, O deserto branco: A vida entre os esquimós*. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s/d. \*Carimbo "Livraria Costa Pedroni"

INGENIEROS, José. *Simulação na luta pela vida*. Trad. J. C. Dias. São Paulo: Cultura Moderna, s/d.

MOREIRA, Balthazar de Godoy. *Rio Turbulento*: Sargento Dedéu. São Paulo: Editora do Brasil, s/d.

- PLÁCIDO E SILVA. *Histórias do Macambira*. São Paulo: Genauro Carvalho, s/d.
- ZEVACO, Michel. *O fim de Pardaillan*. Rio de Janeiro: Editora Fon-fon & Seleta, s/d.
- HOFFMANN, E. T. A. *Contos Fantásticos*. 2ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.
- LIMA, Jorge de. *Anchieta*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Getulio Costa, s/d.
- SETÚBAL, Paulo. *A bandeira de Fernão Dias*. São Paulo: Livraria Carlos Pereira Editora, s/d.
- DUMAS, Alexandre. *A San Felice*. Lisboa: Empresa Editora e Typographica "O Recreio", s/d. Vol. 1-2.
- ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Editora Bruguera, s/d.
- WALLACE, Lewis. *Bem-Hur*. Trad. Theodosio Rocha. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.
- CEARENSE, Catulio da Paixão. *Modinhas*. Rio de Janeiro: Livraria Império, s/d.
- KIPLING, Rudyard. *Kim*. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.
- CAVALCANTI, Alberto. *Filme e Realidade*. São Paulo: Livraria Martins editora, S/d. \*incompleto.
- ZEVACO, Michel. *Buridan*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 2º volume.
- QUEIROZ, Dinah Silveira de. *A muralha*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s/d.
- MCCOY, Konrad. *A trilha do guerreiro*. Rio de Janeiro: Bolsilivros, s/d.
- BROSSARD, Paulo. *O Ballet Proibido*. Porto Alegre: L & PM, s/d.
- DUMAS, Alexandre. *Jorge ou O capitão dos piratas*. Trad. Nilo A. Sampaio. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, s/d. \*Páginas grudadas, provavelmente.
- ROSADO, José. *Sete mulheres numa ilha*. Lisboa: Edição Romano Torres, s/d. Coleção Romance de Aventuras - Nº 158. \*Parte do livro com páginas grudadas.
- DOYLE, Arthur Conan. *A curiosa história de Rodney Stone*. Trad. Brenno Silveira. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d. Série Ficção Histórica - Nº 14.
- KAUTSKY, Karl. *A Questão Agrária*. São Paulo: Editora Floma, s/d.
- KOLONTAI, Alexandra. *A Nova Mulher e a Moral Sexual*. Trad. Galeão Coutinho. Curitiba; São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Guairá, s/d. (Coleção "Estante do Pensamento Social").

- LAPIDUS; OSTRATIANOV. *Princípios de Economia Política*. Sem editora, s/d.
- STALIN, J. V. *Em Marcha para o Socialismo*. E. C. L. s/d.
- HERCULANO, A. *O Bobo*. Rio de Janeiro; São Paulo; Belo Horizonte: Livraria Francisco Alves, s/d. (Possui assinatura do sapateiro com data de 5 de agosto de 1937, possui grifos na página 13, 17, 32, 287, 288, 295, 297, 298, )
- HESSE, Hermann. *O Lobo da Estepe*. Trad. Augusto de Souza. São Paulo: Edições Cultura Brasileira, s/d. \*Carimbo "Livraria Costa Pedroni"
- HUXLEY, Aldous. *As Despedidas Estéreis*. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi Ltda, s/d.
- LONDON, Jack. *Caninos Brancos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.
- MACEDO, Joaquim Manoel de. *As Mulheres de Mantilha*. Rio de Janeiro: Editora Aurora, s/d.
- MAGALHÃES JUNIOR, R. *Antologia de Humorismo e Sátira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, s/d.
- POE, Edgar Allan. *Novellas Extraordinarias*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, s/d.
- REINACH, S. *Os Árias*. Trad. Agostinho Fortes. São Paulo: Cultura Moderna, s/d. (Coleção Série Cultural "As grandes obras" nº 23).
- RIDER-HAGGARD, H. *Ella*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.
- TURGUENEV, Ivans. *Terra Virgem*. Trad. Jorge Moreira Nunes. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, s/d.
- WHITE, Ellen G. *O Futuro Decifrado*. 31ªed. São Paulo: Edições "A Edificação do Lar", s/d.
- WREN, P. C. *Beau Geste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.
- ZEVACO, Michel. *Amores de Nanico*. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Os Amantes de Veneza*. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon e Seleta, s/d.
- \_\_\_\_\_. *A Rainha Argot*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Bórgia*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. 1º vol. \*Incompleto.
- \_\_\_\_\_. *Don Juan*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d.
- \_\_\_\_\_. *Epopéia do Amor*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. Vol. I.

\_\_\_\_\_. *Fausta*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. Vol. I.

\_\_\_\_\_. *O Filho de Pardaillan*. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon e Seleta, s/d.

\_\_\_\_\_. *O Fim de Fausta*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. Vol. II.

\_\_\_\_\_. *Triboulet*. Rio de Janeiro: Edições Minerva, s/d. Vol. I.

\_\_\_\_\_. *Os Pardaillans*. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon e Seleta, s/d. Vol. I e II.

ORTIZ, Carlos. *Romance do Gato Preto: História Breve do Cinema*. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, s/d.

PUDOVKIN, V. I. *O Ator no Cinema*. Rio de Janeiro: Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil, s/d.

BACILLA, Antonio. *O Drama do Mate*. Curitiba; São Paulo; Rio de Janeiro: Editora Guaíra, s/d. \*Assinatura "Antonio Rocha" 22/4/1947

BUENO, Silveira. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa: U/Z*. São Paulo: Editora Lisa, s/d. Vol. 18.

HERMIDA, Antônio José Borges. *História do Brasil I*. Sem editora, s/d.

HISTÓRIA E PAISAGENS DO BRASIL: O Sertão, o Boi e a Seca. São Paulo: Editora Cultrix, s/d.

MAEDER, Algacir Munhoz. *Lições de Matemática*. São Paulo; Caieiras; Rio de Janeiro: Editora Proprietária Cia Melhoramentos São Paulo, s/d. \*assinatura "Antonio Rocha" Paranaguá, 28/11/1937.

Coleção "Os Audazes". *Robin Hood*. 5ªed. Trad. Franklin R. Coelho. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, s/d.

ARRUDA, Diógenes. *Nosso Partido, Nossa Tática, Nossas Tarefas Atuais*. Sem editora, sem data. \*Possui grifos nas páginas 12, 13 e assinatura do sapateiro com data de 29 de setembro de 1951)

Coleção Fantomas. Sem editora, sem data.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### *FONTES*

Entrevista concedida por Antônio Araújo Rocha ao Centro de Memória Sindical do Paraná, em 1988. Fita K7 digitalizada.

Entrevista concedida por Antônio Araújo Rocha à Revista Outras Palavras, em 1978.

DEAP/DOPS. Ficha individual de Antônio Araújo Rocha. Nº 34.883.

DEAP/DOPS. Ficha Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 07. 295

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Estanislau Eloy Cardoso. Nº 1125. Topografia: 336.

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Felipe Chede. Nº 1183. Topografia: 339.

DEAP/DOPS. Ficha individual de Felipe Chede. Nº 08. 895

DEAP/DOPS. Ficha Individual de José Bezerra de Vasconcellos. Nº 45. 292.

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 1216. Topografia: 341

DEAP/DOPS. Ficha Individual de Flavio Ribeiro. Nº: 34. 480.

DEAP/DOPS. Ficha Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 30. 754.

DEAP/DOPS. Dossiê: Pasta Individual de Angelo Maria Pattituci. Nº: 0257. Topografia:

DEAP/DOPS. Ficha individual de João Teixeira. Nº 44. 005

DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214B. Topografia: 242.

DEAP/DOPS. Dossiê: Subdivisão Policial de Paranaguá. Nº 2214A. Topografia: 242.

DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº 584C. Topografia: 65

DEAP/DOPS. Dossiê: Delegacia de Polícia de Paranaguá. Nº: 584A. Topografia: 65.

DEAP/DOPS. Dossiê: PCB P1 – Documentos diversos. Nº 1468A. Topografia: 174.

DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P2 (Documentos diversos). Nº 1468B. Topografia: 174.

DEAP/DOPS. Dossiê: Partido Comunista Brasileiro – PCB – P3 (Documentos diversos). Nº 1468C. Topografia: 174.

PARANÁ, Tribunal Regional Eleitoral. Resultado das eleições municipais de 1947. Disponível em: <http://www.tre-pr.jus.br/eleicoes/resultados/resultados-de-eleicoes-municipais-tre-pr>

BRASIL, Presidência da República. Decreto-Lei Nº 39.338, de 11 de junho de 1956. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-39338-11-junho-1956-342401-publicacaooriginal-1-pe.html>

RESOLUÇÃO da Convenção pela Emancipação Nacional. Belo Horizonte. p. 2. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Media/X9/BRANRIOX90ESIACL103P2.pdf>

LIGA da Emancipação Nacional. Carta da Emancipação Nacional. Rio de Janeiro, 5 de abril de 1954. pp. 3-4. Disponível em: <http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/Media/X9/BRANRIOX90ESIACL103P2.pdf>

## **BIBLIOGRAFIA**

ANSART, Pierre. *Ideologias, Conflitos e Poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. *La Gestion des Passions Politiques*. Lausanne (Suisse): Editions L'Age d'Homme, 1983.

\_\_\_\_\_. Karl Marx: La passion Révolutionnaire. In: ANSART, Pierre. *Les Cliniciens des Passions Politiques*. Editions Du Seuil: 1997.

\_\_\_\_\_. Em defesa de uma Ciência Social das Paixões Políticas. In: História: Questões & Debates, n. 33, p. 153. 2001. Editora da UFPR.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Trad. Reinaldo Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

\_\_\_\_\_. *A condição humana*. 11ª Ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

AUED, Bernardete Wrublewski. *Acerca da identidade coletiva do sapateiro militante*. Cadernos de Pesquisa, Florianópolis, v. 29, p. 01-36, 2001. p. 03.

\_\_\_\_\_. *O sapateiro militante*: José Peba Pereira dos Santos. Pernambuco: Eduep, s/d.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. O lugar do impresso revolucionário: dos porões aos arquivos policiais. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 153-179.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FERREIRA, Jorge. *Prisioneiros do Mito: Cultura e Imaginário Político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)*. Niterói; EdUFF; Rio de Janeiro; Mauad, 2002.

\_\_\_\_\_; REIS, Daniel Aarão. (Orgs.). *As Esquerdas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 3 vols.

\_\_\_\_\_. Crises da República: 1954, 1955 e 1961. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3.



GONÇALVES, Márcio Mauri Kieller. *Elite Vermelha: Um perfil socioeconômico dos dirigentes estaduais do Partido Comunista Brasileiro no Paraná – 1945 – 1964*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Curitiba: UFPR, 2004.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere: Os intelectuais. O princípio educativo. O jornalismo*. 2ª Ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Vol. 2

HELLER, Milton Ivan. *Resistência Democrática: A repressão no Paraná*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Curitiba: Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, 1988.

HEUER, Wolfgang. Nem “eu” nem “eles”: Intersubjetividade no pensamento de Hannah Arendt. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel; BREPOHL, Marion. (orgs.) *Figurações do outro*. Uberlândia: EDUFU, 2009.

HOBBSBAWM, Eric; SCOTT, Joan. Sapateiros Politizados. In: HOBBSBAWM, Eric. *Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História Operária*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

LAFER, Celso. Da dignidade da política: Hannah Arendt. In: ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 3ª Ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

LAMARÃO, Sérgio; FLAKSMAN, Dora. Liga da Emancipação Nacional. In: BELOCH, Israel; ABREU, Alzira Alves de (coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930 – 1983*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: FGV/CPDOC, 1984. Vol. III.

KIELLER, Márcio; OLIVEIRA, Márcio de. A “Tribuna do Povo” e os comunistas paranaenses. In: OLIVEIRA, Márcio de; SZWAKO, José. (Orgs.). *Ensaio de Sociologia e História Intelectual do Paraná*. Curitiba: Editora UFPR, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1989..

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e Memória: A cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992.

MONTEIRO, Claudia. *“Fora dos Trilhos”: As experiências da militância comunista na Rede de Viação Paraná-Santa Catarina (1934 – 1945)*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2007.

MORAES, Denis de. *O imaginário vigiado: A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

\_\_\_\_\_. *O velho graça: Uma biografia de Graciliano Ramos*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MORAES, João Quartim de; REIS, Daniel Aarão et al. *História do Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. 6 vols.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: O anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2002.

\_\_\_\_\_. O Diabo nas bibliotecas comunistas: repressão e censura no Brasil dos anos 1930. In: DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves. (Orgs.). *Política, Nação e Edição: O lugar dos impressos na construção da vida política – Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 135-152.

NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. 3ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ORTEGA, Victor Acuña. *Fuentes orales e historia obrera: El caso de los zapateros en Costa Rica*. In: Cuadernos Flacso, Costa Rica, n. 5, p. 48, 1985. p. 164. Disponível em: <<http://secuencia.mora.edu.mx/index.php/Secuencia/article/view/4927/3253>> Acesso em: 26/06/2013.

PRIORI, Angelo. *A revolta camponesa em Porecatú: A luta pela defesa da terra camponesa e a atuação do Partido Comunista Brasileiro (PCB) no campo (1942-1952)*. Tese (Doutorado em História). Assis: UNESP, 2000.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890 – 1920)*. Dissertação (Mestrado em História) São Paulo: USP, 1985.

RODRIGUES, Leôncio Martins. O PCB: Os dirigentes e a organização. In: FAUSTO, Boris. (Dir.). *O Brasil Republicano: Sociedade e Política (1930 – 1964)*. 2ª Ed. São Paulo: Difel, 1983. Tomo III. 3º vol.

SARTI, Ingrid. *Porto Vermelho: Os estivadores santistas no sindicato e na política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

SCHMIDT, Benito Bisso. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868 – 1945)*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

SILVA, Angelo José da. *A Formação do Militante Anarquista: Primeiros movimentos para uma leitura distinta*. 190 f. Tese (doutorado). Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba, 2003.

SILVA, Osvaldo Heller da. *A Foice e a Cruz: Comunistas e Católicos na História do Sindicalismo dos Trabalhadores Rurais do Paraná*. Curitiba: Rosa de Bassi, 2006.

NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964). In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). *O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. Vol. 3

THOMPSON, Edward Palmer. *A Formação da Classe Operária Inglesa: A árvore da liberdade* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. Vol. 1.

\_\_\_\_\_. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: Uma crítica ao pensamento de Althusser*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VALVERDE, Monclar. *Militância e Poder: Elementos para uma genealogia da atitude militante*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1998.

VERDE, Valéria Villa. *Fórum Sindical em Paranaguá: Tecendo um princípio*. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 1988.